

LIVRO QUE INSPIROU A SÉRIE DO NETFLIX

HEMLOCK GROVE

UM ROMANCE DE

BRIAN McGREEVY

LeYa

Ficha Técnica

Copyright © 2012 by Brian McGreevy
Diretor editorial: Pascoal Soto
Editora executiva: Tainã Bispo
Editora assistente: Ana Carolina Gasonato
Produção editorial: Fernanda S. Ohosaku, Renata Alves e Maitê Zickuhr
Tradução: Carlos Duarte e Anna Duarte
Preparação de textos: Dafne Melo
Revisão de textos: Iraci Miyuki Kishi
Adaptação de capa: Vivian Oliveira
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057
McGreevy, Brian, 1983-
Hemlock Grove/Brian McGreevy; tradução de Carlos Duarte, Anna Duarte.
— São Paulo: LeYa, 2013.
ISBN 9788580448238
Título original: Hemlock Grove
1. Literatura americana 2. Ficção — terror I. Título II. Duarte, Carlos
III. Duarte, Anna
13-0376 C DD 813
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura americana
2013
Todos os direitos desta edição reservados a
TEXTO EDITORES LTDA.
[Uma editora do Grupo LeYa]
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 — Pacaembu — São Paulo — SP — Brasil
www.leya.com.br

Para Mamãe e para Domenica: a dicotomia perene

Muita animalidade desfigura o ser humano civilizado, cultura demais o torna um animal doente.

—C G. Jung

O crescimento da cicuta[1] em geral é acompanhado por um "curso negro". Este fluxo de uma cor escura incomum é causado pela decomposição lenta dos espinhos da cicuta e de outros materiais orgânicos da planta. Periodicamente as enchentes apagam estes rastros e o processo de escurecimento recomeça.

—Departamento de Preservação dos
Recursos Naturais da Pensilvânia

1 *Hemlock Grove* pode ser traduzido por "bosque de cicutas". (N. da E.)

PRIMEIRA PARTE

ADUMBRAÇÃO

Aconteceu alguma coisa

O lobo solitário uiva para se juntar à matilha da qual se separou. Mas por que a matilha uiva quando não há nenhum lobo perdido?

Não é óbvio?

Porque não há outra maneira de dizê-lo.

*

Na noite após a lua cheia do equinócio de outono, o corpo foi descoberto. Outubro se aproximava e o sol continuava quente, mas as folhas agora caíam com vontade e cada noite se tornava mais fria. Peter caminhava da parada do ônibus para casa quando viu o brilho dos faróis de um caminhão de bombeiros estacionado em Kilderry Park. Perguntou-se se teria havido um acidente. Peter, que na época sobre a qual escrevo tinha dezessete anos, gostava de acidentes: esses tempos modernos eram foda de tão bem estruturados. Além do caminhão de bombeiros viu algumas viaturas da polícia e uma ambulância, mas nenhum sinal de desastre. Virou a cabeça ao passar, mas ali não havia nada mais para ver além do normal. Conhecia dois dos policiais que vasculhavam a área perto dos balanços; eles já o haviam abordado algumas vezes com aquela postura policial obrigatória de que, na experiência de Peter, todo e qualquer uniforme era um uniforme da SS.

Provavelmente algum viciado havia tido uma overdose ou algo assim. Havia um vagabundo que perambulava por ali, um cara negro de idade com dentes amarelos e pretos e um olho sem vida que mais parecia uma bola de gude suja, e que não devia ser velho realmente. Uma vez Peter acendeu o cigarro dele, mas nada de trocado. Melhor do que pagar para que se drogasse. O interesse dele diminuiu. O barato do preto velho viciado não trazia mais novidade do que a chance de chover no dia seguinte. Então ouviu a frase toda. *Não há sinal de arma, xerife*. Peter olhou outra vez, mas não havia mais nada para ver senão uma agitada concentração de uniformes bem no limite das árvores, então enfiou as mãos nos bolsos e seguiu adiante.

Teve um mau pressentimento.

Nicolae sempre lhe disse que tinha nascido com o chacra *Swadisthana* excepcionalmente receptivo e que por baixo da superfície das coisas, a ilusão da ilusão, há um enigma, a frequência sagrada do universo, e que o *Swadisthana* era

o canal pelo qual isso podia ecoar em você. E como o *Swadisthana* estava, é claro, localizado justamente atrás do saco, devia sempre e sempre confiar em seu saco. Peter não sabia bem o que era, mas alguma coisa na cena do Kilderry Park colocou seu saco em um estado de agitação.

Quando chegou em casa falou para a mãe:

– Aconteceu alguma coisa.

– Hum? – disse ela. Ela estava fumando um baseado e assistindo a um programa de perguntas e respostas. O trailer estava quente e com um cheiro adocicado, de maconha e maçã assada.

– "Beija-flor!" – gritou ela de repente em resposta à pergunta *Qual é o único pássaro que consegue voar para trás*?

Contou para ela o que viu. Disse que teve um mau pressentimento.

– Por quê? – disse ela.

– Não sei, só sei que tive – disse ele.

Ela ficou pensativa.

– Bem, tem torta de frutas – disse.

Ele foi para a cozinha. Ela perguntou se ele havia estado na cidade.

– Sim – respondeu ele.

Ela esvaziou a mochila dele de coisas insignificantes e tão modestas que dificilmente poderiam ser consideradas roubo, enquanto Peter raspava o açúcar queimado da beirada da torta de frutas e tentava se livrar de sua sensação. A sensação de que, seja lá o que tivesse acontecido em Kilderry Park, coisa boa não era. Não em um sentido existencial maior, mas algo que não era bom e no qual ele estava incluído. No balcão havia uma caneca de café decorada com a imagem de Cathy, uma personagem de história em quadrinhos, e um caco quebrado com a forma de um dente de tubarão que continha uns trocados avulsos. Meteu a mão na caneca, andou em direção à porta e espalhou um punhado de moedas pelo caminho de pedras em frente da casa.

– Por que você fez isso? – disse Lynda.

Peter deu de ombros. Fez aquilo porque queria ouvir alguma coisa dissonante e bonita.

– Você é um cara estranho, sabia? – disse Lynda.

– Sei – falou Peter.

Não há nada de estranho nisso

E lembre-se: a carne é tão sagrada quanto profana.

Esqueci isso.

Ops!

*

O rapaz de olhos verdes estava sentado sozinho na praça de alimentação e tocava com os dedos a agulha em seu bolso. A seringa estava vazia e ainda não tinha sido usada e ele não precisava dela para nada. Precisava da agulha. O rapaz de olhos verdes – chamava-se Roman, mas o que se via nele primeiro eram os olhos – tinha uma das mãos no bolso de um blazer estilo milanês feito sob medida e usava jeans. Era pálido e esguio e tão elegante quanto mal-intencionado, num estilo odioso e esnobe, fazendo um contraste ridículo com a praça de alimentação do shopping suburbano onde se sentou com os olhos perdidos, enquanto mexia impaciente na agulha em seu bolso. E então viu a garota. A garota loura do Twist, de sapatilhas e minissaia inclinando-se com aquela saia, como desafiando-a a não ou ocultando alguma revelação misteriosa. E reparou também que ela estava sozinha.

Roman levantou-se, abotoou o botão de cima de seu blazer e esperou que ela pegasse sua casquinha de sorvete de morango, e quando o fez, foi atrás dela. Seguiu-a com uma distância segura através do saguão principal e parou do lado de fora de uma loja de roupas femininas à medida que ela entrava, e ficou espiando-a pela vitrine vendo-a dar uma olhada nas roupas íntimas e terminar a casquinha. Ela deu uma olhada em volta, enfiou uma camisola de malha dentro da bolsa e se mandou da loja. Sua língua deu uma lambida rápida em volta de seus lábios para recolher as migalhas. Ele continuou a segui-la rumo ao pavimento da garagem. Ela entrou no elevador e, vendo que não havia outros passageiros, ele gritou "Segure, por favor" – e se enfiou lá dentro. Ela perguntou qual o andar, e ele disse que era o último, e esse devia ser o dela também porque foi o único botão que ela apertou. Eles subiram e ele ficou por detrás dela sentindo o cheiro de seu perfume vagabundo, pensando na roupa de baixo dentro de sua bolsa e dando pancadinhas de leve na seringa por cima do tecido de seu bolso.

– Você nunca fecha os olhos e tenta enganar seu cérebro de que você está na realidade descendo? – falou Roman.

A garota não respondeu e, quando a porta se abriu, saiu impetuosamente, como se ele fosse algum tipo horripilante quando na verdade estava somente tentando começar um papo cordial. Mas é assim que são as coisas. O jogo estava progredindo.

Ele tirou a seringa, colocou-a na palma da mão e saiu do elevador andando mais rápido do que o barulho dos saltos dela, e encurtou a distância que os separava. Ela agora estava consciente de que indiscutivelmente estava sendo perseguida, embora não tenha se virado nem feito qualquer tentativa de correr quando ele veio para cima dela e atacou-a com um golpe veloz, a agulha perfurando a saia, a calcinha e a carne de sua bunda, e com a mesma rapidez afastou-se, e, enquanto ela respirava com dificuldade, ele a ultrapassou e seguiu pelo corredor em direção do seu próprio carro.

Colocou de novo a seringa no bolso e entrou no banco da frente do carro reclinando-o ao seu ponto máximo. Abriu o zíper de seu jeans libertando sua ereção e entrelaçou as mãos por trás da cabeça. Ficou à espera. Após alguns instantes a porta do lado do passageiro se abriu e a garota entrou e ele fechou os olhos quando ela abaixou a cabeça em direção ao seu colo.

Instantes mais tarde ela abriu a porta, inclinou-se para fora e cuspiu. Roman tirou as mãos de trás da cabeça, seus braços desceram, e quando isso aconteceu uma de suas mãos caiu naturalmente sobre a parte inferior das costas dela, e com a mesma naturalidade ele a alisou. Nada estranho em relação a isso nem mesmo nada para ficar encanado; você alisa as costas de uma garota simplesmente porque elas estão ali. Mas com a sensação de seu toque, ela recuou abruptamente e se endireitou. Roman ficou confuso.

– Você não gosta? – disse ele.

– Ah, *não,* meu amor – disse ela. – Acho isso o maior tesão.

Mas ela estava mentindo, e mentindo, ele percebeu, sobre a primeira coisa, sobre a agulha e por ter chupado seu pau, e não sobre o que havia acabado de lhe perguntar, sobre o ódio dela pelo mais mecânico dos gestos de um humano a outro humano ao fim de uma transa. De repente ficou deprimido de uma forma aterradora pela vida derrotada daquela puta mentirosa, queria que ela fosse embora agora para ele sair da porra daquele shopping.

– Vou ter de usar uma mangueira para tirar o cheiro da ralé de minhas narinas – disse ele.

– Tadinho – disse ela, não entendendo nem ligando a mínima para o que ele quis dizer.

Alcançou o blazer, retirou o dinheiro e entregou a ela. Parecia estar errado, e ela contou de novo. Tinha 500 dólares além do combinado. Ela olhou para ele.

– Você sabe o meu nome? – disse ele.

– Sei – disse ela. Não teria sentido dizer o contrário; todo mundo sabia o nome dele.

Ele a olhou.

– Não, você não sabe – disse ele.

Curiosidade mórbida

Detalhes do dia seguinte. Brooke Bluebell, uma garota de Penrose, a cidade próxima, havia sido encontrada. Quer dizer, a maior parte da garota chamada Brooke Bluebell. Ferimentos subcutâneos e marcas de mordida em consequência do ataque de algum animal selvagem, mas o legista não pôde determinar de que tipo – coiote, urso, puma. Não havia suspeita de assassinato, mas o boato era que não se podia confiar nisso. Estupro, seita satânica ou outra coisa parecida etc. Durante a aula de ginástica do primeiro período, sabendo que Peter podia ouvi-lo, Alex falou que havia escutado dizer que foram os ciganos, aqueles putos daqueles ciganos canibais com gosto de galinha.

– Bom, carne de gente tem mais gosto de bacon – falou Peter.

Ashley Valentine olhou-o com cara de nojo.

– Pelo menos é o que dizem – falou Peter.

No prédio principal Peter correu em direção ao vice-diretor Spears, que vinha saindo do banheiro dos professores. O vice-diretor Spears jamais havia falado com Peter. O vice-diretor Spears era feliz fingindo que Peter não existia desde que não lhe desse motivo para pensar o contrário. Nem sequer tinha algo ruim para dizer sobre o acontecido. Porém naquela manhã olhou Peter com consideração e disse:

– É simplesmente terrível, não é?

Peter concordou. *Simplesmente terrível*.

– Nesse dia e nessa idade.

Peter balançou a cabeça. *Esse dia e idade*.

– Isso realmente faz a gente pensar – falou o vice-diretor Spears.

– Provavelmente foi um urso – disse Peter. – Aposto que foi um urso.

Ali no corredor Peter podia sentir os olhos do homem entre suas escápulas, como alfinetadas.

Ele se dirigiu ao seu escaninho. Por trás de sua fileira de armários ouvia-se uma conversa sussurrada. Não resistiu e ficou imóvel, como se fica ao escutar algo que não é da conta da gente, e esticou a orelha.

Porque o cordeiro que está no centro do seu trono os apascentará e os conduzirá às fontes de água vivificantes…

Caramba! Continuou seu caminho passando por duas garotas e pela senhora McCollum, com a cabeça baixa. Os olhos da senhora McCollum estavam abertos

e ávidos pela perseguição daquela mistura de igreja e estado e encararam os de Peter e se iluminaram indignados. Envergonhado, Peter fez um sinal de aprovação com o polegar. Há gosto para tudo, dona. A senhora McCollum fechou os olhos, aborrecida com aquela suposta bênção satânica.

… e que Deus enxugue as lágrimas dos olhos deles.

Nas três semanas de aulas antes da descoberta da maior parte de Brooke Bluebell de Penrose, Peter não tinha feito nenhum amigo – e havia perdido uma.

Peter e Lynda Rumancek se mudaram para Hemlock Grove no meio do verão. Vince, primo de Lynda, havia morrido intoxicado pela ingestão excessiva de álcool e deixou seu trailer na periferia da cidade para outra prima, Ruby. Mas Ruby tinha se casado recentemente com o dono da loja de penhores aonde ia regularmente e não queria nada com uma herança inesperada tão plebeia. Assim, passou-a para Lynda em troca de meio pacote de cigarros e uma sessão de massagem. Os Rumancek tinham como princípio preferir as trocas à caridade, e as massagens de Lynda eram fabulosas. O momento foi bastante oportuno. Há quase dois anos Lynda e Peter moravam num apartamento pequeno na cidade e já estavam sentindo certa coceira para se mudar. Dois anos era tempo longo demais para um Rumancek ficar num só lugar; isso fazia do cérebro um mausoléu.

Hemlock Grove era, naquele momento, uma cidade em transição. Seu passado: Castelo Godfrey, como há muito eram popularmente conhecidas as siderúrgicas fechadas e meio em ruínas que ficavam na margem do rio num campo salpicado pelo dourado e branco das flores silvestres da arnica e cenoura-brava. A Godfrey Steel Company, companhia fundada em 1873 por Jacob Godfrey, era, no seu auge, uma siderúrgica que ocupava um terreno de 260 hectares e empregava mais de 10 mil homens, no esforço de construir o país em dois eixos – verticalmente em Manhattan e Chicago, com a alta qualidade do aço de seus altos-fornos, e horizontalmente para o oeste, com trilhos produzidos por seus conversores Bessemer: uma corrida do aço despejado diante do céu e da terra encobrindo o sol com nuvens de poeira negra que obrigavam as mulheres dos metalúrgicos a pendurar dentro de casa as roupas brancas para secar e enchiam de limalha de aço os dentes do gado a quilômetros dali. Mas agora era uma coisa velha e morta que ficava no meio de um canteiro de flores. Seu futuro: sistema de saúde e biotecnologia, os dois maiores empregadores em Easter Valley, agora o Hemlock Acres Hospital, a principal instituição psiquiátrica do sistema universitário regional, e, no alto da serra seguinte, o Instituto de Tecnologias Biomédicas Godfrey, de iniciativa privada. Este último era o sucessor bastardo da siderúrgica, um monstrengo de aço e vidro de 146 metros plantado no topo do que foi o ponto culminante do município. E

conhecido popularmente como Torre Branca porque nunca havia ficado escura em seus vinte anos de existência. Assim, depois de um legado de um século como cidade industrial, a maior parte de Hemlock Grove havia se transmutado numa cidade de classe média irrepreensível. Porém, enquanto o sangue da indústria começava a secar, a casca, como a Mansão Godfrey, ainda persistia. Depósitos de trilhos e minas a céu aberto e barcaças de carvão encalhadas, todas despedaçadas pela falta de uso ou degradação, manchadas por rasgos de ferrugem em contraste com as florestas da região, as árvores, os rios e os morros engolindo dia após dia o exoesqueleto bruto e apodrecido do império Godfrey, tudo salpicado pelo mofo das igrejas profanadas que tomaram o mesmo rumo da classe trabalhadora.

Então – por que não? – uma mudança de cenário. O trailer de Vince Rumancek ficava na extremidade arborizada de uma rua sem saída da Kimmel Lane, na descida da colina de Kilderry Park logo depois dos trilhos – marco divisório tradicional entre os operários e o pessoal da administração e até hoje um indicativo revelador da situação socioeconômica. Ainda assim valeu a pena sair da cidade e dar aos pensamentos algum respiro. Os vizinhos mais próximos eram um casal de aposentados, os Wendall, que moravam uns oitocentos metros adiante, numa casa depois de um lago onde Peter, por vezes, ia nadar nu tarde da noite. Os Wendall eram tranquilos. Toleravam os biscoitos de boas-vindas e os elogios eufêmicos de Vince – sendo um deles um raio de um assobio – e escondiam seu embaraço em relação às tatuagens dos Rumancek. As visíveis, pelo menos. Ou a tolerância de Lynda pela disputa semântica entre seu filho e a comunidade da Pensilvânia sobre a definição de “menor de idade” – tendo em vista a quantidade de Budweisers que ele consumia durante a breve visita deles – e ainda as pequenas provocações dela por causa da lerdeza dele, que a irritava e a fazia vomitar xingamentos em gaélico ou no abraço espreme-pulmão que ela dava quando eles iam embora. (Da primeira vez que experimentei um dos abraços de Lynda, guardo a nítida lembrança da sensação de que ela tentava espremer a última gota de pasta de dente do topo da minha cabeça.)

Dias depois receberam a visita de Christina, neta dos Wendall. Christina era miúda demais para seus treze anos, uma menina de unhas com esmalte descascado e joelhos esfolados e uma cabeleira negra espigada como um ninho de corvos contendo um único ovo pálido, seu rosto. Christina era uma menina ao mesmo tempo nova e velha para sua idade; jamais despejou a curiosidade esbaforida de uma criança para montar uma taxonomia do universo conhecido – O que é isso? De onde foi que saiu isso? Por que isso é assim e não de outro jeito, e qual é a sua relação com toda as outras coisas? Por quê? Por quê? Por quê? – e a única pessoa da sua idade que ela conhecia que não queria outra coisa

quando crescesse senão ser uma romancista russa. Naturalmente descobriu ser imperativo ter a experiência direta dessas coisas insondáveis e não se desapontou. Como esses Rumancek são desconcertantes e emocionantes! Seus próprios pais eram ambos analistas de suporte de produção de uma empresa na cidade, e saber que existia esse estilo de vida de irreverência animada e panteísta e até certo ponto permissivo balançou sua estrutura. Ela admirava principalmente Peter, um cigano da vida real quase da idade dela.

– Mestiço – ele a corrigiu. Nicolae, seu avô, era um Kalderash Roma de linhagem pura da região dos Cárpatos mas casara-se com uma mulher *gadja* depois de sua emigração.

– O que essa coisa significa? – disse Christina.

– Significa que a linhagem dele irá cavalgar para sempre sobre a Terra montada com uma bunda só em dois cavalos – disse Peter.

Isso estabeleceu o tom da relação deles: sua confusão sobre o que ele falava e o prazer evidente que isso dava a ele. Metade do tempo ela não entendia o que ele falava e a outra metade se ele estava, ou não, passando-lhe a perna. Por exemplo, o maço seco de cardo-de-santa-maria e raiz de fel-da-terra sobre a porta, cuja finalidade ele havia dito ser proteger do mau-olhado. Mas – de quem?

– É mais como prender seu cinto de segurança – disse ele. – Nunca se sabe.

E a afirmação de que sua chegada à porta dele foi pressentida pela presença de fuligem no pavio de uma vela, ou o elaborado pentagrama que Peter havia entalhado no tronco de uma árvore. (Não é uma coisa satânica, disse a ela, mas sim porque cada ponto corresponde a um elemento, e o mais alto à alma, e porque isso parece irado demais.)

Chega! Ela perguntou a Peter o quanto daquilo tudo era real.

Ele deu de ombros.

– Digamos que é um monte de abobrinhas – disse ele. – É um monte de abobrinhas que tem garantido a noite das pessoas desde que transávamos em cavernas. Agora olhe à sua volta. Você diria que essa merda toda de mundo ficaria melhor sem elas?

Ela não tinha pensado nisso desse modo.

– E é claro que tudo isso é verdade, sua tonta – disse ele. – Você sabe disso bem aqui – e cutucou a barriga dela abaixo do umbigo.

Assim foi selada a desgraça de Christina.

Por seu lado, os Rumancek recebiam a presença cotidiana de Christina da mesma maneira que a de seu gato preto esquelético, que só tinha olhos e orelhas, e ficava vadiando por ali – com indiferença total e uma condição simples: comer, comer, comer. Lynda era uma mulher tão animada e tão bem

proporcionada quanto uma bola, cujas inclinações maternais tendiam a envolver o que quer que acontecesse dentro de seu campo imediato de visão.

Uma tarde Peter estava deitado na rede e preguiçosamente torcia um cordão para Fetchit (nome que lhe foi dado por causa do hábito de Nicolae, pela falta de sensibilidade de um imigrante às nuances culturais, de chamar todos os gatos pretos pelo nome genérico de "Stepin Fetchit") e escutava pela metade a explicação de Christina de que não importava quão engraçado poderia soar, mas que não havia nada engraçado sobre sofrer de verdade de síndrome das pernas inquietas, quando, de repente ela mudou de assunto e perguntou se ele era um lobisomem. As mãos de Peter pararam, e o gato se aproximou.

Peter soltou um xingamento e chupou o nó de um de seus dedos.

– Que diabos fez você dizer uma coisa dessas? – disse ele.

– Seus dedos indicador e médio são do mesmo tamanho – disse ela.

Peter tirou a mão da boca e olhou para seus dedos simétricos.

– Jesus – disse ele –, de onde você tirou isso?

– Sei lá, da TV ou algo assim. Uma dessas coisas que voam soltas por aí, acho eu. É que estava olhando para a sua mão e, puf! Vi logo. Então você é um lobisomem ou o quê?

Peter deu de ombros.

– Sou.

– Verdade? – disse ela.

– Pode apostar – disse ele. – Mas não conte para seus avós. Eles provavelmente se sentiriam constrangidos.

– Você foi mordido por um lobisomem?

Peter fez uma careta diante dessa ideia de mau gosto. Não era chegado à violência em geral, e particularmente quando era dirigida a ele.

– Nicolae era o sétimo filho de um sétimo filho – disse ele. – Está no meu sangue.

– Sua mãe também é?

– Não. É um gene recessivo ou uma merda dessas.

As implicações dessa revelação lhe encheram a cabeça, e ela tentou pensar em alguma coisa inteligente para perguntar.

– Você gosta… de ser lobisomem? – disse ela.

– O que é que você acha? – disse ele.

– Não sei.

– Use a imaginação, sua idiota.

Ela avaliou os prós e os contras.

– Parece que seria genial – disse ela.

– Bem, para sua informação, provavelmente é a melhor coisa do mundo – disse ele. – É isso aí.

– De verdade? – disse ela.

– É claro – disse ele.

Ela ficou calada, mas sua cabeça ainda parecia um redemoinho. O que dizer disso? Mas no meio de mil e uma perguntas urgentes que tinha agora, a mais importante explodiu de sua boca.

– Eu posso também virar lobisomem? – disse ela.

– Teoricamente – disse Peter, evasivo.

Ele balançou o braço, estalou os dedos algumas vezes, e Fetchit veio e se esfregou nas costas de sua mão.

– Seu bostinha – disse Peter.

– Você me morderia? – disse Christina.

– Não seja retardada – disse Peter.

– Venha. – Ela levantou a perna de forma que sua panturrilha ficou na altura dele. – Veja como é nova e macia.

– Tire esse gambito imprestável e magrelo da minha cara – disse Peter. – De qualquer jeito, não ia adiantar nada. Seria mais provável que ficasse com tétano e morresse de vez.

– Sim, tá bom. Acho só que você está sendo egoísta.

Ele ponderou.

– Bem… pode haver outro jeito.

Ela estava ansiosa.

– Qual?

– Vá buscar uma cerveja para mim e pare de encher o meu saco.

Depois que as aulas começaram Christina parou de passar os dias dando sopa e Peter só a encontrava pelos corredores, mas isso foi no que deu o relacionamento dos dois desde o primeiro dia, quando ela pulou em cima dele para lhe dar um abraço na frente de suas colegas, as gêmeas idênticas Alexa e Alyssa Sworn, tão bonitas e cruéis como tigres albinos, que ficaram chocadas ao constatar que ela tinha alguma coisa a ver com aquela fábrica de herpes ambulante, e mais ainda por tocá-lo e não ter se lavado depois. Peter não tomou o seu distanciamento como algo pessoal, ser uma garota daquela idade não era nenhuma tarefa fácil.

Mas um dia depois que a maior parte de uma garota de Penrose foi encontrada em Kilderry Park, Peter realmente desejou que não tivesse contado a Christina que era lobisomem.

*

Peter deixava as pessoas nervosas, e elas não precisavam saber que uma vez por mês ele despia seu casaco humano e perambulava no reino de arcanos e deuses indomáveis para se sentir como eles: mas ele não pertencia a esse meio. Peter não se importava com isso. Tinha sua família e estradas infinitas para explorar e não imaginava ter necessidade de mais, e se esse era o preço a pagar – o que quer que isso significasse –, fazer o quê? Havia tanto a aprender em todos os lugares. Ou pelo menos algo que valesse a pena assistir. Quem estava apaixonada pelo seu melhor amigo ou amiga, quem estava apaixonado pelo melhor amigo dele ou dela, quem transava, quem estava morto de fome, quem se trancava nos banheiros dos deficientes para se masturbar ou chorar, quem estava viciado em que ou tinha sido estuprado por quem – rolava por toda parte, um mundo maravilhoso de trevas e desejos ali mesmo rugindo sob as arquibancadas, se você estivesse ligado. Mas nos corredores da HGHS, de longe a maior concentração de curiosidade e intriga girava em torno de dois alunos, irmão e irmã: Roman e Shelley Godfrey.

Roman também era veterano, bem inserido no círculo exclusivo do privilégio e da popularidade. O sobrenome Godfrey era tão soberano quanto Dupont ou Ramses, e ele não fazia qualquer tentativa de escondê-lo no cabelo natural, nem se importaria em tirar meio dia de folga da escola para ir até a cidade fazer um penteado e uma descoloração (sua palidez cadavérica sugeria um cabelo preto natural, assim como uma indisposição geral para se divertir ao ar livre), ou a pequena mas impressionante farmácia que carregava numa latinha de balas de hortelã. E, obviamente, o carro. O desejo de ser sobrecarregado por posses era, sobretudo, um desejo do qual Peter escapou, mas como um adolescente que tinha um sangue nômade não tinha nada contra qualquer coisa com um motor a combustão, e o fato era que aquele carro era totalmente irado. Mas Roman, ao contrário, tinha pouco em comum com os outros caras ricos e demonstrava uma completa falta de interesse pelas expectativas sociais. Seu comportamento nem tão rebelde, mas totalmente sem qualquer motivação, de algum modo não se harmonizava exatamente com a tendência de seu humor no momento, seu senso de direito de posse tão próprio de sua índole quanto os olhos verdes. A característica de sua dinastia que retrocedia ao primeiro possuidor, o tetravô, o lendário barão do aço, Jacob Godfrey (olhos verdes, é claro, como a cor do dinheiro), fez dele uma pessoa imprevisível.

Mas não era nada disso que Peter achava tão atraente em Roman Godfrey.

– Na minha escola tem um *upir* – Peter contou para Lynda na primeira semana. Seu *Swadisthana* o fazia sensível a essas coisas.

– Meu Deus – disse ela. – E como ele é?

– Não sei. Parece ser legal.

Mas Peter não fez força alguma para desenvolver qualquer tipo de camaradagem com Roman. O *upir* era uma raça estranha. Nicolae havia lhe contado histórias de vultos enormes que passavam através da névoa, impossíveis de serem examinados até mesmo por um cigano velho com uma criança crédula, mas Peter só os encontrara pessoalmente uma vez quando ele e Lynda ainda moravam no norte do estado. Quando perambulava por uma propriedade enfurnada nas florestas defronte do Lago Erie, na lua cheia do mês de fevereiro. A neve estava espessa e as árvores pareciam tufos de fiapos de linha preta arrancados de uma manta branca, e lá estavam três deles, um homem e duas mulheres. Bebiam vinho em um pátio e falavam em francês, todos nus, exceto uma das mulheres, uma mulata escultural que usava um gorro de Papai Noel. Peter percebeu imediatamente que havia algo estranho com essas pessoas. Além do óbvio. "*Loup-garou*!", exclamou a mulata quando Peter surgiu na linha do bosque e eles o chamaram com grande animação. Dirigiu-se à escada e eles o bajularam com alegria, dando-lhe tapinhas nas costas, fazendo-lhe carinho e colocando o gorro nele. Como se tivesse dado vida à festa, ficou feliz por ter encontrado amigos tão alegres. Então se ouviu um som de alguém choramingando baixinho na escuridão, do outro lado do pátio, e a mulher branca soltou um simpático *uh-oh*, como se tivesse ouvido um bebê que reclamava de algo, e pegou um pedaço de queijo de um prato da mesa e o ofereceu a um vulto dependurado no galho de uma árvore próximo da casa. Peter se aproximou para ver melhor. Seu estômago deu um nó. O vulto era uma raposa com a perna traseira presa em uma armadilha. A perna estava quebrada e pela sua aparência patética e macilenta, já estava presa ali havia algum tempo. A mulher coçou as orelhas da raposa e estendeu o queijo mais ou menos uns dois centímetros abaixo de seu alcance. O focinho da raposa trabalhou em vão e a mulher levantou a mão o suficiente para que a língua dela lambesse o queijo, e então com uma cara de "como sou desajeitada" deixou o pedaço cair no chão. O homem sorriu para Peter – não é uma brincadeira divertida? – e entregou-lhe um pedaço de queijo. Peter ficou imóvel. Muito tempo depois repassaria a cena na qual ele teria tido a presença de espírito e a coragem de alcançar a raposa e torcer seu pescoço, mas na hora agá ele não fez nem uma coisa nem outra. Era uma coisa viva com um brilho ainda nos olhos e ele teria dado qualquer coisa em troca da coragem que lhe teria permitido fazer aquilo. Com as mãos trêmulas colocou cuidadosamente o queijo de volta no prato, desceu os degraus e voltou para a linha do bosque, sem olhar para a cara deles. "*Très vulgaire*!", ouviu a mulher branca falar atrás dele e sentiu um leve toque de algo que batia em suas costas. Peter virou-se para ter certeza de que não tinha perigo de ser atingido por alguma coisa arremessada por eles, mas ela estava apenas atirando queijo. O

homem gritou palavrões e virou-se para acenar com a bunda, que balançava enquanto ele batia nela efusivamente para chamar atenção e a mulata o observava com fria indiferença. Peter corria agora dentro da floresta e o gorro caiu suavemente na neve e ficou para trás.

Durante dias mal conseguia parar de chorar, mas depois que Lynda o fez finalmente contar o acontecido, ela apenas sacudiu a cabeça e disse:

– Os franceses.

Peter não podia dizer até onde, ou em que grau, seu colega de classe tinha um caráter semelhante; portanto, não parecia má ideia ir devagar e com cautela em relação a Roman Godfrey.

Contudo essa política não impediu Peter de prestar uma atenção cuidadosa à conduta do *upir* no dia em que a notícia da garota de Penrose veio à tona.

Entre a segunda e a terceira aulas Roman comprou uma quantidade exagerada de cocaína do traficante local com quem entabulou um longo e animado debate sobre quem iria vencer uma luta entre Batman e Wolverine, então matou a quarta aula para tirar uma soneca em seu carro, um Jaguar 1971 com um reboque com a aparência de uma carroça de mula atrelado atrás. Na hora do almoço atirou uma batatinha frita no decote de Ashley Valentine e durante o intervalo ficou sentado na mesa de piquenique de papo com Letha Godfrey, também veterana e sua prima em primeiro grau, embora não partilhasse de qualquer de suas qualidades mais notáveis exceto, nem precisa ser dito, os olhos verdes dos Godfrey. Na aula de Inglês, a senhora Pisarro, que fez uma exceção excepcional à abordagem galante de Roman ao escolasticismo, escolheu-o para ler um trecho do poema *Goblin Market*:

> *Ela cortou uma madeixa dourada preciosa,*
> *Derramou uma lágrima mais rara do que uma pérola,*

Para surpresa da senhora Pisarro, assim como para o grosso da classe, sua leitura foi sussurrada e reverente, dando às palavras mortas, entre outras coisas, dignidade.

> *Então sugou seus frutos redondos, belos e vermelhos:*
> *Mais doces do que o mel da rocha,*
> *Mais fortes do que o vinho que alegra o homem,*
> *Mais claros do que a água que jorrou do suco;*
> *Ela jamais provara tal coisa antes,*
> *Como isto iria saciá-la com o passar do tempo?*

A sala ficou em silêncio. Ashley Valentine fechou os olhos. Pisarro estava irritada. Embora ele estivesse fazendo aquilo para o qual fora escolhido, entre

todas as espécies de insolência essa parecia ser a mais diabólica.

Ela sugou e sugou e sugou mais
Frutos que aquele pomar desconhecido produziu,
Ela sugou até seus lábios ficarem doloridos…

Alex Finster falou "Pobrezinho".

Duncan Fritz disse que ele próprio faria muito melhor.

Roman olhou-os com certo cansaço:

– Vocês se acham o máximo, não é, seus filisteus de merda?

– Senhor Godfrey!

– Desculpe senhora P. – disse ele com uma falsidade estudada – Acho que todos nós estamos um pouco abalados com o que aconteceu em Kilderry Park.

Peter aguçou os ouvidos.

Depois das aulas Roman deu uma carona para sua irmã até em casa.

Se Roman Godfrey era um enigma, Shelley era o cúmulo do mistério e do enigma – em todas as suas viagens inacreditáveis, Peter jamais encontrou uma criatura tão inacreditável. Shelley não era uma *upir*, e Peter estava perdido sem saber como diabos chamá-la; ela era um ponto cego para o seu *Swadisthana*. Embora fosse caloura e pelo menos anatomicamente fêmea, Shelley tinha uns dois metros e tanto de altura, sua cabeça e seus ombros eram enormes e curvados, sua pele era de um cinza concentrado como o céu do fim de novembro. Um dos lados de seu rosto já deformado estava paralisado e ela não conseguia pronunciar as sílabas com coerência. Porém a coisa mais estranha sobre ela eram suas botas, por falta de outro termo. Ela usava nos pés dois cubos de plástico, hermeticamente fechados, quase do tamanho de embalagens de leite.

A coisa mais estranha era a excitação.

Shelley subiu no reboque, Roman ao volante e os dois foram embora, Roman com a cabeça virada e olhando direto para Peter, olho no olho. O rosto do outro receptivo e impassível, dissipando qualquer dúvida de que sabia que estava sendo vigiado. Roman bateu de leve do lado de seu nariz: mantenha-o limpo. O carro fez uma curva e lá do reboque Shelley levantou a palma aberta de sua mão. Peter devolveu o aceno. Ele havia estabelecido o precedente de ser amigável com a criatura, com piscadelas e mesuras, tendo feito, uma vez, que ela parasse para retirar com o pé uma trilha de papel higiênico presa a um de seus cubos. Os Godfrey desapareceram de vista.

Peter virou-se para ver o seu ônibus e descobriu que não era o único no jogo do "Eu espiono" hoje: lá, junto do mastro da bandeira, Christina o estava observando; surpreendida por ter sido pega em flagrante, desapareceu no fluxo das pessoas. Peter pegou seu ônibus e sentou-se com uma das mãos à sua frente

e olhou a simetria de seus dedos indicador e médio, juntos, como se examinados por uma manicure. Sentiu uma confusão vindo de suas bolas.

*

Naquela noite, Peter foi ao parque. Não havia evidência da garota a não ser por um aviso da polícia que dizia que quem entrasse naquele local após o horário de fechamento seria preso. Mas entrou, arrastando as pontas dos dedos que trepidavam nos elos da cerca e farejando ao redor até encontrá-la. Dizer que não havia evidência era um exagero, a terra memoriza essas coisas. Estava atrás de uma moita, talvez a dez passos do perímetro da floresta. Menos, caso estivesse com pressa. A marca. Deitou-se ali onde Brooke Bluebell fora morta e enlaçou os dedos atrás da cabeça e olhou para as estrelas e as árvores no topo dos morros e alguns quilômetros a leste para o halo da Torre Branca. A luz que nunca se apagava.

A imagem dela estava nítida em sua mente. Não porque sentisse alguma afinidade especial por ela fora a curiosidade mórbida, mas porque toda a mídia já tinha se apoderado dela, mesmo que não fosse o desejo de todos. Você sabe, ela é aquela que está com o uniforme de animadora da torcida e sorrindo, não para a câmera, mas para sua irmã ou para sua melhor amiga ou um rapaz ou alguma das inúmeras coisas que transparecem no seu rosto, quando ela o tinha. A imagem, pornográfica e trágica.

Ficou imaginando se fora Roman Godfrey que fizera aquilo. Peter tinha estado nas montanhas naquela noite e havia desconfiado de alguma coisa, uma malevolência vaga, mas assustadora. Mas não foi nada que fizesse sentido naquele momento, e com um hospital psiquiátrico na estrada podia se esperar que vibrações estranhas ocorressem em noite de lua cheia. Aquela não foi a primeira vez que ele próprio sentiu uma inquietação oculta nessa cidade. Havia alguma coisa mais, uma presença de algum tipo, morando debaixo de seus pés, diferente do que se via sob o sol. Peter não conseguiu agarrá-la pelos chifres, mas sabia que estava lá embaixo, mais antiga do que as montanhas sob as quais vivia. Tinha acontecido algumas vezes quando, meio acordado, meio dormindo na rede, teve a visão de uma cobra, uma serpente bíblica negra que lenta e sensualmente se consumia a si própria pela cauda. Mas então seus olhos se abriram rapidamente e pôde olhar para o céu através da treliça de galhos e com irritação afastar a visão de sua mente. Peter tinha um grande talento em não perder o sono por causa de questões das quais não sabia a resposta, por isso essas intrusões naquele sono realmente o deixaram perturbado. Mas aquilo, o que quer que fosse, em algum lugar escuro por debaixo do mais velho daqueles morros, não era a mesma coisa que matou Brooke Bluebell de Penrose. Seu

Swadisthana sabia disso. O mundo é um corpo, e partes diferentes canalizam a frequência de maneiras diferentes. Umas mais do que outras, mais próximas da vibração do mistério por debaixo da ilusão da ilusão. Hemlock Grove era esse tipo de lugar, e a coisa sob as montanhas – se a *coisa* em si mesma não fosse um exagero – fazia parte dali, terrível e insondável, como a "coisa" que estabeleceu que os animais inspirassem e que as árvores expirassem.

A garota teria sido vítima de um *upir* jovem e selvagem? Possivelmente. Não era o estilo tradicional deles, mas a raça era capaz de transgressões ainda maiores. Assim diziam as velhas lendas. E embora Roman realmente não parecesse ser esse tipo, Peter era ele mesmo uma prova de até onde era possível confiar nas aparências.

Soprava uma brisa que trazia o cheiro do capim e ele ergueu a mão para sentir o ar passar entre seus dedos quando viu algo na linha das árvores: um brilho – não, dois pontos brilhantes, um brilho de olhos: era um par de olhos que brilhavam como os de um gato. Peter levantou-se. Roman Godfrey surgiu. Ficaram de pé a certa distância olhando um para o outro. Suas roupas farfalhavam com a brisa e as cigarras eram indiferentes.

– Como é que foi? – falou Roman.

– Como é que foi o quê? – falou Peter.

Roman hesitou, com as mãos juntas, irrequieto. Assustado?

– Ter matado aquela garota.

Você não é o único

– Eu não a matei – disse Peter. – Achei que tinha sido você.

Roman ficou confuso.

– Eu? Por que eu faria isso?

Peter deu de ombros:

– Por que eu?

– As pessoas estão dizendo que você é um lobisomem – disse Roman.

– Você acredita em tudo o que as pessoas dizem?

Roman insistiu:

– Então por que você voltou? Este é o seu território ou algo assim?

Os pelos do pescoço e das costas de Peter baixaram por não identificar qualquer ameaça de ataque imediato. Sentou-se à moda dos índios.

– Território é algo tão burguês – falou como quem não quer nada.

Roman encarou-o.

– Tem certeza de que não foi você?

– Você podia tentar conter o seu desapontamento – falou Peter.

– Estava só perguntando – disse Roman como que repreendido. Sentou-se também e tirou uma folha da moita. – Então quem foi? – falou.

– Urso – disse Peter – Puma. Suicídio criativo.

Roman cortou a folha pelo meio e esfregou as metades entre seus dedos indicadores.

– É esquisito – falou. – Eu a conhecia. Quer dizer, não a conhecia de verdade. Só de vista. Festas e tal. Ela gostava do meu carro. – Dividiu a folha em quatro partes. – Agora está morta. Que louco é isso, não?

– O carro é legal – falou Peter.

– Também conheci seu tio ou quem quer que fosse – falou Roman.

– Vince? – disse Peter.

– Isso. Algumas vezes fazíamos uma fogueira e ele vinha com uma garrafa de birita. Gostava das histórias dele. As garotas ficavam todas assustadas, mas garotas, você sabe como são…

Peter assentiu, concordando que a intromissão de um alcoólatra vagabundo que havia se cansado de fazer a barba aos quinze anos era o tipo de coisa para deixar as garotas com medo.

– Eu não o conhecia muito bem – disse Peter. – Ele me chamava de Petey, e eu não gostava nada. Mas sempre me dava um último trago depois que Lynda cortava meu barato e às vezes tinha um jeito de desmaiar com os olhos abertos, sentado à mesa, que eu achava um truque e tanto. – Ficou pensativo. – Acho que tinha um problema de verdade.

Uma mariposa passou perto e o braço de Peter precipitou-se para pegá-la. Um talento para demonstração oportunista corria no sangue dos Rumancek e tinha certeza de que poderia ganhar vinte pratas do garoto rico se fosse desafiado a comê-la. Mas sua mão não foi esperta o suficiente e a mariposa caiu fora.

Roman cortou a folha em oito pedaços e deixou-os cair ao chão.

– Lembro-me de vir aqui com meu pai – disse ele. – Não lembro muito bem dele, mas lembro de ter estado aqui quando era bem pequeno e de ter sido picado entre os dedos do pé e me lembro da cara com que me olhou. Como ficou desapontado. Não havia jeito de ele compreender por que eu chorava daquela maneira. Até que meu pé inchou como uma teta com dedos.

– O que foi que aconteceu com ele? – falou Peter.

Roman fez um revólver com a mão e explodiu seus próprios miolos.

– Que merda – disse Peter.

– Que merda – disse Roman.

– Minha mãe fala que meu pai está morto ou algo assim – disse Peter. – Ela realmente não consegue ser mais específica. Uma joaninha.

Roman espantou a joaninha de sua lapela.

– Como é? – disse ele. – Viver como, você sabe. Como vocês.

Peter não se incomodava com a referência ao "vocês" – tinha a ver com as fronteiras fundamentais da vida: os que têm e os que não têm. E Peter não se considerava um empobrecido.

– Acho que sempre existe alguma coisa acima da montanha que tenho que ver – disse. – O que há dentro dos sapatos da sua irmã?

Um par de faróis caiu sobre eles, e uma luz da viatura da polícia piscou silenciosa.

– Merda – disse Peter.

– Deixa comigo – falou Roman, mas Peter já estava correndo em direção à linha das árvores. Parou no mesmo lugar escuro de onde Roman tinha surgido e observou como os dois policiais que conhecia desceram da viatura e se aproximaram de Roman, que olhava desinteressado para as lanternas.

– Está perdido, amigo? – falou o mais baixo, que tinha a gordura de um levantador de peso e não tinha pescoço.

– Está tudo bem, mas agradeço a sua consideração, policial – disse Roman.

– É aquele rapaz Godfrey – falou o outro, alto e magro, com voz estridente e um nariz agressivo que o fazia andar curvado, como um arco tensionado à espera de ser solto.

– Você não sabe que amanhã cedo tem aula? – disse Neck.

– É que eu sou uma coruja – disse Roman.

– Você sabe que não deveria estar aqui, espertinho – falou Nose. – Não me importo com seu nome.

– Estou incomodando alguém, policial? – falou Roman.

– Quem é que estava aqui com você? – falou Neck. – Era aquele malandro cigano? Ora, o que é que os dois passarinhos poderiam estar chocando aqui que nós pudéssemos considerar uma coisa sem importância?

– Estávamos conversando – falou Roman.

– Sobre o quê?

– Os mistérios da mortalidade – falou Roman.

– Muito bem, vamos – falou Nose.

Roman olhou para ele, e ele olhou dentro dos seus olhos que por um momento fugaz brilharam como os de um gato, o que havia sido a primeira coisa que tinha chamado a atenção de Peter, e falou com uma espécie de inflexão mecânica como a de um ator que decora sua fala:

– Mas a mãe dele vai encher o saco.

Nose ficou quieto. Seu rosto era um quadro em branco no intervalo entre duas aulas.

Então seus olhos piscaram uma porção de vezes rapidamente e ele falou:

– Sabe, pensando bem, a mãe dele vai encher o saco.

– Quê? – disse Neck.

Roman olhou-o nos olhos.

– É isso aí, se manda, garoto.

– Isso – falou Neck. – Se manda, garoto.

– Sim, senhor – falou Roman.

Voltaram para a viatura, Neck resmungando “Pentelho sinistro”.

Assim que eles foram embora, Peter veio se juntar a Roman.

– Aposto que você economiza muito dinheiro com drogas – falou Peter.

– Terra adubada para plantar – falou Roman. – É o que tem nos sapatos dela.

A língua de Peter ficou numa encruzilhada entre a aceitação silenciosa e a tentativa de entender aquilo. Não disse nada.

Roman deitou-se esticado no chão e colocou o ouvido na terra como um apache em um filme.

– Você sente? – disse ele.

– O quê? – disse Peter.

– O que quer que seja que está… lá embaixo.
– Ah – falou Peter. – Aquilo.
– Bom – disse Roman.
Levantou-se.
– É bom saber que você não está ficando maluco.
– Ou que você não é o único – falou Peter.
Uma nuvem passou sobre a Torre Branca. Em seguida, talvez, o barulho de um trem.

*

Dos arquivos do Dr. Norman Godfrey:

De: morningstar314@yahoo.com
Para: ngodfrey@hacres.net
Assunto: Deixe que comam *croutons*!

Querido Tio,

Mais uma semana e mais tempo para que você perdoe minha incorrigível afetação. Sugeriria que você abrisse a caixa (de e-mails) de Pandora se não for cansativo tocar as teclas com a borracha da ponta de um lápis – essas pontas dos dedos que o Todo-Poderoso (com alguma ajuda do Dr. P.) achou por bem oferecer também, se assim pudermos chamá-lo, com abundância, para apertar uma tecla de cada vez. Suponho que seria bastante simples solicitar que a Mãe comprasse para mim um tipo de teclado sensível a um toque mais delicado, porém passei a perceber que cada palavra que escolho é produto de um esforço deliberado. A mim me parece que muitos dos que não têm necessidade de selecionar suas palavras com cuidado não o fazem.

Agora o que aconteceu desde nossa última correspondência, digno da atenção da minha borracha? (Uma ironia que de alguma forma me escapou até este momento – ainda bem!) Com certeza… você irá ficar orgulhoso de mim, Tio, segui seu conselho e declarei minha independência da mamãe. Estávamos jantando no clube, mamãe, Roman e eu, e enquanto os pedidos eram feitos vi passar uma salada de uma mistura tentadora de cores. Assim, quando mamãe estava dizendo para Jenny que eu iria comer o de sempre, peguei o cardápio impetuosamente e apontei com determinação.

“É o que você quer, querida?”, falou Jenny, a minha favorita entre todo o pessoal do clube.

“Não, não”, corrigiu mamãe, “vamos querer o de sempre, creio eu.”

Que é, claro, uma terrina de carne picada.

Mas eu sacudi a cabeça e gesticulei mais uma vez para meu capricho audacioso.

“Querida”, falou a mamãe, “você tem que comer sua carne.”

Ao que Roman fez uma observação de mau gosto. Jenny, com quem ele se envolve normalmente em namoricos (e talvez mais coisas fora do local de trabalho dela – por mais fatigante que seja competir com as atividades extracurriculares de meu irmão), escondeu um risinho. Mamãe ficou brava.

“O que ela come sempre será satisfatório”, disse ela em seu tom de voz esse-assunto-está-encerrado. Confesso que isso fez murchar minha determinação, não fosse pela intervenção divina de Jenny.

Colocando sua mão em meu ombro sem dar sinal de repugnância, ela falou: “Ora, ela está só pensando em sua aparência. Em todos aqueles garotos bonitinhos da escola”.

Eu podia ter beijado cada um dos dedos dela, mas me segurei ante um sorriso absurdo com o qual Roman enxugou um lamentável fio de saliva.

“Agora, Shelley”, disse mamãe, com um tom de voz aterrorizante que refletia seu aborrecimento, motivado por aquela aliança, “você vai ter de aguentar qualquer decisão que venha a tomar. Acho que ambas sabemos que você terminará por desejar ter feito uma escolha mais apropriada.”

Ela olhou para mim, naturalmente à espera de aquiescência. Como ficou espantada, quando apontei o cardápio com firmeza pela última vez. Embora mamãe estivesse, de fato, com a razão – minha barriga estava ecoando sua crítica antes mesmo de termos chegado em casa –, aguentei aquela fome e cuidei dela a noite toda como uma prova de que eu era realmente capaz de viver com minhas decisões. Mas sem um único instante de arrependimento! – saboreando ao mesmo tempo a deliciosa desarmonia entre o doce do damasco e o amargo do espinafre, a pimenta exuberante e a viva cebolinha, a inocente amêndoa e o concupiscente tomate: uma festa, se não para a barriga, pelo menos para o espírito. E o mais importante de tudo, sinto que mamãe percebeu. Sou mais do

que uma – embora desajeitada – marionete viva que irá dançar obedientemente segundo a manipulação de suas cordas; como você tão gentilmente sugeriu, sou uma pessoa inteligente e autônoma, com desejos sadios. Acredito que esse encontro tenha conferido à sua sobrinha atrevida um pouco de – será que ouso dizer? – respeito.

Por outro lado estou achando genial a mudança para a escola secundária. Meus estudos estão acelerados; continuo a progredir num ritmo que desafia a padronização: enquanto minhas colegas de classe mais adiantadas estão às voltas com subjuntivos em espanhol ou com funções trigonométricas, estou no meu canto – meu santuário – lá atrás, queimando as pestanas nos estudos de grego clássico ou das hipóteses sobre o *quantum* do cérebro de Bohn (alimento para o pensamento – obrigada pela recomendação). Prezo que ouça que eu também estou acumulando amigos a um ritmo positivamente vertiginoso! Christina Wendall tem me dirigido olhares simpáticos quando ninguém está vendo – trabalhando de seu jeito, estou confiante, para uma apresentação adequada (como se as palavras tivessem mais a oferecer do que a graça singela da janela da alma); sua própria Letha continua a ser, como tenho certeza de que não é novidade para você, um verdadeiro anjo; e aquele garoto cigano ao qual me referi da vez passada continua jogando seu charme para mim. Que demônio que ele é! – alguns centímetros mais baixo que os outros garotos da sua idade, mas com os ombros mais largos (é claro que de qualquer forma ele é bem pequeno em relação à sua escritora carinhosa). Sua compleição é morena e usa um rabo de cavalo preto que possui o brilho que sugere a vaselina como produto favorito de seu cabelo. Roman diz que ele é um lobisomem. Mamãe diz que ele é gentinha e não tem sequer uma caminhonete (dirigindo-se, naturalmente, a Roman – não ocorreria a ela incluir-me em tal recriminação).

Espero que ele não esteja envolvido no incidente do Kilderry Park. (Como chorei quando soube.) É claro que se é para que eu viva com as decisões que fiz, suponho que devo ter cuidado com as perguntas cujas respostas eu possa preferir não saber.

Sempre sua,
S.G.

O anjo

A virgem colocou o aplicador no balcão, enxaguou as mãos e sentou-se na beirada da banheira, esperando. Não pela resposta; a resposta ela sabia. O teste era para eles, para a prova de que ela sabia que iriam precisar. Ou pelo menos parte da prova, para garantir uma conversa inicial.

Consulte seu médico se os resultados não forem os esperados, dizia na embalagem. Essa era uma maneira de colocar o problema.

A virgem olhou para o mostrador do aplicador. Não estava com medo, mas, sobretudo, lembrava-se do jeito que havia brilhado, o halo sobre a cabeça dele, não somente com um brilho dourado, mas de todas as cores de uma pálida aurora. Ela levantou-se e inspirou fundo estufando a barriga, prendeu a respiração e esfregou as mãos sobre aquela forja misteriosa, com a brasa da luz perfeita dele dentro dela.

*

Olivia Godfrey encontrou o Dr. Norman Godfrey no bar Hotel Penrose na tarde seguinte. Olivia era uma mulher de desagradável beleza e de idade indeterminada. Usava um terninho Hermés branco com uma insolente indiferença europeia de que o Dia do Trabalho havia sido semanas atrás, com um lenço em volta da cabeça de cabelos pretos e óculos ainda mais pretos no estilo Jackie O. Tomou um martíni com gim. O Dr. Godfrey era um homem bem posto, de meia-idade, com cabelo e barba prematuramente grisalhos e olhos que sob circunstâncias normais tinham certo ar de magnanimidade aristocrática, resultado de traços de caráter paralelos de uma profunda e fundamental bondade e uma quase total falta de humildade. Mas essas não eram circunstâncias normais, e seu passo era cheio de determinação, seus olhos verdes dos Godfrey eram como balas desferidas em extrema câmera lenta. Quando ele chegou, ela deslizou um *scotch* puro pelo balcão do bar e ele o ignorou.

– Você teve alguma coisa a ver com isso? – disse ele.

– Por que *obrigado*, Olivia? – disse ela. Seu sotaque era cuidadosamente britânico, com vestígios continentais. Em sua época fora uma atriz de certo nome nos cartazes do *Lyceum* e até mesmo em suas palavras mais extemporâneas se via o elo com o seu ofício.

Ele a olhou de cima a baixo. A compostura dele era vulcânica.

– Não pense, responda. Você ou aquele complexo de Deus ambulante estavam de alguma forma envolvidos?

– Droga, Norman, você *precisa ser* um pouco mais específico – disse ela.

– Letha está grávida – disse ele.

– Oh – Seus lábios eram a forma perfeita da sílaba.

– Bem, receio que você me ache incompetente para tal tarefa, e quanto a Johann, acho que ambos sabemos que suas… inclinações são de outra ordem.

– Não estou de sacanagem – disse ele. O barman olhou-o.

– Fale mais baixo – disse ela. – Sente-se. – Ela deu uma pancadinha na cadeira ao seu lado. *Venha, venha*.

Ele se sentou.

– Pare com esse tom condescendente agora mesmo – disse ele.

– Bem, você tem de reconhecer que essa é uma acusação surpreendente para ser respondida de uma maneira civilizada.

– Ainda não atingimos o estágio da acusação. No momento é apenas uma pergunta e você irá me responder francamente.

– Não, Norman, não tive nada a ver com isso – disse ela. – E até onde sei o Dr. Pryce também não, e francamente aquilo que você se sentiu compelido a perguntar teria sido mais do que ultrajante se não fosse menos desconcertante.

Ele balançou seu copo de um jeito e de outro observando o nível da bebida.

O tom de voz dela tornou-se delicado.

– Passou por sua cabeça que ela possa estar… relutante em compartilhar com o pai as circunstâncias específicas da concepção?

Ele bateu com o copo no topo do balcão do bar pontuando o fim da frase e riu acidamente.

– Relutante? Não. Nada relutante – disse ele.

Ela olhou para ele.

– Ela diz que ainda é virgem – falou Godfrey.

Ela ficou calada. Ele respondeu ao silêncio dela.

– Ela diz – falou Godfrey – que foi um anjo.

Ela ficou calada.

– Ela diz que ele a visitou neste verão – disse ele – e não falou nada na época porque não queria que ficássemos, todos, para lá de zangados, palavras dela, mas sentiu que havia chegado a hora em que precisaria de nossa ajuda com a… criança. E ela fez um teste de gravidez, de forma que não inventou essa parte.

– Ela tem namorado? – disse ela.

– Nenhum ultimamente.

– Ela tem ido à igreja?

– Quando você soube que alguém desta família foi à igreja sem que alguém tivesse morrido?

– Qual é a sua… opinião profissional?

Ele olhou para ela. Isso lá era pergunta que se fizesse?

– Estupro – disse ele. – Ela foi estuprada e sua mente revestiu o acontecido com uma fantasia. O termo clínico é amnésia psicogênica.

– Você entrou em contato com a polícia?

– Com que argumento? Com a suspeita de algo que teria acontecido em julho e que ela não iria corroborar? Neste momento minha esperança é conversar com ela para que desista de tê-lo.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Isso seria melhor?

– Em oposição a encorajá-la, aos dezessete, a levar a cabo o parto de uma criança de que ela está convencida ser o produto de uma concepção imaculada, quando a qualquer minuto o acontecimento verdadeiro poderia se voltar para ela depois de ter sido tomada uma decisão irrevogável?

Ela assentiu concordando.

– Agora posso perguntar o que teria dado a você a ideia de que eu pudesse ter algum envolvimento nisso? – disse ela.

Ele olhava para seu próprio reflexo na parede espelhada do outro lado do balcão do bar. Descobriu quando seu cabelo começara a ficar grisalho que manter a barba bem aparada lhe conferia certa autoridade arquetípica: tenho as coisas sob controle. A verdade era que não podia haver uma explicação racional para o fato de ele estar ali. Na noite anterior sua mulher havia saído da sala chorando, ele permaneceu sentado, e seu filho, do outro lado da mesa, pegou sua mão com a graça do nascer do sol, e naquele momento em que não lhe restava nada compreensível, teve a sensação de algo. Misteriosa e obscuramente, desafiando qualquer análise racional, sentiu a mão de Olivia na sua. E tinha de admitir que aquela sensação estava tirando as coisas do controle. De fato não era mais racional do que a explicação de sua filha. Fazia de sua barba uma mentira. Porém, independentemente do absurdo dessa intuição, irremediavelmente aparente quando verbalizada, compreendeu agora a sua verdadeira e vergonhosa função. Isso lhe deu algo para contra-atacar.

– Porque eu honestamente não tenho a mínima ideia do que você seria capaz se estivesse com medo de me perder.

Ele a olhou de maneira penetrante. Ela tirou os óculos escuros e encontrou seus olhos.

Então, para seu alívio a rigidez e a indignação que o mantinham aquecido desapareceram e ele cobriu o rosto e chorou. Uns advogados meio bêbados que

estavam em um lugar reservado fingiram não estar olhando. Olivia alisou suavemente sua nuca com uma das mãos. Recolocou os óculos escuros com a outra e puxou a azeitona do palito e tirou seu sal com a língua.

*

Foram para seu quarto costumeiro e fizeram o sexo costumeiro, desapaixonado e antagônico, que era do jeito que as coisas eram feitas havia anos. Depois Olivia deitou-se de bruços fumando um cigarro embora já fizesse tempo que era proibido fumar no quarto em que estavam, mas a ideia de mudar para outro não era um pensamento sério, não mais sério do que um pássaro voar para o norte durante o inverno. Não era desse jeito que faziam as coisas. Ao longo da espinha de Olivia e um pouco acima do cóccix, como o relevo de uma cadeia de montanhas num mapa, corria uma pálida cicatriz rosa-clara, remanescente de uma cirurgia grosseira. Dr. Godfrey estava de pé enfiando a camisa para dentro das calças. Seus olhos varriam o chão.

– Onde está a minha. – Viu o pé dela movendo-se de lá para cá com sua gravata balançando entre os dedos. E alongou-se para pegá-la, mas o pé dela deu uma guinada. Agarrou seu tornozelo, pegou a gravata e encaminhou-se para a janela, passando-a em volta do pescoço. As chamas da queima dos resíduos de gás da chaminé dos fornos de coque eram visíveis através do rio no lado de Hemlock Grove e agora colocados em funcionamento por uma siderúrgica de Luxemburgo, mas já fizeram parte da dinastia da vulgaridade poluidora dos Godfrey, que como tudo o mais ficara para trás.

Sentou-se na beirada da cama e vestiu as meias. Olivia expirou a fumaça e juntou os dedos das mãos.

– Estava com receio de que você estivesse falando sério – disse ela. – Da última vez.

Da última vez, na primavera, dissera que era para ela não esperar que ligasse novamente. Isso era novidade para ambos, ele ter dito isso o surpreendeu talvez mais do que a ela. Da mesma forma que a coisa mais óbvia pode ser a menos esperada. Atlas encolheu os ombros.

– Entendo – disse ela por fim.

– Simplesmente porque já não tenho mais energia – respondeu ele explicando-se para si mesmo.

– Energia para o quê? – disse ela. Era um ponto retórico, embora cabível. O relacionamento deles não precisava daquilo. A essa altura era uma máquina de moto-perpétuo, mais velha do que as marés. Ele conhecia homens casados que dariam a vida por isso. Homens que se matariam por ela. Pensou que já havia sido um homem digno de inveja e pena.

Não disse nada. Seu rosto era uma esponja usada que há anos já não guardava mais umidade.

– Por favor – disse ela. A respeitabilidade serena com a qual havia falado não desmentia a raridade com que usava essas palavras. – Por favor… pense nisso.

Ele mentiu sem pena que o faria e que entrementes não fez. Em vez disso, passou a fazer uso da bebida como uma delicada novocaína. Como se a novocaína fosse o entorpecente do torpor. Em seus últimos anos sem amor, Jacob Godfrey ficou conhecido por passar horas sem fim de pé no jardim da frente da casa que havia construído no topo da montanha mais alta do vale. De lá inspecionava a terra de sua soberania, a terra que ele havia forjado, de acordo com sua visão, a sangue e fogo, sabendo que no epílogo de sua vida tudo era uma coisa pequena, mesquinha e transitória e que nela nada havia de transubstancial e que aqui ele era apenas um homem rico solitário e inútil na casa da montanha, visível e ainda assim esquecido. O Dr. Godfrey passou a vida inteira com medo desse destino e tomou todas as medidas para se rebelar contra ele dedicando-se a uma ocupação tão antiética quanto podia imaginar: a piedade. Era como chamava a psiquiatria, o ponto de encontro da matéria e do espírito. Ele havia ajudado pessoas, muitas pessoas, e o que mais podia ser dito? Eu ajudei. Diga-me o que mais há para ser dito.

Nesse instante se levantou e disse:

– Falei sério. Não queria que isso tivesse acontecido. Isso foi…

– Odioso – disse ela.

– Covarde – disse ele.

– Vamos concordar em concordar – disse ela.

Ela lhe entregou a bituca do cigarro. Ele levou-a para o banheiro, jogou-a na privada, então ficou diante do espelho e ajeitou os cabelos. Olivia descansou seu rosto nas mãos dele.

– Coisa horrível – disse ela. – Essa garota de Penrose.

– Sua filha acha que foi um lobisomem.

– Minha filha tem uma imaginação fértil. – Ela movimentou as costas em um alongamento do corpo todo. – Mesmo assim… isso traz um tipo de apelo terrivelmente erótico. Ser caçada e devorada por um selvagem rude. É o bastante para arrepiar qualquer um.

Ele apagou a luz do banheiro e foi para a porta. Ela não fez qualquer menção de cobrir-se.

– Falei sério, Olivia – disse ele.

Ela sorriu pensativa.

– O que o faz pensar que eu não sei disso?

*

No terceiro sábado de outubro Roman deu a Letha e a alguns amigos uma carona do cinema para casa. Àquela altura a agitação sobre Brooke Bluebell tinha assentado. Não havia alvo ao qual a culpa pudesse ser apontada, ninguém a ser difamado, nada a fazer exceto o punhado de caçadores que tentaram rastrear a criatura que deixara uma ausência fantasmagórica de pistas, nada a ser dito exceto quão sem sentido, terrivelmente sem sentido, aquilo acontecera, e como veio a se mostrar. Deixando implícito, contudo, o que era de consenso: pelo menos ela não era daqui.

Quando ficaram somente os dois no carro, Roman tirou do bolso de seu blazer o frasco de vodca do qual tinha tomado uns goles durante o filme e bebeu outros tantos; em seguida, segurou-o com decisão em frente do rosto de Letha. Ela o tinha desviado para o lado durante a noite toda, o que ele considerou uma falta de modos terrível. Ela não mostrou intenção de pegar a garrafa e por isso ele a sacudiu, pois talvez ela não a tivesse visto.

Ela ergueu os braços cruzados em forma de xis e disse-lhe que saísse dessa.

– Desde quando? – disse ele.

– Desde que saia dessa – disse ela.

Roman e Letha não cresceram juntos nem acompanharam quase nada da vida um do outro; jamais houve um encontro formal entre os ramos de suas famílias desde a morte do pai de Roman, e os dois não tiveram contatos frequentes antes do ensino médio. Letha frequentara uma academia episcopal particular até então, mas descobriu que o elitismo lhe causava dores nos ossos; Roman não levava a sério qualquer das escolas preparatórias, o que seria lógico para alguém como ele frequentar, pela simples e impensável razão de que isso exigiria que fosse morar longe de casa. Assim, foi com o vínculo do sangue e não com o da familiaridade que finalmente eles satisfizeram sua curiosidade mútua. Letha era uma garota pequena com cabelo louro cor de areia e com características peculiares bem distintas, que não eram bonitas no sentido convencional do termo, mas também não eram feias, e onde Roman era imprevisível, Letha era mística. Ela possuía uma espécie de senso de descoberta ligeiramente retardado, como se passasse pela vida como quem tivesse acabado de acordar de um bom cochilo. Naturalmente foi essa polaridade que os fez ficarem mais próximos – fato esse que encheu o pai dela de grande inquietação.

Roman fez uma cara de quem estava magoado.

– Beba um pouco como uma pessoa civilizada – disse ele.

– Preste atenção na estrada – disse ela.

Roman dobrou para a esquerda na 443. Entraram no túnel de árvores entre duas montanhas e os galhos escuros de ambos os lados se entrelaçavam no alto.

– Não seja selvagem – disse ele.

– Podemos deixar isso de lado? – disse ela.

– Iremos deixar de lado quando você deixar de ser babaca e beber um gole.

– Roman, deixe isso para lá.

– Qual é, você está grávida ou o quê?

Ela não disse nada. Ele a olhou.

– Cale a boca – disse ele.

Ela passou a mão pelo cabelo, nervosa.

– Cale essa boca, sua puta mentirosa – disse ele.

– Eu… estava esperando o momento certo – disse ela.

Ele bebeu, encostou de súbito no acostamento e parou o carro. A rodovia 443 era uma estrada com muitos declives e curvas fechadas e muitos acidentes por conta disso.

– Roman, ande com o carro – disse Letha.

Ele estava com as mãos no volante, imóvel.

– Talvez eu não tenha lhe contado porque não queria que você fizesse um drama.

– Foi o Tyler? – disse ele.

Tyler era um rapaz com quem Letha tinha ficado poucas vezes durante a primavera, uma última gota que Roman segurou ao ver uma toalha molhada largada na cama. Mas agora Roman estava ali olhando fixo para a frente e no centro de sua mente viu o outro rapaz enquanto nas extremidades havia um lampejo escuro como um par de mãos em forma de garra que foram envolvendo seu rosto lentamente.

– Não foi Tyler – disse ela. – Agora, por favor, ande com o carro e pare de fazer drama.

Tyler deixou sua mente, mas aqueles dedos escuros continuaram a dançar, a provocar, a se fechar.

– Quem? – disse ele.

– Não quero falar sobre isso, a menos que você ande com o carro.

Ele abriu o vidro e retirou as chaves da ignição e as largou no chão do lado de fora.

– Quem? – disse ele.

– Está vendo? Sabia que você iria fazer um escândalo.

– Quem? – disse ele.

Ela cruzou os braços.

– Você está parecendo o mais estúpido dos estúpidos – disse ela.

Ele fechou os olhos, desejando que as sombras fossem embora, mas elas não se importavam se os olhos estavam fechados ou não. Abriu-os e tirou uma das mãos do volante e apertou a buzina que soou demoradamente.

– Quem? – disse ele.

– Pare com isso, Roman.

– Quem? – disse ele.

– Pare com isso, Roman.

Ele centrou o olhar na mão que apertava a buzina, embora a ouvisse soar bem longe. Isso está aqui, lembrou a si mesmo, cada vez menos convencido.

– Pare com isso, Roman!

O dedo começou a se cruzar, e ele ficou cada vez menos convencido.

Temerosa, ela arrancou a mão dele do volante e apertou-a entre as suas.

– Foi um anjo – disse ela.

A sombra dissipou-se de sua mente e sentiu uma pressão, a pressão das mãos dela sobre a dele. Aqui mesmo.

– Foi o quê? – disse ele.

– Foi um anjo – disse ela.

Ele ficou calado.

– Literalmente? – disse ele.

– Foi um anjo – disse ela.

Ele ficou calado.

– Conte-me tudo – disse ele.

– Como é que você falaria de dança para uma pessoa sem pernas? – disse ela.

– Tenho pernas que não me abandonarão – falou Roman. Mas como alguém que por natureza conseguia tudo, ele sabia quando havia conseguido exatamente o que poderia conseguir. Embora nunca antes tivesse sido muito mais ou muito menos do que queria.

Abriu a porta do carro, inclinou-se para fora e pegou as chaves. Bebeu um longo gole da garrafa, ligou o carro e voltou para a estrada.

– Contou para seus pais? – disse ele.

– Eles estão… se ajustando – disse ela.

Roman ergueu as sobrancelhas. Imagine só.

– Mamãe está chegando a um ponto onde ela pode até mesmo admitir. Papai… papai quer que eu faça um aborto.

– Puta que pariu – falou Roman.

– Ele acha que tudo está na minha cabeça.

Roman não deu palpite.

– Mas eu vou ter este bebê. – Ela falou isso com calma, sem emoção, com uma autoridade impassível. – Lide com isso – disse ela.

– Eu não falei nada – disse ele.

– Lide com isso – ela disse.

Roman fez a curva com cuidado, quando dirigia embriagado era sempre mais consciente quando Letha estava no carro. E durante certo tempo tampouco falou, enquanto pensava sobre o que havia escutado.

Ela o deixou quieto. Não gostava de esconder isso das pessoas que amava. Mentirosa! Na verdade, possuir um milagre só dela tinha lhe preenchido de uma emoção particular não menor do que a de um rato silvestre que dá de cara com um templo perdido cheio de um lixo fascinante – era dela, só dela! Mas agora havia chegado a hora de reparti-lo; não era mais só dela. E isso era irritante.

Roman não voltou ao assunto, mas pegou seu iPod e colocou a música deles para tocar no som do carro. A música deles era um rock inglês sobre uma garota rica que sexualmente se envolve com um rapaz favelado com o intuito de tirar umas férias entre as pessoas de classe baixa. O gosto mútuo que tinham por essa música era uma piada particular deles dois, únicos membros de sua turma que podiam relacionar-se dessa maneira única por terem nascido com um privilégio ilógico. Letha começou a cantar junto, com os lábios fechados, e Roman deu mais um quarto de volta no botão do volume e mais outro em seguida.

Você jamais fará o que as pessoas comuns fazem

Num instante o botão não tinha mais como aumentar e ambos, Roman e Letha, cantavam juntos a todo volume, o cabelo dela balançando de um lado para o outro enquanto ela dançava no assento e ele dirigia com o joelho fingindo tocar bateria com as mãos no volante.

Você jamais verá sua vida deslizar até desaparecer de vista

Contornaram outra curva e deram de cara com o vagabundo que frequentava o Kilderry Park deitado bem no meio da pista onde estavam. Roman pisou forte no freio e o carro derrapou ficando num ângulo quase perpendicular antes de corcovear e parar de uma forma esquisita. O ar estava cheirando a borracha queimada e o rádio continuava.

Porque não há outra coisa a faze-e-e-e-r.

Roman desligou o som e perguntou a Letha se estava tudo bem com ela.

Ela acenou que sim, olhando para o homem. O homem estava de costas fazendo caretas e apertando as têmporas com as palmas das mãos como se quisesse espremer alguma coisa para fora.

– Precisamos ajudá-lo – disse ela.

Roman sacudiu a cabeça negativamente. Mas sabe como é quando se trata de garotas e de suas intenções. Ligou o pisca-alerta.

– Talvez seja melhor você ficar aqui – disse ele.

Saíram os dois, mas Letha ficou em pé do lado do carro enquanto Roman se aproximou cautelosamente do homem. Em sua camisa havia uma mancha molhada de vômito e ele cheirava como a parte de baixo de uma ponte. Roman perguntou se estava bem, e o homem balançou a cabeça de um lado para o outro enfaticamente indignado com o que havia escutado no lugar da pergunta de Roman.

– Não está certo – disse o homem.

– Gostaria de vir conosco? – falou Letha.

Roman estremeceu.

– Chamar os paramédicos também pode ser um opção – disse ele.

– Não quero ver – falou o homem choramingando como uma criança. – Não quero ve-e-e-e-r aquilo-o-o.

Roman afastou-se para o lado e ligou para a polícia de seu celular enquanto Letha vinha mais para perto. Tentou mantê-la atrás enquanto ligava, mas ela se ajoelhou diante do homem.

– Qual é o seu nome? – disse ela.

– Eu não sei, tem um cara aqui na estrada, quase que atropelo ele – falou Roman ao telefone. – Acho que é esquizofrênico ou coisa parecida.

O homem olhou para Letha terrivelmente desorientado. A pestana de seu olho morto piscava.

– Qual é o seu nome? – falou Letha outra vez de um modo sobrenatural e complacente como uma freira à beira da cama de um doente que Ingrid Bergman representara no cinema.

– Na 443 – falou Roman –, mais ou menos três quilômetros ao sul da Torre Branca. – Logo antes do Indian Creek.

De súbito o rosto do homem assumiu uma expressão de que havia algo de uma importância angustiante que se precisava dizer.

– Ouroboros – sussurrou o homem.

– Esse é o seu nome?

– É, está bem aqui no meio da estrada, alucinado. Ele precisa de ajuda.

O olhar dele desviou-se do rosto dela. Lágrimas escorriam de um dos olhos.

– Hoje eu vi o Dragão … – falou o homem.

Ela estendeu a mão.

– Não – falou Roman.

Mas o homem pegou a mão dela e a apertou, uma flor que se sabia extinta.

– Chamo-me Letha – disse ela.

– O quê? – falou Roman. – Meu nome?

Ele desligou e afastou Letha com calma.

– Muito bem, chefe – disse ele –, que tal relaxarmos aqui do lado onde ninguém possa nos transformar em mais um bicho morto na estrada?

Engoliu sua própria repugnância e curvou-se para estender uma mão para o homem. O olho do homem encontrou os dele. O olho que enxergava como um leite sangrento se iluminava e se escurecia em cada piscadela que dava. Roman tentou esboçar algo parecido com um sorriso, mas era como tentar levantar quinhentos quilogramas acima da cabeça. O olho que enxergava tornou-se um espinho que espetou Roman, e o homem recolheu suas mãos para se proteger, e elas tremeram frenéticas e débeis enquanto ele berrava com horror.

– Jesus! – disse Roman dando um salto para trás.

O homem foi andando como um caranguejo para a beira da estrada.

– VOCÊ! – gritava ele. – FOI VOCÊ! FOI VOCÊ! FOI VOCÊ! FOI VOCÊ!

Roman estava imóvel e calado. Sentiu um puxão em seu braço; Letha o puxava para o carro. Seus olhos permaneceram no homem que havia ficado encalhado numa escarpa enquanto suas pernas continuavam a empurrá-lo de forma inútil, como um brinquedo de controle remoto comandado por uma criança cruel.

– Eu não quero ver – dizia ele numa lamúria para si mesmo, e continuou a repetir essa súplica como se fosse feitiçaria, mesmo depois de o carro desaparecer.

Sentaram no carro em um silêncio competitivo. Ao passarem por Indian Creek, Letha olhou para Roman. A luz da lua em seu rosto insensível como seda pairando sobre uma pedra. Sua mão sobre a dele no câmbio.

Um padrão

Mais tarde, naquela mesma noite, Roman estava sentado à mesa da sala de jantar, às escuras, bebendo da garrafa e contando vagarosamente o número de cristais que formavam o lustre – 160, ele sabia bem, mas o produto de quarenta vezes quatro era um conforto considerável para ele, e sua confirmação um processo calmante –, quando aqueles cristais começaram a brilhar iluminados por uma luz desmaiada.

– O que é que você está fazendo acordada? – falou Roman.

A figura de Shelley ocupava quase que todo o vão da porta. Ela usava uma camisola disforme e emitia um brilho suave, uma de suas idiossincrasias quando se sentia agitada e ansiosa.

– Está com sede? – falou ele oferecendo a garrafa.

Ela não se moveu, e em seus olhos havia uma apreensão justificável sobre que pirotecnia costumava irromper na Mansão Godfrey depois de um período de silêncio estudado.

– Estou ótima – disse ela de maneira inconvincente. – Estava… apenas pensando.

Seu brilho circundava levemente o teto através do lustre como a iluminação interna de uma piscina. Ele afastou-se da mesa.

– Vou levá-la para cima – disse ele.

Subiram os dois para o sótão onde Shelley dormia sobre uma pilha de colchões *king-size* com outra pilha igual colocada transversalmente nos pés. Shelley não tinha uma das melhores relações com estrados de camas. As paredes eram forradas do chão ao teto por livros e em um canto havia um cavalete e no outro um astrolábio antigo com anéis concêntricos feitos de latão. O teto era um firmamento de algumas dezenas de estrelas e de luas, coladas com adesivo, que brilhavam no escuro.

Shelley sentou na cama. Roman ficou ao lado do astrolábio e colocou a ponta do dedo na beirada do anel mais exterior e traçou uma órbita. Ficou observando a poeira escura na ponta de seu dedo, os anéis obscuros e os redemoinhos que formavam um padrão, mas não decifravam o problema. Lá fora uma coruja piava baixo, e a luz de Shelley vazava por baixo de sua camisola.

Ele esfregou o dedo na calça, aproximou-se e sentou na beira da cama, de costas para ela. Ela esperou que ele falasse alguma coisa.

Bem baixinho, ele começou a cantarolar de boca fechada. Ela sorriu e começou a cantar junto com ele. Ele começou com as palavras e ela ficou com a melodia.

– *Esta minha luzinha* – cantava ele.

– *Vou deixá-la brilhar*…

Ele se virou e correu o dedo pela bochecha de Shelley, deixando em sua passagem um rastro suave e luminoso.

– Vamos lá – disse ele. – Vamos escovar seus dentes e trocar os sapatos.

Peripeteia

Na tarde do dia 28 de outubro, Roman surpreendeu Peter ao entregar-lhe um bilhete na aula de Inglês. Um mês havia passado; hoje era a primeira lua cheia depois da lua cheia do equinócio de outono. O relacionamento dos dois não se aprofundou desde aquele último encontro, o que Peter acreditou ter sido para o bem. Roman era instável como uma moeda girando sobre o tampo de uma mesa: quanto mais rápido ia chegando o fim, maior sua velocidade, uma hora um lado virado para cima e em seguida o outro. Ele não era nem cara nem coroa. E de todos os resultados potenciais na amizade ininterrupta dos dois, quase nada ficou fora da extensa hierarquia de merda que não fazia falta alguma na vida de Peter.

Mas então sem aviso ainda que mantivesse sua natureza imprevisível, Roman entregou a Peter uma folha de caderno dobrada com um simples pedido irresistível:

Posso assistir?

– Estamos trocando bilhetinhos, Sr. Godfrey? – falou a senhora Pisarro.

– Nem sonharia com isso, senhora – disse ele.

Depois que tocou o sinal, Peter aproximou-se de Roman. Havia pensado durante a aula toda e convenceu-se de que ceder à curiosidade do outro rapaz era um caminho mais sensato do que um subterfúgio – desencorajá-lo iria apenas provocá-lo ainda mais. Mas na verdade seu sangue Rumancek não iria permitir que desperdiçasse uma oportunidade de se mostrar. Portanto disse:

– Apareça por volta das cinco.

– Puta merda, essa bicha escandalosa desse cigano está te chamando para sair? – falou Duncan Fritz.

– Vá comer um absorvente interno, seu mongoloide grosseiro – disse Roman.

O céu apresentava uma gama enorme de vermelhos quando Roman chegou à casa dos Rumancek. Peter o fez entrar no trailer, verdadeira babel de móveis herdados e catados criativamente no lixo, incenso e pedras de cura, cartazes de coleções de musicais de Hollywood e figurinos da Renascença, livros da biblioteca nunca devolvidos e um armário dedicado ao deus indiano Ganesha exageradamente ornamentado por luzinhas de decoração natalina como a Virgem

de Guadalupe. Roman parou na frente dele, confuso. Perguntou se eram indianos ou o que era.

Peter balançou a cabeça.

– Ele é o deus dos novos começos. Mas não tenho certeza se Nicolae sabia realmente disso. Ele o chamaria sempre de Jumbo e perguntaria se o que tinha entre as pernas era parecido com o que tinha no nariz. Nic era uma figura – acrescentou.

Levou Roman até a cozinha e o apresentou a Lynda, que estava colocando no forno uma panela com biscoitos de pasta de amendoim. Ela ficou encantada quando Peter lhe disse que o *upir* viria visitá-los depois da escola: como seu filho só sairia à noite, aquilo lhe dava a oportunidade de ter alguém para quem cozinhar. Ela sentou os rapazes na mesa da cozinha e perguntou-lhes se queriam leite.

– Claro – disse Roman.

– Mel? – disse Lynda.

– Ácido lático – disse Peter.

– Certo, certo – disse ela. Encheu um copo de leite para Roman e apontou para o próprio abdome, rodando o dedo. – Isso provoca coisas estranhas na barriga – explicou.

Os olhos de Peter escaparam pela janela para acompanhar o pôr do sol. Roman percebeu agora que havia um ar geral de distração irrequieta, esfregando seus bíceps como se estivesse com um sentimento oprimido sem motivo aparente, depois de fumar seu último cigarro.

– Então – falou Lynda –, quais são os seus planos depois da formatura?

Roman deu de ombros como se aquela fosse uma pergunta de enormes consequências para sua agenda do fim de semana.

– Acho que minha mãe irá subornar algum lugar decente para que me aceitem.

– Isso é ótimo – disse Lynda.

A mão de Peter bateu numa faca de manteiga sobre a mesa independentemente de qualquer comando motor de sua parte. Ela colocou sua mão sobre a dele.

– Ele fica nervoso por antecipação – disse ela. – Hormônios.

– Tenho Xanax – disse Roman.

Peter recusou.

– Talvez só um pouquinho para molhar o bico – disse Lynda.

Roman pegou sua latinha de balas de hortelã-também-farmácia e fez surgir duas pílulas de Xanax, deu uma para Lynda.

– Isso dói?

Peter sacudiu a cabeça.

– Você nem perceberia se fosse atropelado por um ônibus.

– Você ainda é… você? – disse Roman.

Peter olhou para ele. *Adivinhe.*

Lynda aproximou-se e apertou a bochecha de seu filho.

– É um bom garoto – disse ela puxando sua carne com as pontas de seus dedos numa forma bruta do amor perfeito. – É o bonitão queridinho da mamãe.

Alguns minutos antes das 5h30 os três foram para fora. Lynda segurou Roman na porta enquanto Peter ia na frente. Ele tirou todas as roupas. Era moreno e tinha uma vasta cabeleira negra e seu pênis era circuncidado. O lado direito de sua caixa torácica tinha a tatuagem de uma letra, um pequeno *g*.

– O que significa esse gê? – disse Roman.

– Grande otário – disse Peter.

Ele andou para a frente desamarrando seu rabo de cavalo e seu cabelo caiu em volta dos ombros. Era como se o perfume do cair da noite acalmasse seus nervos trêmulos enquanto se movia com uma graça e uma autoridade revestidas por um poder não menor do que o da terra sob seus pés. De repente o ar ficou tão tomado pela antevisão da magia e do perigo que Roman pensou em perguntar, embora tardiamente, se estavam a salvo ali.

– Está tudo bem – disse Lynda. – Apenas fique afastado.

Então Roman estalou os dedos e disse: – Droga.

– O que foi? – disse ela.

– Eu me esqueci de trazer um *frisbee*.

Com uma gravidade xamânica, Peter ergueu seu dedo médio. Contemplou o restante do sol que desaparecia no horizonte vermelho como mercurocromo e ajoelhou-se de cabeça baixa e com a cabeleira caída sobre o rosto. Ficou imóvel. Esperando o chamado de seu nome secreto. Lynda agarrou o braço de Roman. Fetchit vagou por ali e sentou-se com uma perna aberta de lado, lambendo-se.

Então houve um espasmo nos ombros de Peter. Os dedos dos pés se curvaram e os dedos das mãos se cravaram na terra. Lynda apertou mais ainda o braço, e Peter soltou um grito como Roman jamais ouvira de qualquer coisa que andasse sobre a terra. Peter caiu de lado com o rosto contorcido como se estivesse sendo repuxado por milhares de pequenos anzóis com os músculos estremecendo num frenesi de cobras sob a pele. O gato desapareceu para dentro do trailer. Peter apertou a carne que pulsava em seu abdome e a arranhou, abrindo feridas vermelhas profundas e ásperas entre os pelos molhados. Agarrou a carne e a rasgou com violência, arrancando-a com o ruído de uma roupa molhada revelando um manto de pelos misturados com sangue. Roman colocou uma das mãos sobre o nariz porque um cheiro pútrido encheu o ar e aquela coisa suja que momentos antes tinha sido Peter sacudia as pernas traseiras com a metade

inferior livrando-se de seu manto humano. Uma cauda molhada, comprida e enrolada. Seus uivos durante todo o tempo cada vez mais lamentosos e lupinos quando um focinho surgiu de seus lábios e se abriu e fechou, seu rosto anterior envolvido por ele como uma máscara antiquada. Rolou de quatro e levantou-se tremendo violentamente e espargindo uma névoa de sangue e despojando-se dos restos do manto humano numa desordem total.

Agora de pé diante deles no crepúsculo estava um lobo. Roman encostou-se a Lynda; perdera o senso da gravidade. Não sabia na verdade o que mais esperar daquela noite, menos ainda que duas verdades essenciais da vida lhe fossem reveladas: que os homens realmente se transformam em lobos e que se você tem o privilégio de testemunhar tal transformação, isso é a coisa mais natural e correta que você jamais viu.

– Cacete – sussurrou Roman.

O lobo era um animal grande, alto, esguio e magnífico, tal como a lua, sua rainha, possuindo o brilho do invólucro dos recém-nascidos com os lábios curvados para trás mostrando as presas brancas enquanto os abria num bocejo e se espreguiçava com as pernas da frente, agitando a traseira no ar. Os olhos de Lynda umedeceram-se com um completo egotismo maternal, e Roman ficou trêmulo de inveja e admiração por aquelas presas brancas, brilhantes e triunfantes, sobre a mais pura dicotomia do ter e do não ter. É claro que as presas de um lobisomem têm um comprimento exagerado e uma curvatura mais típica da família dos felinos. São como a palavra final; uma vez que as mandíbulas são fechadas, nada na terra pode escapar a elas. *Lupus sapiens*: lobo inteligente. Isso que Roman, que viveu aqui sua vida toda, finalmente viu, é o senhor da floresta. Você é um escravo.

A confusão cessou, Fetchit reapareceu e aproximou-se curioso do lobo, que deu uma farejada peremptória e indiferente no gato antes de voltar sua atenção para o resto de carne insossa da qual havia nascido e enterrou nela o focinho molhado para roê-la seguido de sons de mastigação.

– Posso… acariciá-lo? – disse Roman, um pouco recuperado. Talvez o máximo que fosse possível estar.

– Não enquanto estiver comendo – disse Lynda.

– Peter – falou Roman.

O lobo terminou seu jantar e ergueu os olhos com o focinho comicamente envolto por uma massa vermelha, porém era impossível dizer se naqueles velhos olhos havia algum sinal de reconhecimento. Entretanto, o que certamente faltava era qualquer demonstração de interesse ou afeto tipicamente caninos. Lobisomens, diferentemente de outras espécies das quais são representantes, não são animais de matilha. Isso vai inteiramente contra o fato de ser um

lobisomem. Aquilo era uma coisa tão selvagem quanto cósmica e inescrutável, como todas as coisas verdadeiramente selvagens, e com um mundo de cheiros à sua espera, virou-se e caminhou intencionalmente para as árvores e com o ruído de folhas se agitando, desapareceu.

Três dias depois da lua cheia do equinócio de outono, Christina Wendall cortou caminho pela trilha de floresta detrás de sua casa para ir a Walgreens fazer uma compra secreta. Tyler Lane, um rapaz da décima primeira série, convidou-a para sair naquela sexta-feira e ela não só encarou a expectativa, ao aceitar, como também planejou fazer algo que mantivesse essa expectativa acesa. Christina não tinha aquele tipo de reputação – na verdade sua reputação era bastante oposta –, mas presságios íntimos recentes lhe sugeriram que estava numa maré de mudanças significativa. As pessoas mudam – quem diz que isso não é possível? Alexa e Alyssa não entraram nessa, dizendo que ela ainda ficava corada ao ouvir a palavra *menstruação*. Christina corou. Mas uma pessoa podia mudar, e se ela queria ser uma escritora importante de seu tempo, tinha obrigação de alargar seus horizontes. Assim ela era um caso de amadurecimento tardio, e isso lhe dava personalidade – peripeteia, ou mudança drástica, como falavam na aula de teatro –; agora o que faltava era material. As gêmeas já tinham amadurecido aos dez anos, portanto não entendiam isso. Pensavam que já sabiam tudo, mas não sabiam. Até onde as duas sabiam, ela nem tinha experimentado o primeiro beijo. Havia coisas que elas não sabiam. Ao pagar, a caixa fechou os lábios expressando sua desaprovação, mas registrou em silêncio a compra de Christina. Vadia! Bradou a voz interna ultrajada nos confins da mente de Christina com tamanha veemência que ela teve a sensação momentânea de que poderia ter sido ouvida fora de seu corpo.

Veja só! Quem poderia suspeitar que uma garota que não podia ouvir a palavra *menstruação* fosse andar por aí xingando as pessoas de vadias e de vacas gordas e retardadas, em pensamento? Putinha atrevida! Ela percebeu seu próprio risinho no espelho do teto. Pagou com seu dinheiro, mas sentiu como se estivesse roubando.

Voltou pelo mesmo caminho torcendo a sacola de plástico no seu pulso em sentido horário e ao contrário e viu num sulco da terra uma pequena toca de coelho. Parou. Isso a lembrou do sonho. Considerou isso outra indicação oculta, menos bem-vinda, da sua mudança interna, o retorno de um sonho recorrente que não tinha há anos. É um sonho simples. Ela está dentro da usina, como tinha acontecido antes, naquela escuridão que se pode sentir de ambos os lados da pele, e algo está ali com ela. A coisa tem a mesma cor e o mesmo cheiro da escuridão. Mas de qualquer forma ela sabe que está ali; há uma diferença entre um lugar onde você é a única coisa viva e outro em que não, e alguma coisa ali

está viva. E há apenas um lugar onde se esconder: na escuridão ela pode ver o contorno de um grande caldeirão negro tombado de lado. É claro que, se ela não sabe o que é a coisa que está ali, não pode também saber o que ela deseja, e se há algum motivo para se esconder. Mas é um risco que ela não pode correr de modo que vai até o caldeirão, coloca as mãos em sua borda e dá uma espiada para dentro. Mas, e se esconder significa que não há lugar para onde correr? E se houver alguma coisa pior dentro do caldeirão? Ou se não houver nada dentro dele, afinal? Um nada realmente sem fundo? Mas há alguma coisa escura nesta usina com ela, e ela pode sentir sua sombra caindo sobre ela, está agora logo atrás dela, e não sabe o que essa coisa vai querer se a encarar. Ela está paralisada. Não sabe se se vira e a encara ou se Entra no Buraco.

E então acordou.

– Às vezes você pode ser tão esquisita a ponto de amarrar uma fita em torno da cabeça e entrar no Celeiro dos Cérebros – falou Alyssa. (O Celeiro dos Cérebros era o apelido dado ao Laboratório de Neuropatologia em Hemlock Acres, que guardava 3 mil espécimes de cérebros humanos e era objeto de grande fascínio entre os jovens locais.)

Bem, e daí? Algumas pessoas tinham sonhos engraçados. E momentos em que sentiam que todas as células de seus corpos eram feitas de câncer, ou que, quando respiravam, expiravam oxigênio puro e inspiravam cinzas de cigarros. E desabavam em lágrimas histéricas assistindo pela internet ao vídeo do elefante que pinta seu próprio quadro, como fizera Christina recentemente no laboratório de informática, por não mais que um motivo verbalizado do que parecia ser para ela toda a tristeza sem nome que jamais havia experimentado ou que existisse para essa finalidade na grande matriz etérea da qual toda a vida é uma parte e que foi de algum modo inserida naquele vídeo transmitido para diversão. Ela era a amadurecida tardia e misteriosa que tinha um encontro na sexta-feira com um rapaz do ensino médio e um plano para mostrar a certas pessoas o quanto era possível uma pessoa mudar, assim de uma forma peripeteia, e daí?

Quando passou pela toca do coelho, viu algo mais adiante do sulco na terra – uma mancha de cor que não tinha nada a ver com o local – um tecido, uma camisa. De início pensou que pudesse ser um vagabundo e ficou tensa, mas… vagabundos usavam cor-de-rosa? Deu mais alguns passos para ver melhor. Era uma garota. Deitada nas folhas secas, quase da idade de Christina, um pouco mais velha. O rosto era bonito, mas manchado como o de um palhaço, pelo rímel e um iluminador facial, como se não tivesse lavado a maquiagem da noite anterior, e, quem quer que ela fosse, Christina não a conhecia da escola, embora a reconhecesse de algum lugar. Os olhos da garota estavam abertos e olhavam fixos para o céu com um olhar vidrado e inanimado que fez Christina imaginar

como se pareceria uma pessoa sob o efeito de algum psicotrópico se Christina soubesse exatamente o que era psicotrópico, a não ser pelas histórias a título de advertência que o pai das gêmeas contava de vez em quando sobre gente intoxicada.

Christina deu um passo à frente e começou a perguntar se a garota estava bem, mas não terminou. Largou no chão a sacola que continha um caderno de mola espiral, uma caneta Pilot Precise, um chá gelado diet e uma caixa de camisinhas.

A garota estava no chão, pedaços de galhos e folhas sobre seu cabelo despenteado, braços torcidos em ângulos errados; sua blusa cor-de-rosa tinha a imagem de um bolinho obscenamente congelado no peito e sua pele e lábios tinham uma cor semelhante à cola de borracha e, felizmente oculta da vista de Christina, faltava a metade inferior de seu corpo.

Christina se abaixou encostada ao tronco de uma árvore. Não, senhor. É claro que isso era uma pegadinha, alguma brincadeira barata. Nem parecia mesmo real depois de uma segunda olhada. A época do Halloween está chegando e alguns caras pegaram isso no shopping e largaram por aqui para que alguma garota estúpida como ela tropeçasse nisso e surtasse completamente. E talvez tivesse visto aquela coisa horrível num cartaz em algum lugar e era por isso que a "reconhecera" – mas ainda assim caíra feito um patinho. Provavelmente com uma câmera nela, como se diz. Muito bem, se a brincadeira é essa. Ela estava no meio de algumas mudanças e ali estava uma oportunidade de ouro.

– Ai – disse ela para o torso –, você me assustou para valer aí. – Ela falava com os olhos esbugalhados num tom pornográfico, com o qual ela pessoalmente não tinha familiaridade, mas algumas vezes as gêmeas imitavam. – Ui, você parece um pouco pálida. Você precisa de um… boca a boca?

Ela estava gostando muito do seu próprio desempenho. Os gozadores invisíveis escondidos em algum lugar atrás das árvores deviam estar curtindo aquilo para valer. Bem, pessoal, agora vocês vão ver. Ela ajoelhou-se, corou por seu próprio atrevimento – que putinha!

– Caramba – disse ela –, você tem lábios realmente bonitos.

Ela aproximou sua boca da do manequim. A boca do manequim estava úmida e fétida e sentiu como se tivesse tido um impulso infeliz, mas irresistível, de cheirar um pote de compostagem. Christina caiu para trás com ânsia de vômito. Foi quando percebeu um movimento na nesga cinza-clara da parte inferior do abdome, um pulsar que de início ela pensou que fosse alguma coisa tentando forçar uma saída. Mas foi então que viu que era na verdade um monte de pequenas coisas pulsantes que se alimentavam e que não estavam tentando sair; isso era a última coisa que queriam.

*

Quem sou eu? Qual é a minha nessa?

Eu sou o assassino.

Buu.

SEGUNDA PARTE

NUMINOSO

A Ordem do Dragão

Dos arquivos do Dr. Norman Godfrey:

NG Ninguém usa esta palavra, Sr. Pullman.
FP Esta casa é uma puta loucura, está nas entrelinhas. Verifique minha ficha. Minha sorte é uma merda, não minha cabeça.
NG Verifiquei. Não há qualquer histórico de psicose, e sua ressonância magnética está normal, mas naquele sábado você teve uma noite e tanto, não concorda?
FP …
NG Recorda-se de alguma coisa dela?
FP Verifique a minha ficha. Não há nada de errado com a minha cabeça.
NG Você se incomoda de conversar sobre isso?
FP Qual é o seu nome?
NG Meu nome é Norman. Dr. Norman Godfrey.
FP …
NG Gostaria de conversar sobre a noite de sábado? Sr. Pullman?
FP Por que você está falando comigo?
NG Por que é que o senhor pergunta?
FP O senhor pensa que eu não sei quem o senhor é?
NG Importa qual é o meu nome?
FP Por que o senhor está falando comigo?
NG É justo, está bem. É porque minha filha me pediu. O senhor a encontrou no sábado, lembra-se?
FP …
NG Falemos sobre aquela noite, Sr. Pullman.
FP Falamos sobre ela, e o senhor vai prender minha bunda aqui.
NG Francamente, o senhor já falou mais do que o suficiente sobre a noite em questão para justificar isso. Eu apenas gostaria de lhe dar uma chance de explicar. Agora, o senhor já falou várias vezes para os paramédicos que “eles” fizeram isso com o senhor. O que quis dizer com isso?
FP …
NG O senhor diz que “eles” o mataram.
FP …
NG “Eles” são o governo?

FP Estou com um pau na boca? Não sou maluco, porra.
NG São vozes?
FP …
NG Elas falam com o senhor?
FP … Eu vejo coisas.
NG Como o quê?
FP (*inaudível*)
NG O que o senhor vê, Sr. Pullman?
FP Quem mais irá morrer.
NG … Podemos esperar um momento para o senhor falar um pouco mais sobre o que quis dizer quando falou que tinha sido morto?
FP Que outra porra isso quer dizer?
NG Mas o senhor está aqui sentado agora.
FP Eles me trouxeram de volta.
NG Como foi que fizeram isso?
FP Ressuscitação cardiocerebral.
NG Entendo… O senhor pode me falar sobre Ouroboros, Sr. Pullman?
FP Onde foi que ouviu isso?
NG Foi algo mais que o senhor mencionou repetidamente. Pode me dizer o que significa?
FP Para onde vai a alma? É por isso que eles nos mataram. O plano, tudo isso faz parte do plano deles. Não está certo. Não está certo que agora nós tenhamos de ver coisas como essas. Eu não quero ver.
NG "Nós?"
FP Hoje eu vi o Dragão…
NG Estou tendo dificuldade em acompanhá-lo, Sr. Pullman.
FP Eu o vi. Vi a coisa dentro dela.
NG O que está querendo dizer? Que coisa dentro de quem?
FP A coisa dentro da sua garotinha.

*

Se Brooke Bluebell sacudiu a colmeia, Lisa Willoughby foi como um soco certeiro que a atravessou. Como Brooke, Lisa nascera em Penrose, mas o animal responsável ainda era local. Como o corpo havia ficado exposto durante muitos dias, a espécie ainda continuava uma incógnita, mas o que era mais desconcertante era a total ausência de rastros. Os rastros contam a história. Contam a história de quem é o animal e o que quer e como isso se entrelaça com o tecido do seu ecossistema. Um animal daquele tamanho deixa rastros, que contam sua história, ele não tem escolha. Mas a natureza abomina o vácuo, e

línguas foram soltas, mais uma vez, prontas a preenchê-lo. O medo é uma doença contagiosa; surge no suor e passa de hospedeiro para hospedeiro. O medo é um agente incendiário; alastra-se com a estupidez. Um animal fugido de algum circo, um maluco à solta, um Sasquatch, lendário animal conhecido como Pé Grande, uma experiência alienígena secreta, uma experiência secreta da Torre Branca, lobisomens. Shelley Godfrey.

No dia 5 de novembro, Roman pegou dois caras atormentando sua irmã na seção de armários da quinta série. Ela estava sentada no chão, com a cabeça entre os joelhos, gemendo e babando enquanto uma multidão observava os garotos debruçados sobre ela. *Quem era mais gostosa? Você fez depressa ou devagar? Quem é o próximo? Quem é o próximo…*

Roman foi abrindo caminho com os ombros entre as gêmeas Sworn e fez-se silêncio assim que ele parou; seus olhos verdes de Godfrey eram como balas duras. Os caras afastaram-se para os armários proclamando, de maneira vã e estúpida, sua inocência. Roman olhou para sua irmã no chão. Sua cabeça ainda estava abaixada para frente e seus ombros enormes e corcundas ainda tremiam. Ele olhou nos olhos do segundo cara e num tom impressionante para o motivo, falou: "Beije-o. Beije sua boquinha linda".

O segundo cara pegou seu amigo e juntou seus lábios aos dele. O primeiro garoto deu um soco indignado na orelha de seu pretendente. Roman enfiou um pé contra os armários e ajudou Shelley a se levantar enquanto os dois garotos brigavam no chão, o primeiro atacando com os joelhos e as unhas os avanços obstinados do outro. Shelley e as luzes acima dela brilhavam de modo assincrônico.

No fim do intervalo, Roman aproximou-se de Peter, que estava do lado do prédio cantarolando um sucesso de R&B e esculpindo um sinal indecente na face do tijolo com uma navalha surripiada do laboratório de Biologia. A notícia sobre a segunda garota não causou surpresa nele, mas sim o tempo que demorou que viesse à tona. Agora sabia o que estava acontecendo, ou pelo menos o suficiente para saber o quanto deveria pensar sobre tudo o mais, mas é claro que agora precisaria sacudir o *upir* de sua cauda.

– *Powwow*[2] – disse Roman.

O sinal tocou, e eles foram para a quadra de basquete e sentaram-se encostados na cerca de tela, espantando um monte de pombos que voaram.

– Você tem… certeza de que não foi você? – disse Roman.

– Nunca saio de estômago vazio – disse Peter.

– Tem unzinho aí?

Peter tirou um baseado do bolso.

– Também não fui eu – disse Roman.

– Eu sei – falou Peter.

Roman mascarou seu desânimo por não permanecer como suspeito. Apontou para o pavimento indicando o chão e por baixo do chão.

– Você acha que é…

– Não – disse Peter. – Isso é algo mais do que… estranho.

– Como "mais do que estranho"?

Peter deu de ombros e acendeu o baseado. Roman sabia que ele sabia mais do que estava dizendo e Peter tinha algum prazer em permitir aquele momento para relaxar.

– *Vargulf* – disse ele.

– O quê? – falou Roman.

– *Vargulf* – disse Peter. – Um lobo só irá atacar se estiver com fome, ou se for provocado. Se for normal. Um *vargulf* é um lobo que enlouqueceu.

– Enlouqueceu como? – disse Roman.

– Não come o que matou – falou Peter. – Não é assim desse jeito. É uma doença.

– Você tem certeza de que é assim que é? – disse Roman.

Peter passou o baseado para Roman, sacudindo a cabeça afirmativamente. Tinha sentido isso durante a primeira lua, e na última veio farejando o cheiro da estação, mas não conseguiu descobrir uma pista nem um fio de cabelo; era o oposto de qualquer coisa que jamais havia encontrado; não dizia nada do sexo ou das intenções do outro lobo, o cheiro era… de fúria.

– É alguém que você conheça? – disse Roman.

– Nunca conheci qualquer outro exceto Nicolae. Mas essa cidade é estranha. Você pode sentir isso nas bolas.

Roman sacudiu a cabeça afirmativamente. Inclinou a cabeça para trás e exalou a fumaça.

– Então acho que agora temos de encontrá-lo – disse Roman.

Peter não entendeu.

– Quem?

– O *vargulf* – disse Roman.

Peter não entendeu.

– Por quê?

– Para fazê-lo parar – disse Roman.

Peter riu.

– Não ria de mim – disse Roman mais enfaticamente do que qualquer outra coisa que pudesse dizer.

– Desculpe – disse Peter.

– Ele cortou a garota pela metade – disse Roman.

Peter ficou calado. *E?*

Roman agora estava relutante, sobre a maneira de explicar melhor.

– Você já ouviu falar sobre a Ordem do Dragão? – disse ele.

Peter o olhou. É melhor que seja uma coisa boa.

– Era um grupo de cavaleiros das Cruzadas. Minha mãe costumava nos contar histórias.

Peter olhou-o com mais intensidade.

– Eu… eu sempre quis ser um guerreiro – disse Roman.

Peter chegou à conclusão silenciosa de que aquela conversa estava a ponto de pular várias posições de sua hierarquia.

Roman jogou uma pedra, que caiu perto da chamada linha de queimado no beisebol. Em silêncio contou os paralelogramos formados pelos losangos da cesta de basquete do outro lado. Para ele era difícil admitir. Jamais havia falado sobre isso, mesmo com Letha.

– Você já atacou alguém? – disse ele. – Como o lobo?

– Não – disse Peter.

– Alguma vez você… já quis?

– Nunca tive motivos para isso.

– Nunca acreditei em Deus – disse Roman falando depressa, deixando escapar uma confissão proibida.

– E Nicolae até o dia de sua morte não acreditava que os esquilos não nasciam de ovos – disse Peter, fazendo uso de uma eloquência calculada para cair fora do assunto. Não estava se sentindo à vontade com esse grau de intimidade. Não estava gostando do rumo da conversa. As camadas externas da afetação eram retiradas revelando as necessidades internas do outro rapaz. Necessidades que achou que Peter poderia de alguma forma suprir. A única coisa que assustava Peter mais do que as necessidades das pessoas era uma jaula, embora, no fim das contas, qual era a diferença?

Roman, descuidado, continuava:

– Às vezes vejo coisas – disse. – Vejo essas… sombras, que nunca sei se são reais ou não.

Pronto, era isso. Por trás daquela fachada reservada e imprevisível havia uma batalha, e tinha de decidir o resultado: ele era o herói ou o vilão? E então o que poderia ser mais preto no branco do que a busca para matar o monstro que estava aterrorizando aquela cidade do interior? Uau. Peter não queria colocar o dele na reta com aquilo.

– Roman – falou Peter –, talvez isso seja o tipo de coisa que você deva falar com o orientador educacional.

Roman ficou calado por alguns instantes.

– Você acha que poderia me deixar sozinho agora? – disse ele.

Peter levantou-se e retirou-se da quadra, olhando para trás uma vez para as costas magras de Roman contra a cerca envergada.

2 Palavra usada por indígenas da América do Norte para designar os encontros da comunidade. (N.E.)

Um jovem muito hirsuto

Depois das aulas Peter estava deitado sem camisa na rede ouvindo preguiçosamente seu iPod e coçando os pelos pretos abaixo de seu umbigo. Sentia sinais incomuns de remorso. É claro que a coisa mais nobre a fazer seria oferecer algum tipo de ajuda ao *upir*, mas Peter em geral desconfiava de seus impulsos mais nobres. Embora lamentasse a dor que esse *vargulf* estava causando, e tinha todas as probabilidades de continuar a causar até a sua autoextinção inevitável, a dor era tanto parte da vida quanto o verão e o inverno e a chuva, e não havia ninguém mais otário do que quem acreditava que alguém pudesse curá-la. Que esse alguém era você. Peter não se considerava um derrotista, mas Nicolae tinha ensinado a ele a não coçar onde não estava coçando, e ele tinha uma noção altamente desenvolvida do que era e do que não era problema seu.

Ouviu o barulho de pneus sobre o cascalho da entrada, levantou-se e viu a viatura do xerife chegar. Retirou os fones e saiu da rede enquanto o carro estacionava na entrada e dele saíam Neck e Nose seguidos por uma mulher negra baixinha e de jeans com uma blusa de gola alta. Não era policial. Ela parecia levemente indesejável como uma psicóloga de reformatório ou qualquer das assistentes sociais que não eram estranhas à porta da casa dos Rumancek. Porém existem sapos mais mortais do que tubarões e o cheiro dela não era mais doce do que uma tempestade de problemas que se formava.

– Peter Rumancek? – falou Nose.

– Olá, policiais – falou Peter numa voz simpática e num volume que Lynda pudesse ouvir lá de dentro e jogasse fora o que fosse bom de jogar fora.

– Tirando um bom cochilo aí, jovem Peter? – falou Neck.

– Sim, senhor.

– Bem, tentaremos não tomar muito do seu tempo. Apenas umas palavrinhas, se não for incômodo. Ele acentuou as duas sílabas do meio de palavrinha dando-lhe uma entonação estudada.

– Sim, senhor.

A mulher adiantou-se e estendeu sua mão. Peter era mais baixo do que o normal para sua idade, e ela mal chegava à altura do queixo dele. Ela olhou para seu peito nu.

– Você é um jovem muito hirsuto, não? – disse ela.

– Tem que me dizer o que *hirsuto* significa, senhora – disse Peter.

Ouviu-se um barulho vindo de dentro e Lynda surgiu na porta. Peter olhou e meneou a cabeça discretamente como um sinal para que ela não se preocupasse. Ainda.

– Significa, e desculpe-me por falar assim, "peludo" – disse ela.

– Oh, desculpe, senhora. Nós, os Rumancek, produzimos grandes quantidades saudáveis de testosterona.

Neck soltou um risinho.

– Muito bem – disse ela. – Peter, meu nome é Dra. Chasseur, e sou agente especial do Serviço de Pesca e Vida Silvestre dos Estados Unidos.

– Puxa vida, senhora, jamais pensei que eu fosse assim tão cabeludo.

Neck soltou uma gargalhada.

– Não, não – falou Chasseur –, eu só… bem, olá.

Fetchit estava se esfregando nos tornozelos dela com uma insistência amorosa. Ela abaixou-se até ele e coçou suas orelhas.

Agachada, olhou para cima, para Peter: – Estou aqui devido aos ataques de um animal.

Os colhões de Peter estremeceram.

– Você tem alguma teoria a esse respeito? – disse ela.

– Não, senhora. Mas ouvi algumas bem boas.

– Aposto que sim. – Ela se levantou e olhou-o com um ar amigável. – Suponho que não há chances de você ser um lobisomem, não é, Peter?

– Queira desculpar? – disse Peter. Alguns dos palavrões mais incríveis em gaélico brilharam por trás de seus olhos.

– Quando a lua está cheia, você sai por aí na pele de um lobo?

– Não, senhor – disse. – Senhora.

– Muito bem – disse ela. – Então está bem.

– Poderia fazer uma pergunta… Por que, senhora?

– Você conhece Christina Wendall?

– Sim, senhora – disse ele.

– E sabe que foi ela quem descobriu Lisa Willoughby?

– Sim, senhora.

– Você pode dizer por que ela acha que você é um lobisomem, Peter?

Peter pensou rápido.

– Porque eu disse isso a ela, senhora.

– Havia algum motivo em particular para dizer-lhe isso?

– Bem… porque ela perguntou.

– Havia algum motivo em particular para ela perguntar?

– É que meu dedo médio e meu dedo indicador são do mesmo tamanho. – Estendeu a palma da mão. Neck deu um assobio.

– E essa é uma característica dos lobisomens? – disse Chasseur.

– Achei que isso queria dizer que a pessoa era lésbica – disse Neck.

– Acredito que na verdade você esteja se referindo a uma grande discrepância entre o comprimento do dedo indicador e do dedo anular em mulheres homossexuais sugerindo altos níveis de androgenia – disse Chasseur. De volta a Peter: – Então isso significa que você é um lobisomem.

– Parece que ela pensa assim, senhora. Mas não sou especialista nessa questão de lobisomens e lésbicas.

– Então você continua a negar todas as alegações de que é lobisomem?

– Sim, senhora. Não há nada disso, senhora.

– E você realmente acredita nisso, Peter?

– Achei que isso fosse um fato científico, senhora.

– Provar uma negação é fazer um uso errado dos termos *ciência* e *fato*, Peter.

Ele juntou os dedos.

– Achei que faltava só um pouquinho para ser um fato científico, senhora.

Ela assentiu.

– Você alguma vez já ouviu a expressão *licantropia clínica*, Peter? – perguntou ela. Cada vez que ela falava o nome dele, era como colocar um naco de manteiga numa fatia de botulismo.

– Não, senhora.

– É uma doença que faz a pessoa acreditar que é um lobisomem, e a agir como tal.

– Há todo o tipo de gente neste mundo, senhora.

– Você conhecia Lisa Willoughby ou Brooke Bluebell?

– Não, senhora.

– O que é que você e Roman Godfrey estavam fazendo em Kilderry Park na noite de 2 de outubro? – perguntou Nose.

– Estávamos caçando vaga-lumes, senhor.

Nose fez uma cara feia, mas um olhar rápido da mulher censurou seu instinto natural intimidador de retaliação. Peter, que era uma pessoa sobre quem várias delegacias nesse dia tinham interesse, imaginou (entre outras coisas) o que teria dado a uma especialista do Serviço de Pesca e Vida Silvestre tal tranquilidade, confiança e habilidade técnica para questionar um ser humano.

– Roman Godfrey acha que é lobisomem? – disse Chasseur.

– Não tenho procuração para falar por ele – disse Peter.

– Arrisque um palpite.

– Acho melhor não.

Fetchit começou a brincar com o cordão do sapato de Nose, que olhou com raiva para a insolência daquele quadrúpede.

Peter pegou o gato em seus braços.

– Você gosta de gatos? – disse Chasseur.

– Todas as criaturas, grandes ou pequenas, senhora. Deu um beijo no gato para concluir seu argumento, e este se contorceu em seus braços demonstrando ter coisas mais prementes a fazer do que receber afeto de graça.

Depois da conclusão do encontro, Peter esperou até que o ruído da viatura estivesse longe antes de entrar, vestir um agasalho e dizer à mãe que não o esperasse. Ela lhe disse que levasse algumas fatias de pão e alguns cigarros e que tivesse cuidado. Ele disse: “Terei”.

Alguns outros adjetivos

A Mansão Godfrey era uma construção pesada e funcional de estilo colonial georgiano voltada para o rio no topo da montanha mais alta da cidade na região administrativa, e tinha a aparência, para os que estavam abaixo, de uma presa de marfim ordinária e sombria. O terreno era cercado em três lados por uma floresta de carvalhos-vermelhos com uma população de formas obscuras e vagamente chifrudas que emitiam esporadicamente um som parecido com *hoo hoo... hoo hoo...* Na estrada circular estavam o Jaguar de Roman e uma picape Ford F-150. Havia uma luz acesa no sótão. Peter tocou a campainha da porta e a mãe de Roman respondeu. Ela estava usando um robe branco e seu cabelo estava úmido, e ela veio andando e parou sob a lua cheia como se fosse leite sendo derramado, e embora não tivesse tido nem tempo nem intenção de se maquiar depois do banho, seus lábios eram de um vermelho chocante que pela presente contração de dissabor causaram dentro dos circuitos mais íntimos de Peter um súbito e confuso fogo cruzado com a subida e a descida simultânea de seu pau por causa daquela aparição. Ele tentou imaginar Shelley Godfrey nascendo… daquilo. Nicolae lhe dissera que a palavra *upir* era estranha e confusa como definição para um simples homem-lobo. Peter pensava em alguns outros adjetivos.

– Pois não? – disse Olivia num tom que sugeria que ele devia estar agradecido por ela não ter batido a porta em seu nariz. Mas isso ainda não estava fora do reino das possibilidades.

– Roman está? – disse Peter.

– Posso perguntar quem deseja saber?

– Peter. Somos colegas de turma em Inglês.

– Posso perguntar o motivo?

– Grupo de estudos – disse ele.

– Hum. – Essa sílaba denotava um debate interno entre avisar o filho ou as autoridades.

– Irei avisá-lo – disse ela. Pensou um instante. – Você pode entrar.

Peter esperou no vestíbulo enquanto ela se retirava para o corredor. Em uma das paredes havia uma pintura antiga e lascada de um querubim grotescamente gordo, com covinhas e gordurinhas, asas ridiculamente pequenas e uma boca sorridente manchada de chocolate. Talvez chocolate. Na outra havia uma grande

fotografia emoldurada de uma vulva hermafrodita inchada e multicolorida. As sobrancelhas de Peter se juntaram. Não era – era uma flor, um close de um estame e de um estigma de uma tulipa. Peter estava ainda extasiado por aquela intrincada obscenidade arbórea, quando Roman surgiu sozinho.

– E aí? – disse ele com o frio desinteresse de uma mulher desprezada.

– Nosso papo – disse Peter.

Roman levou-o para o seu quarto, que tinha quase o tamanho do *trailer* de Peter. Na porta havia a imagem de um crucifixo com uma serpente enrolada nele. A cauda da serpente estava em sua boca. Por outro lado havia uma quase total falta de decoração, exceto por um engate de vagões de trem, um retângulo de ferro empenado e enferrujado, montado na parede. Que, apesar de sua aparência simples, Peter percebeu imediatamente, sem que o outro precisasse dizer, era a coisa mais valiosa que Roman possuía.

– Bem? – disse Roman com a fria e desinteressada satisfação de uma mulher desprezada para a qual você voltava, rastejando.

– Continuação – disse Peter. E descreveu para Roman o encontro da tarde.

Roman avaliou a história com uma expressão descompromissada.

– E daí? A garota Wendall entrou totalmente em pânico. Eles não podem estar levando isso a sério.

– Não é tão simples assim – disse Peter. – Essa mulher é o que ela diz que é, só se for para otário acreditar.

Roman assentiu, pelo aborrecimento do encontro anterior parecia ter perdido sua força diante desta nova intriga.

– Como é ela? – disse ele.

– Ela é um trator – disse Peter.

Roman deu de ombros.

– E eu com isso? As únicas pessoas que realmente sabem quem você é são sua mamãe e eu. – Ficou na defensiva. – E eu sei como ficar de bico calado.

– Não é por isso que vim até aqui – disse Peter, mentindo: metade de seu motivo para ir lá era para evitar que o *upir* abrisse o bico.

– Então o que você tem medo que ela desenterre?

– Nicolae – disse Peter.

– Ele ainda está vivo?

– Não. Mas se for fundo vai acabar descobrindo.

Roman olhou para ele.

– Que Nicolae era um assassino – disse Peter.

O sabor do medo

Nicolae era como um gatinho por natureza. Em seus últimos anos deu nomes para cada um dos patos que alimentava, e os musicais o faziam chorar. Mais do que qualquer coisa adorava seus domingos com Peter. Nesse dia permitia que Peter o ajudasse enquanto saía com um martelo e um carrinho de mão à procura de carros que tivessem um amassado que precisasse de conserto. Peter o ajudava fingindo-se de retardado, pois as pessoas ficavam satisfeitas de dar trabalho àquele homem com um garoto retardado, e isso o fazia se sentir esperto e útil. Depois iam embora dividir o lucro e imediatamente gastar a parte que cabia a Peter em sorvetes ou no fliperama. Nicolae nunca deixava que ele guardasse dinheiro; um homem rico, dizia ele, era aquele que gastava um milhão. Mais tarde, quando a mudança começou a se operar em Peter, Nicolae foi o único que lhe mostrou a maneira correta de ser de um lobo, não como uma cirurgia cerebral, mas de forma não menos importante: não cace se não estiver com fome, e quando caçar ataque pelos flancos, evitando dessa maneira as galhadas pela frente e os coices por trás; e quando estiver preenchido pela canção do universo, isto é, o espírito vivo que passa e une todas as coisas, jogue a cabeça para trás, feche os olhos e participe.

Embora Nicolae tivesse um coração de ouro, a substância de seu cérebro talvez não fosse um bem tão valioso, e quando era jovem estragava tudo da pior forma para si mesmo. Fazia parte de uma *kumpania* em sua terra, e por ser um dos sete rapazes Rumancek, e sendo os rapazes Rumancek tão confiáveis para guardar segredos quanto uma mulher com um mapa, o fato de uma vez por mês despir seu casaco de homem e vagar pela jurisdição de arcanos e deuses sem lei não só era do conhecimento geral como também fazia daquele jovem uma figura mais festejada do que os dançarinos mais talentosos ou os tocadores de saltérios. Como as mulheres velhas ficavam bobas e as jovens riam disfarçadamente quando aquele Rumancek passava por elas com seu ar confiante e arrogante. Era de fato como estar vivendo por cima da carne-seca. Foi por isso, para aumentar sua reputação, que permitiu que uma tradição surgisse entre seus irmãos e os amigos deles, um verdadeiro clube de cavalheiros, a de ficarem inteiramente bêbados antes da mudança e então roubarem um porco ou um carneiro e assistirem a Nicolae devorá-lo. Melhor que ir ao cinema! É claro que o mais velho e mais sábio fazia com os dedos um sinal de advertência sobre a única

moral possível dessa história – crianças que brincam com fogo produzem um resultado, assim como bêbados que brincam com lobisomens produzem outro –, e foi assim que aconteceu: a noite em que o camarada engraçado da turma decidiu que seria o máximo roubar um osso da boca do lobo.

De início, os outros tentaram pedaços de paus, depois pedras e finalmente armas, mas já era tarde demais. Uma vez que o lobo sente o sabor do medo, tudo o que se pode fazer é retirar-se devagar para evitar uma provocação maior, e em seguida correr e rezar para que alguém do grupo seja mais lerdo.

Assim foi. Acabou mesmo antes de começar. Acabou tudo. Matar uma pessoa é algo que não existe nos tribunais ciganos. É impensável. É impensável que uma pessoa faça isso. Por isso não há castigo, não há sanção contra algo tão irreconciliável com o espírito vivo que passa e une todas as coisas. Não há mais nada para aquele que fez semelhante coisa, ele não existe mais. E nenhum castigo é maior, é como ter seu coração removido. Na manhã seguinte Nicolae acordou sobre a terra nua onde o sangue de seu amigo derretera a neve ao som do ranger das rodas de uma carroça e todos os seus irmãos estavam partindo, ao som de seu coração sendo retirado de seu corpo.

– É daí que vem isto – disse Peter.

Bateu em seu tórax onde havia a tatuagem de um *g*.

– Isso quer dizer: *gadjo*. Marginal. Nicolae ficava à margem de todos os mundos, e eu estou do lado dele.

– Como foi que ele chegou até aqui? – disse Roman.

– Só havia um jeito. Ele era invisível para todo mundo e teria se enrolado e morrido com seu polegar enfiado no cu se não fossem seus dois amigos mais antigos no mundo: seus pés. Assim ele caminhou. Dia e noite caminhou na chuva e no sol e não parou até chegar à América. E começou novamente.

– Não se pode vir caminhando até a América, existe um oceano – disse Roman.

– Bem, ele encontrou um jeito de lambê-lo – disse Peter.

Roman olhou para ele.

– Está na Bíblia – disse Peter.

– Na Bíblia é um milagre, você não o lambe – disse Roman.

– Mas foi o que fez – disse Peter. – Assim estava escrito, e Nicolae não sabia como escrever isso de si próprio e logo percebeu que, se alguém fez esse trabalho extra, aquilo só poderia ser verdade. Assim caminhou para cima e para baixo da praia até que em sua mente ele o lambeu e então entrou pela terra adentro até que encontrou um lago e amarrou folhas de lírios nas solas de seus sapatos. E foi desse modo que caminhou até a América.

Roman não estava satisfeito. Mas ao perceber que essa linha de interrogatório era um beco sem saída, mudou de assunto. Perguntou o que isso tinha a ver com Peter.

– Este é o meu sangue – disse Peter. – Sangue… mancha.

Roman pegou o engate e ergueu-o, sentindo o seu peso.

– Merda – disse Roman.

– Merda – disse Peter.

– Quem é que você acha que na verdade é essa tal Chasseur? – disse Roman.

– Preciso descobrir, assim como preciso ter uma orelha extra em meu pau para que ouça eu me masturbar – disse Peter. – Vamos deixar uma coisa clara, só tem uma coisa que interessa agora: não me colocarem numa jaula.

Roman ficou quieto.

– E agora?

– Faremos o que você disse – disse Peter. – Achamos o *vargulf*. E o fazemos parar.

Roman bateu algumas vezes com a palma da mão no engate.

– Como?

– Se der tempo antes da próxima lua, vamos ajudá-lo – disse Peter. – É possível que nem ao menos saiba o que está fazendo.

– E se não der tempo?

– Eu o mato.

Roman olhou para o outro rapaz, que escondia um lobo.

– Você faria isso?

– Faria o que fosse necessário – disse Peter, que na hora da verdade, um tempo atrás, havia falhado ao não torcer o pescoço de uma raposa moribunda em um ato de misericórdia e não podia prometer a si mesmo o que faria ou não com tantas outras coisas em uma situação de risco que se repetia. Mas sabia que devia vender isso de forma convincente para o bem dos recursos nada insignificantes do *upir*.

– Então, se fôssemos nessa – disse Roman alongando a palavra *se* para dar a falsa impressão de que não havia qualquer dúvida em sua mente –, por onde começaríamos?

– Lisa Willoughby – disse Peter.

– Isso parece um beco sem saída – disse Roman.

– Ao que restou dela – disse Peter. – Vamos descobrir onde eles a enterraram.

– Por quê?

– Porque iremos desenterrá-la.

Peter não estava certo de que a luz de júbilo que brilhou subitamente nos olhos verdes Godfrey de Roman era um indicativo de quão auspiciosa ou

catastrófica seria essa parceria.

– Não estamos nos chamando a nós mesmos de “cavaleiros da Ordem do Dragão” – disse Peter.

– Você… sabe qual é? – disse Roman, hesitante em mudar de assunto. – O gosto do medo?

Peter não sabia do que menos gostava: se da ideia de formular uma resposta apropriada para aquela pergunta ou se do fato de ela ter sido feita. Assim empregou uma estratégia que tinha aperfeiçoado ao lidar com o sexo oposto: responder naturalmente como se fosse uma conversa inteiramente diferente.

– Aquele vagabundo que vive lá em Kilderry Park – disse Peter. – Podemos também tentar falar com ele… quem sabe viu alguma coisa.

Roman estava calado.

– Que vagabundo? – disse ele.

*

Dos arquivos de Norman Godfrey:

NG O senhor queria me ver?
FP …
NG Senhor Pullman? Francis?
FP Eu… vi aquilo.
NG O quê?
FP Havia outra. Eu não sabia que havia outra.
NG Outra o quê?
FP …
NG O senhor não sabia que havia outra o quê?
FP Outra garota.
NG O que foi que viu, Francis?

*

Letha estava dormindo quando uma tensão obscura a acordou e ela viu uma silhueta palpável em pé no seu portal.

– Papai?

– Desculpe – disse o Dr. Godfrey. – Não tive a intenção de acordá-la.

– Está bem, mas… está tudo bem com você?

Ele pensou na resposta.

– Não – disse ele.

– Por que não vem até aqui? – disse ela.

Por um instante pareceu que ele não tinha ouvido. Mas então, como em transe, ele foi até a cama e sentou-se. Colocou as mãos sobre o colo. Ela sentiu o cheiro do uísque nele e, na condição em que estava, o cheiro era nauseabundo, cheiro de um homem que sofria. Ela tocou seu braço.

– Não precisa se preocupar comigo – disse ela. – Vou ficar afastada do bosque. Não vou mais andar sozinha, vou ficar segura, papai. Sei que o seu negócio é ficar preocupado, mas o meu é ficar segura. Passou a outra mão pela barriga.

Ele olhou para a pequena mão, a pequena mão daquela pessoinha repousada em seu braço. A história de Pullman no início da noite teve um detalhe sobre o assassinato de Bluebell confirmado pelo departamento do xerife e que não apareceu no jornal: embora o corpo tenha sido aberto, o animal que fez aquilo deixou órgãos vitais intactos e consumiu apenas a gordura corporal. O que significa que ela estava viva; estava viva e vendo a si própria ser comida. Quando solicitado pelo jornal a dar um depoimento, declarou que, em sua opinião, aquele era um estado de emergência. Mas criar uma filha tem algum outro nome? Há um problema característico do estudo da mente e é aquele em que o sujeito do estudo é também o seu instrumento, como um microscópio visto num microscópio. Ele olhou para a sombra do entrelaçamento dos galhos projetado pela luz do poste da rua na persiana dela.

– Papai? – disse ela. – Por que é que você está chorando?

*

CRIATURA MISTERIOSA: CÃO DO DEMÔNIO?
Todd Palermo, Easter Valley Bugle

O predador até então desconhecido responsável pelos ferimentos fatais de Brooke Bluebell e Lisa Willoughby em Hemlock Grove foi descrito por testemunhas oculares como “um cão preto enorme, da altura de um homem, pesando pelo menos 140 quilogramas, com olhos amarelos brilhantes”.

Francis Pullman, 53 anos, paciente do Instituto Hemlock Acres para a Saúde Mental, apresentou-se na noite passada afirmando que vira o primeiro ataque. Pullman é um sem-teto, veterano do exército dos Estados Unidos. Falou que estava dormindo em Kilderry Park na noite de 30 de setembro quando acordou com o som de gritos. A vítima, Brooke Bluebell, veio correndo de dentro da floresta seguida de perto pelo “cão do demônio”.

“Ela tinha uma vantagem de três a quatro metros e meio de distância, mas assim que chegaram ao espaço aberto ele lançou-se diretamente sobre ela. Eu tinha visto uma vez um cão com raiva, mas esse não era nada assim. Esse não era natural.”

Pullman, que foi internado na semana anterior muito agitado, desculpou-se por não ter dito nada antes, já que aquela havia sido uma experiência profundamente traumática para ele.

Quando encontrado para comentar, o Dr. Norman Godfrey, psiquiatra-chefe do instituto, recusou-se a fazer especulações sobre a verossimilhança do relato de Pullman, baseado na confidencialidade médico-paciente.

“Tudo o que posso recomendar é que todos os pais considerem este um estado de emergência”, disse ele. “É inadmissível que em algum momento você não tenha certeza de onde seu filho está e se ele está bem.”

O xerife Thomas Sworn, entretanto, avisou que não se devia dar muito crédito ao relato de Pullman.

“Estamos cogitando em arrolar o Sr. Pullman como testemunha desta tragédia, e somos gratos a ele por qualquer esclarecimento que possa trazer”, disse ele numa declaração oficial à imprensa. “Porém estamos recebendo ajuda de especialistas neste caso, e embora os ferimentos sejam compatíveis com algum animal de grande porte, não existe na face da terra qualquer espécie canina que corresponda a essa descrição, sem falar no tipo de evidência que teria deixado.”

O xerife Sworn lembrou que era noite e que Pullman tinha um histórico de uso abusivo de narcóticos e que “às vezes a mente nos prega peças. Não quero que se desenvolva um estado de pânico. Nosso trabalho é encontrar essa coisa, e como pai de gêmeas que sou, prometo que é o que vou fazer. Logo”.

Até lá, recomendava aos moradores que tomassem precauções, “porém contra uma fera, não contra um cão fantasma. Seus dentes são bastante verdadeiros”.

De mau gosto

Dos arquivos do Dr. Norman Godfrey:

De: morningstar314@yahoo.com
Para: ngodfrey@hacres.net
Assunto: O melhor amigo de uma garota

Querido Tio,

Uma briga mortal nesta manhã. Eu estava lendo o jornal ("cão do diabo?" horrendo, horrendo…) quando Roman veio tomar café, mamãe na mesma hora caiu em cima dele por causa do convidado que ele recebeu ontem à noite, pois ele foi visitado inesperadamente por aquele mau elemento, o cigano Peter – que decidi, com toda certeza não ser o nosso cão do demônio… Bem, com quase toda a certeza – e tiveram uma longa conversa a portas fechadas (como eu gostaria de ter escutado às escondidas! – ai de mim, os impulsos furtivos de sua adorável sobrinha são inversamente proporcionais ao seu tamanho. Receio que não me daria muito bem de capa e espada a não ser em alguma conspiração de cegos, surdos e mudos, mas mesmo assim, suponho que acabaria machucada). Mamãe quis saber o que tinham feito. Roman respondeu que eram parceiros num trabalho da escola. Mamãe não ficou satisfeita com essa evidente resposta evasiva.

"Você quer a verdade?", disse Roman.
"Sim", disse mamãe.

Roman fez um relato comprido e descritivo de um caso homossexual.

"Mas não se preocupe", culminou, "trata-se só de [PALAVRÃO DELETADO]."

Desnecessário dizer, não foi muito antes de começarem a lançar os costumeiros estilingues e flechas envenenadas. E, apesar da familiaridade infeliz com o fenômeno, ele ainda me deixa desconcertada: como é que duas pessoas cujo amor de uma pela outra é tão grande podem encontrar palavras de tamanho

ódio? Talvez um dia eu venha a entender, mas não estou impaciente pelo esclarecimento.

Sinto-me consternada em informar que essa não é a única evidência do declínio geral do temperamento de mamãe ultimamente. Fui com Roman ao shopping no fim de semana passado (precisava de outro exemplar de *Além do bem e do mal*; rasguei o meu ao meio de raiva, mas refletindo melhor decidi que havia alguns pontos que valiam a pena – de maneira sempre tentadora, *Herr* Nietzsche – reavaliar), e quem encontramos lá senão Jenny do clube! Ela esteve ausente de nosso jantar mais recente e para minha surpresa estava trabalhando numa liquidação na butique de brincos. Cutuquei Roman derrubando-o acidentalmente e me contive de colocá-lo debaixo de meu braço como uma mala para apressar nosso cumprimento (às vezes me animo demais).

Mas, ao nos aproximarmos de Jenny, ela nos olhou com uma evidente falta de entusiasmo e nos deu um simples aceno com a cabeça. É claro que fiquei sentida e torturei meus miolos à procura de alguma coisa que pudesse ter feito para ofendê-la. Como sempre, minha primeira suposição foi que a culpa tinha sido minha.

Contudo, meu irmão com sua indiferença característica estampada na face aos caprichos do sexo frágil, perguntou como ela estava.

"Terrível", respondeu ela na lata. "A louca da [PALAVRÃO DELETADO] da sua mãe me despediu."

Fiquei horrorizada por minha mãe e ao mesmo tempo por ouvir Jenny falar dela daquela maneira.

"É, bem, ela é uma [PALAVRÃO DELETADO] sobre pernas de pau", falou Roman. "Relaxa."

Isso foi ainda mais penoso. É claro que ele falou coisas muito piores lá em casa, mas falar dessa maneira nesse ambiente público… mostrei os dentes como um cão nervoso (do tipo doméstico e manso).

Mas o senso de humor de meu irmão teve seu efeito seguro sobre a *mademoiselle* – que demonstrou um prazer visível por todo o cinismo facilmente romantizado do suposto herdeiro do trono.

“Você acha que tem problemas?”, continuou Roman, impressionado com o seu próprio desempenho. “Pelo menos seus miolos não terminaram enfeitando o revestimento da parede.”

Meus joelhos estremeceram e dificilmente penso que esse relato seja algo prazeroso para você, mas além de meu tio mais querido, você é o meu médico de confiança, e dependo tanto de sua compaixão profissional quanto familiar. Tenho certeza de que você também já ouviu as piadas vulgares implicando mamãe nessa grande tragédia da família, e na maior parte sou capaz de fazer ouvidos moucos para tais insinuações sombrias, mas ouvir uma lista delas tão estupidamente saída dos lábios de meu irmão… Precisei de toda a determinação para permanecer impassível – para não dizer de pé.
Jenny riu do jeito que o sexo frágil costuma fazer por causa de Roman. “Você é maldoso”, diagnosticou ela. E então, estimulada pelo mau humor inicial, virou-se para mim e enfeitou a via pública com um daqueles sorrisos que muitas vezes iluminaram nossos jantares, e minha tristeza passou a ser uma lembrança não lamentada. É verdadeiramente assombroso como muitos problemas do mundo podem ser apagados por um simples sorriso. Ela tocou as orelhas e disse: “Veio atrás de acessórios, querida?”.

Devolvi o sorriso dela com meu próprio fac-símile e sacudi a cabeça.

“Sabe o que ficaria fabuloso em você?”, disse ela, e abriu uma vitrina da coleção mais exclusiva e tirou um par de brincos de diamantes em forma de lágrimas que quase rivalizariam com alguns da mamãe.

“Esta é a coisa mais bela que temos”, disse ela. “Está só esperando a mulher certa. Venha até aqui.”

Inclinei-me com uma alegria maldosa e contemplei o espelho enquanto ela segurava outro perto de minha orelha, e mesmo a justaposição de sua mão fina com aquele semblante monstruoso (que, embora seja minha aparência, não chamarei de meu reflexo) não escureceu meu espírito, uma vez mais. Ao contrário, tanto Jenny, tão bonita, quanto eu, Shelley, sua antítese, estávamos igualmente encantadas com a farsa suave de que uma coisa de beleza tão delicada podia cair tão bem naquela outra tão grotesca.

“*Jolie fille*”, exclamou Jenny. “O que é que você acha, irmãozão? Não parece estar além de suas posses.”

“Brilhante”, disse Roman. “A mamãe iria [PALAVRÃO DELETADO] uma bola de boliche.”

“Bem, acho que sua mãe simplesmente não quer competição.”

Eu seria dificilmente notada debaixo da luz do dia, mas comecei levemente a brilhar.

Mas o sinal irá tocar em breve (oitavo período, ele toca para ti). Christina faltou hoje outra vez, pobre garota. Ninguém pode imaginar o pedágio que está sendo cobrado daquela inocente por ter tropeçado no trabalho do cão do demônio. Enviei-lhe um cartão com um poema modesto para lhe dar, talvez, coragem (não! não irei repeti-lo aqui) e mencionei também seu nome caso ela quisesse consultar um profissional. Apesar de minhas próprias dificuldades de dicção, você jamais irá ter uma representante mais vocal para os necessitados.

Sei bem todo o fardo que você carrega, Tio. O peso dele está entre suas palavras. Desculpe minha presunção, mas quando estou fazendo minha própria reconciliação – pelo menos tento! –, busco coragem, às vezes, quando deixo o meu medo de lado e me lembro destas palavras:

“Não sei dizer como ele se eleva sobre os ventos através das nuvens e voa pelo céu. Hoje eu vi o Dragão.”

Irrepreensivelmente sua,
S.G.

*

Letha estava caminhando para pegar o ônibus depois da aula quando Roman deu um puxão na alça de sua bolsa e disse que iria levá-la em casa. Em seu carro Peter esperava junto com Shelley; usava um boné xadrez de motorista herdado de alguém e fazia malabarismo com três pedras pequenas enquanto ela buscava fôlego, cativada. Até agora a impressão geral que Letha tinha de Peter era de aversão. Não que tivessem tido alguma interação real, mas ela o via como um desses rapazes com mães superprotetoras e um proporcional senso do próprio charme, grosseiramente inflado. O que não quer dizer que ela não se sentisse triste pelo ostracismo social dele de uma forma genérica, mas isso não podia ser uma justificativa para o fato de ele olhar de forma pervertida para qualquer rabo de saia que passava, com a certeza aparente de que quando era flagrado sua olhada grosseira era algum tipo de lisonja. E essa exibição performática de

agora, algo inerentemente triste e estúpido, mostrar uma inútil habilidade que exigia um investimento de horas em algo totalmente fora de seus valores, como com os skatistas para os quais ela sempre cruzava os dedos para que sofressem uma queda. A verdade é que, se outras pessoas são babacas com você, isso não faz de você uma pessoa babaca. Então o clímax: Peter se ajoelhou e pegou duas das pedras com seu boné e fez uma cara de que estou-esquecendo-de-algo meio segundo antes de a terceira cair sobre sua cabeça. Shelley aplaudiu intensamente. E foi com isso, que não é muito, que Letha reviu sua opinião, quando o fundo do seu coração se abriu e balançou vagarosamente, para lá e para cá. Se você nunca foi uma jovem garota, talvez não saiba como é isso.

– Tem mais? – disse Roman.

– Não na presença das damas – disse Peter arqueando uma sobrancelha para Shelley. Ela escondeu o rosto com as mãos, rindo.

Entraram no carro e ganharam a estrada. Roman perguntou se Peter e Letha já tinham sido apresentados.

Letha virou-se para o banco detrás. Estava confusa. De alguma forma, na sua avaliação de que o rosto redondo e moreno, a barba selvagem e os olhos amendoados e fundos de Peter eram vulgares e fúteis, escapou de sua atenção que aquele era possivelmente o rosto mais interessante que havia visto em toda a sua vida, um enigma que ansiava por ser decifrado – vaidade e vulgaridade, gêmeas guardiãs de algum mistério incompreensível que, não é preciso dizer, ela iria ter de possuir. Deixou sua mão ficar no descanso de cabeça com receio de que, se a levantasse para apertar a dele, acabaria por tocar em seu rosto, pelo mesmo motivo que não suportava museus. Quem é que suporta ficar sentado olhando para as coisas?

Peter ficou imaginando por que a prima de Roman o olhava daquela maneira, e por que não apertava sua mão. Essa família.

– Você nos faria um favor? – disse Roman.

– Roman Godfrey, não me diga que você tinha um motivo oculto – disse Letha.

– Sabe aquele cara que nós quase atropelamos? Aquele que viu Brooke Bluebell?

Ela falou desconfiada:

– Sim?

– Fale com seu pai. Veja se consegue descobrir mais sobre ele. Coisas que não saíram no jornal.

Ali, teve um palpite. Sua suposição imediata sobre a presença do outro rapaz era que Roman estava saindo com ele para encher a paciência de sua mãe, mas não seria surpresa haver outro objetivo imbecil e potencialmente calamitoso.

– O que é que vocês dois pretendem fazer? – disse ela.

– É segredo – disse Roman.

– Vamos caçar o cão do demônio – disse Peter.

Roman deu uma olhada para ele, pelo retrovisor. Peter deu de ombros. A declaração de sua missão retardada com certeza era menos incendiária do que uma conspiração aparente.

– Não vão, não – disse Letha, com menos contradição do que desejo de que aquilo fosse verdade.

– Nós achamos que não é assim tão complicado – disse Roman.

Ela o olhou por causa desse *Nós*.

– O cão do demônio é na verdade uma pessoa – disse Roman.

– Você andou bebendo? – disse Letha.

– Letha, esse cara está machucando as pessoas – disse Roman.

Letha contou pelos dedos:

– A: não e um "cara", é uma "coisa"; B: supondo que você tenha um bom motivo para pensar que seja uma pessoa, não pode realmente se achar melhor do que profissionais treinados para irem atrás dele; e C: ainda deixando A e B de lado, o que é que você pensa que um doente mental seja capaz de lhe contar?

Roman ficou calado.

– Isso é um sim? – disse ele.

– D – disse ela – supondo que seja uma pessoa e supondo que a encontre: o que é que vai fazer?

– O que é que você acha, querida? – disse Roman. – Botá-lo em cana.

Letha voltou-se para o cérebro (se é que podia ser assim chamado) dessa operação com o olhar da mãe castradora com o qual nascem todas as mulheres.

– Posso perguntar qual é o bem que pensam que possa resultar disso?

Ele confrontou o olhar dela com uma cara que demonstrava grande raridade: sem um pingo de necessidade de se justificar.

– Não – disse ele.

Pararam num sinal vermelho diante de um caminhão de lixo e ela o estudou e lutou contra os impulsos conflitantes da tarefa sempre hercúlea de salvar Roman de si mesmo, e em sua nova condição cheia de fé de concordar com qualquer coisa que esse misterioso imbecil lhe pedisse, seus ouvidos foram inundados pelo barulho implacável do compactador de lixo vizinho.

Roman deixou Peter depois de Letha e lhe disse que voltaria à meia-noite para pegá-lo. Acrescentou que seria melhor que Peter não fosse mais à sua casa – envolver-se sozinho numa série de crimes horríveis era exatamente o tipo de coisa que sua mãe iria considerar como aparecer para um jantar festivo sem levar uma garrafa de vinho: de mau gosto. Peter não ficou magoado. Não ficou

convencido, como havia ocorrido com a maioria de seus ancestrais, de que o mau olhado podia matar, mas também resolveu não arriscar.

Da cozinha, Lynda olhou para fora e viu um gigante malfeito numa carroça que sacudia e rangia subindo a montanha. Olhou de lado, seu cigarro colocado precariamente sobre uma caçarola fora do fogo.

– Bem, serei amaldiçoada – disse ela.

*

As gêmeas foram ficar com Christina. Trouxeram-lhe os deveres de casa e uma caixa de biscoitos que elas poderiam vomitar mais tarde e um disco para se sentirem melhor. Alyssa lhe contou que ela tinha ganhado uma tremenda fama e Christina disse que achava isso legal. Alexa perguntou se ela tinha tomado algum tranquilizante forte e Christina falou que sim. Alyssa perguntou se ela estava bem para conversar.

– Não há muito que falar sobre isso – disse Christina. – Encontrei uma pessoa pela metade.

As gêmeas ficaram caladas.

– E, além disso, dei em cima dela – disse Christina.

As gêmeas ficaram caladas.

– Pensei que fosse de mentira, sabe? – disse Christina. – Como uma brincadeira. Então a beijei. Achei que ia ser divertido.

As gêmeas se entreolharam. Em seguida, ao mesmo tempo, explodiram em risinhos histéricos.

– Lésbica! – soltou Alyssa num grito agudo.

Christina não riu junto. Não que estivesse chateada, mas o som das risadas delas, era a primeira vez que alguma coisa a fazia se sentir uma pessoa viva desde que descobriu aquela que foi descartada pelo lobisomem, e estava muito ocupada em tentar entender aquilo, ficar só com aquilo um pouco mais.

O tom de voz de Alexa tornou-se mais cauteloso outra vez e ela perguntou se Christina tinha visto o jornal.

Christina brincava com o cadarço da calça de seu pijama.

– Sim. Mamãe tentou escondê-lo de mim, mas ouvi alguma coisa no radio e vi na internet.

– Você… ainda acha que é aquele cara? – disse Alyssa.

– É sim – disse Christina.

Alexa abriu e fechou a caixinha do CD. De repente se levantou e disse: – Vou colocar isto para tocar. Oh, meu Deus, ele é tão genial. Todos os necrófilos devem ser muito sortudos.

Ela colocou o CD. Alyssa sentou-se na cama afastada de Christina e a chamou, e Christina deitou a cabeça no colo da outra garota e fechou os olhos enquanto tocava a primeira faixa e Alyssa acariciou seus cabelos. A primeira faixa foi a canção marcante de dois verões atrás, que durante o curso daqueles meses as três a cantaram nas muitas vezes em que foram dormir juntas, na piscina, no shopping e no banco detrás do pobre carro do xerife, e quando chegou o outono elas cerimoniosamente derreteram o disco no micro-ondas com a revolta de uma coisa que tinha sido amada de forma compartilhada. Christina estava deitada com aqueles dedos percorrendo seus cabelos e repetindo as palavras. Uma resposta mais involuntária do que respirar porque você pode escolher não respirar quando está acordada.

Então, sem aviso, a mão de Alyssa parou e Christina abriu os olhos e viu a garota olhando para ela com a cara contorcida.

– O que é isto? – disse Alyssa.

Christina não soube o que dizer.

– O que é o quê? – disse Alexa. Ela agachou-se e aproximou seu rosto do de Christina.

Alyssa separou os cabelos da franja e pegou um fio isolado puxando-o para examiná-lo, e os olhos de Christina se moveram de uma garota para a outra, que, acima dela, faziam um exame minucioso. As gêmeas se entreolharam e franziram a testa, e o rosto de Christina estava quente, ela respirava de forma suave enquanto imaginava o que poderia ser assim tão preocupante sobre o objeto do exame quando com um movimento eficiente de seu pulso Alyssa arrancou o fio de cabelo e segurou-o balançando para que sua ex-dona o visse: este único fio tinha ficado branco, tão branco como a lua.

*

Às 0h40 Peter e Roman passaram duas pás e um saco de lona pelas barras da cerca de ferro forjado do Cemitério do Sagrado Coração e a escalaram. Foram andando entre as fileiras até uma cova fresca enterrada sob o histrionismo de uma tristeza que eles deixaram de lado. A noite estava clara e fria quando começaram a cavar. O metal cortando a terra, grunhidos e o vapor da respiração. Cheiro úmido da terra putrefata, morte e a trama da vida.

– Você sabia que as pessoas costumavam pensar que os mortos retornavam como fantasmas sedentos de sangue porque os gases dos órgãos internos os faziam expelir fluidos de dentro de seus pulmões? – disse Roman.

– Genial – disse Peter.

– A razão pela qual começamos a enterrar os mortos foi, em primeiro lugar, para impedir que os predadores passassem a gostar da carne humana – disse

Roman.

– Será que existe uma colônia de férias para assassinos em série? – disse Peter.

Roman ficou calado. Eles cavavam.

– A quantos enterros você já foi? – disse Roman depois de ficar calado o máximo que pôde.

Peter resmungou; difícil de contar.

– Os Rumancek estão confiantes de que isso é o resultado de escolhas positivas do estilo de vida.

– O que é que sua família acha de enterros?

Peter ficou pensando.

– Compromisso – disse ele. – É proibido se lavar ou comer. Os espelhos são cobertos e todos os pertences do morto são queimados.

– Por quê?

– Porque um Rumancek não deve ser lembrado neste mundo pelas coisas que teve.

– Que merda – disse Roman.

– Que merda – disse Peter.

Eles cavavam.

– Como foi que Nicolae morreu?

– Câncer de cólon – disse Peter. Ficou refletindo. – Eu tinha treze anos e tinha acabado de começar minha transformação naquele ano. – Balançou a cabeça delicadamente. – Cara, Nic era uma figura. Ao olhar para ele, você não poderia jurar sobre a Bíblia que os pés dele tocavam o chão.

Peter encostou sua pá numa lápide, pegou sua carteira e tirou dela uma fotografia amarrotada que mostrou a Roman. Era a fotografia de um lobo branco esbelto correndo entre pinheiros e você não poderia jurar sobre a Bíblia que suas patas tocavam o chão. Lynda tirou essa foto quando souberam que não tinha muito mais tempo pela frente. Durante o próprio amadurecimento, Peter jamais deixou de se maravilhar ao recordar a paciência do lobo branco. Quão pouco se importava com as dificuldades do filhote estúpido. Era a coisa mais veloz de quatro pernas e simplesmente não tinha pressa. Estava bem além da compreensão de Peter: a sabedoria sem idade que permite que você espere que os outros o alcancem. Que pé no saco.

Roman entregou a foto de volta e eles cavaram.

Mas a última vez foi diferente, a última transformação de Nicolae. Naquela noite o lobo branco havia sumido, não dando chance a Peter de alcançá-lo ou segui-lo pelo faro. Peter o caçou a noite inteira sem esperança de sucesso. Nicolae tinha contas a ajustar, nas quais Peter não tinha de se intrometer. Peter

uivou solitariamente para a noite escutar e acabou indo para casa e arranhou a porta dos fundos e deitou-se enrodilhado aos pés da cama de sua mãe. Depois que amanheceu, Peter foi ao quarto de Nicolae e encontrou o velho roncando como se tudo estivesse na mesma. Não conversaram sobre o ocorrido. Esse assunto Peter teria de colocar em dia quando chegasse sua vez. O velho morreu antes da nova lua.

– Eles me deixaram fazer – disse Peter. – No enterro de Nic.

– Fazer o quê? – disse Roman.

– Cortar sua cabeça fora. Se você não cortar a cabeça fora, acontecem coisas à nossa espécie depois que morremos.

Eles cavavam.

– Certo… que tipo de coisas? – disse Roman.

– Coisas ruins – disse Peter.

Ouviu-se o zumbido seco de um helicóptero por trás das montanhas. Eles cavavam.

Numa hora, apesar do frescor do ar, seus rostos começaram a brilhar com o suor de seus esforços, e Roman enxugou a testa e olhou para a noite onde uma nuvem em forma de anel passava soprada pela brisa. Colocou o pé sobre o monte de terra e cruzou os braços sobre a pá, descansando.

– Fui a dois enterros – disse Roman. – Um deles foi o do meu pai em 99. São fragmentos. Lembro-me de ter ouvido o barulho do tiro e de ter descido a escada. O jeito como minha mãe estava sentada no sofá, o olhar em seu rosto como se tivesse esquecido por que entrara na sala, você sabe. Ele estava no chão. A sala cheirava ao perfume favorito dela, como se meu pai tivesse se encharcado dele. Lembro-me de ter pensado por quantos problemas ele tinha vivido para depois desperdiçá-los.

Ele deixou-se levar por seus pensamentos, outros fragmentos vieram à sua mente. Seu tio chegando tarde da noite. Foi o único que ela chamou e foi então que Roman ficou sabendo sobre eles. Ele era muito pequeno para saber o que soube, mas, mesmo assim, sua mãe sentava com ele todos os dias e lia em voz alta o que os jornais diziam. Se fosse para ele ouvir, então que ouvisse da boca dela. O Dr. Pryce embalava Shelley no serviço – olhava para ela como seus pais nunca fizeram. Como algo dele.

– As pessoas gostam de dizer que foi minha mãe, mas sem chance – disse Roman. – Ela jamais teria feito isso em cima daquele tapete.

– E qual foi o outro enterro? – disse Peter.

– O de Shelley – disse ele.

*

Era quase madrugada com os fios de névoa brincando de cama de gato entre as sepulturas quando eles o atingiram. Roman saiu de dentro da cova para o chão e puxou as palmas das mãos para esticar seu braço com cãibra, e o ar da noite fez bem às suas mãos já cheias de calos. Peter apoiou suas pernas nas laterais do buraco, enfiou sua pá sob a tampa e fez força para abri-la. Lisa Willoughby estava com uma blusa de cetim fechada na parte de baixo com um alfinete de segurança e completamente rodeada por bonecas de pano; todas tinham a imperfeição esmerada de terem sido feitas à mão. A metade inferior do caixão era completada por sacos de areia no lugar em que o corpo de Lisa Willoughby não faria peso. Peter abaixou-se de cócoras e abriu o alfinete de segurança na barra da blusa e pediu a Roman que lhe desse o saco, porém não teve resposta.

Roman fixou seu olhar em alguma coisa que olhava para cima, perto da cabeça dela: um pássaro cardeal de pelúcia, uma cratera lunar na curva de seu olho negro. Roman olhou para esse olho negro, perdido subitamente em outra lembrança de sua infância, uma das mais antigas. Um terceiro enterro do qual antes tinha se esquecido. Estava na cama e acordou com o som estridente de algo que batera em sua janela, numa manhã, depois de uma nevasca atrasada do inverno. Levantou-se, abriu a janela e meteu a cabeça para fora. Viu um cardeal no chão. Foi no fim de fevereiro, e ele estava lá em baixo na neve com as asas abertas. Desceu e curvou-se sobre ele, fascinado pelo vermelho gritante e ao mesmo tempo delicado daquela coisa. Seu olho negro tremia, e ele achou que fosse rolar uma lágrima. Ficou olhando para ele sem se incomodar com o frio por um tempo infinito. Até que o tremor passou. Sentiu uma mão em sua nuca e olhou para sua mãe.

– Aonde é que ele foi? – disse ele.

Ela apontou para o céu, e ele tentou acompanhar o dedo dela, mas teve de desviar o olhar da claridade.

– Terra para o idiota que não sabe o que faz – disse Peter.

– Desculpe – disse Roman e deu-lhe o saco.

*

Quando o xerife pegou Alexa e Alyssa três horas mais tarde, ambas disseram "Primeiro eu" – mas como seu pai anunciou que Alyssa tinha sido um pouco mais rápida ele apontou o dedo para ela. Alexa entrou com má vontade no banco detrás, e o pai delas disse que esperasse que todos se ajeitassem e entregou a Alyssa um copo de café do Dunkin' Donuts. Deu marcha a ré para sair da entrada e perguntou como é que Chrissy estava lidando com a situação.

– Já lhe dissemos para não chamá-la de Chrissy, é muito infantil – disse Alexa.

– Ela ainda está dizendo que o cão do demônio é Peter Rumancek – disse Alyssa. Caíram num buraco do asfalto e um jato de café pulou pela abertura da tampa e caiu em sua mão.

– Ui, o café arrotou – disse ela.

– Ela disse que vai acontecer outra vez na próxima lua cheia – disse Alexa.

Ele pegou o copo e tomou um gole com cuidado. Sua saliva deixou uma bolha na abertura da tampa que em seguida estourou.

– Ela diz? – perguntou ele.

Centímetro por centímetro

Naquela tarde Peter teve companhia para o almoço. Isso não era comum. Por um tempo sentou-se à mesa das meninas que usavam coleiras de cachorro e citavam de forma errada os existencialistas, mas depois foram todos para outro lugar, até mesmo a garota chamada Scabies que Peter tinha certeza de que algumas vezes havia deixado mensagens de voz anônimas com gemidos no celular dele. Não os seguiu; era melhor comer sozinho do que correr atrás de uma garota chamada Scabies. Mas hoje ele não tinha uma sacola de compras para enfiar na cabeça dela e levantou os olhos de sua revista de motos e peitos e viu Letha Godfrey vindo para se juntar a ele. Ela abriu uma embalagem de salada de frutas com exagerada negligência e disse:

– Há um boato rolando de que você é lobisomem.

Peter bebeu seu refrigerante de laranja. Tinha ouvido aquilo também.

– Então, você é?

Ele a olhou. *O que é que você acha?*

– Sabe, você realmente assusta as pessoas – disse ela.

Ele deu de ombros. Era mais escuro e mais pobre e tinha uma aparência que chamava atenção. As pessoas não precisavam encontrar suas filhas cortadas em pedaços para sentirem um puta ódio dele.

– O que é que você estava fazendo com meu primo?

– O que precisava ser feito – disse ele.

– Você sabe que está na lanchonete e não num filme de Clint Eastwood, não sabe? – disse ela.

– Quando você vai ao banco você pede umas notas de vinte ou sai com um carrinho de mão? – disse ele.

– Espertinho! – disse ela. – Ter dinheiro não faz de você um estúpido.

Peter não discordou – ele apenas faz com que você se acostume a achar que as pessoas se importam com o que você pensa.

– Você quer ou não quer a minha ajuda? – disse ela.

– Se as coisas continuarem por esse caminho, é provável que alguém muito importante para mim se machuque – disse ele.

– Quem? – disse ela.

– Eu – disse ele.

Ela se irritou por ver que não podia disputar com a lógica dele; já tinha decidido que estava dentro, se é que a exclusão fosse mesmo uma opção, mas esperava fazê-lo se esforçar para isso.

– Bem, de qualquer modo estou contente por vocês serem amigos – disse ela. – Roman não tem muitos amigos. Quer dizer, há aquelas pessoas. – Ela inclinou a cabeça em direção da mesa onde Roman estava. – Mas elas só se importam com o nome. Ninguém na verdade o conhece. Inclusive Roman.

Ela inclinou-se com um ar de confidência e o olhou atentamente, e Peter agora viu com clareza. A luz da alma dela, seu misticismo inocente que a colocava à parte do resto daqueles idiotas. Certo. O fato é que Roman não sabia, mas ele realmente já estava metido naquilo, Ordem do Dragão, sei… Bom saber – a não ser que não seja isso.

– Prometa-me uma coisa – disse ela. – Prometa que não vai deixar as coisas irem muito longe. Prometa que não o deixará fazer nenhuma besteira.

Peter fez uma cara solene e riu por dentro: gostava da cerimônia e da magnificência de fazer promessas, sem se importar com a intenção de cumpri-las.

– Prometo que não deixarei nada disso acontecer – disse ele.

Estavam no meio do burburinho da lanchonete. Ela cruzou uma perna sobre a outra sob a mesa tocando intencionalmente de leve sua canela e se desculpou falsamente, e ele não lhe deu a mínima, o que a encheu de vontade de lhe dar um chute para valer. Foi então que percebeu que foi simplesmente o pé da mesa que tocou em sua perna e projetou em seu rosto exatamente o oposto da dignidade que sentiu.

– Posso lhe perguntar uma coisa? – disse Peter.

Ela consentiu.

– O que você pode me dizer sobre a mãe de Roman?

– Tia Olivia? Por quê?

– Curiosidade.

Ela tinha certeza de que sim.

– O que é que você quer saber?

– O que é que você sabe sobre ela?

Ela pensou um pouco e deu de ombros. A verdade era: nada. Ninguém sabia. Na década de 1980, J.R. percebeu que não havia como competir de verdade com os chineses e decidiu mudar da indústria para a biotecnologia. Foi para o exterior, visitou empresas e voltou noivo da mulher mais bonita e desprezada da história da cidade.

– Onde foi que se conheceram?

– Na Inglaterra, eu acho.

– É de lá que ela é?

Ela não tinha certeza.

– E a família dela?

Ela deu de ombros.

– Você acha que por acaso seu pai sabe mais sobre a história dela?

– Talvez. Ele foi seu analista.

A expressão de Peter não mudou, mas não teve como esconder o fato de ter ficado com a pulga atrás da orelha.

– Suponho que você não possa pescar um pouco mais para ver se é possível preencher alguns buracos – disse ele.

– Que mistura de metáforas! – disse ela.

Ele lhe deu uma olhada que de alguma forma a fez se sentir uma idiota mesmo pensando que ele era o único que saía por aí misturando metáforas. Esse garoto!

– Bem, acho que a vida já não estava mais ficando assim tão interessante – disse ela.

– A vida é sempre interessante – disse ele.

– Você roubou isso de um cartaz de cinema? – disse ela.

Ele abriu uma caixa de pipocas.

– Oh, deixe que eu procure o brinde – disse ela.

Ele estendeu a caixa abrindo-a bem com um aperto e ela afundou a mão com os olhos fechados, trazendo um pacotinho de plástico.

Peter olhou para o brinde e ficou calado.

Ela abriu os olhos.

– Hum, que estranho – disse ela.

Ela segurava um anel de plástico rosa translúcido com uma protuberância no meio como o desenho de um planeta em órbita. Uma cobra… uma cobra mordendo o próprio rabo.

Peter estendeu a mão e ela lhe deu o anel. Ele o alargou.

– Use-o. É sinal de sorte – disse ele.

Do outro lado da sala, Roman viu Letha estender a mão e Peter colocar alguma coisa em seu dedo.

*

Naquela tarde a Dra. Chasseur esperava no átrio do Instituto Godfrey de Tecnologias Biomédicas uma entrevista com o diretor. No balcão da recepção havia um homem baixo com uma camisa cor-de-rosa do tipo usada por caubóis, com pistolas de imitação nos ombros, folheando uma revista de fofocas e

variedades. No piso de mármore da entrada estava gravada uma linha horizontal seguida pela letra grega ômega e seguida por outra linha horizontal.

—— Ω ——

Ela perguntou se aquele desenho tinha algum significado. O recepcionista deu de ombros. Ele lambeu o dedo e virou a página.

Então por detrás dela se ouviu o som de passos vindos dos elevadores, e ela se virou e viu um homem que não aparentava ter mais do que quarenta anos, embora tivesse dez a mais que isso. Seu cabelo era preto, mas com fios brancos, sugerindo sua verdadeira idade, e seu rosto era uma mistura forte de raças. Uma musculatura compacta fora do comum podia ser vista sob seu terno. Ele estendeu a mão. Suas mãos eram pequenas em comparação com sua estrutura, de uma delicadeza quase feminina, curiosamente lisas até mesmo ao longo das almofadas calosas da palma comuns aos fisiculturistas.

– Dr. Johann Pryce – disse ele, e havia certa esperteza escorregadia e artificial em sua apresentação e em seu sorriso que trouxe à mente a pátina multicor de uma mancha de óleo numa poça d'água.

– Dra. Clementine Chasseur – disse ela.

O recepcionista, que bebericava uma Coca diet, de repente engasgou e fez o líquido voltar para dentro da garrafa. Eles olharam com um olhar indagativo. O cara apontava para seu tabloide.

– Ele está se casando com aquela vaca!

Pryce perguntou a Chasseur se ela se incomodava de fazer a entrevista durante o almoço.

Chasseur disse que seria ótimo e Pryce a acompanhou até o lado de fora e deram a volta no prédio. No gramado da frente havia um quadrilátero isolado circundando um jardim de pedras em espiral como a concha de um náutilo, muito bem cuidado. Ela o seguiu até uma van branca no estacionamento, com o mesmo tema da letra ômega pintado na porta.

– Um tipo de hieróglifo – respondeu Pryce, antecipando por uma fração de segundo a pergunta que ela na certa iria fazer. – Adaptado do código do samurai: não importa o tamanho da jornada, ela deve ser feita centímetro por centímetro, como o caminhar de uma lagarta.

Ela olhou mais uma vez e viu que de fato ele era a visualização literal daquele processo.

—— Ω ——

Ele pegou um molho de chaves e apertou o botão para destrancar a van.

– Verdade seja dita, uma pausa para o almoço irá ser a coisa mais próxima de umas férias que eu vou ter esta semana – disse ele.

Ela olhou para o alto, para a Torre Branca.

– Isso não o deixa meio doido?

– O nome Noah Dresner significa algo para você?

Não significava.

– Ele foi o arquiteto deste instituto, que deveria ter sido a consagração de sua carreira profissional. Dresner era uma espécie de Ahab da Geometria sagrada: sequência de Fibonacci, alinhamentos geomagnéticos e todos esses disparates absurdos. Sua intenção era culminar seu legado com o proverbial *axis mundi*: o ponto de ligação entre a terra e o céu. Após a conclusão dessa obra levou o elevador até o topo, mas desmaiou e morreu de hemorragia cerebral quando estava no quinto andar.

Chasseur sugeriu que isso não respondia à sua pergunta.

Pryce bateu do lado da van com o nó do dedo. Centímetro por centímetro.

Foram a um restaurante de comida asiática na parte mais sofisticada do shopping.

– As pessoas me disseram que o *sushiman* daqui é muito bom – disse Pryce enquanto se sentava. – Eu não saberia. Se me dissessem que o molho tártaro servido num pratinho de isopor é uma iguaria, é provável que eu acreditasse. Para mim tudo não passa de glucose. A propósito, não sou asiático.

– O senhor é alemão e brasileiro – disse Chasseur. – O senhor nasceu depois de uma gravidez de 26 semanas, porém depois de uma etapa um tanto espetacular da fuga da prisão de sua incubadora foi diagnosticado com hipertrofia miotônica. Superforça para nós, simples mortais. E o senhor é alérgico a amendoim.

– A senhora leu o *Sunday Times* – disse o Dr. Pryce, referindo-se a uma matéria do *New York Times Magazine* chamada "Homem e Super-homem" da qual tinha sido o assunto no inverno anterior, um tipo de matéria de elogios interesseiros enfocando os aspectos sensacionais de sua biografia que ele apresentava de tempos em tempos a fim de se ocultar, desviando a atenção dos estágios iniciais de um projeto extremamente delicado.

– Sou terrivelmente viciada em palavras cruzadas – disse ela. – Mas estou tentando parar.

A boca dele sorriu antes de seus olhos.

– A senhora vai gravar nossa conversa? – disse ele.

– Não pretendia, Dr. Pryce.

– Johann. Mas eu estou, para que a senhora fique sabendo. Quer dizer, estive gravando todo esse tempo. Para que fique sabendo. A senhora compreende.

Ela não objetou.

– Então, o que é exatamente que você faz, Johann? – disse ela.

– Você está fingindo que não sabe.

– Somos como estranhos em um trem.

Ele sorriu ante aquele indício de jogo incomum no meio de um dia de trabalho.

– Sou diretor do Instituto Godfrey de Tecnologias Biomédicas.

– Caramba, que chique, isso soa extravagante. O que você faz lá?

– De tudo. Projetamos equipamentos de diagnósticos, próteses, órgãos artificiais etc., e hoje somos a vanguarda da indústria farmacêutica, da engenharia genética e da nanotecnologia. Estamos para lançar uma série de máscaras biossintéticas para vítimas de queimadura que irão transmitir os sentimentos humanos por meio dos reflexos faciais.

– Isso explica a cara do seu recepcionista? – disse ela.

Ele ficou confuso de início, então percebeu que era outra tentativa de fazer graça, e outra vez tentou parecer que estava no jogo.

– Não, não podemos dar crédito ao Cesar. Na verdade, se você quiser saber um dos segredos do negócio, todo o nosso pessoal não especializado é, em grande parte, contratado com base em uma aversão óbvia pela curiosidade natural.

– Você não quer ninguém que fique fazendo perguntas.

– Certamente não queremos.

– Que tipo de experiências genéticas você vem fazendo?

– Principalmente terapia genética – disse ele. – J.R. Godfrey previu corretamente que, enquanto a maleabilidade das propriedades materiais era o que definia os progressos decisivos do século XIX, a maleabilidade da própria vida é que definirá o século XXI. E assim sua ordem foi que o nome que viesse a significar cura apoiasse o que uma vez significou destruí-la, o que felizmente se alinhava com minhas próprias inclinações. Não posso na verdade falar muito sobre isso, mas de qualquer modo você provavelmente poderia estar interessada somente no tratamento da estenose de transplante venoso em cães adultos.

– Você faz experiências com animais?

– Entendo que essa pergunta seja parte de seu trabalho, mas tenho mesmo de respondê-la?

– Como foi exatamente que você conseguiu esse emprego?

– Na minha área de atividade não há ninguém que esteja trabalhando em nenhum nível comparável a esse, mesmo que remotamente.

– Mas sua área de especialização é disputada – disse ela. – Exobiologia, um campo altamente teórico que trabalha com possíveis sistemas de vida não terrestres. Na verdade tive dificuldade de entender as premissas nas quais se baseia o primeiro artigo que você publicou e que foi motivo de grande controvérsia. Não senti falta de… interpretações, mas se você não se importar de me guiar sobre o assunto…

Pryce assentiu.

– Você está se referindo a um que se tornou popular, chamado *Uma reencarnação melhor por meio da Química*. Certamente. Teoricamente, se tomarmos uma estrutura existente, porém inanimada, baseada no carbono…

– Um cadáver – disse ela.

– … essa era ainda uma situação relativamente instável…

– O cadáver de um bebê – disse ela.

– … podemos introduzir na estrutura existente o elemento fósforo, que é capaz de formar cadeias de moléculas de tamanhos e complexidades suficientes para suportar a vida, uma nova vida. Porém o fósforo sozinho é perigosamente instável. Entretanto – em teoria – é possível se conseguir um elo estável combinando-o com nitrogênio. Embora não estejamos completamente fora de perigo: o nitrogênio molecular é praticamente inerte e extremamente difícil de ser convertido em energia – uma necessidade de um organismo constituído de matéria. Porém pudemos encontrar uma solução bastante dinâmica, entre todos os lugares, no mundo das vagens. Os legumes guardam em suas raízes uma bactéria que fixa o nitrogênio no solo em troca de recursos do hospedeiro. Assim, de acordo com nosso argumento, um elemento com essas características pode sobreviver, digamos, como hospedeiro dessas bactérias, no pé, requerendo apenas um pronto fornecimento de terra. Em teoria.

– Teoria essa que o desacreditou aos olhos de muitos de seus pares antes mesmo de sua carreira decolar. Você era, se posso falar francamente, uma escolha tentadora para um dos cargos mais competitivos disponíveis no seu campo de atividade.

– E também exasperador! – disse Pryce. – Ah, os sapos que foram engolidos naquele dia. Mas desde que a Westinghouse patrocinou o futuro em corrente alternada, J.R. passou a ser um homem mais interessado no que havia além do horizonte do que em se agarrar com as duas mãos à teta murcha da ortodoxia. Ele não era uma pessoa, para usar a expressão correta, completamente idiotizada. O mesmo não pode ser dito de meus contemporâneos.

Ela percebeu que ele não repetiu a palavra “pares” usada por ela.

– Você se incomoda – disse Chasseur – se eu lhe fizer uma pergunta pessoal?

– Até onde estivemos falando sobre o meu trabalho, você não fez outra coisa.

Ela assentiu como alguém que entendeu a relação.

– Em primeiro lugar, o que o atraiu para esse ramo tão controvertido?

A expressão dele vagueou e mostrou um desinteresse discreto como se as energias que o animavam tivessem sido guardadas para uso interno, e estudando esse vácuo ocorreu a ela que o estava vendo pela primeira vez habitar plenamente seu caráter natural. E como alguém adepta a não demonstrar suas emoções, ela percebeu que esse assunto não realizava o truque inverso de animar a expressão do rosto dele.

– Logo que comecei meu oitavo ano li pela primeira vez o livro mais importante jamais escrito, *Sobre a origem das espécies por meio da seleção natural* – disse Pryce.

Chasseur assentiu que essa era de fato uma obra excelente.

– Fiquei encantado – disse Pryce – e ao mesmo tempo preocupado de uma maneira que não conseguia identificar, até que parei e fiz um cálculo simples. Ele fez um gesto na direção dela como para dar um exemplo.

– Há um aumento exponencial da complexidade do sistema, consequência do progresso crescente dos níveis de organização. Assim, calculei a probabilidade estatística de um sistema tão estupidamente complexo como a consciência humana ter surgido da mutação aleatória na era geológica da Terra. E concluí que não é. Provável. Ou mesmo possível. Pela mutação aleatória. Tire você as suas próprias conclusões.

Naquela altura ela já tinha um verdadeiro estoque.

– Agora se importa se eu lhe fizer uma pergunta? – disse o Dr. Pryce.

Ela fez um gesto com a mão: *vá em frente*.

– Você terminou um doutorado em etologia dos predadores na Universidade do Texas em 2004 – disse ele.

Ela não respondeu. Aquilo não era uma pergunta, e ele não escolhera aquelas palavras por acaso.

– Como foi que isso interessou o Serviço de Pesca e Vida Silvestre dos Estados Unidos?

Ela olhou para baixo. A mesa tinha um tampo de vidro que refletia a luz do céu de tal maneira que continha uma aparição fantasmagórica de um duplo eu olhando de volta para si mesma dentro de um feixe de luz. Ela olhou de novo para Pryce numa redenção amigável.

– Você me pegou – disse ela. – Não me interessou. Eles apenas me deram bastante liberdade para realizar o meu trabalho, e eu tenho meu próprio método. Que é um tanto elíptico.

– Se não estou enganado, para complementar seu treinamento em sociobiologia você tem alguma experiência com as técnicas de interrogatório de

Reid e fez perguntas tangenciais a fim de estabelecer uma relação com o suspeito e também para trazer à tona sintomas de comportamento verdadeiro e falso, preparatórios para um confronto mais direto.

– Johann, há alguma possibilidade de um de seus animais de laboratório ter fugido?

– Não.

– E que tal um elemento de teste?

– Você está se referindo a uma pessoa?

– Sim.

– Nenhuma, de forma alguma.

Ela o olhou. E se momentos antes o vácuo da vitalidade humana básica em seu rosto tinha desaparecido momentaneamente, agora estava estrategicamente alerta: ele tinha ficado tão vazio que podia estar cochilando de olhos abertos, ou até mesmo em estado cataléptico. Ela jamais havia olhado para os olhos de uma pessoa viva sem encontrar uma evidência incontestável da alma humana. Jamais vira algo tão horripilante.

Ela estalou os dedos.

– Que pena. E eu que pensei que tinha matado a charada. Você não teria nenhuma ideia própria sobre o nosso cão do demônio, teria?

Tendo se colocado – você não irá tirar nada de mim que eu não queira lhe dar –, Pryce passou por uma transformação para refazer suas feições.

– Sei que o animal não deixou pistas – disse Pryce.

Ela assentiu.

– Sei que no local foram encontradas fezes caninas contendo grande quantidade de cabelo humano, porém de um adolescente do sexo masculino embora nenhum tenha sido dado como desaparecido. Além disso, sei que o exame dessas fezes revelou níveis elevados anormais de glucocorticoide das suprarrenais que indicam que o animal não só não esteve envolvido em nenhum ato agressivo recente como também possui uma natureza não agressiva.

Ela não se preocupou em perguntar como foi que ele conseguiu tais informações.

– Sua conclusão, Johann? – disse ela.

– Concluo que estou satisfeito de que seja o seu trabalho, e não o meu, dar sentido a isso – disse ele. – Contudo, considerando a semelhança de ambos os assassinatos, calcularia a probabilidade de elas não terem sido atos premeditados de um predador sexual patológico numa ordem de grandeza de um em dez milhões.

– Mas uma pessoa possivelmente não teria a capacidade de fazer o que foi feito àqueles corpos. Apenas com as mãos.

Dr. Pryce assentiu. Enfiou a mão no bolso de sua camisa e retirou um gravador digital. Segurou-o em sua mão macia e feminina, e com um sorriso inocente fechou a mão apertando-a cada vez mais até que o aparelho se quebrou e suas peças foram cuspidas sobre a mesa, e ele as juntou num guardanapo e colocou de lado.

– Se um problema não pode ser resolvido com a estrutura com a qual foi concebido, a solução está em reestruturá-lo – disse ele.

Olá, bonitona

Imediatamente depois de deixar Shelley, Roman deu a volta para desatrelar o reboque. Olivia surgiu na varanda e o ficou observando. Viu que havia alguém sentado no carro, mas não estava usando seus óculos escuros e a luz do sol refletida pela janela atingia seus olhos e ela os cobriu com a mão. Roman assobiava uma música conhecida de Rodgers e Hart.

– Para onde é que você está indo? – disse Olivia massageando as pálpebras e causando uma cintilação néon dos vasos sanguíneos.

– Para lugar nenhum – disse Roman.

– Vai voltar outra vez às cinco da manhã?

– Vamos ver. Ele baixou o reboque e retomou o assobio da música.

Ela piscou através de uma névoa de cores espectrais enquanto seu filho saía da entrada, mas determinada e irritada reconheceu o passageiro que meio desengonçado desviava seu rosto do olhar direto dela: Peter Rumancek. Olivia passou o dedo de leve no corrimão e pressionou um dos nós da madeira.

Ela se virou e ficou surpresa ao encontrar Shelley parada no vestíbulo observando-a. Vinha surgindo com a sensibilidade à flor da pele de encontro às mudanças climáticas no ânimo de sua mãe. Olivia fez um esforço para livrar-se um pouco da tensão que a garota poderia absorver.

– E aí? – disse ela. – Já disseram o quão *desconcertante* é ficar espreitando as pessoas?

Juntou os dedos como uma pinça e foi dando beliscões nas laterais do corpo de Shelley, e a casa toda estremeceu com gargalhadas ensurdecedoras.

*

Na avenida, Roman disse:

– E então, foi legal o encontro no almoço?

– Senti pena dela – disse Peter. Não precisou colocar seu dedo ao vento, nem ver para que direção soprava para saber que tinha de ter extrema cautela naquele momento.

– Ela tem um coração de ouro – disse Roman.

Entraram num túnel.

– Posso lhe perguntar uma coisa? – disse Roman.

– Vá em frente.

– O que é que você faz quando sente tesão? Enquanto você está transformado?

Peter olhou para as linhas de luzes paralelas que se estendiam até um ponto de fuga branco no fim do túnel. Não respondeu.

Foram até o bairro de Shadyside, em Pittsburgh, fazendo um retorno numa loja de produtos naturais e então chegando a um prédio de apartamentos de tijolos aparentes caindo aos pedaços. Peter tocou a campainha de um apartamento do segundo andar, entraram pela porta que se abriu e Roman seguiu Peter escada acima. Uma senhora italiana idosa passou por eles como quem quer adivinhar para onde iam, olhou para o tapete, procurou um crucifixo pendurado em seu peito e murmurou "*Strega"*.

Peter parou na porta prevista, bateu e foram saudados por uma mulher jovem de vinte e tantos anos. Ela era morena como os Rumancek e usava uma camiseta G.I. Joe de criança, arrochada em um peito, por desgraça mirrado numa família de mulheres de peitos exagerados, e shorts de algodão. Seus braços e pernas magros e a barriga exposta eram firmes, com músculos flexíveis, indicativos de uma atitude desafiadora em relação a exercícios, encontrados em certas mulheres jovens de grupos étnicos fechados que foram testemunhas de que muitos membros de seu sexo passaram pelo arredondamento das cinturas aos trinta anos. Ela puxou Peter num abraço e beijou sua bochecha, e com um puxão em seu rabo de cavalo deu-lhe uma bronca perguntando se ele não tinha uma namorada que o fizesse cortar o cabelo.

Peter apresentou-a a Roman como sua prima Destiny Rumancek. Roman estendeu sua mão e, em vez de ela apertá-la, segurou-a firme com a palma para cima e inspecionou-a com as sobrancelhas unidas e um grunhido especulativo, soltando-a em seguida.

– Entrem – disse ela. – Estou terminando com uma pessoa, mas não vai demorar nem um segundo.

Eles a seguiram no apartamento, que, em comparação com as péssimas condições do restante do prédio, estava pintado em cores primárias agradáveis, com o piso laminado e mobiliado com belos móveis ergonômicos escandinavos e com uma espécie de fonte tranquila que se vê em propagandas de avião, e ficaram imaginando quem além de uma massagista compraria tais coisas. Destiny foi para um quarto onde Roman vislumbrou de relance um homem negro e gordo deitado numa cama com as calças abaixadas até os joelhos e que tinha sobre o sexo uma toalha de rosto umedecida por uma substância que enchia até mesmo o outro quarto com um aroma amargo e irritante. Destiny fechou a porta. Peter sentou-se, ligou a televisão e procurou um canal de esportes. Roman esticou o ouvido para a porta que estava fechada.

– Vamos ver o que está acontecendo aqui – disse Destiny.

Houve uma pausa e em seguida um suspiro e um gemido. Roman olhou para Peter, mas ele estava assistindo sem o menor interesse uma repetição do fiasco jogo entre os Steelers e os Colts.

– Agora preciso que ouça minha voz e respire bem fundo usando o diafragma – disse ela.

O gemido mudou de tom e virou uma respiração trêmula.

– Veja como estamos indo bem! – disse ela. – Agora quero que imagine seu plexo solar como se fosse uma bola de golfe clara e fracamente iluminada. Sinta o fluxo de energia e amor fluindo e alimentando-o, e enquanto a luz vai ficando cada vez mais brilhante quero que você retire a energia de seu próprio Manipura, sua cidade das joias que também alimenta e ama, e observe a pequena bola – que agora está brilhante e feliz por estar aqui e que pode bronzeá-lo!

A respiração aumentou de volume e de velocidade antes de chegar a um ápice e virar um balbuciar infantil.

– Viva! – exclamou Destiny batendo palmas.

Pouco depois ambos surgiram. O homem tinha lágrimas descendo por suas bochechas. Não reconheceu Peter e Roman, ou então nem sequer os viu.

– Agora – disse Destiny – quero que encontre um tempo todos os dias para ficar atento para o amor e fonte de alimento que flui de seu Manipura, e elimine os açúcares. Apenas grãos inteiros e amido. E se ela continuar com a mesma reclamação… bem, há muitos outros peixes no mar.

Ele agradeceu, arrumou-se e saiu. Peter olhou para Destiny inquisitivo.

– Coloquei um pouco de pó de Viagra em seu chá – disse ela. – Mas na verdade ele precisava era sentir lá embaixo um par de mãos que não se importassem por ele não ter esvaziado a máquina de lavar pratos.

Ele assentiu. Era subentendido pelos possuidores de poderes mágicos que esses são irrevogavelmente corrompidos quando empregados nas pobres almas que tentam comprá-los; da mesma forma com o amor, seu sucesso no mercado foi baseado na necessidade de o consumidor acreditar em sua autenticidade.

– E inventei aquele papo sobre o açúcar – disse ela confidencialmente. – Pensei apenas que sua dieta podia ser melhorada. Agora, cavalheiros, o que têm para mim?

De saída Peter entregou-lhe uma sacola da loja de produtos naturais com uma caixa de sua marca preferida de chocolate amargo orgânico. Por princípio os Rumancek preferiam trocar em vez de fazer caridade, e o chocolate era o tendão de Aquiles de Destiny.

– Que lindo! – disse ela.

Depois Peter colocou num aparador um pote de pedra talhada com as entranhas de Lisa Willoughby. Destiny abaixou-se com as mãos nos joelhos e

olhou para o pote bem de perto.

– Devo saber o que é isto? – disse ela.

– Não – disse Peter.

Ela levantou-se

– Olhe para mim e diga-me por que isto é melhor do que correr – disse ela.

Peter suspirou.

– Por enquanto, trata-se da diferença entre ser fodido na cara e na bunda – disse ele.

Ela assentiu, incerta; em seguida pegou o pote e tirou a tampa. Roman e Peter tamparam os narizes. Ela foi até a janela onde havia uma samambaia no parapeito, enfiou as pontas dos dedos na terra da samambaia e depois de revolvê-la tirou uma minhoca pálida tão fina quanto uma vagem, mas com o dobro do seu comprimento.

– Olá, bonitona – disse ela. Voltou-se e colocou a minhoca dentro do pote, colocando a tampa de volta.

– Quanto tempo? – perguntou Peter.

– De um dia para o outro está de bom tamanho – disse ela, e foi para a cozinha lavar as mãos. Roman ficou olhando sutilmente ela sair com seus shortinhos.

– Acho que o meu Manipura precisa se alimentar – disse Roman.

Peter deu-lhe um soco no peito.

*

Dr. Pryce estava parado, olhando pela janela de sua sala. A luz estava se apagando sobre as montanhas vizinhas e o fantasma de seu próprio reflexo era como um palimpsesto sobre o vidro.

– Ele se viu de volta dentro dos limites do enigma recorrente da experiência americana, dois-pontos – disse ele, como era seu hábito, em momentos de privacidade, de simular que ditava a biografia que ele não tinha a mínima intenção de autorizar. “Que as suas únicas filosofias de consequência inatas eram vírgula certamente vírgula pragmatismo e transcendentalismo vírgula e quanto mais uma valorizava a outra vírgula mais o prendia à forma ponto e parágrafo. Esse dilema totalmente corporificado pelo encontro do dia anterior vírgula no qual ele não havia parado de pensar ponto e parágrafo. Não que a mulher constituísse uma ameaça significativa travessão era como se nada comovente mostrasse quão ignorante ela era dos interesses em jogo travessão vírgula mas uma pedra permanecia no sapato apesar das elipses e de uma ambivalência sobre-humana sobre o que ela encontraria à sua espera vírgula uma vez que seus interrogatórios inevitavelmente a levassem às portas da Mansão Godfrey ponto e parágrafo.

Ele percebeu o reflexo da luz da tela de seu computador piscar e voltou para sua mesa, olhando para a mensagem. Tamborilou com os dedos sobre o bloco de papel descartável que cobria sua mesa.

– Naturalmente era absurdo que as duas interrupções num único dia pudessem ser uma coincidência vírgula – disse ele – mas só se poderia esperar desde o início dessa fase do projeto que o dique fosse se romper de uma maneira imprevisível vírgula e para isso restava a garantia de um dedo preparado ponto e parágrafo.

Apertou o botão do intercomunicador e disse para sua assistente que informasse ao Dr. Godfrey que ele ficaria aqui a noite toda.

Quarenta e cinco minutos depois ele aceitou sua segunda chamada.

– Norman, quanto tempo – disse ele. – Parabéns. Ou algo assim.

Dr. Godfrey ignorou a mão a ele estendida.

– O que é Ouroboros? – disse ele.

– Deseja beber alguma coisa? – disse Pryce. – Um conhaque? Ou um refrigerante?

– Johann – disse Godfrey.

Pryce olhou para seu empregador. O homem nunca parecera tão mal nessas últimas duas décadas em que se conheciam. Sempre houve uma qualidade conflitante às claras na relação de Pryce com o irmão mais encrenqueiro de J.R., que se opusera à sua nomeação em primeiro lugar por questões morais (seu cargo era do tipo que pedia um candidato que tivesse integridade), e depois do que acontecera com Shelley ele passou a ser considerado não menos do que um criminoso de guerra da ciência que o tribunal de Haia algum dia, de alguma forma, esperava. Contudo, o antagonista agora diante dele era menos o leão do orgulho da hipocrisia imperial do que uma versão daquilo que fora passado por um triturador de papeis e depois colado com fita adesiva. Pryce se entristecia de vê-lo daquele jeito. Era por isso que ele odiava as exigências políticas de seu cargo; sozinho em sua torre ele não tinha de gastar sua massa cinzenta em algo tão caprichoso e falível como a empatia.

– Ouroboros – disse Pryce – é o nome do projeto no qual estamos trabalhando, e não tem nenhum significado terrível. Certas cobras venenosas possuem órgãos sensíveis ao calor, chamados termorreceptores, que de certo modo permitem que elas enxerguem no escuro, o que estamos estudando como se fosse com a intenção voltada para o tratamento da cegueira. Deus do céu, Norman, olhe para você. Vou lhe buscar um conhaque.

– Por que – disse o Dr. Godfrey – um sem-teto sob meus cuidados estaria fazendo alarde de suas cobras venenosas?

Pryce pegou uma garrafa de conhaque de seu armário e verteu um pouco numa taça. Godfrey não recusou.

– Ele não seria por acaso Francis Pullman, seria? – disse Pryce.

Godfrey não disse nada.

– O Sr. Pullman apresentou-se como voluntário para uma de nossas experiências.

– Voluntário.

– Sim. Recrutamos voluntários secretamente para certos estudos. Não é ilegal, apenas não é anunciado. Você, como membro do conselho, com certeza tem direito de verificar isso em nossos registros. Esse estudo em particular envolvia um soporífero que estamos desenvolvendo com toda a eficácia de um barbiturato, mas sem nenhum de seus efeitos colaterais. Entretanto temos de aperfeiçoá-lo, pois em certos casos ele age como um alucinógeno moderado. O que se mostrou logo aparente no Sr. Pullman, contudo, foi que, apesar de seu histórico psicológico relativamente limpo, ele sofre de uma doença causada por estresse pós-traumático não diagnosticada. Nós não somos psiquiatras. O que quer que tenha acontecido no caso de Pullman, a droga era… contraindicada, por isso o retiramos do estudo. Devo acrescentar que mais do que adequadamente compensado. Porém podemos estar seguros de que entrou direto em suas veias.

Godfrey assentiu e olhou para Pryce com uma pergunta direta.

– Isso não é o suficiente. Por que ambos, tanto ele quanto minha sobrinha, referem-se a uma entidade paranormal chamada Dragão?

– Se você quiser – disse Pryce –, posso lhe mostrar.

Agentes racionais

Pryce e Godfrey pararam diante de uma serpente comprida, à moda chinesa. Suas escamas eram vermelhas e alaranjadas brilhantes e tinha sobrancelhas brancas e um bigode comprido. Em seu torso havia uma camiseta dos Steelers e ela segurava com suas garras palitos que por sua vez seguravam a ponta de sua própria cauda. Suas mandíbulas estavam abertas e prontas para a primeira mordida, e um dos olhos estava fechado como que piscando. O mural cobria as duas portas do Laboratório de Herpetologia, com uma citação na parte de baixo:

> Não sei dizer como monta nos ventos, atravessa as nuvens
> e voa pelos céus. Hoje eu vi o Dragão. (Confúcio).

– O Laboratório do Sono fica para aquele lado – disse Pryce, apontando para o corredor. – Às vezes levo Shelley lá para monitorar sua atividade REM.

Voltou para o dragão e sorriu com o carinho de um pai diante de um desenho infantil.

– Eu incentivo pequenas extravagâncias como esta. Elas promovem a coesão do grupo. E em face de tudo o que estamos fazendo nos fazem lembrar de que ainda somos humanos. Vamos?

Ele deu um passo à frente e as portas se abriram. Fez um gesto convidando Godfrey a entrar. Aquele não era um laboratório diferente dos outros da Torre, a não ser por dezenas e dezenas de gaiolas de plástico transparente contendo algo que à primeira vista poderia ser identificado como tubos escuros enrolados. Mas então: os olhos. Pryce aproximou-se de um técnico do laboratório que estava sentado diante de um monitor e tocou seu ombro.

– Qual é a palavra? – disse Pryce.

– Algumas discrepâncias interessantes entre a *Trimeresurus trigonocephalus* e *Gloydius shedaoensis*. Ah, espere, não. Há o decimal.

Godfrey demonstrava uma impressão relutante. Sabia que estava diante de um estágio de negação plausível, mas só Deus sabia com que finalidade, e se persistisse nisso, iria apenas colocar em questão sua própria objetividade em relação ao equilíbrio do controle entre ele próprio e Olivia, que já era precário. Ele podia apenas manter o curso no qual tinha tido fé desde o primeiro dia, e que um dia resultaria na destruição de Pryce: se lhe desse bastante corda.

Godfrey olhou para dentro de uma das gaiolas e encontrou o olhar sensual de uma lânguida serpente diamante negro, e para sua surpresa sentiu-se dezenove anos mais jovem no subsolo de uma igreja rural pentecostal em Kentucky, numa manhã de agosto. Oficialmente ele estava pesquisando o fenômeno de manejo de serpentes, mas na verdade ele e Olivia estavam à procura de um motivo plausível para uma escapada por uma noite e sem sequer assistirem ao culto foram para um depósito escuro no subsolo onde Olivia sentou-se num baú de metal e ele meteu a mão por dentro da saia dela e o suor escorreu entre eles em cascatas quando ouviram um barulho surdo como se o metal no qual ela estava sentada tivesse sido atingido por um soco. Pararam sem saber o que pensar – Haveria alguém *ali* dentro? Outra pancada surda se seguiu e depois mais outra. E juntos pensaram a mesma coisa. Era uma cobra. Ela "viu" o calor que eles emanavam e o estava golpeando instintivamente, era a necessidade física deles excitando o ressentimento das feras primordiais.

– Norman? – falou o Dr. Pryce.

Godfrey já vira o bastante.

Voltaram para a sala de Pryce, que reabasteceu a taça de seu visitante. Godfrey segurou-a entre o dedo polegar e o indicador e ficou pensativo.

– Estes dificilmente seriam exemplos isolados de mentes contidas dentro destas paredes tomando certas liberdades – disse Pryce. – Não é diferente de uma catedral em sua tendência de colaborar de alguma maneira fervorosa com a imaginação de nossos hóspedes. Mas realmente, Norman, você está com uma aparência péssima vestido dessa maneira. Como é que você vem dormindo?

– Se você está querendo me dar algum remédio, dispenso.

Pryce sorriu.

– Parece que você está precisando de alguém com quem conversar.

– Nós não somos amigos, Johann.

– Meu Deus, quem é que está contestando isso? Contudo, isso não significa que eu não perceba quando uma pessoa está sob uma grande tensão. Se você estivesse trabalhando para mim, eu o faria tirar umas férias.

– Mas é você quem trabalha para mim – disse Godfrey mais resignado do que repetitivo.

– Falando nisso – disse Pryce –, você vai ser contatado por uma organização chamada Lod LLC com uma proposta de compra.

Godfrey não mostrou surpresa; não era a primeira vez que Pryce conspirava com terceiros misteriosos pela sua emancipação.

– E quantas camadas dessa cebola meu advogado terá de retirar para descobrir o interesse verdadeiro representado por essa Lod LLC? – disse ele.

– Muitas para justificar o tempo de uma pessoa que logo irá rejeitar todo o instituto. Simplifique as coisas para todos. Você pode comprar o cavalo mais caro do mundo e autoflagelar-se para satisfazer seu coração, caso ninguém consiga entender seus sentimentos por ter nascido na Mansão Godfrey.

– Para minha satisfação profissional ainda tenho de resolver se você é prejudicial ou apenas autista – falou o Dr. Godfrey. – Mas para sua proposta fazer qualquer sentido terá de haver uma quantidade de dinheiro no mundo que valha mais para mim do que ter de mandá-lo para a prisão, momento que venho esperando com profunda expectativa desde o dia em que você colocou suas garras em minha sobrinha.

Pryce inclinou-se para trás em sua cadeira e juntou os dedos.

– Você teria preferido que ela morresse? – disse ele.

– Ela morreu. Eu teria preferido que você tivesse sido honesto com meu irmão sobre os procedimentos.

– Não acho que houve tanta ambiguidade. Ele conhecia as ramificações.

– Ele estava muito sentido com o luto. Você sabia que ele não tinha competência emocional para fazer aquele tipo de escolha e tirou partido disso.

– Eu sabia que não podíamos nos dar ao luxo de esperar. E você poderia fazer, então, a gentileza de dizer à nossa garota que você vê a concepção dela como resultado de uma incompetência emocional?

– Bem, essa é a única maldita coisa sobre ela que é normal! – disse Godfrey.

Eles se entreolharam e sorriram com a calma dos velhos inimigos. Godfrey tomou o seu drinque e encheu sua taça ele mesmo, agora recordando.

– A primeira vez que nos encontramos – disse ele – afastei J.R. e disse: "Você não pode estar falando sério sobre contratar aquele sociopata". E ele me disse que aquele sociopata iria fazer para a medicina o que Bessemer faz para o aço. Ele disse que você era um gênio. Eu disse que Mengele também era. – Ele correu o dedo pela pétala da orquídea que estava num vaso.

– Tenho uma filha adolescente que irei levar amanhã ao obstetra e ginecologista – disse ele. – Se eu tiver uma prova concreta de que você teve algum envolvimento com isso, eu o matarei. E não estou exagerando.

Esvaziou a taça, colocou-a no armário, e retirou-se.

Pryce trançou os dedos das mãos por trás da cabeça, confuso.

– Com certeza vírgula – disse Pryce – se ele tivesse aprendido uma lição em seus anos no Gulag da academia vírgula seria aquela que diz que quem toma decisões baseado na premissa de que outros seres humanos são agentes racionais agindo de acordo com o que seria mais benéfico para cada um e para seu meio ambiente não passa de um completo babaca ponto e parágrafo.

*

Olivia encontrou-se, como era seu hábito de tempos em tempos, com um caso de mordidas. Ela e Shelley estavam assistindo a um velho filme quando ela percebeu que estava chupando o colarinho de sua blusa, hábito indigno que a acompanhava desde o início de sua juventude e que reaparecia durante certos estados de nervos. Largou o tecido, e sua própria saliva marcou de umidade a sua pele. Isso. Droga. Criança. Sentiu um formigamento e viu que os pelos de seus braços estavam arrepiados. Como acontecera algumas vezes quando ela era tomada por alguma emoção forte por causa da filha. Olivia fez uma massagem na coxa de Shelley com uma ternura exasperadora; na experiência que teve em anos de teatro, e com o tipo de adolescente feminina que isso atrai, ela jamais encontrou esse grau de maldita sensibilidade.

– Ah, Shelley Belly – disse Olivia.

Um carro estacionou do lado de fora e Olivia sentiu um frisson percorrer os pelos de seu braço como se fosse uma respiração suave; um aumento simultâneo da perturbação da garota pela fúria de sua mãe. A porta da frente abriu-se e Roman atravessou o vestíbulo. Olivia tirou o som da televisão.

– Roman Godfrey – disse ela.

Ele apareceu e ficou parado com as mãos nos bolsos do blazer esperando com uma atitude de tédio estudada e Shelley ficou tensa, com a coluna rígida e os braços anormalmente esticados e as mãos segurando as próprias coxas, e Olivia de repente se sentiu cansada demais de quase tudo para seguir em frente. Como uma noite em que a energia está irremediavelmente perdida e o show tem de continuar. Vida em família. Quando nos perguntamos se Medéia é uma tragédia ou uma maldita realização de desejos.

– Há alguma coisa que você deseja dividir conosco? – disse Olivia.

– Nenhuma, especialmente – disse Roman.

– O noticiário da noite disse que o túmulo de Lisa Willoughby foi terrivelmente violado – disse Olivia. – Estão sendo oferecidos dez mil dólares por informações que levem aos culpados. Você se importaria de ser mais específico sobre a sua agenda social?

Ele não disse nada.

– Você tem sorte por eu não ligar para a polícia agora mesmo – disse ela.

– Ficou maluca – disse ele. – Dê-me apenas um minuto para que eu retoque a maquiagem se vou estar na primeira página amanhã.

A respiração de Shelley tornou-se rouca e baixa.

– O sarcasmo é inimigo da perspicácia – disse Olivia desmoralizada.

– Isso mesmo.

Seu rosto fechou-se e ela falou com um temor calmo.

– Você acha que pode se esconder atrás de seu nome como em outros tempos, entretanto deixei clara a minha posição sobre a sua amizade com aquele cigano de meia-tigela. E qualquer brincadeira maldita e ridícula que você pensa estar fazendo para se dar bem me incomodando, saiba que tem mais a perder do que essa estúpida cabeça mimada pode levar em conta.

Roman não respondeu imediatamente, e como a coisa que menos queria no mundo era chamar atenção sobre si mesma, Shelley prendeu a respiração, e a única coisa que se ouvia era o som de alta frequência da televisão emudecida.

– Por Deus, você precisa é de uma trepada – disse Roman.

Shelley suspirou e saiu correndo da sala. Olivia olhou para Roman. Ele estava satisfeito demais consigo mesmo para terminar por ali, então ela esperou.

– Norm está ocupado? – disse ele.

Houve um movimento rápido! Ela se levantou e postou-se diante dele, contemplando o filho com um sentimento de irritação. Deu-lhe um tapa no rosto com tanta força que o mandou de volta para a extremidade da mesa, e ele não fez qualquer tentativa de se proteger, e ela ajoelhou sobre ele e deu-lhe mais tapas no rosto até ele ficar com as bochechas vermelhas. Então, de súbito, ofegante, ela recuou e deixou-o caído de costas. Houve um brilho na janela, era o reflexo da tela da televisão. A heroína rejeitada do filme numa poltrona fumava com um ar lânguido. Olivia tinha o olhar preso na tela enquanto a imagem dissipava-se num fluxo líquido de claros e escuros, e ela se sentiu afundando, afundando de alguma forma para longe e ao mesmo tempo para dentro da imagem…

Sentiu um par de mãos fortes ampararem seus ombros e Roman a segurou antes que caísse.

Essas criaturas inferiores

O Dr. Godfrey sentou-se na sala de espera do obstetra e ginecologista, onde passava uma comédia da qual se tinha uma lembrança vaga e abjeta, enquanto uma mulher jovem e macilenta, em seu terceiro trimestre, falava pelo celular com uma voz aguda os detalhes aflitivos de seu orgulhoso triunfo em um desses filmes sexuais nojentos que tão frequentemente terminam avaliados em frente às câmeras por jurados de programas diurnos da televisão. Ao lado dela estava uma obesa mórbida amiga ou parente que assentia e fazia *hum-hum* enquanto a outra contava sua história como se estivesse num banco de igreja. Do outro lado dela estava um homem magro e de idade vestido com um uniforme de policial com um nariz que conduzia não só o seu andar como também sua postura. Seu braço estava em volta da moça grávida. Godfrey folheava a única revista de esportes que ele achou que estava ali para reduzir as possibilidades de fuga dos futuros pais.

– E eu estou dizendo, mamãe, estou dizendo, mamãe, que você fale para ele que aquela cadela porca dos infernos ou tudo o que cheire a ela desapareça até o fim da semana ou ele nunca mais toca *nisto* aqui de novo.

– Hum-hum… Hum-hum…

Apesar de sua evidente condição de proprietário do prêmio em questão, Nose teve uma participação bastante pequena naquele drama; em vez disso, sua atenção estava voltada para Godfrey, a quem lançava olhares com tanta animosidade que não poderia ser coincidência, embora não ficasse claro se eram por causa de alguma ofensa não intencional ou de hostilidades instintivamente despertadas em determinada espécie de homem de uma classe social inferior em relação a um macho alfa com abotoaduras assinadas por Neimann Marcuse e um sapato bem engraxado.

Godfrey então empregou qualquer exercício mental. Quando era jovem, leu um princípio que mudou o curso de sua vida: o primeiro passo para a liberdade é respeitar o direito dos outros. Isso fez dele uma aberração na linhagem Godfrey, a ideia de que cada uma e todas as almas com quem você divide este planeta, não importa quão diferentes ou mesmo terríveis aos seus olhos elas sejam, eram dignas de empatia e respeito em todas as circunstâncias. Assim, o exercício constava simplesmente em continuar sentado aqui com a revista cujas palavras eram um borrão de irritação e tentar encontrar um mínimo de generosidade para

com esse segmento particular da humanidade, em vez de fugir para o carro e beber um trago do frasco que ele sabia não estar escondendo, pois o porta-luvas não era um esconderijo, e sim um espaço completamente inocente. O que distinguia esse exercício de um castigo era uma questão de grau mais do que de intenção.

De repente houve um estampido como o disparo de uma arma e a cabeça de Godfrey estalou num alarme. Mas não houve ameaça, qualquer ameaça à sua filha, e a procedência do som tornou-se clara quando a garota obesa deslizou para o chão: uma rachadura na perna de sua cadeira cedeu ao seu peso.

Ela caiu de costas, confusa como uma tartaruga esculpida em manteiga, enquanto sua amiga cacarejava ao telefone.

– Oh, puta merda! – disse sua amiga. – Imagine de quem foi a bunda gorda que quebrou a cadeira!

Godfrey deixou a revista e levantou-se. Foi até a garota gorda caída e estendeu sua mão.

– Você está bem? – disse ele. – Você está bem, querida?

Mais tarde, passando sobre a ponte Hot Metal ele perguntou a Letha se ela gostaria de ir almoçar no clube.

– Você tem certeza de que tem tempo? – disse ela.

Ele não tinha. Balançou a cabeça afirmativamente.

– Ela tem íris – disse ela.

Ele não entendeu o que ela quis dizer. Em seguida entendeu e se descobriu momentaneamente perdido como se em cada segundo novas palavras fossem inventadas.

– Gostaria de saber qual a cor dos olhos dela – disse ela. – Preciso de um pouco de ar fresco, está bem?

Ele não fez objeção ao ar fresco e ela abriu a janela e sua franja dançou com o vento.

*

Rio acima, Olivia se encostou no capô de sua picape enquanto fumava um cigarro na sombra do Dragão. Esse ponto luminoso era a escultura de uma cabeça de serpente feita de vergalhão e tubo de oxigênio. Ficava aproximadamente a dez metros de altura entre os prédios da usina e os altos-fornos de Castle Godfrey. Em que o complementava? O autor da escultura era um mistério; a figura fez sua primeira aparição no terreno em 1991, logo após a tentativa abortada de levar o conversor Bessemer para a sucata que resultou na morte de um dos operários e feriu meia dúzia deles. Temendo a força de algum culto milenar, o departamento de polícia destruiu a estátua apenas para colocar

logo depois outra de proporções idênticas para ocupar o seu lugar. Esse processo iria repetir-se muitas vezes antes de se transformar em parte da paisagem, como a pornografia grafitada ou a pilha de sucata de material elétrico quebrado ou peças de mobiliário descartadas da ponte de minério pelos jovens locais mais atrevidos e entediados.

Os reflexos do sol que brilhavam na água fizeram Olivia recuar e o cigarro cair de seus lábios. Ela o amassou com a ponta de seu sapato e se encaminhou para a entrada da usina um tanto desequilibrada em cima dos sapatos altos e entrou. Muitos minutos se passaram. Soprava uma brisa e um gavião planava nela, ficando parado com as asas, inclinando-se para um lado e para o outro como uma criança numa gangorra. Então as velhas portas se abriram de repente com um lamento enferrujado e Olivia veio tropeçando e se apoiando na parede quando despejou no chão um líquido escuro e pegajoso. Sentiu ânsias de vômito seco e então se abaixou até o chão e deitou-se de costas. Pegou o celular na bolsa e discou. Demorou um minuto para falar com a pessoa que ela estava procurando.

– Xerife Sworn, Olivia Godfrey… Sim, sim, e sua… Bem, estava pensando se não seria muito trabalho se o senhor pedisse a seus homens para ver se acham alguma coisa estranha acontecendo perto da usina… Precisamente… Sim. Está bem, tchau.

Esticou o braço, mergulhou no líquido a ponta do dedo e o levou aos lábios.

*

Peter estava fazendo um truque com cartas com os Arcanos Maiores para Shelley no estacionamento da escola no momento em que Roman chegou e disse que seria melhor se ele não viesse junto para o reconhecimento. Peter lançou-lhe um olhar inquisitivo enquanto mostrava o Enforcado para Shelley. Ela sacudiu a cabeça e ele virou a carta para o lado.

– *Der Führer* está com o cu piscando – disse Roman. – Passarei na sua casa pela manhã.

Peter tirou o Hierofante. Ela sacudiu a cabeça outra vez e a carta foi descartada.

– Do que é que ela está com tanto medo? – disse Peter.

– De botar as garras para fora – disse Roman.

Peter assentiu. Então franziu o nariz e dobrou-se em um espirro explosivo e uma carta voou e caiu aos pés de Shelley com a figura voltada para cima. A Roda da Fortuna. Shelley sorriu.

– Puxa, queria eu ser genial como você para fazer truques com cartas assim tão bem – disse Roman.

Deixou Shelley em casa. Uma van do instituto estava parada na rua. Quando Shelley a viu, bateu palmas e pulou do reboque, que levou um tranco e ficou pulando de um lado para o outro. Ela aterrissou com um *zuumm* que ecoou em ondas pela grama, correu para a porta parando pouco antes de arrancá-la inadvertidamente de suas dobradiças. Acalmando-se, tentou girar a maçaneta como o faria uma dama. Não precisou fazê-lo, pois sua mãe abriu a porta e deu um passo para fora.

– Querida – disse ela. – Você tem uma visita.

Dr. Pryce apareceu.

– Olá, Vaga-lume.

Shelley agarrou-o pelo peito e levantou-o do chão, reunindo suas forças e segurando-se para não sair rodando.

– Fique calma, querida – disse Olivia.

Shelley colocou o Dr. Pryce de volta com os pés no chão. Ele sorriu gentilmente.

– Eu estava pensando se a garota de quem mais gosto iria querer dar um passeio comigo.

Ela pulou com a pontinha dos pés como uma criança.

– Olá, Roman – disse o Dr. Pryce.

– Oi – disse Roman de passagem. Ele e Pryce nunca tiveram senão um relacionamento superficial civilizado. O doutor caía na categoria rara das pessoas que causavam arrepios até mesmo em Roman.

– Planeja fazer alguma coisa hoje à noite?

– *Nein* – disse Roman com uma resoluta saudação nazista. Foi para dentro.

Dr. Pryce passou a mão pela dobra do braço de Shelley e saíram caminhando em volta da casa até uma trilha que cruzava a linha das árvores na parte detrás. Ela deixava pegadas quadrangulares no chão e folhas caídas acumulavam-se em seus pés. Havia uma luz de crepúsculo que se filtrava através das árvores nuas, e ele viu a ponta de uma minhoca saindo da terra solta. Abaixou-se e pegou-a e parou de novo segurando aquela coisa cor-de-rosa e salpicada de terra que se agitava contra a luz.

– Duvido – disse ele – que exista algum outro animal que tenha desempenhado um papel tão importante na história do mundo quanto estas criaturas inferiores.

Eles a admiraram por alguns momentos e então ele recolocou-a delicadamente no chão. E seguiram em frente.

– Gostaria de saber um segredo, Vaga-lume? – disse Pryce.

Ela olhou para baixo, para ele. Ele teria mesmo de perguntar?

– Por um acidente do destino eu nasci com um senso de identidade – disse ele. – Você pode imaginar alguma coisa tão terrível assim? É como o terror de estar andando e não saber para onde se está indo e ao mesmo tempo o terror do pesadelo mais vívido. E como se não bastasse, nasci prematuro, com sete meses. Não vim ao mundo com uma palmadinha no traseiro e entregue a braços amorosos que acolheram minha chegada – ela foi graças a um útero artificial, sem amor. Minhas primeiras semanas como um ser sensitivo foram passadas em confinamento solitário. Mas sempre discordei dessa frase. Se significa alguma coisa, sorte a minha de não ter tendência à agorafobia; o microcosmo espelha o macrocosmo, de partículas de átomos nos confins do universo abarcando a trigésima potência de dez no espaço, todo ele *contido no aparelho da mente*: o firmamento exterior e o firmamento interior apenas em lados opostos do espelho. E naquela solidão tranquila, cheio de medo e terror: eu o vi. O destino não é mais do que o preenchimento de nossas potencialidades intencionais. O córtex cerebral humano é uma folha simples composta de mais neurônios do que as estrelas do universo conhecido, como um origâmi com o papel dobrado em forma de garça para caber na quarta parte de um cubículo; em uma única pessoa há energia potencial suficiente que, se liberada, poderia se igualar a trinta bombas de hidrogênio. O destino não é uma coisa que se deva rejeitar sem mais nem menos! E foi lá que vi a mim mesmo. Assim, liberei o poder para me desenvolver naquela incubadora porque minha Obra na vida iluminou-se diante de mim tão perfeita e extraordinária como a única estrela da noite, e eu não tinha tempo a perder.

No caminho deles havia uma árvore fina caída a cerca de um metro e vinte centímetros do chão. Shelley a agarrou e a levantou acima de sua cabeça, eles passaram por baixo e ela a largou atrás de si.

– Sei – disse ele – que você tem certa confiança em seu tio.

Ela ficou tensa esperando alguma punição. Ele colocou uma mão tranquilizadora sobre o braço dela.

– Não estou zangado com você. Não sou Olivia. Mas há uma coisa que tenho de fazer, uma coisa muito importante, e que tem de ser muito secreta. Você já mostrou seus poemas para sua mãe?

Ela o olhou apavorada.

– Exatamente. Não há nada de mais com os segredos. Você sabe, os alquimistas acreditavam que um trabalho criativo tem uma espécie de vida própria independentemente do criador, abrindo os mundos da psique e da matéria, de ambas ou de nenhuma delas. Corpo sutil era como eles o chamavam. Você consegue imaginar alguma coisa tão bonita e preciosa? Toda a expressão criativa em uma comunhão ao contrário: suprindo um corpo espiritual! Você não

consegue pensar no que faria para proteger tamanho espetáculo de fragilidade? Não há vergonha em esconder algumas coisas. Ora, você não fez nada de errado, mas, Vaga-lume, tenho de lhe pedir como um favor pessoal para não repetir aquilo que vou lhe dizer. Para ninguém. Ouroboros é o que importa e é o que é vulnerável. Apenas… confie em mim, que é para o bem.

Shelley encontrou o olhar dele e assentiu solenemente.

– Fico com uma dívida com a garota de quem mais gosto – disse Pryce –, e ainda mais se ela sorrir para mim.

Ela sorriu.

– Acho melhor voltarmos. Nunca se sabe o que podemos encontrar hoje em dia nessas florestas. E acho que você não teria espaço para uma fatia de torta de abóbora, teria?

Ela assentiu animadamente. Deram uma meia-volta no caminho e um ramo mais baixo de uma árvore ficou preso no cabelo dela.

– Oh, querida – disse ele, e subiu numa pedra grande para retirá-lo com delicadeza. Tirou também pedacinhos de folhas.

– Tenho muito orgulho de você, sabe – disse ele. – Não é por nada, não. É a sua vez nessa incubadora.

As bochechas dela brilharam um pouco, como um raio por trás de uma nuvem.

*

Destiny parou na frente da pia, tirou a tampa, pegou a minhoca e a lavou sob a torneira. Ela passara de branca a azul-avermelhada-clara, e de fina, como era antes, passara a lascivamente gorda agora.

– Para o porão – disse ela, e virou a cabeça para trás e engoliu-a inteira. Sentou-se e sacudiu a cabeça afirmativamente para Peter. Na mesa da cozinha havia dois cintos de couro. Peter passou um dos cintos em volta da barriga e dos braços dela e apertou-o bem. Ela cruzou os tornozelos e ele prendeu-os à cadeira com o outro cinto.

– Está sentindo cócegas nos pés? – disse ele.

– Este será seu último ato aqui na Terra – disse ela. – Não se afaste muito. Isso pode ficar um pouco cavernoso.

Peter ficou por trás dela segurando-a pelos ombros. De repente, ela inspirou fundo como se sentisse uma dor aguda na barriga.

– Vá logo – disse ela, assustada. – Isso passa depressa.

Então sua cabeça caiu para frente e os dois cintos se distenderam pegando Peter de surpresa e fazendo-o afrouxar a mão; pôde apenas pegar as costas da cadeira antes que ela virasse para a frente. Agora a respiração dela era rouca e

irregular; ela estalou e ficou ereta e seu cabelo bateu no rosto de Peter; sua coluna arqueou-se rígida e suas extremidades se esticaram enquanto ela arquejava pelo nariz e começou a se retorcer violentamente de um lado para o outro; a cadeira sacudiu e balançou segurada por Peter. Então ela caiu sem energia e a respiração voltou suavemente ao seu nariz. Seu cabelo caiu para frente como uma cortina de modo que ele só conseguia ver os lábios dela de onde escorria um fio de baba.

Depois de um momento, Peter falou:

– Você pode falar?

– Sim. A voz dela era frágil e diáfana, como as asas de um inseto morto.

– O que pode me dizer?

– Eu detestava caramelo. Era boa em Trigonometria e gostava de costurar. Durante toda a minha vida sempre tive muito medo de nadar onde não se podia ver o fundo, mas um dia não tive mais medo. Estava pensando em chupar o pau de Scott Buford como presente pelo seu aniversário, mas amarelei. Meus pais sempre me amaram mais do que à minha irmã. Espero que eles tenham resolvido isso.

– O que você pode me dizer sobre sua morte? – disse Peter, mais incisivo.

– Vim para Hemlock Grove por causa do convite. Estava escuro, e eu não vi ninguém, mas achei que fazia parte. Então estacionei um pouco longe e voltei andando. E lá estava ele. De pronto não sei dizer o que era aquilo, esperando ali no nevoeiro. Nunca havia visto nada igual. Mas não sentia medo, ainda não. Era como um sonho. E ele veio devagar até mim. Como um amigo. Agora eu podia ver que era um cachorro, mas não como qualquer cachorro. Ele era muito grande. Muito grande e muito preto. Ele veio até mim, e eu estendi minha mão para ele porque sempre tive muito jeito com cachorros. Bem de perto pude ver como ele era alto, sua cabeça batia na altura da minha. E tão magro que machucou meu coração. Magro, porém ainda forte. Alguns animais a gente pode sentir como são fortes pelo ar em volta deles. Mas eu não estava com medo. Tenho jeito com cachorros. Estendi a mão para acariciar seu rosto e foi aí que vi seus olhos. Olhos amarelos horríveis.

– Que convite foi esse? – disse Peter. – Onde é que você estava?

Destiny sacudiu-se. Olhou para cima, para Peter, com olhos que olhavam para além dele.

– O jeito com que ele me olhava com aqueles olhos – disse ela. – Daquele jeito desamparado como faz um cachorro quando não consegue lhe dizer do que precisa.

Naquele momento Destiny soltou um arroto e depois mais um, e sua cabeça caiu e a minhoca saiu de sua boca e ficou pelo chão. Ela olhou para Peter.

– Levante-me – disse ela.

*

Depois de se limpar, Destiny segurou com a mão o braço de Peter já na porta.

– Mais uma coisa – disse ela. – Você conhece bem este lugar, Hemlock Grove?

– É só um lugar – disse ele tentando parecer extremamente indiferente.

– Você pode brincar de ser machão comigo, mas eu o vi chorar quando Nicolae disse que o cara dos serviços públicos era um cara durão – disse ela.

– O que eu deveria saber? – disse ele.

– Você tem de ter muito cuidado com Roman Godfrey e a mãe dele – disse ela.

– O pequeno príncipe não tem dentes – disse Peter. – E a rainha é uma atriz. Por trás da máscara ela é um saco.

– Ele não tem dentes ainda. Mas posso ver com meu terceiro olho um problema com o chacra Anahata dele, e como eu já sabia, há uma troca perigosa na linha do destino e na linha do coração dele. Ele vai se defrontar com a escolha mais difícil que terá de fazer, e se cair, haverá consequências muito grandes para quem estiver perto dele. E você deve ter cuidado perto da atriz, seja ela uma *upir* ou não. Porque nunca se sabe quantas máscaras aquela cadela louca está usando.

Peter assentiu. Ela o agarrou com mais força.

– Não se engane com aquele tipo de gente – disse ela. – Já fui apaixonada por um *upir*. Algum dia, quando estiver bastante bêbada, irei lhe falar sobre isso. Mas, por favor, leve minhas palavras a sério: nunca se esqueça do que ele é. Especialmente do que ele fez.

– Certo – disse Peter, impaciente. Não surgiu naturalmente nenhum bálsamo específico para suas dúvidas assim como a implicação de que você não as têm sob controle.

Ele parou.

– O que é que você acha dos anjos? – disse ele.

– Anjos são mensageiros que nos ajudam a compreender Deus – disse ela e olhou para ele. – Por que está me perguntando sobre anjos?

– Por causa de uma garota da escola – disse ele.

– O que tanto você tem com garotas malucas? – disse ele.

Ele não teve resposta. Gostaria de ter tido.

Sem limite superior

Naquela noite Roman ficou nu, de pé, na frente do espelho do banheiro, com a lâmina de um estilete pressionada ao lado do púbis, e fez uma pequena incisão. Ele tinha o hábito de se cortar, às vezes – sem exagero – no seu peito ou na sua barriga; não para liberar alguma dor interna ou para horrorizar, mas simplesmente porque gostava; gostava de sentir o sangue quente escorrendo por sua barriga ou por suas pernas ou pelo seu pau, gostava da complementaridade daquilo, que a vida era líquida em essência, não sólida. Olhava no espelho a curva do regato que descia pelo seu quadril e pelo interior da coxa e dos pelos eriçados de suas pernas, o calor disso em contraste com o frio do piso sob seus pés. Apertou o corte e contraiu as nádegas para aumentar o fluxo.

– Vigor sangrento! – disse ele.

Então seu celular tocou: o toque era a música "Common People".

– Merda – disse ele, procurando uma toalha de mão.

Lá embaixo, Roman disse à sua mãe que ia aparecer na casa de Letha. Ela olhou com atenção para o rosto dele e, encontrando um vestígio daquele brilho sutil que seu primo costumava apresentar mostrando que não era hábil o bastante para enganar, falou:

– Ótimo.

Ele ia passando por ela, mas ela o fez parar.

– Um momento, querido, você tem um cílio no rosto.

Ela colocou a mão no rosto dele e o olhou nos olhos.

*

– Onde está Peter? – disse Letha.

– Está em outra – disse Roman.

Ele deitou na cama dela e ela sentou-se no chão à maneira indiana.

– Então você tem um fumo para mim – disse ele.

– De montão – disse ela. – Na verdade fiquei surpresa que papai tenha querido entrar nessa, mas ele está tão sobrecarregado esses dias que pareceu aliviado em ter uma desculpa para falar sobre isso. Ele não consegue se livrar disso, você sabe. Está por todos os lados. Mas conseguirá. Conseguirá quando segurar o meu bebê.

Roman não respondeu.

– Então, acontece que, na verdade, antes de Pullman ter visto o ataque ele era uma cobaia de um estudo sobre o sono na Torre Branca – disse ela. – Ele pensa que o ataque teve alguma relação com uma experiência chamada Projeto Ouroboros, quando esteve morto e foi trazido de volta à vida.

– Hum – disse Roman enquanto se lembrava do inesperado telefonema de Pryce. – O que o seu pai pensa disso?

– Ele não sabe o que pensar. Uma vez que não havia pegadas, se o que esse cara pensou que viu foi uma alucinação, isso… faz muito mais sentido ainda de que vocês estejam certos.

Ela olhou para baixo e pegou a franja do tapete.

– Que seja uma pessoa.

Roman assentiu. Então parou de repente e olhou para ela com uma expressão vazia.

– O que foi? – disse ela.

– O instituto é um dos centros médicos mais avançados do mundo – disse Roman. – A única coisa que interessa é onde o bebê irá ficar mais seguro.

Um momento se passou e Roman continuou a sacudir a cabeça, porém agora um tanto confuso. Ela também estava confusa. Entreolharam-se. Passou um tempo. Letha virou a cabeça para o lado estalando o pescoço e virou-se para trás para comprimir um nó em seu músculo dorsal.

– Quer que eu lhe esfregue as costas?

Ela achou ridículo, esperar de uma pessoa egoísta como aquela o oferecimento de um gesto tão altruísta.

– Venha – disse ele. – Não me diga que esses seus peitos estão machucando seus ombros.

– Cale a boca!

Ela cruzou os braços em volta do peito.

Roman deu uma batidinha no cobertor. Ela mordeu o lábio.

– A mostra de seu sinal de resistência não engana ninguém – disse ele.

– Está bem, está bem – disse ela, e ficou de bruços do lado dele.

Ele abriu as pernas dela, sentou-se na almofada de seu traseiro e colocou o cabelo dela todo para o lado.

– Você terá de me desculpar se meu desempenho não for cem por cento – disse ele. – Não estou acostumado a fazer isto por cima da blusa.

– Você é muito indecente! Se eu quisesse saber suas sacanagens, era só prestar mais atenção ao que se diz no banheiro das meninas.

Ele mergulhava os polegares em seus trapézios e fazia pequenos semicírculos, irradiando para o exterior, na direção dos deltoides. Ela inspirava forte e

expirava lenta e silenciosamente. Ele trabalhava com os nós dos dedos em suas escápulas.

– Você é bom nisso – disse ela. – Indecente!

Seu nariz franziu com uma coceira e ela o esfregou com as costas da mão. Ele pegou o pulso dela e viu o anel em seu dedo.

– O que é isso?

– É um prêmio. Peter disse que era de boa sorte.

Roman não disse nada. Trabalhou com os polegares cada vez mais para baixo da espinha dela, então deslizou os dedos por baixo de sua blusa e massageou sua cintura e as covinhas de carne de cada lado da parte baixa de suas costas.

– Aí mesmo. Ai, meu Deus, aí mesmo – disse ela.

Uma leve batida e Marie Godfrey entrou sem esperar uma resposta.

– Querida, está passando aquele programa de dança que você gosta – disse ela.

– Obrigada, mamãe – disse Letha.

Marie foi até a porta indecisa, em meio a um enigma sobre sua desaprovação e falta de base teórica para protestar.

– Hum, a próxima sou eu? – disse ela com um riso de uma fragilidade desagradável que seus próprios ouvidos se recusaram a registrar como sendo ela mesma que dissera aquilo.

– Com certeza – disse Roman piscando o olho, o que a fez pensar que estava no comando da situação.

– Ah, mamãe – disse Letha. – Acho que vou ver se troco o tratamento pelo do instituto. Sei que papai irá ter um acesso de raiva, mas lá é um dos centros médicos mais avançados do mundo, e a única coisa que interessa é onde o bebê vai estar mais seguro.

*

O Dr. Godfrey sentou-se com o fone no ouvido, tamborilando com os dedos num jarro sobre sua mesa que continha duas meadas do tamanho de um punho de fibras escarlate trançadas de forma complicada: vasos sanguíneos de cérebro moldados em polímero colorido – presente da Sociedade Psiquiátrica Feminina por sua generosidade a essa causa. Ele perguntou à sua mulher o que exatamente se esperava que ele fizesse.

Ela se desculpou.

– Quis chamar alguém com certo controle sobre o que acontece sob seu teto – disse ela.

O sinal de discar encheu seus ouvidos. Sua mão afastou-se, mas ele não colocou o fone no gancho. Ficou sentado olhando os furinhos do fone.

*

– Que mistério mais filho da mãe – disse Olivia.

Ela fechou a porta da sala de Godfrey atrás de si.

– *Monsieur* chamou?

Ele não se levantou de trás da mesa. Ela sentou-se no sofá, reclinando-se.

– O que Johann está tramando? – disse ele.

– E por que eu deveria saber? – disse ela.

– Todas as vezes que tento segurar suas rédeas, ele se esconde embaixo de suas saias. Por quê?

– Porque, desde que eu seja informada de tempos em tempos, me preocupo o mínimo possível com… o que seja lá o que Johann faça – disse ela.

– Minha filha decidiu que gostaria de continuar o tratamento no instituto – disse ele.

– Sensata – disse ela.

– Isso não irá acontecer enquanto eu estiver vivo.

– Você está me olhando como se eu fosse discutir algo que não é da minha conta.

– E quanto à proposta de comprar a minha parte? Isso, sim, é da sua conta.

– É novidade para mim se existe alguém que queira a sua parte – disse ela com indiferença.

– Quando você está mentindo, sei que você sabe exatamente no que quer que eu acredite, não? – disse ele.

Ela levantou-se, dirigiu-se ao seu armário e pegou uma garrafa de *scotch*.

– Pelo que tenho visto, as pessoas acreditam exatamente no que querem independentemente do seu incentivo – disse ela. Encheu um copo.

Godfrey olhou-a. A primeira vez que ela vinha à sua sala desde que fora sua paciente. Provocando a mesma resposta que ela sempre teve antes, nunca replicada por outra: um insulto à própria inabilidade de controlar seus sentimentos.

– Como é que você não se importa com o que ele fez a Shelley? – disse Godfrey, as orelhas vermelhas de um ódio crescente mais feliz do que qualquer bêbado. – Você tem algum fluido anticongelante nas veias?

Ela não respondeu.

– Que espécie de mãe é você? – disse ele, sem piedade, desagradável e exaltado.

Ela recolocou o *scotch* na prateleira e a garrafa do seu lado sem recolocar a tampa, e fechou a porta. Voltou para o sofá enquanto o líquido começava a escorrer da fresta da porta, descendo pelo lado e encharcando o tapete.

Godfrey levantou-se e foi até o sofá, ficando de pé à sua frente.

– Levante-se – disse ele.

– Graças a Deus – disse ela. – Estava pensando que você tinha me chamado aqui só porque Marie não o ouve mais quando está sendo grosseiro.

Ele tirou o copo das mãos dela e colocou-o sobre a mesa, em seguida enfiou a mão sob a saia dela e puxou sua calcinha, que deslizou até os seus sapatos. Eles se encararam. Ela expirou o cheiro de *scotch* no rosto dele.

– Isso o ajuda a fazê-lo subir hoje em dia? – disse ela.

Ele a pegou pelos ombros, virou-a e forçou-a a se ajoelhar dobrada sobre o sofá. Ele ajoelhou-se e levantou a saia dela até sua cintura e deu-lhe um tapa forte na bunda. Ela respirava com agressividade. Ele lhe deu outro tapa, e mais um e mais outro e ela deixou escapar um grito e agarrou as almofadas para levantar-se. Ele a alcançou com sua mão esquerda e agarrou-a pelo pescoço e a manteve no lugar enquanto investia contra ela com o maior desembaraço, os ombros dela sendo torturados agora com soluços baixos e sua carne nua marcada por matizes luminosos do pôr do sol vermelho sobre sua vulva debilmente brilhante como uma miragem de calor na estrada, e a visão de tanta beleza apertou o coração dele tal qual a visão da beleza natural que se deseja com cada uma das suas moléculas, mas jamais se pode ter. Ele afundou, enlaçando as coxas dela com seus braços e correndo seus lábios e sua língua sobre seu traseiro e a parte baixa de suas costas. Ela empurrou seu corpo contra o dele e afundou no chão à procura da virilha dele, retirando seu cinto e jogando-o para o lado. Desabotoou as calças dele, deitou-se de costas e ele separou suas pernas e a penetrou gentilmente beijando a umidade das lágrimas de seu rosto. Ela o olhou impaciente.

– Como você queria – disse ela.

Ele empurrou com força.

– Assim – disse ela.

A energia dele ganhou rapidamente um aumento de intensidade. Sentia-se como um pequeno roedor raivoso. Sentia-se como o deus da carnificina. Como ele se sentia significava menos do que o fato de sentir a intensidade daquilo tudo.

Pouco depois ele se levantou, pegou uma caixa de lenços de papel de sua mesa e deu-a a ela. Ela pegou sua mão.

– Venha cá – disse ela.

Ele permitiu que ela o puxasse para baixo. Ele deitou-se com a cabeça no peito dela e ela correu sua mão pelas costas dele. A primeira vez deles havia sido neste mesmo chão há muitos anos. Se isso pareceu algo com o qual ele não poderia se sentir pior naquela ocasião, foi porque ele era muito jovem para saber

que o tempo é cíclico e que não existe um limite superior para o número de vezes que você pode cometer o mesmo erro.

– Meu pobre, pobre Norman – disse ela.

Ele gostaria de ter ficado ali derramando algumas lágrimas por um tempo, mas estava vazio demais para chorar. Parecia que toda a bondade do mundo estava na palma da mão dela.

Uma grande coisa ruim

Na manhã seguinte Roman e Peter foram ao número 7 da Royal Oaks Drive em Penrose. Na entrada havia uma caminhonete estacionada com um adesivo no para-choque do candidato republicano perdedor da última eleição para governador. Na varanda havia uma bandeira do Dia de Ação de Graças com uma cornucópia e sobre a boca de uma lata de lixo na calçada havia um capacho com a marca de uma pata de animal impressa no lugar da letra *o* da palavra *Bem-vindo*. Um homem branco de meia-idade atendeu à porta. Ele usava óculos com uma marca de dedo na beirada de uma das lentes, uma camiseta dos Steelers e calça de moletom, seu pescoço e queixo eram rosados e avermelhados e a barba estava por fazer. Fazia tempo que não cortava as unhas dos dedos dos pés.

– O que desejam? – disse ele.

– O senhor é o senhor Willoughby? – disse Roman.

– Sim?

Ele estava sob efeito de remédios e meio apático sobre quem eles eram e o que desejavam.

– A senhora Willoughby está? – disse Roman.

– Não, não está.

Roman olhou-o nos olhos.

– Por que é que não vai dormir um pouco?

O Sr. Willoughby entrou e foi para um sofá e deitou-se de costas para a sala como um bêbado de desenho animado. Peter foi para a escada, mas Roman permaneceu com o homem. Tirou os óculos dele, respirou na lente e retirou a mancha com seu blazer. Peter olhou para Roman e jogou a cabeça na direção da escada. Atento a tudo. Roman colocou os óculos sobre a mesa e seguiu-o até o segundo andar, onde começaram a abrir as portas. Peter achou o banheiro e Roman o que pareceu ser o quarto de uma adolescente.

Peter olhou para dentro e disse:

– Alguém dormiu nesta cama.

O próximo quarto que tentaram foi o que era de Lisa. A cama estava feita e não havia sido desfeita fazia tempo. Em uma das paredes havia um painel de cortiça com fotografias de Lisa e suas amigas, assim como um monte de fotos de artistas populares e folhetos de viagens para lugares exóticos e uma página de revista sobre regime alimentar. Sobre a escrivaninha no topo de uma máquina de

costura havia a miniatura de uma artista com um vestido longo fazendo uma pirueta. Roman foi até o guarda-roupa e Peter à escrivaninha. Peter folheou todas as suas cartas, cadernos e livros escolares. Encontrou um desenho inocente, aparentemente feito durante uma aula de Estudos Sociais, de uma mulher peregrina sendo alegremente perseguida por um índio americano com uma enorme ereção meio coberta por um pano, e uma única folha de papel de computador com um título no alto: COMO TROCAR. O resto da página estava em branco. Recolocou as coisas dela do jeito em que as encontrou.

– Alguma coisa? – disse a Roman.

Roman levantou uma calcinha com um chumaço de algodão na parte detrás como o rabo de um coelho.

– Totalmente sem noção – disse ele.

Peter entrou no closet dela e Roman pegou uma caixa com fotos de infância e recordações que estava embaixo da cama.

– E se estiver no carro dela? – disse Roman empilhando com cuidado fotos das turmas da escola primária e cartões do Dia dos Namorados. – E se estiver em sua bolsa?

– Nunca entendi o que é que uma pessoa faz com tantos malditos sapatos – disse Peter, que usava apenas coisas que seu hábito pessoal ou o clima tornavam necessárias.

Roman acrescentou à pilha um programa para uma apresentação do Lago dos Cisnes. Pegou uma foto de Lisa com onze ou doze anos fantasiada como um vagabundo do tempo da Depressão, com a sombra da barba por fazer pintada a carvão.

– Pegando carona nos trens – disse ele.

– O que é que você está procurando? – disse uma garota no corredor.

Roman e Peter viraram-se. Ela tinha por volta de quinze anos, uma variante desagradável da beleza de sua irmã, e estava acima do peso. Roman olhou de relance para Peter, que havia lhe estendido a mão. Ele daria conta dela.

– Estamos procurando uma carta que teria chegado para sua irmã – disse Peter. – Achamos que alguém pode tê-la matado.

– Alguém como você? – disse ela.

– *Touché* – disse Roman.

– Roman – disse Peter. – Cale a porra dessa boca.

– Foram vocês que abriram sua sepultura? – disse a garota.

Eles ficaram calados.

– Não me importo – disse a garota. – Isso é muito pior do que acontece quando você morre. Agora mesmo existem coisas vivas em você que irão comê-lo de dentro para fora. Chama-se simbiose. Mamãe costumava me chamar de “a

sentimental". Ela saiu para levar Gary para ser sacrificado. Não quer mais um cachorro por aqui, e papai não quer que o cachorro que Lisa amava tanto tenha outros donos. Eu sempre achei que ele era um pentelho irritante, mas isso parece um pouco demais para um Boston terrier.

A garota olhava para eles com olhos opacos como a cera de vela.

– Está comigo – disse ela. – O que vocês estão procurando. Vou buscar. – Ela desapareceu.

Roman olhou para Peter.

– Desculpe – disse ele.

Peter ficou calado.

A garota voltou momentos depois com um envelope preto sem nada escrito.

– Quis pegar um par de meias, emprestado, e descobri isto – disse ela. – Quis ir junto, mas ela não me levaria. Eu… tive um, não sei, um vislumbre. Talvez na ocasião não tenha sido realmente um vislumbre de nada, apenas parecia isso, pensando bem agora. Mas você sabe como é quando se está zangada com alguém quando vão embora e uma parte de você pensa, e se acontecer alguma coisa e eu nunca mais tornar a vê-la, e se o que eu digo agora tiver sido a última coisa que eu disse? E eu olhei para ela, e ela estava sempre tão bonita, e eu disse que esperava que ela acabasse jogada numa lixeira.

Ela entregou o envelope para Peter.

– Eu o mostrei para os meus pais, mas eles ficaram chateados – disse ela. – Eles acham que foi apenas um animal. Acham que eu estava querendo chamar a atenção.

Peter abriu o envelope e pegou um cartão preto com letras brilhantes feitas com cola e purpurina e leu. Olhou para Roman.

– Você é Roman Godfrey, não é? – disse a garota.

– Como é que você sabe quem eu sou? – disse Roman.

– Você é um Godfrey – disse a garota.

– O que é isso? – disse Roman. – O que isso quer dizer?

– Achei que você pudesse estar aqui por minha causa também – disse a garota.

Peter entregou o cartão para ele. Roman olhou para ele e ficou calado.

– Acho que você não é – disse a garota melancólica.

O cartão era um convite para uma festa. A festa era SÓ PARA CONVIDADOS, e você não deveria contar para qualquer outra ALMA VIVA. SHHHHHHH, dizia. A festa seria no Castelo Godfrey na noite de lua cheia.

– Você tem alguma ideia de quem pode ter mandado isso para ela? – disse Peter.

– Não, não tenho. Que eu saiba ela não tinha amigos de Hemlock Grove. Mas alguém tinha roubado a carteira de sua bolsa numa loja da Starbucks duas

semanas atrás. Achei que talvez estivesse com vocês.

Roman não respondeu ou pareceu não estar mais prestando muita atenção. Ele segurava o convite onde estava escrito o seu nome, como faria com um texto sagrado.

– Muito obrigado – disse Peter. – Foi uma grande ajuda.

– Por que você está à procura dele? – disse a garota. – Aquele que fez isso?

– Porque ele irá se juntar a Gary – disse Roman.

*

Olivia foi com Shelley à biblioteca. Lá se dividiram e cada uma foi para uma seção. Shelley foi para a de livros sobre Física e Olivia para a de periódicos. Shelley passou pela seção de livros infantis. Uma mulher numa cadeira de balanço lia para um semicírculo de crianças sentadas sobre o tapete. "Não pelos cabelos de meu chinny-chin-chin", dizia ela. Parou quando Shelley passou e as crianças se viraram. Shelley ficou imóvel – todos aqueles olhos pequeninos, como espetos liliputianos. Uma garotinha moveu-se e tocou num dos cubos de Shelley com uma expressão de admiração. O lado direito do rosto de Shelley enroscou-se num sorriso. Uma mancha escura formou-se no colo de um menino que tremia e que começou a chorar. A contadora de histórias ajoelhou-se para a frente e disse para o menino ficar quieto, mas suas lágrimas se alastraram de criança a criança como cabeças de fósforos inflamando-se, rápido demais para que a contadora de histórias pudesse contê-las. Shelley saiu dali.

Olivia ouviu o fraco coro de terror e murmurou em silêncio para si mesma, pegando um exemplar do *Wall Street Journal* preso entre duas réguas de madeira. É comum nas famílias de posses que haja "avô rico, filho nobre e neto pobre" e J.R., sendo o quarto e único responsável por salvar a fortuna dos Godfrey de certa ruína, acreditava que isso podia ser evitado principalmente se as partes interessadas fossem capazes de encontrar um vestígio das páginas de finanças no jornal sem a ajuda de lacaios. Muito cedo na educação que ele deu à sua mulher, ela hesitara – a única personagem que poderia ser capaz de lhe causar problemas em demasia, era ela própria – mas surpreendentemente pegou o jeito da coisa ao perceber a relação disso com sua própria arte: uma vez decodificado, o mercado, como o palco ou o coração, era simplesmente outra arena na qual os desejos pegavam em armas. Um homem velho do tipo que frequenta bibliotecas e prefere a leitura de jornais impressos em papel estava sentado numa mesa próxima e disse:

– Arriscando-me a parecer antiquado, fico sempre terrivelmente impressionado ao ver uma senhora com faro para negócios.

Ela virou-se para ele, que, ao ver que o faro em questão estava ligado a Olivia Godfrey, perdeu a afabilidade até então presente em seu semblante e sua boca abriu-se num sorriso de morte.

– Não há de quê, obrigada – disse, ela mesma antiquada o bastante para receber um elogio masculino com a intenção que esse teve.

Olivia e Shelley juntaram-se em duas poltronas no andar superior junto das janelas. As molas da poltrona de Shelley foram quase até o chão quando ela abriu o livro. Olivia esticou seu pescoço lendo em voz alta por cima do ombro da filha.

– "É claro que, por menor que seja o impacto sobre o nosso universo físico, o fato do emaranhamento quântico é o seguinte: se sabemos que existe uma coisa logicamente explicável, então isso permite a existência de todas as coisas logicamente inexplicáveis. Uma coisa pode ser de uma impossibilidade mais profunda do que outra, no sentido de que você pode estar mais profundamente submerso – mas se você está a um metro e meio ou a nove metros da superfície, de qualquer modo está molhado".

Shelley fechou o livro com força e cruzou os braços fazendo beicinho. Mas então seus olhos se iluminaram (numa expressão incomum) e ela levantou-se acenando animadamente. Olivia levantou os olhos. O objeto de entusiasmo de sua filha era uma garota com aproximadamente a mesma idade dela, acompanhada por uma senhora idosa carregando uma pilha de histórias de detetive sensacionalistas, uma garotinha com um cabelo preto espigado que nem um ninho de corvos com uma franja branca resplandecente que, segundo o olhar conhecedor de Olivia, não era resultado de tintura. Se ela não estava enganada, a garota era aquela que havia encontrado Lisa Willoughby.

Christina respondeu ao aceno de sua colega de classe com um sorriso, ao vê-la ali com um bom astral e rindo também, mas seu sorriso foi murchando no reflexo preto dos óculos escuros de Olivia. Apressou-se a seguir em frente com a avó.

Desapontada, Shelley sentou-se e, ao fazê-lo, a luz brilhante da tarde refletida nos carros do estacionamento incidiu sobre o olho de Olivia. Olivia tentou desviar o olhar, mas não conseguiu. De repente, de maneira irreversível, ficou à sua mercê. A luz passou por ela, a sombra tomou seu lugar. A sombra apenas esperou que ficasse distraída pela luz que brilhava dourada como um campo de…

Shelley olhava para sua mãe, que agarrava com uma das mãos o braço da poltrona enquanto as pontas dos dedos da outra mão corriam de leve por seu rosto e suas pálpebras pestanejavam e ela lhe disse:

– Os girassóis…

E ao dizer isso desabou no chão.

*

– É só um lugar vazio e remoto – disse Peter ao sair do carro. – Até onde sabemos não significa nada para ninguém.

Roman olhou para uma parte rochosa no lado do morro onde havia uma árvore com a forma de uma letra J.

– Sabe como é que aquilo se chama? – disse Roman. – Quando o sistema radicular fica exposto ali na pedra? Existe um nome para isso?

– Não sei – disse Peter. – Muitas coisas têm nomes.

Combinaram de se encontrar mais tarde, à noite, e Peter entrou em casa, onde Lynda estava assistindo a TV e montando o quebra-cabeça de uma reprodução conhecida de um quadro de Monet.

Lynda disse para Peter que Lisa tinha passado por ali.

– Lisa? – disse Peter.

*

Dos arquivos de Norman Godfrey:

NG Falei com o Dr. Pryce.
FP …
NG Você sabe quem é o Dr. Pryce, Francis?
FP Sim. Eu o conheço.
NG Ele diz que você participou de uma experiência médica no Instituto Godfrey. É verdade?
FP E daí?
NG Existe algum motivo para não ter mencionado isso antes?
FP Eu lhe falei. Eles nos mataram.
NG Segundo o Dr. Pryce, você tomou um barbitúrico altamente experimental.
FP Eu não sou um mentiroso de merda.
NG Ninguém está dizendo isso. Só estava querendo entender melhor o que você está passando.
FP Eles nos deram uma porra qualquer, é verdade. Eles nos mataram e nos trouxeram de volta.
NG Francis, pode me ajudar a entender o mecanismo disso, por favor?
FP Hoje eu vi o Dragão…
NG Pode descrever as coisas que vê?
FP As coisas… surgem na minha cabeça.
NG Coisas de que tipo?

NG Um bebê numa bolsa de sangue. Um rio vermelho incandescente. Um cachorro saindo de um ovo preto enorme. Uma agulha do tamanho de uma espada. Um demônio com uma coroa de luz.
NG Essa agulha… é algum tipo de droga?
FP Não se trata de droga porra nenhuma! Isso é algum tipo de merda ruim e antinatural que não tem nada a ver. Você acha que isso é viagem de doidão, fale com um dos outros caras, veja como eles estão dormindo. Tenho até um nome para você que eu vi na prancheta ao lado da minha. Varga, H. Fale com a porra desse tal de H. Varga antes de começar a olhar para mim como se eu estivesse inventando essa merda toda.
NG Francis, por favor, acalme-se. Não estou tirando conclusões.
FP Certo. A porra de seu nome é Godfrey. Aposto que seria ótimo para você chegar à conclusão de merda de que tudo isso era só uma viagem de um velho negro doidão.
NG Por favor, Francis, estou aqui para ajudá-lo. Sou médico, só quero ajudar… alguém.
FP …
NG …
FP Então faça isso parar.
(*Entra a enfermeira Kotar*)
NK Doutor, desculpe-me interromper, mas há um telefonema urgente para o senhor.

Você não gostaria de pensar assim?

Olivia estava sentada debaixo de uma árvore, usando seus óculos escuros, com as pernas cruzadas na altura dos tornozelos, arrancando as pétalas de um dente-de-leão. Shelley de pé, cuidadosamente, fazia-lhe sombra. Olivia olhou para cima e tocou a mão de Shelley.

– Olhe para a maçã ácida fingindo que não está feliz em nos ver – disse ela.

– O que foi que aconteceu? – disse o Dr. Godfrey.

– Bebi um pouco demais. Estou me sentindo bastante tonta.

– Por que não chamou uma ambulância?

Ela fez um gesto de negação com a mão ante a ideia de tal exagero.

– E quem levaria Shelley para casa?

– Por que não chamou seu filho?

– Tentei, mas não tive sorte.

– Acho que você deveria ir para o hospital.

Ela franziu o nariz como se ele tivesse sugerido que ela usasse um diamante falso antes do pôr do sol – a ideia de lidar com algo tão precioso como a sua saúde em um show de horrores de um hospital.

– Vou ficar tão saudável quanto um cavalo depois de uma soneca – disse ela.

Godfrey coçou o queixo avaliando o que ela dissera. Ela arrancou a última pétala e largou o talo, olhando-o por cima de seus óculos de Jackie O.

Ele virou-se para Shelley.

– Pode me dar uma mãozinha aqui com a paciente, enfermeira?

Shelley sorriu.

Godfrey levou-as para casa na caminhonete de Olivia. Olivia perguntou pela saúde de Letha.

– Que tal não falar sobre nossos filhos? – disse Godfrey.

– Bem, isso soa terrivelmente divino – disse ela.

Ela tirou os sapatos e colocou os pés no painel do carro.

– Importa-se se eu fumar? – disse ela.

– Sim.

Ela soltou o isqueiro do painel.

Na Mansão Godfrey, depois de Olivia estar em segurança na cama, Shelley ficou na porta, mas foi dispensada pela mãe para recompor suas energias.

Shelley olhou relutantemente para Olivia e para o Dr. Godfrey, desejando de algum modo que essa aventura continuasse.

– Mamãe está muito cansada, querida.

Shelley virou-se tristonha e subiu a escada.

Godfrey ficou ao pé da cama com as mãos na cintura.

– Durma – disse ele. – Coma alguma coisa. Se isso acontecer outra vez, insisto que você consulte um médico.

– Venha até aqui – disse Olivia.

– Não há motivo para que eu vá até aí.

– Norman, por favor, você pode vir me dar um beijo de despedida, como um adulto.

Godfrey enfiou os polegares nos passadores de cinto de suas calças e deu-lhe seu olhar maroto há muito aperfeiçoado.

– Olivia… isso foi encenação?

Ela riu.

– Você *adoraria* pensar assim, não? Não, na verdade eu não comprometeria minha maldita saúde nem a segurança de minha filha para criar uma armadilha para chamar a *sua* atenção. Eu apenas precisei de uma mão e foi muito amável da sua parte ter me estendido a sua.

– Você vem tomando seus remédios?

– Você já deixou bem clara a sua posição a esse respeito.

– Isso não é o mesmo que um sim.

– Sim – disse ela. – Acredite se quiser, eu não faço pouco de seus conselhos médicos. Mesmo que você tivesse a atitude médica de um mongoloide. Agora pare de ser rústico e venha me dar um beijo de despedida.

Godfrey olhou para seu relógio sem ver as horas. Em seguida foi para a porta do quarto e fechou-a.

*

– Sua sala, esta cama. Estamos variando, não? O que acha de escapulir para a usina qualquer noite dessas?

Godfrey afastou-se dela, sentou-se na beira da cama e olhou para suas calças amarrotadas no chão como uma pele de cobra descartada.

– Não era assim antes – disse ele.

– Só Deus sabe. Naquela época aquele maldito cabeça de alce do J.R. estava tão satisfeito consigo mesmo que ficaria muito bem na parede sobre a lareira.

Ele não disse nada. Ela olhou para ele de forma interrogativa e pousou a cabeça em seu colo. Podia sentir seu próprio cheiro nele.

Ela sorriu, mas ele olhou para a frente.

– Norman, olhe para mim.

Ele olhou para a frente.

– Norman, olhe para mim.

Ele olhou para baixo e encontrou o olhar dela.

– O instituto é um dos centros médicos mais avançados do mundo – disse ela. – A única coisa que interessa é a segurança do bebê.

Do lado de fora, uma corça surgiu vinda da linha das árvores parando para lamber sal de um toco. Era tediosamente misteriosa como todos os cervos. Ele não sabia se a estava observando havia poucos momentos ou a um dia inteiro.

Ela levou a mão dele para trás e a guiou em direção de suas pernas.

– Você ainda me faz ficar molhada como sempre fez – disse ela.

Ele ficou parado, tomado pela compaixão. Não sabia se aquilo era para ela provar alguma coisa, ou se era para ele, porque provou.

*

Roman subiu o Indian Creek para voltar ao seu carro. Jogou a calcinha com o rabo de coelho de Lisa Willoughby na água do córrego e enxugou as mãos nas calças. No caminho de volta chutou uma lata de cerveja que bateu numa pedra e acabou por cair na boca de um tubo de esgoto.

– Gol! – disse ele.

Tirou o celular do bolso e o ligou. Havia onze chamadas não atendidas.

– Merda – disse ele, e correu para o carro.

Quando chegou em casa, o Dr. Godfrey estava sentado à mesa da sala de jantar com um copo na mão.

– Sua mãe está lá em cima dormindo – disse ele. – Ela está bem. Então, respondendo a uma pergunta que não foi feita, "estou apenas esperando um táxi".

– Posso levá-lo para casa – disse Roman.

Godfrey acenou com um não à sugestão dada.

– Obrigado, ele já está a caminho.

– Não tem problema. Eu estou aqui mesmo.

– Então está bem.

Roman deu de ombros e foi seguindo adiante; aquela havia sido a maior troca de palavras entre eles em meses. Godfrey deu um gole e segurou o líquido na língua e engoliu.

– Depois deste drinque – disse ele.

Enquanto o Jaguar se arrastava da entrada, nenhum dos dois percebeu o xingamento emitido pela silhueta que os observava pela janela do sótão.

– Como é que ela está indo? – disse Godfrey no caminho. – Sua mãe. No geral.

– Psicótica – disse Roman. – Assim, mais ou menos como ela é.

Godfrey riu e olhou pela janela. Estavam passando em frente ao shopping, onde havia uma parada de ônibus na qual um garoto negro e gordo vestido com uma camiseta das Tartarugas Ninjas por cima das banhas de sua barriga tinha na mão um picolé que não estava comendo, mas que olhava com um olhar perdido enquanto o tirava de dentro da embalagem e o recolocava outra vez e o tirava outra vez como se essa fosse uma tarefa que lhe fora dada no submundo.

Roman olhou para ele.

– E como você está? – disse ele.

Godfrey ficou surpreso com a pergunta. Mas por que deveria? O rapaz partilhava seu sangue e seu nome; por que deveria ser surpreendente que o filho das duas pessoas mais próximas, cada um a sua maneira, na vida de Godfrey fosse também um humano? Ele não sabia como responder e percebeu que gostou da confusão: naquele momento ele não era nem pai nem doutor nem mesmo um tio; de fato não tinha qualquer papel definido ou tampouco qualquer expectativa.

– Você sabe quem foi que engravidou minha filha? – disse ele.

– Não – disse Roman. – Se soubesse, ele estaria agora no fundo do rio.

Godfrey ficou surpreso por não ter percebido como aquele seu sobrinho havia se tornado encantador.

Roman, querendo obter, como só um filhinho de mamãe consegue, o máximo da aprovação do homem, tentou pensar em mais alguma coisa útil para acrescentar.

– Se eu soubesse mais do que você já sabia, teria lhe dito – disse Roman. – Se é isso o que você está perguntando. Mas só posso dizer que ela parece… feliz. Não sei se isso é um sinal de perigo ou não.

Passaram por um bueiro aberto com uma corda indo para dentro dele e uma fila de homens com capacetes de operários a estava puxando lá de dentro.

– Eu também não – disse Godfrey.

*

Letha informou a Peter que estava na hora de ele acompanhá-la para comprar *frozen yogurt*, e assim foram até o Twist, e ela o atualizou sobre a outra metade do reconhecimento que fizera com seu pai.

– Então, a Tia Olivia não é um dos assuntos favoritos dele, mas soube um pouquinho mais. Ainda não sei de onde ela é; acho que J.R. apaixonou-se por ela quando a viu no palco. Que, quer dizer, é claro que ele se apaixonou. (Cara, não sei o que é preciso para ter uma bunda como aquela, na idade dela…) Quando

ela era paciente de papai, eu sentia que ela tinha problemas muito sérios, antes de Roman nascer. Mas foi J.R. quem no fim perdeu completamente o controle. Aparentemente ele fez acusações muito sinistras a ela.

Peter pegou um canudo e o achatou.

– Como o quê? – disse despreocupadamente.

– Ele não me disse nada específico, mas deve ter sido alguma coisa pessoal muito séria; papai ficou ainda bastante chateado com isso. E no fim das contas houve uma carta de suicídio que chegou pelo correio… no dia seguinte. Ele jamais a mostrou para ninguém. Eu ia perguntar a ele o que é que ela dizia, mas vi pela cara dele que era hora de mudar de assunto.

Ele dobrou uma das pontas do canudo e a enfiou na outra, formando um quadrilátero.

– O que é exatamente que você está procurando? – disse ela.

Ele alisou as arestas e fez do canudo uma janela através da qual olhou para ela.

– O que é que você vai fazer se encontrar? – disse ela.

Ele deu uma mordida na torta e a mastigou pensativo, tentando dar a impressão de que tinha uma resposta de grandes consequências e sensibilidade para compartilhar, ao invés da verdade de que não tinha nenhuma.

De repente ela inclinou-se para a frente.

– Você as conhece?

Ele acompanhou o olhar dela. As tarântulas gêmeas que pairavam em volta de Christina, vestidas de garotinhas, estavam em outra mesa do outro lado da praça de alimentação com vários outros estudantes do primeiro ano, olhando.

– Oh, eles pensam que eu sou um lobisomem – disse Peter.

Letha olhou com raiva para a mesa delas.

– Quem quer chegar ao segundo ano?! – disse.

As gêmeas viraram a cara e deram um risinho abafado.

– As pessoas são um saco – disse Letha.

– Pessoas são apenas pessoas – disse Peter, divertindo-se com o sentimento de ser ao mesmo tempo errado e generoso.

– São umas putinhas – disse Letha.

Peter sorriu; ele curtia a ira da rivalidade feminina.

Letha desejou limpar aquele sorriso idiota do rosto dele com um jato de areia; gostaria de forrar suas paredes com um papel com essa imagem para poder senti-la de olhos fechados.

A maior diversão que uma garota pode ter sem tirar a roupa

Isso era surreal. Não era só o local que elas haviam tingido ontem, tão branco quanto era antes, como também o número de fios infectados tinha dobrado.

Alexa franziu a testa.

– Isso é realmente irritante – disse.

– Quer dizer, a culpa não é sua – disse Alyssa, com olhos acusadores voltados para Christina.

As duas estavam ajudando Christina a se arrumar para o seu encontro, porque tinham combinado – Christina não havia sido consultada – que não havia nada que a ajudasse mais a se livrar do trauma de ter descoberto metade de uma garota morta do que o trauma do primeiro encontro com um garoto vivo e inteiro.

– Teremos de dar um jeito de nos arranjar com o que temos – disse Alexa aborrecida. – Você pensou numa roupa?

Christina mostrou a elas o que tinha planejado usar e recebeu um não solene e simultâneo.

– Os jeans não são tão… assustadores – disse Alexa consoladora.

– Mas a blusa está mais para um piquenique da igreja do que para uma deusa selvagem do sexo – disse Alyssa.

– Não sei se sou do tipo deusa selvagem do sexo – disse Christina.

Mas elas a ignoraram; para começar, ela na verdade havia perguntado apenas por motivos sociológicos – elas trouxeram o que ela devia usar.

– Gosto desses jeans – disse Christina.

– Total. Para que se pinte alguma coisa que fique bacana – disse Alyssa.

Alexa colocou sobre a cama a blusa que tinham trazido. A blusa era cor-de-rosa gelada e tinha uma estampa que imitava chuviscos.

– Eu… eu não posso usar isso – disse Christina.

– Christina, não seja difícil – disse Alexa.

– Eu não posso usar isso – disse Christina.

– Christina, estamos só… chata!

Alyssa deu um beliscão com as unhas acima do cotovelo de Alexa e indicou Christina com seus olhos. A palidez do rosto dela.

– Está bem – disse Alexa. – Tudo bem, querida.

Pegaram um suéter creme que depois de alguma discussão decidiram que era aceitável desde que ela atuasse de forma insinuante durante a primeira meia hora, e continuaram a enfiar Christina dentro dos jeans que tinham trazido. Dali voltaram para a questão do cabelo. O processo era desconhecido e misterioso para Christina. Ela não fora dotada de um senso prático de como lidar com essa questão estranha e complicada de ser uma garota, em que coisas aparentemente naturais, como ocupar-se de assuntos grandes que aprendeu no National Geographic sobre tigres siberianos, eram de repente esquisitas, e coisas totalmente esquisitas em si mesmas, como pintar os olhos com um lápis, se tornavam normais, e isso mostrava por fim que era o produto de um esforço meticuloso que fazia as gêmeas parecerem, tão perfeita e simplesmente, femininas. Mas funcionava – elas estavam sempre tão, tão bonitas.

Às sete horas, Tyler chegou e a levou para o rinque de patinação. De início Alyssa havia vetado esse plano como sendo bobo e juvenil, mas Alexa pensou e observou que abriria as portas para que dessem as mãos que não necessariamente revelaria uma intenção e colocava uma música sugestiva enquanto na superfície parecia bobo e juvenil. Christina não se interpôs dizendo que gostava de patinar.

Sobre os patins, Tyler era adoravelmente desajeitado, o que acalmou o acelerado coração de Christina. Disse que fazia anos que não calçava aquelas coisas e, quando os dois pisaram no rinque, ele saiu pulando para a frente e para trás para manter o equilíbrio, agitando os braços para cima com um falso sorriso triunfante, quando caiu.

– Aqui – disse Christina, estendendo a mão.

– Tem certeza? – disse Tyler. – Se eu cair, você vai cair também.

Ela percebeu que a mão dele estava tão molhada quanto a sua. Bem!

Tyler e Christina tiveram um momento pela primeira vez durante a aula de teatro quando se tornaram parceiros num jogo de espelhos. Tyler era um rapaz magro e desajeitado, todo joelhos e cotovelos, o que fazia dele o sucesso físico das peças da escola. Quando Christina perdeu alguns dias de aula, ele levou para ela os DVDs da primeira temporada da série *Glee*. Não havia nada de impressionante nele a não ser o seu sexo; quando eles calçaram os patins, ela percebeu seu dedinho saindo por um buraco de sua meia e o jeito adorável com que ele tentara escondê-lo.

Eles passaram por uma mulher muito magra e grávida com um short jeans curto e um top amarelo-limão que estava patinando extremamente rápido.

– Estou feliz por você estar se sentindo melhor e tudo mais – disse Tyler.

– Oh, estou bem – disse Christina, demonstrando uma agradável despreocupação.

– Você parece ótima – disse Tyler, e Christina corou.

A mulher grávida fez uma pirueta e Christina viu que ela tinha um cavanhaque grande e malcuidado e percebeu que não era uma mulher, mas sim um homem vestido como mulher carregando o peso da cerveja em sua pança.

– Oi, uma enfermeira! – disse Tyler, e Christina riu às gargalhadas seguindo as instruções das gêmeas para *rir de tudo* o que ele dissesse. Ela tinha suas próprias dúvidas sobre isso – poderia fazer a pessoa se sentir como uma espécie de palhaço de circo –, mas as gêmeas, como sempre, pareciam ter razão: ela percebeu que, quanto mais ela ria, mais ele parecia satisfeito.

Depois de alguns minutos o rinque ficou escuro e uma bola de espelhos como as das discotecas começou a girar devagar. Era para a patinação dos pares. Começou uma música da Madonna. Outros patinadores deram as mãos.

– Agora eu não sou o único que parece retardado – disse Tyler.

Quando você me chama é como uma pequena prece

Apertou a mão dela. Um simples ajuste ou aquilo tinha sido um aperto mais significativo?

Estou de joelhos, eu quero te levar até lá

O movimento de seus pés tornou-se menos desajeitado e titubeante, entrando no mesmo ritmo dos dela. Eles deram uma volta inteira num passo suave.

– Você está pegando o jeito – disse Christina, imitando a fala fresca que imaginava que as gêmeas aprovariam.

– Ops – disse Tyler. Seu pé esquerdo escorregou, e ele caiu com as pernas abertas. Cristina veio ao chão por cima dele. Aquela era a primeira vez que ela sentia o corpo de um rapaz debaixo do seu corpo, a solidez e o calor dele. Teria de se lembrar de mais tarde anotar a sensação, como esses pobres inocentes não têm ideia de que são presas para a construção dos catálogos de impressões dos escritores! Então ela percebeu que provavelmente deveria sair de cima dele; ele parecia estar sentindo muita dor. Mas ria mesmo fazendo uma careta, e um engraçadinho gritou que ele arranjasse um quarto de motel, ao que Tyler respondeu:

– Eu avisei.

Quando terminaram de patinar, ele perguntou o que ela gostaria de fazer, e ela deu de ombros. Ela só tinha uma hora antes do toque de recolher.

– Podemos ir para o carro e pensar em alguma coisa – disse Tyler, pegando o sapato.

Oh, é agora que iremos, pensou Christina, e alcançou o dedinho que saía pelo buraco da meia e deu-lhe um beliscão.

– Este porquinho saiu para o mercado – disse ela.

Foram de carro até a Sunoco 443, que ficava numa encosta que dava para o rio.

– Você quer alguma coisa? – disse Tyler, impressionando-a com seu cavalheirismo.

Ela disse "uma cherry Coke, por favor", e ele entrou. Não trancou a porta atrás dele, e ela ficou preocupada por meio segundo se seria indelicado que ela mesma o fizesse, mas o carro estava estacionado na penumbra da luz do poste mais próximo e uma olhada para a escuridão além do capô a fez esticar-se e apertar o botão. Apenas precaução; não havia do que ter medo aqui.

"Lembrar-se de que não tem do que sentir medo é uma estratégia positiva para lidar com uma situação difícil", disse ela.

Suas mãos estavam inquietas esperando e ela abaixou o para-sol e olhou-se no espelho. A atividade física havia despenteado um pouco o seu cabelo, mas em vez de penteá-lo ela decidiu que gostou do jeito que ficou – o efeito combinava com a faixa branca que era bem chamativa. Violenta, até… tipo você não sabe o que o espera por ter libertado *isso* de sua jaula! Ou sabia? Realmente era até possível que parecesse retardada. De repente, como acontecia com certa regularidade, detestou as gêmeas. O que é que elas estavam pensando, deixando-a sozinha nesta situação? Como queria que elas estivessem ali agora.

Alguém mexeu na maçaneta da porta e ela engasgou, surpresa, mas é claro que era Tyler que entrou e lhe deu a cherry Coke.

– Assustei você – disse ele.

Eles ficaram sentados olhando por cima da cerca de proteção. Os topos das árvores escuros nas cristas dos morros na margem oposta eram como o pelo eriçado de enormes feras, e o rio brilhante, uma dama alta com um vestido preto de lantejoulas.

– É muito bonito aqui – disse Christina segurando a garrafa com as duas mãos entre as coxas para esconder seu nervosismo.

– Eu conhecia o cara do cemitério – disse Tyler, apontando para a margem. – Andamos juntos por um tempo. Agora quem está lá é uma sapatona gorda. Ela deve ter sido dispensada por sua amiga do Facebook ou coisa parecida.

Christina assentiu. Ela agora tinha de esperar e se mostrar o menos envergonhada possível. Mas esperar o quê? Seu estômago estava todo embrulhado. Ela sabia o tipo de coisas que os rapazes costumavam esperar que acontecesse, mas já que estava naquela situação não tinha ideia do que ele esperava que acontecesse. Havia dito a si mesma antes que estava mais

preparada do que ninguém imaginaria, mas, agora que havia aquela coisa grande e quente tomando todo o espaço tão perto dela, estava assustada. Poderia ser uma coisa agradável tanto quanto aquela tensão era algo insuportável?

Estavam ambos sentados olhando através do para-brisa. Cerca de 800 metros rio abaixo ficava o que havia sobrado do Castelo Godfrey, suas chaminés e fornos na escuridão dando a aparência de um pesadelo ridículo de um parque de diversões.

– Estive lá dentro uma vez – disse Christina, apontando para a usina. Tentando puxar papo, porque ficar sentada ali sem dizer nada era como aquele milissegundo depois de ouvir uma freada sem saber se seria seguido por uma batida, aquele milissegundo que se alongava cada vez mais.

– É? – disse ele.

– Minhas amigas e eu estávamos caminhando pelos trilhos naquele dia e fazendo bagunça por lá.

– E como é que é lá? – disse ele.

Ela esfregou o suor da garrafa com o polegar.

– É… muito grande. E muito vazio. A não ser por aquele… como é mesmo o nome… aquele caldeirão que usam para fazer o aço, como um ovo preto gigantesco com um buraco em cima, que ainda está lá, virado de lado. Dizem que é mal-assombrado ou coisa parecida. Então fui lá para ver, você sabe, ver como era por dentro. Coloquei minha cabeça lá dentro.

– Colocou a cabeça dentro! – disse ele.

– Oh, você sabe como é – disse ela alegremente. – Apenas reunindo material.

– Você é realmente uma boa escritora! – disse Tyler impressionado.

Ela deixou de mencionar que não pôde dormir com a luz da mesinha de cabeceira apagada durante semanas depois daquilo, que jamais havia detestado ou mal interpretado a crueldade das gêmeas por desafiarem-na a fazer isso, porque sabiam que ela o faria porque elas queriam que ela fizesse aquilo.

Tyler assentiu. Ele lembrou-se de sua breve experiência quando saiu com Letha e como nunca conseguiu saber ao certo se aquele buquê de cabeças de bonecas com hastes de flores de plástico unidas, na noite anterior à abertura da produção de primavera, tinha alguma intenção ou não.

– Aqueles Godfrey – disse ele. – Você tem sorte de a garota elefante não ter pulado e comido você.

– Shelley é legal – disse Christina, contestando-o. Ficou surpresa e satisfeita com sua própria convicção de sair em defesa da outra garota.

– Eu não quis dizer nada – disse Tyler.

– Tudo bem – disse Christina. – Só não sei se nós… a entendemos.

Ficaram calados. De repente, sem aviso ele chegou mais perto e tocou sua franja branca. Ela afastou-se. Ele retirou a mão.

– Desculpe – disse ele. – Eu… achei que fosse legal.

– Tudo bem – disse ela. – Tudo bem, me desculpe. Eu… acho que você poderia.

Ela tocou seu cabelo nervosamente. Ele tocou seu próprio cabelo no mesmo lugar. Ela percebeu que ele estava brincando de jogo de espelho. Ela deu um risinho e ele fez o mesmo, imitando-a. Sentindo-se mais descontraída, ela fez um movimento com a mão e ele fez o mesmo. Ele franziu os lábios, fazendo um biquinho. Ai, um biquinho! Ela fez o mesmo. Ele recostou-se e ela fez o mesmo. Ela provou o hálito doce do rapaz e sentiu seus lábios inexperientes. A insistência suave dos lábios dele. Lábios molhados, que se moviam.

Ele fez um barulho entre uma expiração e um gemido e não percebeu como todos os dedos das duas mãos dela se estenderam tanto e como colocou cada uma delas de um lado do rosto dele e o empurrou, e então sem jeito procurou a porta e caiu na calçada, gritando, gritando e gritando.

O caldeirão

– Sei quando você está assim – disse Marie. – Sei quando fica aí, deitado, preocupado. Não consigo dormir. Você pode ir lá para baixo?

Godfrey levantou-se, pesadamente, e obedeceu. Na cozinha serviu-se de uísque e colocou de volta na garrafa uma quantidade igual de água. Suspeitava que ela o estivesse monitorando. Flagrou-se no ato vendo seu reflexo no vidro da janela, e fez com a mão uma pistola de raios.

– Zap – disse ele.

Desintegração: literalmente, perda de integridade. Mas se a mente pode ser descrita como a experiência subjetiva do cérebro de alguém, então o que é o eu senão uma fluorescência errante de constelações neurais, estados individuais de consciência determinados por configurações imprevisíveis de amplitude e afinidade? Ainda assim: não estava convencido, nada capaz de abalar a convicção de que havia muito mais a perder…

Bebeu. Estaria sua mulher realmente o monitorando? Marie administrava a Fundação Godfrey, o ramo assistencial da família, e era de admirar como ela era boa em não trazer trabalho para casa. Embora, para ser justo, se ela estava tomando conta, não era algo inteiramente fora de propósito, visto o quanto ele vinha bebendo, apesar de uma automedicação extremamente disciplinada: em sua opinião médica, se alguém precisa escolher entre sua deterioração psicológica causada por um estresse opressivo, assassino de neurônios em vez de uma intoxicação, quem vai pensar que alguém esteja de brincadeira?

Seu olhar caiu no telefone, mas ele desviou os olhos. Não. Isso não. Massacrar-se com álcool era uma coisa, mas transar duas vezes com Olivia no mesmo dia, pela primeira vez em treze anos por causa de uma raiva fútil com relação à sua potência, tinha sido uma violência contra sua própria alma. Era perigoso até pensar nela outra vez. Transar onde já tinham transado no passado, pensar nela como costumava pensar. Sentir a sua falta exatamente como costumava sentir.

Colocou mais bebida em seu copo e mais água na garrafa. A porta da frente se abriu, surpreendendo-o tanto que ele quase deixou a garrafa cair. Mas isso era absurdo. Como se pensar em Olivia fosse um ato no qual pudesse ser flagrado. Isso era totalmente absurdo.

– Letha? – disse ele. Ela surgiu na cozinha, para sua alegria. Mas agora não deveria ele ter algum motivo para convocá-la além de um simples chamado? Nome. Rosto. Ou, como progenitor, o que ele fez? Pesando as coisas, ele poderia estar pedindo muito mais em troca pelo fato da existência dela. Como, por exemplo, fazer um aborto. Matar aquilo, matar aquilo enquanto ainda era possível. Mas Godfrey estava se contorcendo entre os movimentos de tentar ver as boas possibilidades vindas da decisão dela; coisas estranhas tinham acontecido em sua experiência profissional. Mas lá no fundo, bem no fundo, ele odiava, odiava aquela coisa dentro dela e sentia ácido de bateria bombear no estômago dele toda vez que pensava nisso, ou seja, o tempo todo. O tempo todo se sentia assim. Teve o impulso compulsivo de se servir de mais bebida tendo ainda o copo cheio na mão.

– Soube que você foi se encontrar com um cavalheiro esta noite – disse ele. (Na verdade soube que ela tinha ido vagabundear com um bandido de rabo de cavalo).

– Ah – disse ela –, Peter.

– Que Peter? – disse ele.

– Rumancek. É um rapaz novo.

– O lobisomem – disse ele.

– Por outro lado ele é uma pessoa ótima – disse Letha. – Disseram-me que você ajudou tia Olivia hoje – disse ela, mudando de assunto.

Ele quase derramou sua bebida. Mas ela não sabia. De alguma forma ninguém ainda sabia. Um feito de obstinada ignorância, tão impressionante quanto as pirâmides.

Exceto Roman. Quase que certamente um conhecimento tácito hoje cedo, nos olhos do rapaz. A Mansão Godfrey era feita de segredos, e ele sabia tão bem quanto qualquer um o que a criatividade mais leve e furtiva poderia revelar. Mas não havia como avaliar sem perguntar, e ele não tinha qualquer interesse em investigar. Admitindo que o rapaz soubesse, comportou-se com discrição sobre isso. Criminosa a sua falta de generosidade para com o filho de seu irmão. Mas não incomodava muito ouvir Letha falar o nome de Olivia. Quando era Marie que o fazia, vinha carregado de uma malignidade tranquilizadora; o jeito como Letha falava podia ser sobre a velha tia bondosa de qualquer pessoa.

– Ela desmaiou – disse ele.

– Quem desmaiou? – disse Letha.

Ela deu-lhe um beijo de boa noite e ele se viu largado diante do súbito ataque de uma sensação de solidão completa e primordial para a qual a única saída era a distração da moderna tecnologia. Foi para o computador se distrair, surfando. Falhas no ataque dos Steelers, resenhas de livros cuja probabilidade de lê-los

diminuía a cada ano, uma vulgaridade que ele queria pesquisar no Urban Dictionary. Então, por mera curiosidade, ele resolveu pesquisar o nome Lod. Não que esperasse que isso fosse gerar alguma coisa fantástica, porém quem sabe não geraria. Mas, como aconteceu, surgiram alguns links, embora nenhum deles da esfera corporativa. Lod, uma cidade na planície Sharon de Israel: lugar de nascimento de São Jorge, o santo mais venerado da cristandade ortodoxa. Ele olhou para essa inútil incongruência na tela e bebeu, e a morna dormência finalmente ofereceu a promessa de um sono.

Mas havia algo mais que ele estava querendo saber, algo que tinha a ver com um caso. Mas qual? Qual mais? Ele pesquisou "H Varga" para ver se por acaso produziria algum tipo de informação que levasse a um contato. Não produziu, mas havia uma pequena notícia de algumas semanas atrás. Assim, não haveria uma confirmação da história de Pullman com Hollis Varga: seu corpo fora retirado da água perto de Penrose com pesos de ferro nos bolsos e um bilhete de apenas uma linha dentro de um saco plástico:

HOJE EU VI O DRAGÃO

Godfrey desligou o computador, girou a cadeira e contemplou a silhueta emoldurada de Letha quando criança sobre uma mesinha do outro lado da sala. Onde é que estamos? Ele sabia perfeitamente, em virtude do sangue que os dois compartilhavam, que ela ia ter a criança, e o bastante sobre a trilha enlameada de Johann que seria impossível seguir sem escorregar. Mas tinha de concordar, uma coisa não tinha nada a ver com a outra, e em um tempo em que a autoridade dos pais foi trágica e urgentemente realçada, sua própria cruzada fria não teve o luxo da prioridade. Letha ia ter a criança. O instituto era um dos centros médicos mais avançados do mundo. E a única coisa que importava era a segurança de sua filhinha.

*

Roman entrou no terreno de cascalho contíguo ao pátio de trilhos e Peter lhe disse para apagar os faróis. Roman disse que não era preciso porque ninguém dava a mínima para o que acontecia ali, mas Peter disse que era só para que ficasse mais calmo. Roman apagou os faróis, andou mais um pouco e estacionou ao lado da subestação de energia elétrica. Peter saltou, mas Roman não.

– Qual é? – disse Peter.

Roman olhou para o relógio digital, suando frio: 1:11. Não havia como expressar quão arriscado seria embarcar naquela aventura quando o tempo era

uma sucessão de auroras que se somavam à pior das auroras e por isso ele não se perturbou. Esperou até a 1:12 – que somavam 4.

Suspirou aliviado e saiu. Os dois carregavam lanternas e Roman, um alicate para metais. Passaram pelo Dragão. Roman sacudiu os braços de forma irreverente e disse: "Uga buga!".

– Não faça isso. Por favor – disse Peter.

– Por quê? – disse Roman.

– Porque é uma besteira – disse Peter.

Foram caminhando até a entrada principal de Godfrey Castle. Roman suspendeu a corrente que não estava enferrujada; tinha sido substituída recentemente. Separou um elo, cortou-o e abriu os portões. O guincho das dobradiças ecoou no prédio da usina. Entraram. Estava frio e o cheiro era uma mistura de metal e lama. O chão estava coberto de escória, grafite e vidro quebrado que os pés deles iam triturando.

– Você sabe como é quando fecha os ouvidos e às vezes o som de seu coração é como um homenzinho andando através da neve? – disse Roman.

– Sei, é sinistro – disse Peter.

Ligaram as lanternas. Havia um guindaste acima deles e em uma das extremidades uma massa sombria enorme como uma baleia morta ou adormecida. Numa das paredes, via-se o logo dos Steelers ao lado das palavras SEGURANÇA EM PRIMEIRO LUGAR! em dourado.

– Tem alguma ideia do que estamos procurando?

– Uma carteira de motorista – disse Peter. – Um cartão do seguro social. Um diário.

– Porra nenhuma – disse Roman.

Eles se separaram, cada qual para uma das metades da usina. Peter dirigiu o foco de sua lanterna para a massa, vendo que era um conversor Bessemer. Era maior que o seu trailer e estava tombado de lado, uma fissura no cimento serpenteava para fora de sua boca como resultado de um impacto sísmico no passado. Peter agachou-se atrás de uma fileira de paletes e apontou sua luz. Vazio. Roman subiu os degraus até a cabine do guindaste, mas não encontrou nada e vasculhou a sala dos armários com o mesmo resultado. Peter entrou no escritório. Apontou o facho de luz para um canto e surgiu um saco de dormir. Foi até ele, ajoelhou-se e correu o dedo por uma camada de poeira sobre o nylon. Viu uma colher escurecida e, perto dela, no chão, um pedaço de velhas cópias heliográficas e revistas. O facho de sua lanterna iluminou uma mancha grande com aparência de queimadura que imprimira no chão a forma simétrica de um par de asas. Sangue, um anjo feito de sangue. Peter virou-se para chamar Roman, mas não o fez. Claro que isso estava aqui bem antes do *vargulf* e, sem

saber o que fazer com isso, decidiu que era melhor manter a energia de Roman concentrada.

O foco de sua lanterna iluminou um par de botas, pelo menos tão velhas quanto o saco de dormir, e ao lado delas outro par de asas estampado. Uma varredura rápida revelou talvez mais meia dúzia deles feitos nas paredes e no teto e Peter sentiu um frio nos ossos. De repente percebeu que era hora de ir. De se mandar dali e principalmente de tirar Roman dali. A energia dali não era boa, sentiu nos colhões que não era bom expor Roman a ela. Mas, ao voltar em direção à porta do escritório, a luz de sua lanterna iluminou o interior vazio de uma das botas e com ela veio um brilho de inspiração do qual ele não gostou, não gostou nada. Menos ainda porque significava que não devia sair ainda.

Relutante a cada passo, Peter saiu do escritório, cruzou o chão e parou defronte do conversor Bessemer. Sentiu ânsias de vômito devido ao fedor que pairava no ar como um hálito pestilento e tapou o nariz e dirigiu a luz de sua lanterna para a boca do conversor. Ficou com ela ali e a poeira solta dançou no facho da lanterna e ele não deu uma palavra.

– O que foi? – disse Roman. E veio até onde estava Peter. O fedor o atingiu e ele desviou o rosto como se tivesse levado uma pancada, mas não sem antes dar uma olhada ali para dentro.

– Caramba! – falou Roman baixinho.

O revestimento do interior era coberto por uma coisa grudenta marrom-escura e no fundo havia o que parecia à primeira vista ser aquele osso do peito das aves, só que enorme e parcialmente descarnado. O osso tinha botas listradas. Era a metade que faltava de Lisa Willoughby.

– Deveríamos… contar para alguém? – disse Roman.

– Contar o quê? – disse Peter. E abaixou a luz de sua lanterna.

Roman ficou quieto, e seus olhos permaneceram na escuridão do conversor Bessemer. A calcinha que ele roubara tinha o cheiro fresco e doce de amaciante de roupas.

– Quero ir embora – disse Roman.

Foram caminhando para fora em silêncio e quando saíram Roman catou um cigarro. Então as sombras dos salgueiros aumentaram parecendo os raios de uma roda enquanto jorrava uma luz. Peter e Roman se entreolharam ao perceber ao mesmo tempo do que se tratava. Era outro carro.

– Para dentro – disse Peter já voltando para as sombras da usina.

– Ele vai ver o carro – disse Roman, apertando os olhos para ver melhor quem é que se aproximava.

– Isso não quer dizer que devemos soprar-lhe um beijo, porra – sussurrou Peter baixinho.

Roman afastou-se, e os dois ficaram observando o carro entrar no terreno e ficar lado a lado com o de Roman. Era uma viatura da polícia. Dele saíram dois vultos: Neck e Nose. Inspecionaram o Jaguar.

– O jovem Mestre Godfrey, se não me falha a memória – disse Neck.

Nose apontou a lanterna para a usina, e Peter e Roman se encostaram à parede.

– É melhor você ir tirando sua bunda daí, porque vou ficar muito chateado se tiver de ir até aí – disse ele.

Peter olhou para Roman.

– Livre-se deles.

– Com prazer – disse Roman, e houve algo no jeito com que ele falou que encheu Peter de receio, mas não havia nada a ser feito depois que Roman saiu.

– Bem, olê, olá, pode sair, senão vamos te pegar – disse Neck.

– Sabe, rapaz, a pizzaria é para outro lado – disse Nose.

– Estão precisando de ajuda para alguma coisa, cavalheiros? – falou Roman com uma gentileza que não melhorou o mal-estar de Peter.

– Talvez você possa começar com o que diabos pensa que está fazendo aí – disse Neck.

– Ai, meu Deus, eu estava aqui tranquilo jogando paciência – disse Roman. – Espero não estar incomodando ninguém.

Os colhões de Peter naquele momento envelheceram sete vezes mais, como os de um cão.

Nose aproximou-se agressivamente de Roman.

– Você acha que não iremos pegá-lo, seu vagabundinho maldito? – disse ele.

Roman virou-se no que Peter inicialmente temia que fosse com o propósito de algum tipo de piscadela histriônica ou algum gesto igualmente idiota, mas em vez disso ele sinalizou com seu braço para a lateral do prédio – com que fim Peter não sabia, mas não podia imaginar o que o estava impedindo de empregar a única coisa na qual ele era realmente bom.

– Os olhos – sussurrava Peter desesperadamente. – Faça aqueles olhos de drogado.

De fato, o que Roman estava indicando era o letreiro desbotado de um metro e oitenta na lateral do prédio: USINA DE AÇO GODFREY. E ele vira seu nome sendo muito mal usado neste dia para recorrer a truques de salão; coisas reais estavam em jogo aqui, no duro, e era para valer.

– Certo, vou ser franco com você – disse Roman.

– Somos todo ouvidos – disse Neck.

– Na verdade eu estava tocando uma punheta vendo uns cartões franceses da sua mãe e queria certa privacidade, se você não se importar e for saindo da

minha propriedade, senão irei denunciar vocês dois, seus ignorantes babacas, por assédio – disse Roman.

Neck e Nose se entreolharam.

– Essa foi a melhor coisa que ouvi a semana toda – disse Neck.

Agarrou Roman pelo braço e torceu-o para trás fazendo-o dar um grito e empurrou-o com violência para a lateral do prédio.

– A pedido de Olivia Godfrey, eu o estou prendendo – disse ele.

Depois que as lanternas traseiras da viatura desapareceram, Peter ficou na escuridão e começou a respirar normalmente outra vez. Deu uma última olhada no conversor e saiu da usina. As chaves ainda estavam no Jaguar. Ao manobrar, os faróis iluminaram uma mancha branca que chamou a atenção de Peter. Era um pedaço de papel. Deixou o carro em ponto morto, saiu e ajoelhou-se no chão. Era uma página arrancada de um livro, presa por algumas pedras. Limpou-a e a fez ficar sob a luz da lua.

Ela cortou uma madeixa dourada
Ela deixou cair uma lágrima mais rara do que uma pérola

Convidamos a subir aqueles que são capazes

Na volta para casa Roman sentou no lado do carona da picape com a cabeça encostada no vidro da janela. Tamborilava com os nós dos dedos no revestimento da porta no mesmo ritmo em que iam passando os postes de luz e de telefone. Os olhos de Olivia estavam fixos em frente e havia um impasse como se cada um esperasse pelo outro. Roman moveu-se para ligar o rádio. Olivia apertou o freio parando subitamente no meio da estrada.

– Jesus – disse Roman.

Ela o segurou pelo queixo e virou seu rosto bruscamente para o dela.

– Jesus – disse Roman outra vez.

– Vou deixá-lo sem um centavo – disse ela. – Pensa que não vou?

Ele a olhou sem dizer nada.

– Pensa que não vou?

Os dedos dela deixaram marcas brancas em sua mandíbula. A respiração de seu nariz se refletiu nos nós de seus dedos. Ele dirigiu o olhar para baixo.

– Desculpe, mãe – disse ele. – De verdade, sinto muito.

Ela largou-o e descansou a mão no câmbio. Sua mão tremia.

– Eu só… – disse ela – tudo o que eu quero é…

Ela não terminou a frase e seus olhos desviaram-se para um poste com defeito no qual a luz diminuía como um lamento e depois crepitava mais uma vez e o tremor de sua mão passou para o seu corpo em um estremecimento. Suas pálpebras vibravam.

– Mãe, você está bem? – disse Roman.

Ela inspirou profundamente e seus olhos voltaram a focalizar.

– Mãe… eu também os estou vendo – disse Roman.

Olivia ligou o carro novamente e colocou a mão no joelho de Roman.

– Tudo o que quero neste mundo é o melhor para o meu bebê.

*

Dos arquivos de Norman Godfrey:

De: morningstar314@yahoo.com
Para: ngodfrey@hacres.net
Assunto: nenhum

Para começar, uma confissão dura, porque não há como prosseguir sem ela. Após refletir que você e mamãe devem ter um… – que desalento em dar uma forma irrevogável às palavras – um caso sexual, oficialmente não é surpreendente. É terrivelmente banal até. Há uma vulgaridade reles nisso: essas coisas acontecem. Embora a sua vulgaridade de certa forma a torne trivial. O nascimento é banal, a hora antes do nascer do sol.

Traição. O que pode ser mais banal?

Mas tomar conta de seu coração não é minha atribuição nem meu propósito, sinto simplesmente que devo ser honesta com você porque, se não for, significará perdê-lo de forma irreparável. Portanto perdoe minha honestidade para que eu possa perdoá-lo. Não posso perdê-lo, Tio.

Principalmente agora, meu propósito em escrever não é a minha própria descoberta infeliz, mas sim outra de consequência maior.

Para começar, Roman foi preso ontem à noite. Ele foi pego no terreno da usina (desconfia-se que na companhia de Peter Rumancek, porém qual propósito tinham eles, tanto seu palpite quanto o meu se equivalem), onde obteve, no estilo inimitável de Roman, o desfavor de dois policiais que o prenderam por "conduta imprópria". É suficiente dizer que o ocorrido não melhorou o humor de mamãe. De minha parte, na verdade, fiquei aliviada: eu tinha me enclausurado em meu quarto a noite toda e achei que algum distúrbio pudesse vir a distrair minha atenção. Porém hoje as relações chegaram a um surpreendente armistício. Os modos de Roman estavam educados, até mesmo solícitos, num não pronunciado (para não falar fora de sua característica) gesto de arrependimento, e no rancor de mamãe (também nada convencional) sem apresentar vestígios residuais. Durante o almoço conversaram despreocupadamente sobre uma ida a Mônaco ou a Provence no Natal, e durante todo o tempo estive de cabeça baixa enquanto contava os segundos para encontrar uma desculpa que não chamasse atenção.

Mas assim que se tornou possível uma retirada insuspeita da mesa, senti a primeira coceira. Um único cisco de poeira: artimanha do destino. Espirrei – infelizmente desarrumando meu penteado.

Roman disse "saúde" antes de ver. E em seguida olhou, assim como mamãe.

Aqui devemos voltar à tarde de ontem quando, mais uma vez sozinha, fiz uma expedição ilícita ao shopping onde minha maravilhosamente malvada Jenny era apenas uma alegre conspiradora em uma petulante vingança contra mamãe por, bem, ser mamãe. E sim, se eu estivesse tão ansiosa depois de considerar as consequências, poderia facilmente ter retirado e jogado fora todas as evidências do feito, mas não são necessários conhecimentos avançados em desvendar os mistérios da psique para ver que o pavor da descoberta não sobrepujou o desejo – não, a necessidade – disso. E isso foi mais do que uma criancice maldosa – quando Jenny agitou o espelho e eu experimentei a simples emoção feminina de usar alguma coisa feita para fazer uma mulher se sentir como uma mulher…

Sou feia, Tio. Não há outra maneira de dizer isso. Mas isso não significa que eu não tenha orgulho, alegria, direito de me sentir merecedora do amor daqueles que não são obrigados pela consanguinidade a me dar. Posso ser feia, mas não consigo imaginar um motivo para agir de um modo feio.

Mamãe, é claro, sempre teve uma opinião diferente, insistindo para que eu mantenha minhas roupas e meu cabelo da forma mais simples possível (isso numa família onde se gasta mais por ano entre ela e meu irmão em plumagem do que a despesa total de uma família de baixa renda). Porém não por causa de uma tirania arbitrária, não: desconsiderando que qualquer atenção que eu chame para mim mesma – ainda que seja a audácia de usar a vestimenta de uma pessoa normal – iria apenas me expor a um ridículo e a um sofrimento desnecessários. É só a minha felicidade que ela tem em mente ao eliminar a ideia de me vestir de qualquer jeito, menos de forma grotesca e de dar pena. Sem dúvida, a mais carinhosa das crueldades.

Então você pode imaginar como ela é. Nem se passou meio dia depois de resgatar seu filho da delegacia, esse novo rebuliço. O choque e o golpe em sua soberania.

– O que – disse ela quando conseguiu voltar a falar – foi que você fez a si mesma?

Na falta de uma resposta crível, de modo fútil e inocente baixei a cabeça e tapei meus ouvidos com as mãos. Ela veio e os destapou puxando um dos lóbulos com uma delicadeza furiosa.

“Sua criatura idiota”, disse ela. “Sua pata choca imbecil.” Virou-se para Roman e perguntou se ele tinha tido alguma coisa a ver com isso.

Ele pareceu confuso como se estivesse tentado a dividir e assim amenizar a culpa, mas acabou finalmente por perceber sua própria posição como bastante insegura. Negou e, é claro, eu fiquei um pouco desapontada por ele não ter vindo em meu socorro, mas também satisfeita: tomei uma decisão e ela era minha.
"Eu", disse mamãe, com a atenção voltada para mim, "estou simplesmente perplexa. Você quer zombar de si própria? Você seria conivente com sua própria humilhação? Eu pensava que pelo menos você tivesse uma [PALAVRÃO DELETADO] de um cérebro. Pensava que pelo menos isso você tivesse."

No passado naturalmente houve vezes em que causei frustrações a mamãe, mas nunca, diferentemente de Roman, com deliberada premeditação. E mamãe, por quaisquer defeitos que possa ter, esforçou-se com paciência e consideração comigo, o que solicitou muito dos seus nervos. Deve ser dito que isso não é fácil para ela.

Jamais gritou comigo.

Eu solucei impotente. Ela continuou.

"Você sabe qual é a verdadeira deformidade, Shelley? A mais intolerável e repelente de todas? É a estupidez. Já pensou alguma vez que eu achava que você era muito pequena para entender do que é que seu pai costumava chamá-la?"

O "aborto". Ela costumava dizer a ele que não me chamasse assim.

"Essa caricatura termina agora", disse ela. "Retire a [PALAVRÃO DELETADO] dessas coisas."

Eu me atrapalhei com minhas orelhas, mas meus dedos, não os mais ágeis nas melhores circunstâncias, tremiam sem controle. Ela observava, sua impaciência condenatória para com meus esforços desajeitados se tornava cada vez mais lastimável. Misericordiosamente a irritação apossou-se dela quando agarrou meus pulsos para fazê-lo por si mesma.

E foi aí que aconteceu: o palácio inteiro de nosso lar desmoronou em uma única palavra:

"Pare."

Expressa, sem veemência, mas com o que creio possa ser descrito como desgosto, Roman disse a ela que parasse.

“Fique fora disso”, falou mamãe desconsiderando-o.

Mas Roman repetiu o que tinha dito. Sem olhar para ela ou para mim, com o rosto sem emoção como o de um ventríloquo.

“Solte-a”, disse ele.

“Espere aí”, disse mamãe mais uma vez desconsiderando-o, “isso foi uma ordem?”

Ele dobrou as mãos sobre a mesa e agora a encarou. “Deixe-a em paz”, disse.

Mamãe riu um riso penetrante. “Espantoso”, disse ela para uma plateia imaginária e igualmente atônita e aproximou-se outra vez da minha orelha com aquela delicadeza terrível. “Fique quieta.”

Roman colocou as mãos abertas sobre a mesa, deu um empurrão no corpo para trás e fez a volta em nossa direção. Fechou os dedos em volta do braço de mamãe. Minha cabeça era como um balão cheio de gás hélio que se desprendera do nó e minha respiração saía em golfadas.

“Solte. Saia”, disse mamãe.

“Deixe-a em paz” , disse Roman.

Ela bateu nele com as costas da mão livre. Ele agarrou o outro braço dela. Ela tentou safar-se, mas ele a segurou. Minha cabeça caiu e eu comecei a levantá-la ritmicamente, dois centímetros, quatro, e acabei deixando-a cair sobre a mesa. A louça chacoalhou.

“Deus me livre”, disse mamãe, “você vai acabar na sarjeta, pequena ratazana [PALAVRÃO DELETADO].”

Uma pequena esfera de sangue formou-se no canto de sua boca onde ele fora atingido.

“Eu vi o testamento”, disse Roman.

Mamãe ficou calada. Minhas batidas acabaram por mandar um copo para o fim da mesa e ele se espatifou.

Roman soltou-a, mas ela não se moveu. Segurei minha cabeça confusa pelo significado daquela revelação.

"Ano passado", disse Roman, "quando você não gostou do acordo que Annette conseguiu para o incidente do Black Derby." (Referindo-se, caso você tenha esquecido – ou, a propósito, não estivesse na companhia dela – às complicações legais surgidas pela insatisfação de mamãe com o serviço em um bar, discutindo com o *bartender*, que precisou levar pontos depois). "Lembra-se do que você a chamou? Nem todo mundo gosta de ser chamado daquela maneira. Ela me chamou na sala dela e me mostrou o testamento para magoá-la, sua, sua [PALAVRÃO DELETADO] psicopata. Eu *sei*."

Mamãe desabou em sua cadeira vazia e ele lhe disse as palavras que mostraram as dificuldades mútuas que sempre existiram entre nós.

"É tudo meu", disse ele. "Sou o único beneficiário, e quando fizer dezoito anos terei o controle sobre todo o negócio. Tudo é meu. É a minha casa e o meu dinheiro, e sempre foi."

Ele pegou um guardanapo – o guardanapo dele – e retirou de leve o sangue de seu lábio. Ela olhou para além dele. Um fragmento, um pequeno arco-íris com a forma de um diamante brilhou sobre a mesa – a mesa dele – projetado pelo candelabro. Isso foi o que prendeu a atenção dela.

Ele afastou-se dela e acendeu um cigarro. Fumar jamais havia sido tolerado na sala de jantar. Mamãe olhou para o diamante, e Roman fumou o seu cigarro. Eu quis instintivamente chegar perto dela, mas naquele momento foi entendido por cada um de nós que somente Roman tinha liberdade de movimentos. Ele deixou o cigarro cair no chão e apagou-o. Estava tão temeroso quanto o resto de nós para aonde iríamos a partir dali.

Lá fora, uma nuvem deve ter passado diante do sol e o diamante desapareceu. A cabeça de mamãe moveu-se bruscamente como se ela tivesse cochilado. Permanecemos ali em um silêncio que começou algum tempo antes do início do mundo, e embora mamãe tenha se dirigido muda para o quarto dela (de Roman) onde ficou, e eu no meu sótão (de Roman), e Roman lá fora em seu feudo, assim nesse silêncio comprometedor, permanecemos, como eu permaneço.

Sua
S.G.

*

Roman ficou parado no portal. Ela sentada sobre o topo dos colchões curvada e olhando pela janela. As costas dela eram tão largas quanto às de uma criança com os braços totalmente abertos, e uma claridade sob sua blusa se dissipava com a sua respiração. Ela não se virou para ele. E a manta de revestimento do colchão enroscada em volta dela era como num sorriso.

– Não era isso que eu queria – disse Roman. – Não queria ter feito isso.

Ela não respondeu.

– Jamais faria qualquer coisa que nos magoasse – disse ele. – Você sabe disso, não?

Ela então se virou e olhou para ele. Foi a primeira vez que o chamou de mentiroso.

– Irei embora – disse ele.

Ela grunhiu que não. Ele foi para a cama. Ela deitou-se de costas e ele deitou-se atrás dela passando o braço sob a sua cabeça. Ela sabia que o braço dele ficaria dormente em pouco tempo, mas ele podia aguentar. Ele viu que ela retirara os brincos. Ele desligou a lâmpada da mesinha de cabeceira e os adesivos de estrelas e luas brilharam.

Mais tarde, quando a respiração dela se tornou compassada, Roman retirou seu braço e levantou-se. Foi até a porta sacudindo o formigamento do seu braço. O cavalete atraiu o seu olhar. Ela estivera trabalhando algum tempo e parecia quase terminado. Era uma faixa branca vertical única contra a confusão da noite escura, e diretamente sob ela uma câmara subterrânea dentro da qual havia um anel com uma espécie de nódulo no topo.

Uma cobra… uma cobra comendo a própria cauda.

Roman tirou a mão da porta e voltou para a cama e subiu nela com os braços abertos, deitando sua bochecha manchada contra a câmara de eco do coração dela.

Uma medida de desordem

O telefone tocou interrompendo um sono breve e agitado. Dr. Godfrey atendeu.

– Está bem – disse finalmente. – Está bem, tenha calma. Irei já para aí.

No escuro ele achou seus jeans e um suéter.

– Foi Olivia? – disse Marie.

– Não – disse ele de improviso. Um pouco adiante se tornou consciente de como era traiçoeiro e verdadeiro que em um estado de semilucidez aquela tenha sido a primeira coisa que tenha passado pela cabeça de sua mulher. Mas poderia se preocupar com isso mais tarde; isso teria de ocupar seu lugar na fila. Olhou pela janela. Havia uma névoa que fazia a noite lá fora parecer vinho numa taça, e ele teve um estranho e agradável pensamento: não havia nenhum momento como esse para nadar. Deu-se conta de que talvez tivesse falado isso em voz alta, mas não teve certeza e Marie não deu nenhum indício positivo. Amarrou os sapatos.

Letha estava no banheiro no piso de baixo. Havia escutado os passos de seu pai descendo a escada, sua saída silenciosa, e esperou alguns momentos por algum sinal de que sua mãe se mexesse. Foi então para o escritório e ajoelhou-se junto do arquivo.

A polícia já estava no Laboratório de Neuropatologia, esperando a chegada de Godfrey. A enfermeira Kotar veio até ele. Seus olhos estavam vermelhos e seu cabelo parecia que tinha sido todo revirado na cama, aparência essa tão incomum que só podia significar desastre. Ele colocou as mãos nos ombros dela e disse que fosse para casa e tirasse alguns dias para descansar.

Ela assentiu com docilidade e de repente o abraçou e se sacudiu feito uma criança.

– Vá para casa – disse Godfrey outra vez, com um tom de voz gentil que escondia seu ressentimento que para alguns lembrava um consolo.

O xerife Sworn esperou que ela se retirasse e então se aproximou de Godfrey com um sorriso que exprimia desagrado.

– Uma matemática estranha aqui – disse ele. – O senhor tem um indivíduo altamente perturbado e – algo pelo menos hoje em dia bastante parecido com – um suicídio, tudo registrado por uma câmera. Mas a situação de segurança aqui não é brincadeira, certo?

Era uma pergunta retórica, mas ainda assim Godfrey não confirmou nenhuma brincadeira.

– A coisa é – disse Sworn –, o senhor veja a gravação, isso não foi um arrombamento, mas também não foi uma entrada facilitada. Fez uma pausa em considerada desaprovação a um mundo que, uma vez, impedira o fim daquilo que ele avaliara como um entendimento. – A porta se abre apenas para ele. Como se… bem… como se dissesse: entre, amigo.

O Dr. Godfrey olhou para o piso da extremidade do Celeiro de Cérebros. Francis Pullman estava caído no chão. Sua mão segurava o êmbolo de uma seringa. Em sua têmpora, via-se o pedaço da agulha. O que foi mesmo que Dorothy Parker disse no telefone? *Prefiro ter uma garrafa em minha frente a ter uma lobotomia frontal*. Godfrey sufocou a única resposta sensata para aquele quadro, o último acréscimo um tanto dramático se estendia pela parede em caixas de Tupperware com três mil espécimes ordenados e guardados. A única resposta que uma pessoa mentalmente sensata poderia ter nesse asilo. Mas não teria sido apropriado para um homem de sua posição começar a rir.

*

À primeira luz a porta do quarto do casal se abriu e Olivia apareceu. Usava um robe de cetim branco e passou pelo corredor parando na porta que tinha um Dragão e entrou. O quarto estava escuro; a luz da manhã era visível apenas nas beiradas das cortinas. Ele ainda estava dormindo. Ela adiantou-se e parou defronte dele. Seu peito e pescoço nus eram compridos, magros e brancos. Ela colocou as costas dos dedos no pescoço dele e sentiu o milagre vivo do coração em seu peito, a ligação entre ele e ela mesma. Os olhos dele se abriram. Ela acariciou seu rosto e seu couro cabeludo.

– Logo precisaremos clareá-lo – disse ela. – Suas raízes estão aparecendo.

*

Em seu caminho para a sala de encontros dos alunos e controle de presença, Peter parou em frente de seu armário e encontrou entre as aberturas de ventilação uma página de caderno dobrada. Ele a olhou e sabia em seu *Swadisthana* que tinha sido enviada pela mesma mão que havia mandado o convite para Lisa Willoughby. Pegou o papel e desdobrou-o Não havia nada escrito nele, apenas uma figura. Um desenho malfeito de uma cabeça de lobo marrom cortada. A cabeça estava numa poça de sangue seco que pela cor e textura era claramente sangue de verdade, e a própria cabeça à primeira vista parecia ter sido feita com graxa de sapato, mas não. Ele percebeu, depois de um momento, que não era isso. Aborrecido, Peter dobrou a figura e a colocou em

sua mochila. Olhou para um cartaz na parede que mostrava uma mão com um dedo indicador apontado com um texto que dizia QUANDO VOCÊ APONTA UM DEDO, HÁ TRÊS DEDOS APONTADOS CONTRA SI MESMO.

– Merda – disse ele.

Virou-se para continuar pelo corredor, mas viu Roman se aproximando.

– Merda – repetiu.

Tudo parecia indicar que seria um daqueles dias. Eles foram por uma saída lateral próxima da zona de carregamento, em frente de um aterro sobre um conjunto residencial. Conservaram o portão aberto, escorado por meio tijolo, para evitar que se fechasse depois que passassem, e Roman acendeu dois cigarros e passou um para Peter e disse que tinha uma pista.

Peter olhou para fora. Aquele era o tipo de dia no qual todos os pássaros estavam confusos. Eles se aglomeravam aos montes nos fios altos como pregadores de roupa pretos contra um céu cor de ardósia apenas para que algum misterioso ímpeto do cérebro de um dos pássaros os dispersasse num voo alucinado, como se Deus tivesse jogado pimenta num redemoinho de vento, e de repente, logo em seguida, todos voltavam a pousar no mesmo fio, entretanto agora virados para o outro lado. Seja lá o que fosse, essa coisa dava nos pássaros em dias como aquele.

– Acho que está acontecendo alguma coisa na Torre Branca – disse Roman.

Peter fumava e observava os pássaros.

– Não sei se tem alguma coisa a ver ou não, mas acho que estamos nessa – disse Roman.

Sombreando o céu, havia filamentos de uma renda negra. Chuva mais tarde.

Roman viu aquilo na cara dele.

– O quê? – disse Roman.

– Não – disse Peter.

– O que é que você quer dizer com esse não? – disse Roman.

– Acabou-se – disse Peter.

– Do que é que você está falando?

– Isso acabou. Terminamos.

Roman olhou para ele e viu que ele estava sério. De repente teve vontade de arrancar da cabeça dele aquela porra daquele rabo de cavalo de veado. Queria achar as palavras que o fariam mudar de ideia.

– Por quê? – disse Roman.

Peter não respondeu. Estava odiando ter de levar aquela conversa; esse tipo de coisa não era menos sufocante para ele do que quando era menor e um primo mais velho o prendia debaixo de um cobertor, sentava-se em cima fazendo-o

sentir que aquilo era pior do que todas as mortes. Era o culpado por se meter nos sentimentos dos outros. E também culpava Roman.

– O quê? Você está falando dos policiais? – disse Roman. Seu tom de voz refletia o tédio e a trivialidade do incidente. – Você falou para eu me livrar deles, e foi o que eu fiz. Ah, e a propósito, foi muita consideração deixar meu carro com o tanque vazio.

Ele esperou para ver se a inserção da leviandade do outro provocava alguma mudança na situação, mas não.

– Certo – disse Roman. – Certo, foi besteira. Foi mesmo uma besteira e eu sou um babaca, e o que mais se pode dizer senão que eu fui um babaca, mas qual é… Pense no que você estava fazendo. Você não pode abandonar tudo por uma coisa estúpida como aquela. Não pode me deixar… a sós.

Ele pronunciou *a sós* corretamente, mas de alguma forma continuou a rimar com *nós*.

Peter pensou em como poderia explicar as coisas para Roman de um jeito que não o aborrecesse ainda mais. Explicar que eles não eram iguais, que, embora Roman se sentisse diferente do resto do mundo, ele ainda era rico e toleravelmente diferente. Não sabia como eram as coisas para Peter, ele não tinha medo da prisão. A prisão era a pior de todas as mortes possíveis. Mas para alguém como Roman não havia jeito de tornar aquilo uma realidade, do mesmo modo que dificilmente se poderia dizer o mesmo para um tigre na selva. Você sabe o quanto você é realmente livre? Por que e como ele poderia conhecer outra maneira de ser? Não havia como fazer uma imagem disso no cérebro de Roman, e assim ele ficou balançando seu calcanhar no trilho durante certo tempo e imaginando se poderia escapar sem dizer mais do que já tinha dito.

– Diga alguma coisa, porra – disse Roman.

– Você deve ir embora – disse Peter. – Aqui não é bom para você. Você deve ir embora dessa morte e desta cidade e de seu nome. Faça uma limpeza disso tudo. E eu não sei. Pense nisso de outro lugar.

Roman olhou para as mãos dele. A mão dele tremia e já não servia para segurar o cigarro e por isso jogou-o fora.

– Aposto que você gostaria disso – disse ele. – Aposto que iria achar bem conveniente, seu cigano de merda. Você sabe que, se comer a minha prima, eu mato você.

Peter olhou para ele.

– Você não é melhor do que eu – disse Roman, amargo.

Peter continuava olhando para ele.

Roman virou a cabeça.

– Esse seu rabo de cavalo é coisa de veado – disse ele.

Peter levantou-se e entrou. Roman olhou para o céu avermelhado.

– Foda-se – disse ele. Havia um aperto em sua garganta.

Pressentiu um movimento no seu canto de visão. Era Peter voltando; não ia deixar as coisas assim. Como antes, era Peter que se fazia de machão, mas acabaria voltando para ele. Roman parecia orgulhoso de sua liderança, mas sabia que o outro poderia deixá-lo. O jeito dele era assim. Peter estava sempre pronto a exibir sua virilidade. Roman deixaria que voltasse outra vez. Mas o portão não se abriu e Peter não veio, e o movimento que ele havia visto estava,de repente, do outro lado de sua mente e era como dedos escuros de uma sombra negra fazendo passes de mágica para chamar a sua atenção. Os olhos de Roman piscaram. Ele curvou-se, pegou o tijolo e o portão se fechou e ele o arremessou por cima do morro. Ouviu-se um barulho metálico e em seguida disparou o alarme de um automóvel e Roman sentou-se contra o portão trancado e depois de um momento estendeu as mãos ainda trêmulas para a frente e moveu os dedos no ar, observando a dança das veias como teias de aranha.

*

Quando terminaram as aulas, Letha apareceu ao lado de Peter enquanto ele se aproximava de seu ônibus e ele não se opôs a ela ter se colocado ao seu lado. Ele foi para seu lugar costumeiro lá atrás e fez um gesto para que ela se sentasse, e foi o que ela fez. Ela abriu sua bolsa e tirou um envelope velho e amassado, que entregou a Peter. Era para o pai dela, sem remetente. Ele levantou as sobrancelhas e ela assentiu, satisfeita consigo mesma.

– Você o leu? – disse Peter.

Ela ficou ofendida.

– Eu jamais leria uma carta endereçada a outra pessoa – disse ela. – A menos que falasse de mim.

Ele colocou a carta no bolso da frente de sua mochila, junto do fragmento do *Goblin Market* e o desenho de merda. Ele não sabia se isso iria dar em alguma coisa ou se era como o oposto daquelas pinturas feitas de pontos, a ilusão da ordem como uma consequência de proximidade; se você ficasse na outra extremidade do universo buscando uma solução, acabaria se sentindo um idiota por ter tentado.

Quando passaram por Kilderry Park, Letha olhou pela janela e disse:

– Ele está morto.

– Quem? – disse Peter.

– Francis Pullman. Aquele que viu. Ele se picou na noite passada, no cérebro.

Letha moveu sua mão como se fosse pegar na de Peter, mas mudou o movimento tocando na fita adesiva que estava colada num rasgo do estofamento

de imitação de couro do banco em que estavam. O ônibus parou na boca da Kimmel Lane e ela saltou com ele e começaram a descer o morro. Ainda assim nenhum dos dois falou que aquilo estava fora do curso normal dos acontecimentos.

– Roman parecia esquisito hoje – disse ela.

– Estava puto comigo – disse Peter.

– Por quê?

– Porque há um grande obstáculo na maneira pela qual Roman vê as coisas.

– O que foi que aconteceu sábado à noite? – disse Letha. – Você estava lá quando ele foi preso?

– Sua mãe usar o departamento de polícia para lhe dar um castigo não é a mesma coisa do que ser preso – disse ele.

– Quais são as coisas que você está omitindo? – disse ela.

Peter não disse nada.

– Você não precisa omitir porcaria nenhuma só porque eu sou uma garota – disse ela.

Peter olhou para ela para ver se ela realmente acreditava naquilo. Não disse nada.

– Eu devia bater em você – disse Letha.

Ao se aproximarem do trailer, a chuva que vinha ameaçando o dia todo começou a cair de leve. Eles correram para dentro. O carro não estava ali, por isso tinham o lugar todo para eles. Sentaram-se no sofá e ficaram ouvindo a chuva.

– Você acredita em anjos? – perguntou ela.

Peter não viu como evitar aquela conversa e lamentou pela segunda vez hoje que era somente por uma noite ao mês que ele podia jogar sua boca humana no chão.

Ela colocou as mãos na barriga.

– Meus pais estão assustados porque não acreditam em mim. Mas acho que também não acreditaria se eu fosse eles. Sei que parece meio louco.

– Na verdade parece muito louco – disse Peter.

– Você acredita em mim?

– Não sei.

– Você está apenas dizendo que não sabe por que pensa que eu sou louca?

– Bem, acho que provavelmente você é louca, mas ainda assim não sei.

Ela olhou para ele, mas ele olhava para longe. Ele sentiu que ela ainda o olhava e desejou que ela parasse, mas mesmo assim tentou manter um ar elegantemente contemplativo. O gato pulou sobre a mesa do café e sentou-se

sobre o quebra-cabeça que Lynda continuava a montar e começou a lamber o pelo, sem desarrumar uma peça, mas provando que poderia fazê-lo.

Todo gato é uma mulher, pensou Peter.

– Bem! – disse Letha.

– Bem o quê? – disse Peter. Ele sabia, mas tinha aprendido que, se havia uma vantagem para o sexo masculino, era que a sua estupidez jamais seria subestimada; se você fingir que não sabe qual é o problema, metade do tempo simplesmente vai embora.

– Você vai tentar me comer? – disse ela.

Peter respirou fundo.

– Bem, aqui estamos nós – disse ele.

– Isso é coisa que se diga? – disse ela.

Peter fez uma careta.

– O que é? – disse ela.

Ele fechou mais a cara e passou a língua por trás dos dentes.

– Roman – disse ele.

– O que é que Roman tem a ver com o preço do arroz na China?

– Você sabe – disse ele.

Ela estava calada.

– Você gosta de mim?

Peter deu de ombros. Ele não gostava dela. Só isso.

– Tem certeza de que não é isso? – Ela moveu as mãos sobre a barriga.

– Não – disse ele. – Isso dá um tipo de tesão.

– Pervertido! – disse ela rindo.

– Olhe – disse ele. – Se a dinamite está nos trilhos, você pensa duas vezes se vai embarcar no trem.

– Que conversa fiada!

Os dois ficaram calados.

– Você está realmente dizendo que não?

*

Roman ficou em seu quarto contemplando o engate montado na parede. Embora aquilo parecesse um lixo sem valor, tinha sido a primeira peça produzida por Jacob Godfrey para a Pennsylvania Railroad e seu valor era incomensurável: um império havia sido construído sobre ela. Roman o pegou e segurou em frente do seu coração e o puxou com as duas mãos o mais forte que pôde, mas em vão, mesmo um século depois de ser produzido: era feito de aço Godfrey. Recolocou-o no seu suporte e foi para o armário onde havia um copo de vodca e gelo e um pouco de cocaína em uma bandeja de estanho. Pegou sua lata de balas de hortelã

onde guardava uma lâmina de estilete e pedaços de canudos, e dividiu a cocaína em várias carreiras e as cheirou. Tomou um bom gole de vodca. Olhou-se no espelho.

– Aço Godfrey – disse ele.

Segurou a lâmina do estilete no canto do olho e fez um talho vertical até a bochecha. Fechou os olhos e sentiu a agradável sensação de calor enquanto o sangue brotava em seu rosto. Abriu os olhos e colocou um dedo no talho e fez com ele um traço por baixo dos dois olhos e por cima dos lábios numa imitação grotesca de sua mãe se maquiando. Piscou os olhos olhando para o espelho e contraiu os lábios.

– Cale a boca e me beije – disse ele.

A campainha da porta tocou. Assustado, Roman correu para o banheiro e lavou o rosto e colocou um *band-aid* sobre o talho. Pegou seu copo e foi para o vestíbulo. Era uma mulher negra e baixinha que usava uma capa com um distintivo.

– Você é Roman Godfrey? – perguntou ela.

– Sim – disse ele.

– Você está sangrando – disse ela.

– Foi fazendo a barba – disse ele.

– Deixe-me ver – disse ela.

– Está tudo bem – disse ele.

– Fique quieto – disse ela.

Ela levantou o curativo, verificando de cara que o corte era superficial e feito por ele mesmo. Além disso, o rapaz estava drogado e entristecido e recentemente seu coração havia sido partido e isso o fez indefeso e perigoso, tão convenientemente vulnerável para seus propósitos. Ela lhe disse que mantivesse aquilo limpo, mas que ele sobreviveria. Apresentou-se, o que não foi novidade para ele.

– Você sabe quem eu sou – disse ela.

– Você é a caçadora de cachorros.

– Posso perguntar como é que você sabe disso?

– Lugar pequeno – disse ele.

– Sua mãe está em casa? – disse ela.

– Não.

– Está esperando por ela?

Ele deu de ombros.

– Sua irmã está? – disse ela.

– Minha irmã não sai.

– Você acha que posso conversar com ela?

– Ela não conversa.

– Está bem, só desejo cumprimentá-la. Se for possível.

– Por que quer encontrar Shelley?

– Talvez eu deva voltar quando sua mãe estiver em casa.

Esse blefe driblou as suspeitas do rapaz: ele não poderia de boa fé fazer uma escolha com tal responsabilidade.

Roman a conduziu para a escada e ela parou logo no corredor do segundo pavimento.

– Esta é a porta do seu quarto? – disse ela.

– É.

– O que é isso? – disse ela apontando para a cruz e a serpente.

– É de um videogame. Por que pergunta?

– Pensei que já tivesse visto antes.

Continuaram subindo em direção do sótão. A porta estava fechada e ouvia-se o som suave de música de cordas que vinha do lado de dentro. Ele bateu e falou: – Shelley, temos uma visita que gostaria de vê-la.

Chasseur percebeu a suavidade dos modos dele. Ele guardava algumas coisas em segredo. Houve uma pausa, um barulho alto de algo se arrastando e em seguida os estalos baixos de muitos passos. A maçaneta girou, a porta se abriu e Roman a empurrou e entrou. Chasseur seguiu-o. A música vinha de um computador; no monitor havia um texto denso de um artigo acadêmico sobre biomimetismo. Roman afastou-se para o lado, sua irmã ficou de frente para ela, sem jeito.

A Dra. Chasseur era conhecida por manter certas respostas psicológicas sob controle – sua fama em sua unidade na Corporação aumentou dramaticamente durante uma noite de pôquer em que ela ganhou a mesa com um *royal straight flush* sem ter dado qualquer indício, e um primeiro marido que jamais ouviria outra vez uma mulher dizer “eu te amo” sem titubear. Mas foi necessário exercitar todo o seu talento para não gaguejar alto ao ver o elefante no quarto; mãos como se estivessem dentro de luvas, nervosamente inquietas sobre as dobras de seu vestido, aquele rosto abrutalhado e olhos tão brilhantes, claros e tristonhos.

– Esta é a Dra. Chasseur – disse Roman. – Ela está aqui para dar uma mordida no *vargulf*.

Ela virou-se da garota para o rapaz.

– O que foi que disse?

E viu agora que a posição dele não era acidental: ele tinha se colocado estrategicamente de forma que pudesse encobrir um cavalete, mas seu contorno era inconfundível. Ouroboros.

Ela olhou de volta para Shelley com um sorriso e disse:

– Não desejo ser rude, querida, mas acho que preciso dar uma palavrinha com seu irmão.

Um barulho de milhares de dedos batendo encheu o sótão: era a chuva que começava.

Roman e Chasseur desceram para a sala e se sentaram, e ela fez de seus olhos bisturis que o cortaram em pedaços bem pequenos.

– Sim? – disse ele com uma inocência mal disfarçada.

Ela continuou a olhá-lo e ele bebeu, pouco à vontade.

– Roman, irei lhe fazer algumas perguntas – disse ela. – Mas antes há uma coisa que quero que faça para mim. Quero que pense sobre que tipo de pessoa você quer ser. Estou aqui porque as pessoas estão sendo machucadas e o quanto mais honesto você for comigo, mais estará me ajudando a fazer alguma coisa a esse respeito. Quero que perca um segundo e pense sobre isso, está bem?

Roman olhou para baixo, para o copo em suas mãos. Colocou-o sobre a mesa do café e assentiu.

– Qual é a sua relação com Peter Rumancek?

– Nós… saímos juntos.

– Há mais alguma coisa que queira me contar sobre o seu relacionamento?

Roman ficou calado.

– Peter acredita que é lobisomem?

– Não – disse Roman. – As pessoas é que falam isso dele.

– Você tem alguma ideia de por que falam essas coisas?

– Elas têm medo dele. A senhora deveria ouvir o que elas falam sobre nós. Acho até que já ouviu.

– Elas têm algum motivo para ter medo?

– Não. Peter jamais iria machucar quem quer que fosse.

– Por que é que vocês foram até o local do primeiro assassinato?

A palavra ficou no ar por um momento como um anel de fumaça, antes de se dissipar. *Assassinato*.

– Eu acompanhei Peter.

– O que é que Peter foi fazer lá?

– Curiosidade.

– Vocês desenterraram Lisa Willoughby?

– Não.

Ela meteu a mão no bolso de sua capa e tirou um distintivo que colocou sobre a mesa, virado para baixo.

– Vocês desenterraram Lisa Willoughby?

– Já falei que não – disse Roman.

Ela olhou para ele.

– Sim – disse ele. – Desenterramos.

– Por quê?

– Era para um ritual ou coisa parecida. Coisa de ciganos. Não sei.

– Roman, profanação de cadáveres não se enquadra na categoria de "coisa de ciganos".

– Não foi uma profanação.

– O que foi então?

– Peter… achou que poderia ajudá-la.

– Ela estava morta.

– Peter tem os meios dele – disse Roman.

– Lá em cima você usou a palavra *vargulf*. Por que foi que usou essa palavra?

– Porque não queria que a senhora incomodasse a minha irmã.

– Por que acha que eu iria incomodá-la?

– Não quero que pense que ela é uma *vargulf*.

– Quando usa essa palavra, o que exatamente acha que ela significa?

Ele olhou para baixo e ajeitou suas lapelas que já estavam perfeitas.

– É uma espécie de doença – disse ele – É como… ter fome sem apetite.

Ela ficou confusa.

– Onde foi que aprendeu essa palavra? – disse ela.

– Não sei onde a aprendi.

– Onde foi que aprendeu essa palavra– isse ela.

– Peter – disse ele.

– Você pode me dizer alguma coisa sobre uma experiência que vem sendo feita no Instituto Godfrey de Tecnologias Biomédicas, chamada Ouroboros? – disse ela.

– Sei que esse símbolo significa alguma coisa. Quer dizer, todos os símbolos significam alguma coisa, mas esse significa uma coisa… não sei, uma coisa… acontecendo.

Ele pegou seu copo, bebeu e o largou. As pontas de seus dedos não o perderam e ele o pegou outra vez. A marca da condensação de onde ele havia sido colocado da primeira vez juntou-se àquela da qual ele ergueu o copo e formou um ∞.

– Às vezes eu vejo coisas – disse ele.

Ela assentiu.

– A senhora sabe o que isso significa? – disse ele.

Ela olhou para o rapaz: um adolescente narcisista, inseguro, supersensível e sem atenção devida dos pais, herdeiro de uma companhia entre as 500 citadas na

revista *Fortune*, com problema de abuso de drogas e tendências homoeróticas – seria mais surpreendente se ele "às vezes" não visse "coisas".

– Eu não sei o que elas significam para você.

Ele curvou-se e correu o polegar para cima e para baixo do suor de seu copo.

– Eu posso ajudá-la – disse ele.

– Sua ajuda será muito útil…

– Posso fazer mais do que isso. A Torre Branca. Ouroboros… posso descobrir o que é. Meu pai construiu aquele lugar. Meu sobrenome é Godfrey.

– Um sobrenome é só um sobrenome – disse ela.

Ele não entendeu bem o que ela havia querido dizer com aquilo.

– É bom que você queira ajudar – disse ela. – Muito bom de sua parte. Mas você não pode.

Ela o observou tentando esconder, sem conseguir, quão profundamente isso o magoou e se solidarizou com sua dor. Não há pior insulto para o coração que não ser considerado necessário.

– Por que não? – disse ele.

Ela olhou com uma compaixão melancólica para os seus olhos molhados.

Sabia o que era preciso que ele ouvisse, o princípio fundamental inicial no qual era baseado todo o seu treinamento, embora fosse pouco provável que o rapaz estivesse mais preparado para ouvir do que ela quando se alistou, quando a luta era mais importante do que entender por que é que se lutava. Adolescentes. Como ela era agradecida por ter sido necessária para outra coisa do que para a maternidade.

– Deus não quer que você seja feliz. Ele quer que você seja forte – disse ela.

A resposta natural de Roman seria mandar uma seta envenenada com ácido direto no coração exposto daquela exibição de convicções, mas sua língua foi silenciada pela súbita incerteza se aquilo havia sido a maior babaquice ou a coisa mais importante que jamais ouvira.

Ela pegou seu distintivo. Ficar mais algum tempo ali seria redundante: não havia mais o que levar dali senão tristeza.

– Roman, você gostaria de apresentar nossa visita?

Ambos ergueram os olhos e encontraram a mãe do rapaz na entrada, carregando uma sacola de compras. Chasseur olhou pela janela e viu a picape preta. Não estava ali momentos atrás, mas sua silhueta molhada como estava agora lhe deu certa qualidade como um monolito de uma era primitiva. A mãe estava com um agasalho esportivo branco de veludo e óculos escuros, e ambos estavam secos.

– Posso perguntar o que a traz aqui? – disse ela educadamente.

– Há algumas inconsistências numa investigação – disse Chasseur. – Estou apenas colocando os pingos nos is.

– Não precisa se explicar mais – disse Olivia. – É claro que seria fantástico se pudéssemos lhe oferecer a ajuda que achar necessária. Não é uma coisa agradável, mas faremos o que for possível. Aceita um chá ou talvez um conhaque? As coisas lá fora estão ficando assustadoras.

Chasseur não podia imaginar uma condição climática mais proibitiva do que o sorriso da senhora da Mansão Godfrey convidando-a a ficar. Chasseur desculpou-se e deu a Roman um olhar de despedida, e esse olhar era realmente uma prece.

Quando ficaram sozinhos, Olivia pegou o copo de Roman e bebeu. Seus olhos bateram nas marcas sobre a mesa, que ela enxugou com a manga.

– Você sabe – disse ela –, o que não falta nesta casa são descansos para copo.

Ele resmungou uma desculpa.

– O que foi que houve com o seu rosto? – disse ela.

– É apenas um arranhão – disse ele.

Ela deu um sorriso triste.

– Seu bobinho – disse ela.

O telefone dele então tocou e ele foi para a outra sala e atendeu.

– Marie está histérica – disse o Dr. Godfrey. – Este lugar está uma confusão o dia todo e eu ainda não posso sair. Você tem alguma ideia de onde Letha pode ter ido?

Ele estava junto da janela do corredor olhando para a chuva e para as árvores.

– Sim – disse Roman. – Tenho uma ideia.

*

– Seu cheiro é ótimo – disse Letha. – Seu cheiro é doce como o de um filhotinho de cachorro.

Ela estava montada nele no sofá, e a camisa dele tinha sido tirada mas, fora isso, estavam vestidos. Ele correu a ponta de seus dedos pelo braço dela.

Ela se arrepiou, sorriu e disse: “Fiquei toda arrepiada”. Correu seus dedos pelo peito dele até o umbigo e lá deixou sua mão espalmada. Ele era peludo e sua barriga era ligeiramente convexa como um copo cheio até a borda.

– Conte-me uma história sobre ser cigano – disse ela.

– Vocês percebem que eu sou meio italiano? – disse Peter.

– Certo, mas quem se importa?

Peter pensou sobre isso.

– Uma vez Nicolae capturou uma fada – disse ele.

– Como assim, uma fada?

Ele mostrou irritação.

– Eu disse uma fada, o que mais eu teria querido dizer? – E continuou. – Estava na casa dele uma noite durante o verão, devia ter uns oito ou nove anos, e Nic disse que queria me mostrar uma coisa e apagou as luzes e me deu um pote de vidro com uma coisinha dentro. Eu disse: "Nic é um vaga-lume". Ele disse: "Olhe com mais atenção". Então eu levantei o pote e não era um vaga-lume, era uma pessoa, uma menina, da altura de uma unha, com asas como uma libélula. E ela tinha uma luzinha.

– O que ela estava usando?

Peter ergueu a sobrancelha.

– Eu disse: "Puta merda, Nic, onde foi que a encontrou?". E ele disse que ela estava voando na varanda em volta da luz com as mariposas. Primeiro tentou pegá-la com as mãos, mas ela o picou.

– Fadas picam?

– Você está brincando? Fadas são mais malvadas do que as porras das vespas.

Essa novidade a agradou.

– E o que você fez com ela?

– Fiquei com ela. Por um tempo.

– E como a alimentou?

– Moscas.

Ela se mostrou indignada.

– Fadas lindas não comem moscas!

– Comem sim. Pegam-nas no ar e as cortam em pedaços. É melhor do que ver uma tarântula pegando um grilo.

Ela ficou pensativa.

– E o que aconteceu com ela?

– Ela morreu. Elas não duram muito em cativeiro. Um dia tinha apenas uma velhinha no fundo do pote. Suas asas tinham caído. De início pensei que ela estivesse apenas tirando uma soneca e por isso sacudi um pouco o pote. Estava definitivamente morta.

– Você não bateu palmas?

Ele olhou para ela.

– Bem, era uma fada! – disse ela. – Elas são mágicas.

Peter deu de ombros, sereno.

– A morte é mágica pra cacete – disse ele.

Letha ficou calada. Então, de repente ela empurrou o seu corpo para cima do dele, montando-o.

– Desculpe, essas coisas estão me matando.

Ela puxou sua blusa por cima da cabeça e colocou as mãos para trás mordendo a sua língua, concentrada, e abriu o fecho do sutiã. Seus seios ficaram livres, com a parte de baixo machucada pelos arames. Fez um barulho de quem sentia um alívio. Peter correu as mãos ao longo da intumescência da barriga dela.

– Você está de brincadeira! – disse ela.

Ela puxou as mãos dele para os seus seios e colocou a sua mão por cima da dele, apertando de leve. Deu um suspiro de satisfação. Peter olhou com ambivalência para o presente surpreendente daqueles peitinhos intumescidos em suas mãos.

– Você devia saber que eu não levo muito jeito como namorado – disse ele.

Ela olhou enlevada para o teto.

– Diga-me como este grande retardado cabeludo pode cheirar tão bem? – disse ela.

– O que estou querendo dizer é que o que você está falando é muita coisa e tudo o mais – disse Peter.

– Trepar? – disse ela.

Para um jovem que dedicou uma quantidade previsível de recursos mentais com quem e de que modo ele gostaria de trepar, ele não gostou do jeito que ela usou essa palavra. Não era uma coisa feminina e o desagradou.

Ela estava sobre ele e apreciava o desconforto dele. Poderia identificar com precisão o momento exato em que decidiu que Peter iria fazer sexo com ela hoje, e tinha sido naquela manhã, quando tentou e descartou com frustração várias combinações de roupas, e percebeu que, para o bem dele e se ele ia causar a ela todo esse transtorno, seria melhor que ele parasse ali mesmo sua parte na transação.

Mas em relação à sua virgindade. Sob o seu ponto de vista, o motivo pelo qual, na maioria das vezes, uma garota era virgem era porque ela queria sentir-se especial e não como qualquer puta velha. Essa jamais fora a motivação de Letha. Achava o cúmulo da burrice que alguém pudesse olhar para essa obrigação como algum tipo de realização e se uma garota queria fazer sexo com um monte de rapazes, ou um monte de sexo com um rapaz e isso a fizesse feliz, o que podia haver de errado? O que podia ser errado em querer o que lhe faz feliz? Assim havia dito para si mesma que, quando encontrasse a pessoa que desejasse conhecer sem roupa, iria apostar tudo nisso; estava apenas esperando quando sentisse que era certo.

Letha não sabia se era certo fazer sexo com Peter Rumancek; na verdade não sentia falta de motivos pelos quais não seria. Porém algo aconteceu. Um anjo com um halo multicor trouxe-lhe um milagre e depois que isso acontece você não conta mais mentiras para si mesma, o direito foi revogado. E se Letha era

honesta consigo mesma, havia um monte de rapazes que ela gostaria de conhecer sem estar vestida – gostaria de sentir a respiração deles em sua pele e segurar seus pênis com as mãos e dizer coisas como: "Você está tentando trepar comigo" –, mas o que estava pesando era a ideia de que essa obrigação era uma espécie de realização, e que ela era especial e não uma puta qualquer. E isso não era mais aceitável; mentir sobre o seu eu mais profundo não era uma opção num mundo que a havia tocado e deixado a graça para trás.

*

Roman observava.

Lençóis de chuva lavavam o vidro e Roman observava os dois ali dentro. Estavam no sofá. Ela estava com o rosto para baixo e ele estava sobre ela. O braço dela estava esticado e os dedos dele estavam trançados aos dela. Roman estava entre as cicutas com seu cabelo colado na testa e os braços pendentes do lado, observando. Peter estava com a mão por baixo dela em seu clitóris e sua boca soltou um gemido, o cabelo dele arrastava-se no rosto dela e em sua boca fechada. E sugava. Sugava o cabelo daquele maldito veado filho da puta.

A chuva caía sobre uma poça nos seus pés como milhares de malditas bocas se lamentando.

Roman deu meia-volta e foi para o seu carro. Suas roupas molhadas o colaram ao assento de couro e ele tentou contar as minhocas de chuva que desciam pelo para-brisa, mas elas corriam todas ao mesmo tempo. Não era outra coisa senão uma medida da desordem. Era isso que era.

As sombras dançando nos cantos de seus olhos agora se entrelaçavam gentilmente formando uma escuridão compassiva.

*

As paredes ficaram brancas, e ouviu-se outro estrondo, como se tudo estivesse desmoronando, e Ashley Valentine gritou quando as luzes se apagaram. No escuro seu coração acalmou-se enquanto ela ria. Não podemos saber se rimos de nós mesmos por sermos bobos ou para esquecer que não somos e que ainda estamos aqui apenas por uma permissão que não pode ser prevista e menos ainda aplacada. Como muitas coisas, talvez um pouco de ambas. Ashley foi para a janela e olhou para fora para ver quem mais havia sido atingido pela interrupção de energia. A quadra toda estava às escuras e demorou algum tempo para ela notar um vulto estranho em seu quintal. Uma pessoa. Um homem. Um homem estranho em seu quintal, imóvel. Seu coração se apertou, e ela não emitiu nenhum som. Seus pais tinham saído e não voltariam senão muito mais tarde. Procurou seu telefone desajeitadamente sem poder tirar os olhos do homem na

chuva e sua imobilidade estranha. Começou a ligar para a polícia, mas foi quando ela percebeu o carro na rua, um Jaguar. Fechou o telefone, desceu e abriu a porta da frente.

– Roman? – disse ela.

De pronto achou que ele nem havia percebido; pareceu estranhamente imóvel como um anão de jardim retardado. Mas então ele olhou para ela e falou: "Não tem luz".

– Roman, você está bem?

Ele virou as palmas das mãos para cima e olhou para a água que caía.

– E só chuva – disse ele.

– Roman, acho melhor você entrar.

Ele não discordou, mas não se moveu, e ela esticou a mão para fora. Ouviu-se o ribombar de um trovão. Ele pegou a mão dela e ela o levou escada acima para o banheiro e lhe deu seu quimono rosa da Victoria Secret.

– Suas pernas são perfeitas para ele.

Ele entregou suas roupas molhadas para ela através da porta e ela as colocou na máquina de secar e em seguida acendeu várias velas em seu quarto. Quando ele entrou, ela colocou uma de suas mãos na boca para abafar uma gargalhada – aquela cor rosa-bebê em suas coxas brancas e brilhantes.

– Aqui – disse ela, que o fez sentar-se em sua cama e puxou seu edredom colocando-o sobre os ombros dele e sentou-se na cadeira de balanço, olhando-o. Ali estava ele, Roman Godfrey, na sua cama, travestido e enrolado em uma manta. O coração dela era um bolo mole de gelatina.

Não que ela tivesse alguma queda por Roman. Ele não só era o pior tipo de babaca e vaidoso, mas genuinamente uma pessoa doente, do tipo que vinha lhe tirar para dançar e lhe dava um buquê feito de embalagens de absorvente interno – o que ele havia feito quando estavam na nona série –, e ela sempre havia se orgulhado de ser imune à atração inexplicável que ele parecia exercer sobre outras garotas. Mas aqui estava ele. Essa pobre criatura ensopada olhando distraidamente para a chama de uma vela – e mesmo se você fosse absolutamente imune ao charme – até parece – de Roman Godfrey, como poderia o seu coração não disparar ante aquela mostra de fragilidade? Pobre!

– O que houve? – disse ela.

Ele baixou a cabeça e não a encarou. A vela tremeluziu sobre a geometria dura de seu rosto. Ela percebeu a mancha vermelha sob o curativo no rosto dele.

– Roman, o que foi que aconteceu?

Ele estava olhando sem expressão, e seu rosto brilhava porque ele estava chorando.

– Está bem – disse ela. – Ei, está bem. – Ela sentou-se ao lado dele e pegou sua mão.

– Ei.

Ele não levantou a cabeça.

– Por que é que você não me conta o que está acontecendo? – disse ela. – Talvez seja bom você falar.

Ele fechou os olhos e juntou os músculos do rosto no punho fechado. Relaxou.

– Roman – disse ela.

– Eu sou feio – disse ele.

– O quê? – disse ela.

– Sou feio, sou uma pessoa feia.

– Roman – disse ela.

– Tenho uma feiura que me faz impossível de ser amado – disse ele.

Retirou sua mão da dela, colocou seu rosto nas mãos e chorou. O edredom caiu e suas escápulas apareceram em relevo através do quimono, levantando-se e abaixando-se como se ele estivesse tentando voar.

*

Logo uma coisa levou a outra e Roman pegou uma das mãos de Ashley e levou-a através das barras do estrado da cama, e em seguida a outra. Soltou o cinto do quimono que ainda estava usando e amarrou-o em volta dos pulsos dela com um nó elaborado aprendido com a prática. Ela disse que ele estava louco, sabia disso? Ele beijou ao longo da bainha da calcinha dela e em sua mente ela disse, *Finalmente*... Ela disse que ele devia ser preso.

Ele arrancou sua calcinha. O coração dela martelava dentro de seu peito e ela sacudia os pulsos, mas onde aprendera a fazer aquele nó, não era apenas para demonstração – a força para soltar-se só fazia apertá-lo mais. Ele ajoelhou-se sobre ela e as dobras do quimono abriram-se e seu peito era como uma trança de corda apertada. Ele abriu as pernas dela e baixou sua cabeça. A cabeceira chacoalhou. Alguns minutos depois ele se afastou e ela voltou a respirar.

– Agora é a sua vez – disse ela.

Ele olhou para ela. Havia alguma coisa infantil sobre a umidade do rosto dele e seu cabelo louro despenteado que lhe dava momentaneamente a aparência de um querubim renascentista.

– Agora é a sua vez – disse ela outra vez.

Ele levantou-se e tirou a cueca. A língua dela mexeu-se nervosamente ao ver sua ereção.

– Desamarre-me – disse ela.

Roman a ignorou e pegou-a pelos tornozelos e virou-os, mas por causa das mãos dela ela não pôde se virar completamente e terminou sem querer com as pernas cruzadas, e de repente as coisas se tornaram diferentes. Ashley havia escutado histórias de garotas metidas em situações que as fizeram mudar de ideia e tornar vítimas do que aconteceu depois, que era assim que as coisas funcionavam, que você ia até certo ponto e de repente mudava tudo e elas não eram mais elas mesmas, culpando-se em primeiro lugar por serem umas putinhas provocadoras de paus. Mas agora ela entendia: não era bem assim. Mudar de ideia não era realmente o que acontecia, o que mudava era o seu corpo que dizia o que era certo e o que era errado e antes desse momento ela nunca havia sabido como coisas como aquela podem dar totalmente errado. Ela tentava se livrar do nó, mas ele apertava cada vez mais.

– Roman – disse ela.

Em seu rosto faltava a qualidade de estar lá, seus olhos verdes eram janelas para o nada. Ele estava imprevisível.

– Roman, por favor, desamarre-me – disse ela. – Não estou gostando disso, Roman.

Ele agarrou com firmeza os quadris dela e escorregou para dentro dela. Ela estava muito molhada de tesão e da saliva dele, e a facilidade daquela violação foi singularmente horrível.

– Roman, Roman, espere aí. – Conservando a esperança remota de que ele apenas tinha perdido o controle como costuma acontecer com os rapazes de tempos em tempos. Mas não foi isso o que ela viu nos olhos dele: alguma coisa havia ido embora e ela não sabia para onde.

Ele empurrava seus quadris com força e depressa. Ela tentava girar as pernas para forçá-lo para fora, mas ele firmou sua coxa com a mão.

– Roman, *pare!*

A parte mais assustadora é que ele pelo menos poderia aparentar que queria fazer o que estava fazendo.

Uma parte dela se partiu e se desligou daquela coisa odiosa que estava acontecendo ao seu corpo, mas a cabeceira marcava o ritmo da violência, fazendo-a lembrar. Ela estava aterrorizada demais para falar, mas independentemente disso ouvia a si própria, ouvia-se gritando e resistindo e soando exatamente como uma mulher histérica que leva uma pancada ou se corta ou qualquer outra coisa que uma pessoa seja capaz de fazer. “Fique quieta”, disse ela para o seu corpo. “O que quer que o seu corpo peça, não dê para ele”.

Mas seu corpo não cooperava. Ela ouviu seu corpo continuar a lutar contra ele e suplicar que ele parasse, e rejeitar aquilo permitindo que acontecesse até que

acabar fosse a melhor coisa. Seu corpo se recusava a aceitar aquele uso de sua carne. E ela se resignou ao fato: seu corpo estúpido não estava errado.

Roman então parou. Inclinou-se para a frente e aproximou seu rosto do dela. Do que quer que ele fosse capaz, agora era a hora. Ele olhou dentro dos olhos dela. Os olhos dele eram janelas para o nada. E de repente não havia mais janelas, só havia o nada.

– Quero isto – disse ele.

Então ela se viu de volta a si mesma, naquele quarto, naquela cama, sendo comida por Roman. O corpo dele colidia com o dela como um barco à deriva batendo contra a rebentação: magro, com veias duras vincadas em seu pescoço e seus braços, o quimono balançando como um fantasma etéreo atrás dele – e ela queria isso mais do que ter a satisfaria.

Ele olhou-a nos olhos e disse que ela falasse que ele era feio, e ela falou. Ele a fez repetir aquilo de novo e uma vez mais. E isso o magoava da mesma forma cada vez que ela repetia. Ele olhou dentro dos olhos dela.

– Goze – disse ele.

Ela gritou enquanto aquela ordem varria as regiões mais invioláveis de seu ser.

*

Roman retirou suas roupas da máquina de secar e voltou para o quarto dela e desatou o nó do cinto e a soltou. Puxou a calcinha dela para cima e em seguida fez o mesmo com uma calça de pijama. Levantou os braços dela e enfiou uma camiseta pela sua cabeça. Puxou seu edredom até o queixo dela, pegou sua mão e apertou-a. Olhou dentro dos olhos dela.

– Eu nunca estive aqui – disse ele. – Sonhe com alguma coisa bonita.

Você não está em terra firme

O ar estava úmido e cheirava a lama, e o sol brilhante cozinhava minhocas inchadas na calçada, obrigando Roman a ter cuidado onde punha os pés ao se aproximar da Torre Branca. Parou e tirou do bolso do blazer um pequeno frasco com cocaína, no geral sentindo-se muito bem sobre as oportunidades sem limites dessa nova manhã. No fim das contas, toda essa maldita mania de enrolação ia contra sua configuração genética, e se havia alguma lição a ser tirada dessa linhagem, era que os grandes assassinos da história da objetividade eram sempre outras pessoas. Jacob Godfrey disse uma vez que a única coisa que os outros poderiam seguramente fornecer era mal-estar gastrointestinal, e isso nunca tinha sido uma coisa tão pungente para Roman antes. Mas havia sido um Godfrey quem construíra esta cidade, por isso era justo somente que um Godfrey pudesse salvá-la de si mesma. Ele não precisava deles. Que chupassem os paus uns dos outros. Ele não precisava mais deles. Deu um teco com cada narina e limpou o nariz. O sol dourava a lateral da Torre e ele se pegou de olhar fixo nela, a luz indo para o centro de sua mente enquanto a sombra encontrava as bordas…

Ele sacudiu a cabeça. Agora não.

– Maldita mania de infiltrar-se sem ser visto – disse ele. Recomeçou a andar. – Podem ir chupar os paus uns dos outros – disse.

Entrou no prédio, o ar estéril o envolveu e ele caminhou a passos largos para a recepção, onde um homem magro levantou o olhar do horóscopo do jornal.

– Pois não, senhor? – disse ele.

– Desejo falar com o Dr. Pryce – disse.

– O Dr. Pryce está à sua espera? – disse o recepcionista.

– Não, mas irá me receber.

– Posso perguntar qual é o assunto?

Roman colocou as mãos na mesa e inclinou-se para a frente.

– Qual é o seu nome? – ele disse.

O homem fez uma cara de Deus-me-dê-forças.

– Meu nome é…

Roman o interrompeu.

– Realmente estou cagando para o seu nome. Meu nome é Roman Godfrey. Estou aqui para falar com o Dr. Pryce.

O recepcionista calou-se e pegou o telefone. Então era isso. Era assim que as coisas funcionavam aqui.

Esperando, ele andava para lá e para cá com passadas movidas a cocaína. As luzes acima projetavam águas-vivas no piso de mármore.

– Ei – disse o recepcionista chamando sua atenção. – Qual é o seu signo?

– Áries – disse Roman.

O homem olhou para o jornal.

– "Os sentidos irão se recolher enquanto os sonhos irão acordar. Você não está em terra firme. Não olhe para baixo."

– Isso é algum haicai? – disse Roman.

O homem começou a contar as sílabas nos dedos quando o Dr. Pryce saiu do elevador e veio em frente. Não dava para notar nenhum aborrecimento que ele estivesse sentindo por ter sido interrompido ou pelo que o rapaz pudesse estar fazendo aqui sozinho sem sua mãe, ao lado de quem ele era tão bom como cirurgicamente ligado às funções públicas onde toda a interação entre eles estava concentrada.

– O grande homem – disse Pryce, cumprimentando-o. – Que bela surpresa, não? O que o traz aqui?

Roman devolveu o sorriso.

– O Projeto Ouroboros – disse ele.

Pryce franziu os lábios sem saber o que responder.

– Bem, imagino que você não o acharia muito interessante – disse ele.

– Suponha que eu ache – disse Roman.

Entreolharam-se. Vários técnicos do laboratório entraram e cruzaram o mezanino contemplando aquele impasse incomum entre o senhor e o vassalo. Por fim Pryce deu de ombros e fez um gesto para que Roman o acompanhasse. Conduziu-o para o Laboratório de Herpetologia e repetiu o discurso que fizera para Norman.

– Oh, espere, não – disse o técnico do laboratório. – Há o decimal.

Pryce fez uma cara conciliatória para Roman.

– Nem uma emoção, nem por um minuto, suponho, mas espero que seja aquilo de que precisa. Se quiser, podemos ir até o Laboratório de Próteses. Lá temos um braço robótico que pode jogar Nintendo com o seu próprio córtex cerebral.

Roman não olhou para o técnico do laboratório.

– Retire-se – disse ele.

O técnico olhou para Pryce.

– Você tentou segurar no meu pau? – falou Roman para o técnico.

O técnico assustou-se.

– Irei chamar o diretor financeiro agora mesmo e direi que você tentou segurar o meu pau – disse Roman.

Pryce fez um gesto para o técnico, e ele se retirou.

Pryce mostrou-se afável.

– Seu pai também era fogo – disse ele.

– Mostre-me aquilo que me fez vir aqui – disse Roman. – O Projeto Ouroboros. O verdadeiro. Se há algo secreto, gostaria que me levasse até ele.

Pryce riu.

– Se existe alguma experiência secreta, eu com certeza também gostaria de ver.

– Não ria do que estou falando, porra – disse Roman.

Pryce parou de rir. Fez um gesto para Roman se sentar. Roman não se sentou. Entreolharam-se.

– Tenha calma – disse Pryce.

– Com quem você pensa que está falando, Johann? – disse Roman. Jamais havia chamado o Dr. Pryce pelo seu primeiro nome antes. Estava amando o dia de hoje. Ontem e sempre havia permitido que aquele veado empolado ditasse as regras, mas vejam só quem é que mandava agora.

Pryce pegou uma caneta do bolso de sua camisa e brincou com ela entre os dedos.

– É claro – disse ele. – Não há nada que exaspere mais do que ser tratado como o garoto que você era e não como o homem que se tornou. Portanto, o que é que posso fazer por você, meu jovem?

– Acho que não preciso ser mais claro – disse Roman.

– Contudo, há uma consequência em tomar o lugar do seu pai – disse Pryce. – Ou melhor, um grande número delas, feitas de juros compostos até o dia que você morrer. Segundo minha experiência…

– Por acaso eu pedi que você falasse comigo como um babaca de merda? – disse Roman. – Vamos ao que interessa.

Ele olhou nos olhos de Pryce.

– Diga-me – disse Roman.

Pryce apertou o botão de sua caneta por três vezes seguidas. *cliquecliqueclique*. Isso cortou a concentração de Roman pelos joelhos. Três. Atonal, assimétrico, amoral. Um mau número da sorte, sua associação com o divino era um truque do diabo. Roman lançava perdigotos tentando expelir esse emissário das trevas.

Pryce esperou.

Roman sacudiu isso e se recuperou, olhando Pryce nos olhos com uma intensidade renovada.

– Diga-me…

cliquecliqueclique

Roman voltou a expelir perdigotos e então ficou ameaçadoramente quieto.

Pryce agora o olhava com interesse.

– Você quer um copo d'água? – disse.

Roman piscou depressa e o encarou, concentrando sua raiva num foco penetrante.

– Diga-me…

cliquecliqueclique

– PUTA QUE O PARIU! – Roman urrou e arrancou a caneta da mão de Pryce e arremessou-a para o outro lado da sala. Ela bateu sem maiores consequências numa gaiola fazendo que seu habitante levantasse a cabeça vagarosamente e, como não achou nada que o interessasse, voltou ao seu estado meditativo.

Roman caiu na cadeira que lhe havia sido oferecida e a girou na direção oposta a Pryce. Seus olhos encheram-se inutilmente de água e o clique da caneta ecoou em seu cérebro como o abismo em sapatos de sapateado.

Pryce se inclinou sobre ele e massageou com delicadeza o pescoço do rapaz.

– Centímetro por centímetro – disse o Dr. Pryce.

Roman respirava e permitia que a tensão se liberasse sob as mãos delicadas por trás dele; desperdiçara dignidade demais para ter qualquer opção que não fosse a submissão.

– Por experiência própria, sei – disse Pryce, ainda que nunca tivesse sido interrompido – que ser homem consiste, em grande parte, em aceitar o quão pouco disso é conseguir o que quer quando quer.

*

Do lado de fora, Roman voltou a caminhar pela estrada. Seus ombros estavam contraídos e suas bochechas estavam tão quentes como se tivessem sido estapeadas, e seu aborrecimento e vergonha devido ao seu fracasso eram tão profundos que ele quase, sem mesmo pensar sobre isso, pisou em uma rachadura, tirando o pé dela no último momento. Olhou para baixo assustado por ter conseguido evitar uma catástrofe.

– Maldito Peter! – disse ele. – Maldito Peter filho da puta!

Na praça próxima ao caminho uma minhoca movia-se sinuosa coberta por pequenas formigas pretas e Roman pisou sobre aquele espetáculo miserável. Voltou a caminhar.

cliquecliqueclique

Roman ficou tonto, seus olhos moviam-se rapidamente, mas não havia ninguém ali.

– Respire – disse Roman. – Respire.

Sentiu o chão sob seus pés. Isso era aqui. Pegou sua latinha de pastilhas de hortelã e colocou o resto da cocaína nas costas da mão e inalou-a com as duas narinas, esfregando o nariz na mão. Isso era realmente aqui. Ele limpou o nariz com as mangas e recomeçou a caminhar.

cliquecliqueclique

Roman gelou. Seu sangue ficou frio. Ah, não. Aquilo o atingiu. Aquilo o atingiu, tirou dele um fragmento e *cliquecliqueclique cliquecliqueclique cliquecliqueclique* continuava nele sem parar. Continuava nele com uma intenção. Queria alguma coisa.

Roman choramingou. Cobriu o rosto com as mãos. Não sabia se eram as próprias mãos ou se eram mãos de outro. Mãos escuras. Não sabia o que era daqui e o que era do lugar escuro de onde elas tinham vindo, onde ele queria desesperadamente estar.

– Por favor – disse Roman.

cliquecliqueclique cliquecliqueclique cliquecliqueclique cliquecliqueclique cliquecliqueclique cliquecliqueclique cliquecliqueclique cliquecliqueclique cliquecliqueclique cliquecliqueclique cliquecliqueclique cliquecliqueclique cliquecliqueclique cliquecliqueclique cliquecliqueclique CLIQUECLIQUECLIQUE

Então tudo ficou quieto outra vez, e desapareceu o limite que existia entre Roman e o lugar escuro, e seus olhos se viraram para dentro, e ele viu o outro lado disso, viu claramente algo que já sabia, a coisa mais proibida de saber, aquilo que Francis Pullman vira quando olhou em seus olhos. O que acontecera e ainda iria acontecer.

Roman gritou, seus joelhos dobraram-se e ele caiu no gramado gritando, e o chão à sua volta fechou-se para dentro na concavidade de uma circunferência perfeita que surgiu em torno dele, mas ele não percebeu que o chão ondulou-se e então caiu e foi engolido pelo poço.

*

Norman,

É engraçado como você pode olhar para uma coisa mil vezes sem realmente vê-la. Isso me aconteceu recentemente ao ver a palavra gentil-homem impressa e por algum motivo pela primeira vez eu realmente a vi. Homem gentil. Ora, pensei, esse é o meu irmão. Gentil-homem é o meu irmão, Norman.

Mas ela não deixaria isso ficar assim. Ela iria trazer à tona o que de pior havia em você e quando percebesse seria tarde demais, porque ela já teria destruído o melhor. Pude ver a expressão de seu olhar da última vez que nos falamos, mas dadas as circunstâncias espero que você entenda a seriedade com que digo isto.

Não deixe que ela o destrua.

Também, como está registrado, tentei primeiro a outra maneira, mas não deu certo. Ela não me deixaria matá-la.

J.R.

Catábase

Dos arquivos do Dr. Norman Godfrey

NG Como está se sentindo nesta manhã, Christina?
CW Aqui é muito bonito. Dei uma volta mais cedo pela primeira vez. Foi um bom passeio embora houvesse galhos por toda a parte. A tempestade de ontem à noite foi realmente um inferno. Meu avô diria que ela foi do tipo que incendeia o celeiro.
NG Sim, foi mesmo. Espero que não a tenha incomodado.
CW Ah, eu adoro tempestades. Adoro ficar vendo o dia todo uma daquelas que realmente incendeiam o celeiro. É como as histórias emocionantes que minha mãe lê, sabe? Não têm qualquer valor literário, é claro, mas quando o sangue e as entranhas disparam, puxa vida! Nada se iguala a ficar segura e agasalhada enquanto tudo vai pelos ares, sabe?
NG Você se sente segura aqui?
CW Quer dizer, não sou especialista em instituições mentais, mas este parece um belo e eficiente navio. Brincadeira. Estou brincando. Mas sim. Sinto-me segura. Parece que nada pode pegar você aqui.
NG …
CW Na verdade eu o conhecia.
NG Como assim?
CW Você está pensando nele. Aquele vagabundo. Desculpe. Não devia chamá-lo de vagabundo. Mas ele também foi seu paciente, não?
NG Sim, foi.
CW Meus avós moram em Kilderry Park, e por isso eu o vi lá muitas vezes. Não diria que o conheço. Ele tinha sua vida, seus pais e tudo o mais, e eu não sei nada disso. Exceto o óbvio.
NG O óbvio?
CW Ele o viu fazer aquilo. Ele viu Peter Rumancek comer aquela garota.
NG …
CW Doutor, o senhor quer um copo d'água ou alguma outra coisa?

*

Reinava um silêncio mortal quando o Dr. Godfrey voltou do trabalho. Marie estava na cozinha lavando as bancadas e havia pontos de tensão em volta de seu pescoço e ombros. Houve um tempo em que lhe bastava pôr as mãos nos ombros dela para que a sua tensão se aliviasse. Houve um tempo em que a gentileza circulava entre eles mais do que para quem estivesse em volta e as trocas possuíam temas mais fundamentais do que culpa. Ele ficou de pé no portal e ela sabia que ele estava ali e sentiu crescer um presságio, nada bom vindo de uma Godfrey fazendo faxina, e ele esperou com o fatalismo costumeiro aquilo que via não só como a acumulação de anos de hostilidade doméstica mas também como um castigo cósmico. Porque ela jamais havia deixado de amá-lo.

Ele olhou para a cara na porta da geladeira. A cara bolachuda sem olhos, um duende feito de massa de modelar. E ele tinha argumentado a favor de mostrar a ultrassonografia de Letha … Porque ele tinha perdido o poder de dizer não para ela.

– Ela não tem nada para me dizer – disse Marie finalmente. Ela não se virou para olhá-lo. – Ela me olha como se eu fosse uma grande inquisidora. Talvez você tenha melhor sorte. Doutor.

Nos seus quase dez anos de prática médica jamais tinha passado por sua cabeça que ele pudesse chegar a usufruir da honra de ter esse título cuspido sobre ele dessa maneira.

Foi para o quarto de Letha. Ela estava em sua cama fazendo o dever de casa de Matemática e não levantou os olhos, negando-lhe sua atenção com um ar de perseguição beatífica. A imagem indesejável daquele machão "vagabundo de rabo de cavalo" sobre ela veio à sua mente. Essa era a sina de um homem: você começa a vida como um jovem rapagão e num piscar de olhos descobre-se pai de uma jovem que anda com outro rapagão.

– Acho que vou dar o fora e me juntar aos calvinistas – disse ele.

Ela o ignorou. Pelas dores que sofreu durante seus tempos de conquistador, ele jamais podia imaginar uma rejeição mais profunda do que a do afeto de sua filha. Mas havia considerações maiores a serem feitas. Um dos fatores mais importantes da ruptura daquele lar era a percepção de Marie de sua irrelevância; do ponto de vista dela, isso parecia mais uma dissensão: seu marido e sua filha unindo-se contra ela. E estavam; estavam porque ele fazia tudo para incentivar esse estado de coisas. Então não havia escolha. Ele teria de se alinhar com Marie, mesmo com o risco de hostilizar sua filha, de sua filha olhá-lo como eles a olhavam, com tanto… desapontamento. Se ele queria consertar a única coisa que estava em suas mãos, seria forçado a tomar o lado da mãe dela. Fechou a porta.

– Não estou aqui para fazer o papel da sua mãe – disse ele.

Ela olhou para ele, e ele sentiu que o que sabia era a última coisa que deveria permitir a si mesmo sentir: que estava vencendo. Mas agora seus talentos eram necessários em outra direção. Sentou-se na cama dela e tomou forças para se desligar do pai que existia nele e assumir uma neutralidade profissional. Engolidores de espadas conseguem arrumar seus órgãos internos de outra maneira. Todos o tipos de façanha eram possíveis.

– Essa foi a sua primeira vez? – disse ele. – Por assim dizer – acrescentou silenciosamente.

– Sim – disse ela.

– Isso não é uma coisa ruim – disse ele. – Nunca deixe ninguém lhe dizer que isso é uma coisa ruim.

– Certo – disse Letha.

– Mas… você tem de entender nossas preocupações. Olhe à sua volta, doçura. O problema maior foi não saber. Você tem de entender como é que vamos reagir sem saber onde você está.

– Mas não é disso que se trata – disse ela. – O problema maior é Peter. E foi por causa disso que eu não disse onde estava. Por que eu não queria mentir para vocês, mas sabia que iriam reagir exatamente da mesma maneira, de qualquer jeito. Pelo menos *ela* iria.

Ele escondeu a satisfação que sentiu pela correção.

– Ela, como todo mundo, está sempre julgando – disse Letha. – Com Roman é a mesma coisa. É a confirmação de um preconceito. Ela já meteu isso dentro da cabeça e só irá ver aquilo que confirma o que ela acha certo.

– Terei de rever meus deveres de pai, mas não tenho tanta certeza de que você devia dizer coisas como *confirmação de preconceito*.

Soltou-se um fio de plástico de seu edredom e ele o esticou e soltou deixando que se enrolasse.

– E – disse ele – tenho de lhe perguntar: o que você sabe sobre esse rapaz?

Ele percebeu nos olhos dela uma escapada com a limpidez física do movimento.

– Letha, eu sei de coisas – disse ele. – E essa é uma pessoa a respeito da qual tenho ouvido mais do que de outras. Estou amarrando pianos em minhas pernas para não chegar muito rápido a conclusões, mas esse jovem tem uma fama e tanto.

Ela ficou calada por alguns instantes e ele não teve certeza se essa era uma batalha perdida. Se havia um jeito de conversar sobre isso sem fazer que ela o odiasse. Se isso era uma derrota com a qual ele poderia conviver.

Mas então ela o olhou e seus olhos estavam vidrados e ela disse:

– Papai, eu estou apaixonada por ele.

Ele não disse nada e seus olhos também ficaram vidrados.

– As pessoas veem o que veem – disse ela. – Veem alguém como Peter, e ele é como uma página em branco que as pessoas podem colocar aquilo do que têm medo. Você sabe como as pessoas são.

Ele sabia. Mas sabia também que sua garotinha, que falava com uma autoridade extraordinária, poderia estar louca.

Colocou a mão espalmada em cima da cama. Ela colocou sua mão na dele. Ficaram calados.

A porta se abriu e Marie entrou. Invadiu, foi o que pareceu. Foi como uma invasão de privacidade. Ele esperou que Letha não tirasse a mão, e ela não tirou. Não mesmo.

– Olivia ligou – disse Marie.

Então era isso. Ele sabia o que viria agora, como soube durante todos esses estúpidos anos e num instante depois, e o que este instante lhe revelava era que ele simplesmente não só estava preparado para isso como estava exultante. Exultante porque deixá-la não fazia parte de sua cosmologia.

Segurou a mão de sua filha e esperou o que viria.

– Roman está em coma – disse Marie.

*

Roman estava no sótão da Mansão Godfrey. Pryce dissera a Olivia que o eletrocardiograma dele estava estável, mas recomendou com veemência que não fosse levado para casa. Essa recomendação foi ignorada. Shelley comunicou que queria que ele ficasse lá em cima no sótão com ela e teve o consentimento da mãe. Shelley levou sozinha a cama dele para cima. Ele estava deitado ainda com a bata de paciente do instituto. Eles estavam junto dele. Godfrey, Olivia e as garotas. Não havia por que Marie estar também ali. Godfrey olhou para o rapaz ali deitado como se estivesse ausente de si mesmo, o que não parecia exatamente nada com descanso, como o cheiro do sótão de sua própria infância invocava um monte de lembranças irrelevantes, e precisando de ar fresco, ele pediu a Olivia que o acompanhasse até embaixo. As garotas ficaram. Letha olhou para Shelley. Os olhos de Shelley pareciam duros e frios ao toque, como quartzo. Letha passou os braços em volta do tronco de Shelley. Suas mãos não se encontraram.

Godfrey e Olivia foram para o pátio dos fundos. O sensor de presença disparou e lançou suas sombras escorridas sobre o gramado.

– Você sabe que ele deveria estar no hospital – disse ele.

– Ele vai ficar aqui – disse ela.

Godfrey olhou para o homem alto que era a sua imagem na grama. Uma vez, muito tempo atrás, ele lhe havia dito que tiraria as crianças dela sem hesitação se achasse que havia algum motivo para tanto. Mas nessa circunstância, em que a intervenção era plenamente justificável, ele não tinha ilusões de sua consciência ter qualquer autoridade.

– Como foi que aconteceu? – disse ele.

– Uma overdose de droga. Ele estava drogado e fez uma cena no instituto.

– Por que ele foi lá?

– Não sei.

Ele colocou a ponta do dedo sobre o vértice no topo do acabamento do balaústre da grade.

– Olivia, diga-me a verdade – disse ele. – Você sabe alguma coisa sobre o Projeto Ouroboros?

– Eu já lhe disse que não tenho uma ideia melhor do que a sua a respeito do que se passa lá dentro. Isso tem alguma coisa a ver com Roman?

– Por que é que ele estava lá? – disse Godfrey outra vez. – Alguma coisa está acontecendo aqui e você não pode agir como se não estivesse.

Ela virou-se para ele com um olhar totalmente em desacordo com o que ele conhecia dela. Olhou-o sem qualquer conteúdo.

– Norman, a última coisa que posso fazer agora é agir – disse ela.

Ela acendeu um cigarro. A luz do sensor de movimento apagou-se. O vermelho da brasa de seu cigarro brilhou nas lágrimas em seu rosto.

– Liv – disse ele. Fazia muito tempo que ele não se referia a ela pelo seu notório diminutivo.

– Liv, Liv, Liv – disse ele.

*

Naquela noite, depois da meia-noite, o telefone de Godfrey tocou. Ele falou "Alô" e em seguida "Oh, meu Deus…" e depois "Não, não, estou indo". Desligou, virou-se para Marie e iniciou seu pretexto, mas não se importou em terminar; era mais do que redundante. A inflexibilidade dela sobre o fato de ele sair da cama lhe inspirava o impulso mórbido de exagerar o seu desejo de voltar para ela. Passou por cima dela esfregando seu braço e disse que voltaria o mais cedo que pudesse. Ela não expressou qualquer necessidade de isso ser mais verdadeiro do que era.

Sem sentir qualquer culpa, ele foi para a Mansão Godfrey pela segunda vez naquele dia e subiu em outra cama e mais tarde envolveu-se numa atividade com Olivia que não faziam havia anos, desde que ele a tinha chamado por seu apelido. Dormiram juntos. Frase essa que ele nunca conseguiu entender como

eufemismo para uma trepada, como se trepar fosse uma consequência intrinsecamente maior.

Algumas horas depois, ele acordou de repente, uma confusão animal sobre estar dormindo em cama errada. Agora estava sozinho na cama e, tendo readquirido sua orientação, olhou com atenção e viu-a sentada à janela. Ela estava nua, com um dos joelhos dobrado e um resquício da fumaça do cigarro pairava sobre a sua cabeça. Perdida em seus próprios pensamentos. Sua grande tristeza neste mundo eram essas coisas acontecendo com nossas crianças e não havia nada que se pudesse fazer.

*

Peter e Letha estavam almoçando na cantina, e ele sentiu aquilo vindo. Detectou um tipo de energia nervosa nela, uma clara tensão feminina que quando liberada não seria boa para ninguém. Sentia isso no seu *Swadisthana.* Uma semana se passou. Roman ainda estava inconsciente e Peter não fora adiante na investigação. Não fizera absolutamente nada; sabia da luta que estava por vir, mas não sabia de que maneiras novas e imaginadas as coisas poderiam melar se ele continuasse tentando contornar aquilo. Por ora, a única coisa era aceitar as coisas do jeito que viessem e evitar se meter em outras que pudessem levar a desgraças. Por ora, ele estava totalmente ligado nisso. Mas a maneira como Letha comia seu iogurte mostrava que aquilo que estava na mente dela logo iria passar para a dele também.

– Uau, seus brincos estão combinando com sua bolsa? – disse Peter. Como regra ele mantinha observações sobre as decisões das mulheres em relação à moda bem guardadas para usá-las quando fosse preciso distrair a atenção de algo mais importante.

– Quero que venha jantar na minha casa – disse ela.

Peter ficou calado.

– Seria meio que algo importante para eles – disse ela. – Seria… meio que algo importante para mim.

Peter disse a sua mente para formar uma imagem do sol caindo como mel sobre a grama no outono e um riacho passando sobre seixos e o primeiro cabelo de anjo brilhando como uma lasca de madeira, na lua nova. Fazia “isso” bem mais fácil. Quer dizer, somos um “isso” agora. Como se aquele não fosse o tipo exato de conversa que levava às palavras *namorado* e *compromisso* e outras palavras às quais ele era alérgico. Garotas. O segundo em que você estabelece uma fronteira perfeitamente razoável é o segundo em que elas estão comprando os tratores. Sempre foi a maior das ironias os homens serem considerados os caçadores da espécie.

Ela olhou para ele, esperando. Esperando pelos 10 milhões de coisas que as garotas cismam esperar. Era óbvio que ele estava deixando as coisas irem muito longe. Era óbvio que ela estava com dificuldade de ouvir e perceber que era assim que eles ficavam quando querem dizer "preciso de meu espaço" – enquanto elas ouvem sinos de casamento. Ele sabia como controlar isso. Como Nicolae havia dito: nove entre dez vezes em que uma mulher está lhe dando dor de cabeça, isso pode ser facilmente resolvido levando-a para casa e fazendo o serviço. Era isso. Ele poderia simplesmente levá-la para casa e fazer o serviço até não poder mais e não se falaria mais nisso. Sorriu para ela e assentiu, e ela sorriu de volta, achando que estava conseguindo o que queria.

Na noite seguinte Marie Godfrey quase não conseguiu conter sua incredulidade por estar sentada à mesa de frente para aquele marginal seboso e muito provavelmente piolhento como se fosse qualquer colega de colégio que compartilha o pão com a família dela. Ou pelo menos uma família substituta a cuja imagem ela havia dedicado seus melhores dias para vê-la diminuída dia após dia. Mas ainda era a sua mesa. Suficientemente apropriada para o ritual de sacrifício do que ainda restava de sagrado. Preconceituosa! A força de tal implicação quando Marie Newport havia crescido como filha de um operário metalúrgico sem qualificação de um lado dos trilhos do qual nem seu marido, filha, e nem qualquer Godfrey conheciam melhor do que o lado oculto da lua. Como se se fizesse uma velha relíquia desagradável de um romance de Jane Austen por ter alguma preocupação com a filha única terminar cortada numa vala. Como se fizesse alguma diferença quantas ações de caridade você tivesse promovido ou que você preferisse cortar um braço a votar no Partido Republicano, que somente um olhar para tipos como Peter Rumancek lhe daria a responsabilidade para com os seus olhos independentemente de algo tão fictício quanto uma classe. A não ser que seu nome fosse Norman Godfrey. Se esse fosse seu nome, sua responsabilidade era um argumento contra um ancestral que estava morto havia quase cem anos.

Mas não era nada disso que causava a maior pressão sobre a incredulidade de Marie. O que a espantava mais em relação ao seu desempenho era a sua colaboração com aquilo. Na primeira vez que Letha falou sobre essa proposta, a resposta de Marie foi uma risada dura e irritadiça, desagradável até mesmo para seus próprios ouvidos e um inequívoco "Absolutamente não". Mas Letha não se incomodou em perder tempo discutindo suas ordens ou mesmo olhando para ela. Olhou para seu pai num conluio evidente: ele cuidaria disso. Lidar com loucos era o seu trabalho. Marie ficou imaginando se haveria alguma palavra para qualificar o que ela havia se tornado. Seria o oposto de um eco, um corpo

desligado da voz. Quando toda a voz quisesse, se alguém a pudesse ouvir, iria perguntar como deixaram que isso acontecesse.

Depois do jantar ela se desculpou, alegando um súbito cansaço, e o Dr. Godfrey se serviu de um drinque e ofereceu um a Peter. O rapaz o mereceu sob a luz do refletor da hospitalidade de Marie.

Agora, depois de ter encontrado o acusado em pessoa, Dr. Godfrey estava mais compreensivo para com o ponto de vista de sua filha: Peter era de uma raça diferente. Ele não era nosso vizinho. Não queria as coisas que nós queríamos. Se você lhe dissesse para parar de fazer besteiras e começar a agir direito, ele o olharia completamente confuso: na cabeça dele, era exatamente isso o que ele estava fazendo. Antes de tudo, ele era culpado pelo impensável crime da civilização, tão evidente em sua caminhada quanto na de um manco: ele não era propriedade de ninguém.

Ele não desejava estar aqui agora, com certeza. Mas estava. Estava aqui porque Letha lhe pedira que viesse, e isso demonstrava um nível básico de integridade que na avaliação de Godfrey tornava o rapaz merecedor de um tratamento justo. Seu medo maior era que Christina Wendall tivesse inventado a história do lobisomem, assim como Letha havia feito com sua gravidez, como proteção psicológica contra a realidade mais terrível, mas seu instinto o levou para outra teoria sobre aquela paciente em particular. Por outro lado, estava na água que era distribuída à cidade: as pessoas estavam com medo e alguém tinha de assumir a responsabilidade, e Peter não era Um de Nós. Mas aqui estava ele, fazendo esse esforço (ainda assim, iria morrer se usasse uma gravata?), e ademais não se deveria esquecer que ele havia sido gentil para com Shelley. De tudo, isso não poderia ser esquecido.

Godfrey passou a Peter o copo que Peter levantou para brindar batendo contra o dele.

– A… Roman – disse Godfrey. Estava procurando algo que fosse melhor e inócuo, mas foi isso que saiu.

– A Roman – disse Peter, e em seu olhar havia algo estranho que Godfrey já havia observado em outros momentos durante toda a refeição, não tanto uma maturidade, mas uma consciência natural como se em alguns momentos ele fosse um rapaz exatamente da sua idade e em outros uma alma de outro tempo usando a máscara de um rapaz.

Godfrey percebeu que ele apertava a perna de Letha, e isso o encheu de uma alegria que muito o surpreendeu. Mas ele estava contente. Contente porque sua filha estranha encontrara esse pretendente estranho, que havia uma pessoa na vida dela que a tocava daquela maneira. Ali estava uma mulher feita por ele.

Depois que a mesa foi tirada, ele fez uma demonstração de ceticismo quando Letha disse que iria levar Peter em casa, mas, como ela argumentou, ele havia bebido e ninguém queria despertar Marie. Àquela altura ele pessoalmente abdicara de qualquer responsabilidade de ser outro obstáculo entre os dois. Eles iriam ser felizes sem a sua contribuição. Fez apenas a advertência de "Comportem-se" – contando que eles fariam exatamente o contrário. Eles sobreviveriam.

Uma mulher de verdade. Que tal?

*

Dos arquivos do Dr. Godfrey:

CW Tive aquele sonho outra vez, aquele na usina. Mas desta vez o tempo foi diferente, desta vez chega a hora, eu não sei se me escondo ou se me viro e enfrento, mas desta vez consigo ver alguém lá fora, do outro lado da janela. É Francis Pullman. Seis disso por causa de… meu Deus, detesto falar isso em voz alta, por causa daquele olho morto arrepiante. E esta é a única coisa que muda, ele está lá fora sem dizer nada, e eu continuo presa no mesmo lugar, mas com um homem morto me vigiando.
NG Você tem alguma ideia de qual seria o significado de Pullman ou do fantasma de Pullman aqui?
CW Eu… Isso vai parecer uma maluquice, doutor.
NG Acho que você está no lugar certo.
CW O aspecto do rosto dele.
NG O que tem?
CW Ele não dizia nada, mas eu sabia que ele estava me falando alguma coisa pelo aspecto de seu rosto.
NG Há alguma coisa que se sinta confortável em dividir?
CW Ele está me dizendo… Você vai perder sua alma.
NG …

A hierarquia de Peter das merdas sem as quais ele não podia viver

Era o último dia antes da lua cheia de fevereiro e, quando soou o sinal para o fim da aula do oitavo período, foram embora não só os alunos como também o último minuto de negação por parte de Peter daquilo que ele vinha adiando durante as duas últimas semanas: agora teria de contar a ela. Mulheres e conversas, coisas que combinavam, tal qual arrastar e esquartejar. Ele ia pelo corredor até o seu ônibus com a cara fechada preocupado com essa perspectiva quando Alex Finster e Tom Dublyk apareceram, um de cada lado, com mais um ou dois por trás. Esse não era o alívio que Peter tinha em mente.

– Amanhã é lua cheia – disse Alex.

Peter não disse nada.

– Você está com os ouvidos sujos de porra, Rumancek? Estou falando com você, seu cigano sujo de merda.

Peter não tirou os olhos da placa de saída no fim do corredor acima das cabeças dos outros que saíam.

– Vai ver ele está triste porque sua namorada está em coma – disse Tom.

A questão, Peter sabia, era simples: chegar até o ônibus. Eles queriam que ele lhes desse um motivo. Se as pessoas fossem pular sobre você, bastava que pulassem: aqueles babacas de merda precisavam que ele lhes desse um motivo. Portanto, a questão era simplesmente manter sua boca fechada e entrar em seu ônibus.

Alex o chamou de cigano veado e surdo e, ao passarem todos juntos pela porta, o aperto juntou seus corpos e Alex virou a cabeça e soprou na orelha de Peter.

– É provável que tenha de correr para casa para chupar o pau da Bela Adormecida – disse Tom.

Mantenha sua boca fechada o tempo suficiente para entrar no ônibus 89. Eles queriam que ele lhes desse um motivo, mas Peter já estivera no lado errado de muitas brigas para saber que não valia a pena. Isso é o que fazia Peter diferente de Roman; Peter era controlado. Quando perde isso, perde o chão e se dá mal.

Tom enfiou os dois dedos em suas próprias narinas e inalou profundamente.

– Isso é cheiro de xoxota?

Agora estavam do lado de fora e os ônibus estavam alinhados a não mais de treze metros de distância. Treze metros, uma meta alcançável.

Alex colocou o braço em volta dos ombros de Peter.

– Então, de onde é mesmo que vem a metade lobo?

Achou que essa familiaridade invasiva fosse provocar uma reação em Peter. Suficientemente forte para entrar no ônibus.

– Sua mãe não coloca um bife entre as pernas e diz "hora de comer, garotos"? – disse Alex.

Peter atingiu Alex no saco.

Alex dobrou-se, tropeçou em seu próprio pé e caiu e Peter se mandou. Os outros rapazes foram atrás dele, mas o intervalo de tempo da reação deles era tudo o que ele precisava para entrar no ônibus, naquele que estivesse mais perto, no qual pudesse se segurar e dar um pontapé. Passou os olhos pela janela do ônibus e viu as garotas, as gêmeas Sworn, olhando-o com aqueles olhinhos assombrados, mas se olhar já era ruim, havia coisas ainda piores do que olhos.

Ele pulou nos degraus do ônibus quando os olhos de uma das gêmeas se arregalaram (qual? – não se sabe) e ela gritou "Cuidado!" – mas Peter sabia: havia perdido, e uma mão o agarrou pelo rabo de cavalo e o arrancou do ônibus e o jogou no chão, o que o deixou no meio de um círculo de rapazes que olhavam diretamente para Duncan Fritz, os 95 quilogramas de Duncan Fritz, que não estava procurando briga, mas, já que a briga estava no ar, não iria perder a oportunidade. Isso é quanto lhe custa uma briga: o direito a abstrações, como "justa". Essa é uma das coisas que uma briga lhe custa. Peter tentou erguer as mãos para se proteger, mas antes que pudesse fazer qualquer coisa Duncan lhe deu um soco na cara. Foi como se tivesse olhado diretamente para a luz de um holofote brilhante, e seguiu-se uma sucessão de meia dúzia de brilhos desse holofote antes de Peter poder finalmente levantar as mãos e dobrar os joelhos junto do peito e respirar sangue nas palmas das mãos, esperando o início dos chutes.

Foi quando ombros poderosos invadiram a roda que o circundava e outro combatente entrou na briga e ele deixou que o peso desse novo corpo caísse sobre o seu e um par de braços agarrou seu pescoço. O peso não era muito, e os braços eram trêmulos e magros como os de uma garota. Era uma garota. Era Letha. Letha havia se jogado sobre ele.

As coisas se acalmaram. Letha o abraçou tremendo. Do meio do corpo dela brotou um poder tão grande que até agora Peter o sentia em seu *Swadisthana* e fez o corpo dela agitar-se todo com a intenção de não se soltar dele.

– Ah, porra – disse alguém por fim. A festa acabava antes mesmo de começar: o impasse, junto com a ameaça imediata da chegada de alguma autoridade, fez

que o bando vazasse com o rabo entre as pernas. Com a mesma velocidade em que havia crescido a paixão tribal pela violência sacramental, a garota grávida havia acabado com a festa.

Letha ajudou Peter a se levantar. O cabelo dele estava solto e despenteado, e seu rosto vermelho e sangrando com cortes sobre o olho e a boca. Embora ele agora estivesse de pé e bem, o que ela viu na sua mente foi aquele outro rapaz martelando o punho nele sem parar. Ela jamais havia visto tamanha violência, mas sabia instintivamente e sem sombra de dúvida que a única maneira real era rebater aquilo com algo igual e oposto, e beijou o rosto dele. Cobriu de beijos delicados como o leve bater das asas das mariposas o rosto que o outro havia coberto de socos. Olho por olho.

Peter juntou sua testa na dela. Colocou seu polegar na boca dela e limpou o sangue de seus lábios. Ela estava chorando e saía muco de seu nariz. Ele levou seu dedo indicador acima do lábio superior dela.

– Meleca – disse ele.

Pegou no bolso um elástico que tinha de reserva e juntou outra vez o cabelo num rabo de cavalo. Pegou-a pela mão.

– Vamos embora – disse ele.

– Ei! – gritou uma voz como o som de uma claquete de filmagem, e o vice-diretor Spears agarrou Peter pelo ombro. – Aonde você pensa que vai?

– Ele está vindo comigo.

O vice-diretor largou Peter. Seu rosto empalideceu duas vezes nos reflexos dos óculos de Olivia Godfrey.

*

Peter e Letha foram com Olivia. Shelley, que havia vindo com Olivia, estava na caçamba da picape e os outros três na frente, Letha no meio, com as pernas encolhidas ao lado da marcha. Olivia deu sua echarpe a Peter, que a colocou sobre a boca que sangrava. O interior de sua bochecha estava cortado e ele o cutucava com a língua. Olivia, respondendo a uma pergunta que ainda não fora formulada, disse: – Ele é o mesmo. Ela deu uma pancadinha na coxa de Letha, que de pronto pareceu um gesto de consolo – mas na verdade ela precisava de espaço para mudar a marcha.

Levou-os até o trailer dos Rumancek. Disse para Letha:

– Querida, eu deveria levá-la para casa.

Letha não disse nada. Olivia fez uma cara de que lhe estava concedendo responsabilidades de adulta e cedeu.

– Pelo menos ligue para sua mãe. Ela tem andado bastante tensa esses dias.

A visão do lábio cortado e do olho inchado de Peter fez que Lynda dedicasse grande parte dos quinze minutos seguintes à aflição e raiva. Batia em seu próprio peito, evocando as piores maldições contra os úteros venenosos que conceberam tais monstros que puderam fazer aquilo num rosto tão bonito. Em seguida, acalmou-se e assumiu o ar da autoridade maternal prática e limpou-o, deu-lhe um chá com duas aspirinas amassadas e um baseado e o colocou na cama com uma costeleta de porco congelada envolta por um filme plástico sobre o olho inchado. Olivia ficou para conversar com Lynda.

No quarto, Letha deitou-se com ele e passou um braço e uma perna sobre o seu corpo. Ainda se mantendo de modo supersticioso, entre esse corpo e o mundo.

Ele tocou mais uma vez no corte em sua boca.

Letha fez uma careta.

– Pare com isso. Vi o que estava fazendo.

Peter olhou para ela. Aquela pessoinha engraçada que havia colocado todo o amor que tinha dentro de si entre ele e um monte de chutes que só Deus sabia onde iriam terminar. Um dos princípios fundamentais de Nicolae que determinavam a qualidade de uma mulher era se ela ajudaria ou não a carregar os móveis na mudança. Não aquela coisa feminina de levar apenas um abajur ou uma caixa de pratos, mas sim colocar a mão na massa no meio dos homens e enfrentar a mudança. O que você diria dessa aqui, Nic?

Mas o fato era que Peter ainda tinha de dizer para ela o que vinha evitando desde o início. Tinha de lhe dizer o que iria acontecer na noite do dia seguinte e que ela não iria gostar de saber. Principalmente agora. Ela não iria gostar de ouvir mais do que ele iria gostar de dizer. Porém isso não mudava o fato de que ele tinha de lhe contar, e esperar só ia tornar isso pior. Ele fechou os olhos e cheirou o cabelo dela. Por um minuto.

Ouviu-se uma batida na porta. Lynda entrou com Olivia. Elas concordaram que poderia não ser seguro que Peter ficasse ali. “A lua cheia excita as pessoas”, observou Olivia. Peter assentiu, sem ânimo para contradizer essa improvável mudança nos acontecimentos. Levantou-se e preparou uma sacola com coisas para passar a noite na Mansão Godfrey.

*

Olivia acomodou Peter no quarto extra. No canto havia um espelho velho com uma moldura de madeira sustentada por pivôs numa armação ligeiramente inclinada para cima, e de onde Peter estava via o reflexo de um retrato na parede de um homem velho com uma cara de falcão e olhos verdes já tão falados e um

sorriso fantasmagórico como se tivesse acabado de lhe enfiar uma faca, sem que você sequer percebesse.

Olivia colocou a mão no ombro de Letha.

– Tomei a liberdade de ligar para seu pai.

E virou-se para Peter, olhando para o seu rosto mutilado. Ele não conseguiu entender sua expressão por detrás dos óculos escuros. Ela pôs os dedos em seu rosto e ele não se retraiu. A sensação de seu toque suave não o machucou.

Ela se retirou para deixá-los a sós por alguns minutos.

– Rapazes… – falou ela num sussurro. – Rapazes…

Peter olhou para o espelho. Seu *Swadisthana* talvez tenha lhe dado um aumento na sensibilidade da frequência, mas ele sempre se sentia feliz por essa sensação jamais ter se deslocado para o terceiro olho. O terceiro olho o tinha fulminado de uma maneira simplesmente depressiva. Mas amanhã à noite ocorreria a transformação, a transformação em que teria de fazer o que se tornara inevitável desde a noite em que encontraram Brooke Bluebell. Ele teria de farejar o *vargulf*, caçá-lo e rasgar sua garganta. Estava fraco e queria apenas ficar deitado, mas era sustentado pela dor contínua dos golpes que havia tomado. Dor que não trazia outra coisa senão um sentido de prioridade. Ele agora desejava somente que o terceiro olho lhe revelasse a visão no espelho de como o mundo iria parecer na manhã do dia seguinte, mas tudo o que ele refletia era o seu próprio rosto feio e espancado. Pelo espelho vieram mãos que enlaçaram sua cintura e a apertaram.

– Vamos vê-lo – disse Letha.

Subiram para o sótão. Shelley estava no andar de baixo; quando não estava dormindo ela mantinha inviolada a privacidade de seu irmão. Ele estava deitado sob a janela. Pares de olhos de coruja brilhavam nas árvores numa vigília intermitente. No couro cabeludo de Roman havia um número maior de fios pretos naturais e na face os pelos da barba haviam crescido de forma desigual. Letha ajoelhou-se.

– Nunca soube que ele tinha pelos no rosto. Olhou para o rosto dele. Na luz do luar ela podia ver as veias delicadas de seus olhos.

– Se você fosse fugir, me avisaria? – disse ela.

– Eu não vou fugir – disse Peter.

– Irei com você se for fugir – disse ela.

Ele olhou para a lua redonda.

– Não sou rápido o bastante para escapar disso – disse ele.

Ela olhou para a dobra da orelha de Roman, que era como um ponto de interrogação, e sabia que havia mais por acontecer e odiaria isso tanto quanto odiava que seu melhor amigo estivesse em coma, e as pancadas levadas pelo

primeiro rapaz que ela amava com todo o seu corpo. Sabia que o que ele estava prestes a dizer devia ser como aquele sinal, assim se concentrou na fraca luminosidade dos pelos da orelha de Roman e esperou pelo que viria.

– Quero que você me prometa uma coisa – disse Peter. – Amanhã à noite preciso que me prometa que ficará em casa, desde o pôr do sol, não importa que outra pessoa esteja com você, até que o sol nasça de novo. A noite toda.

– O que é que você vai fazer? – disse ela inutilmente. Sabia exatamente a resposta dele e não iria melhorar nada ouvi-la da boca dele, mas mesmo assim era necessário.

– Vou matá-lo – disse ele.

Ela mal podia ouvir a respiração de Roman exalada de seu nariz.

– Sabe que você é apenas uma pessoa, certo? – disse ela. – Isso é o que todos somos. Somos todos somente pessoas.

– Uma hora antes do pôr do sol – disse Peter. – Não saia de casa de jeito nenhum. Sob nenhuma circunstância deixe alguém entrar.

– E depois? A próxima vez que eu o vir será na cadeia? Ou será no seu enterro? Irei vê-lo outra vez depois disso?

Peter não tinha uma resposta e havia tomado muitas pancadas na cabeça para inventar uma assim tão depressa.

– Acho que vocês estão viajando – disse ela. – Acho que vocês dois estão viajando. E você acha que sou eu quem precisa de proteção? Olhe só em que estado você está. Olhe só em que estado vocês dois estão. O que é preciso que aconteça para você entender que isto não é um tipo de jogo? Isto é a vida.

Peter ainda não tinha uma resposta; não que não tivesse uma, mas porque estava muito cansado para ouvi-la de si mesmo. O que havia acontecido nas duas últimas transformações iria acontecer outra vez amanhã à noite, e a cidade toda sabia. A menos que ele a matasse. Aquela coisa que sabia quem ele era e não havia nada que pudesse fazer agora para sair fora dessa. A menos que a matasse. Agora tinha um medo ainda mais profundo do que da jaula e era o medo de que aquilo que havia acontecido àquelas outras garotas pudesse acontecer com ela, medo de ela estar viva e capaz de poder ver dentes e garras rasgando sacos de carne, de geleia, de merda e de vida dentro dela. A menos que ele matasse aquela coisa. Que a vida era um jogo, com os riscos mais claros possíveis e que perdê-lo era completamente impensável. Ele não era um assassino, não queria matar nada, foda-se toda essa matança.

Procurou alguma coisa quebrável, mas não valiosa, pontaria, e não paixão. Pegou a luminária da mesa e atirou-a ao chão. Letha surpreendeu-se com a violência contida na intenção do gesto e ele detestou sua eficácia.

– Faça exatamente o que estou dizendo ou jamais irá me ver de novo, sua idiota estúpida – disse ele.

Luzes de faróis iluminaram a noite lá fora; era o pai dela que chegava. Letha desenlaçou sua mão da de Roman e limpou as lágrimas do rosto. Levantou-se, ajeitou sua saia e olhou para Peter. Os olhos molhados de uma Godfrey estavam vermelhos e verdes, com as cores do pior Natal do mundo.

Depois que ela saiu Peter sentou-se na cama de Roman. Colocou a mão no queixo de Roman e sacudiu-o.

– Ninguém mais aqui além de nós, garotão.

Ouviu um estalo, levantou os olhos e viu Shelley no portal, relutante em se intrometer. Ela olhou para a luminária quebrada, mas não precisou de mais evidências para perceber o clima. Peter não disse uma palavra. Inclinou-se para a frente e tirou um dos tênis e depois o do outro pé. Jogou um deles e depois o outro para cima, e ela ficou olhando enquanto ele, com uma graça melancólica, começou a fazer malabarismo com eles no quarto escuro.

*

Na manhã seguinte, Peter foi acordado cutucado por sua mãe. Sua bochecha era um hematoma roxo e havia uma crosta preta no seu lábio que durante a noite havia dessorado e colado no travesseiro. Ele queria se sentir melhor, agora que havia tido uma noite de sono e sua mãe estava do seu lado, mas o que sentia não havia mudado. Havia acontecido ontem e o mesmo aconteceria hoje à noite, e nada entre esses dois momentos mudava aquele buraco negro enorme.

– Como você está se sentindo? – disse ela.

– Como estou parecendo? – disse ele.

Ela cuspiu na manga de sua camisa e a esfregou de leve no lado do lábio dele.

– Café da manhã – disse ela.

Olivia dissera a ela como eram as coisas na cozinha, e isso estava evidente pelo volume do que oferecia. Mas era em momentos como esses que era necessária a nossa maior resistência e Lynda havia ficado para morrer na noite anterior por não poder alimentar o filho. Shelley tentou comer com uma delicadeza exagerada para compensar o aumento dos danos em seus nervos, mas uma vez ou outra a pinça de servir salada batia na tigela de creme de trigo antes de ela conseguir pegá-la, fazendo barulho. Quando os olhos dela encontraram os de Peter, ele puxou o lóbulo de uma das orelhas para baixo e ergueu a sobrancelha do lado oposto, o que provocou um leve sorriso nela, mas quando ele tentou fazer de novo, só deu para fazer uma careta devido ao seu machucado. Enquanto isso, Olivia se escondia atrás de olhos sorridentes e cochichos sobre escândalos recentes de celebridades, e estava satisfeita com essa divertida

quebra de rotina. Peter não sabia o que fazer com a súbita hospitalidade *upir* da mulher e não se importou. Sua mente estava ocupada com a maneira pela qual Letha vacilou quando ele atirou a luminária, e com o olhar perdido dos olhos de Roman quando Peter deu as costas para ele, e com a lua que agora estava do outro lado da Terra, mas que não poderia ter exercido um poder maior sobre os seus pensamentos.

Depois do café Olivia levantou-se para levar Shelley para a escola. Lynda pegou-a pela mão:

– Sua cozinha é realmente um sonho – disse ela.

Olivia, fingindo modéstia, disse:

– A gente faz o melhor que pode.

Quando Peter e Lynda ficaram sozinhos, Lynda foi descobrir onde ficava o armário das bebidas. Pegou uma garrafa de uísque e batizou o café dos dois.

– Daqui até a fazenda de Toma e Crystal dá menos de um dia de viagem – disse ela. – Podemos chegar lá antes de sua transformação.

Havia uma pequena rachadura na caneca dele, e ele a riscou com sua unha.

– E se ela for a próxima?

Eles se entreolharam e não havia mais nada a dizer.

Peter bebeu da caneca. Quando engoliu, a garganta era como o buraco de uma agulha. Lynda levantou-se e veio até onde ele estava e ele a abraçou e mergulhou o rosto nas dobras da barriga dela e chorou e chorou.

– Foda-se essa matança toda – disse.

Alguém entrou na sala e Lynda ergueu os olhos. Era Roman. Ele não mostrou mais surpresa ao ver os Rumancek em sua sala de jantar do que o leve torpor que sentia por ter dormido demais.

– Que horas são? – disse ele.

TERCEIRA PARTE

O UIVO ETERNO

A cerca

Peter e Roman sentaram-se no capô do carro de Roman, e o sol estava cor-de-rosa através das árvores, e a sombra da subestação de energia elétrica chegou a eles como um leve toque de cotovelo.

– Vou conseguir acompanhar? – disse Roman.

– Não – disse Peter.

Roman jogou a ponta de seu cigarro numa pilha delas que se avolumava e acendeu outro.

– Desculpe se fui um saco – disse ele.

– Não se preocupe com isso – disse Peter.

Roman olhou para os trilhos que se cruzavam no pátio e esticou seu braço, contemplando a interseção das veias em seu cotovelo. Meios de transporte de aço.

– Você a ama? – disse Roman.

Peter curvou-se para frente descansando os braços nos joelhos.

– Sim – disse ele. – Ou seja lá o que for.

– Merda – disse Roman.

– Merda – disse Peter.

Ficaram calados. Peter meteu a mão no bolso e tirou um fragmento do poema *Mercado de gnomos* e entregou-o a Roman.

– O que é isto? – disse Roman.

– Encontrei isso aqui da última vez – disse Peter.

– O que acha que quer dizer?

Peter não respondeu. Estava envolvido em tentar resolver um problema de lobo com habilidades de gente.

– Por que é que está me dando isto? – disse Roman.

Peter não falou. Mas se hoje à noite tudo desse em merda, Roman é quem teria de ficar na trilha. Que Deus nos ajudasse. Mudou de assunto.

– Você se lembra de alguma coisa enquanto estava apagado? – disse Peter.

– Não – disse Roman. – Bem, uma sensação. Tenho uma sensação. É como uma espécie de *déjà vu*, mas não exatamente. Como… alguma coisa que irá acontecer, mas que eu esqueço o que é. Acho que irei saber quando vir.

Olhou para o Dragão e soube agora aquilo que não sabia até então. Que ele representava algo que era mais poderoso e mais importante do que qualquer

coisa com o nome Godfrey estampado, e ter zombado dele havia sido um erro estúpido.

Ficaram calados.

– Merda – disse Peter.

– Merda – disse Roman.

E então Peter sentiu. Quer dizer, ouviu. Começa quando você ouve, nas pedras, nas árvores e no céu. Chamando o seu nome secreto. Ele abriu o teto solar do carro e despiu-se. Soltou seu rabo de cavalo e ficou de quatro. Quando o lobo inteligente parou de se sacudir e a névoa vermelha se dissipou, ele olhou para Roman. Tinha a aparência de ser mais corpulento do que na lua anterior; sua pelagem de inverno estava crescendo.

– Peter? – disse Roman.

O lobo olhou para ele sem reconhecê-lo e então olhou para longe. Foi até a entrada da usina com a cabeça abaixada e arranhou a porta para entrar. Roman foi adiante, abriu-a e ficou para trás enquanto o lobo entrou trotando com o focinho no chão. Roman esperou do lado de fora; finalmente aceitou que a melhor parte da coragem era reconhecer quando estava atrapalhando a passagem. Depois de um minuto ou dois o lobo voltou e meteu o focinho para fora e dirigiu-se para o pátio dos trilhos.

– Tem algum cheiro lá? – disse Roman.

O lobo ergueu o focinho no ar.

– Você sabe onde ele está? – disse Roman.

O lobo partiu como uma bala pelos trilhos em direção às árvores. Ficou imediatamente claro que ninguém com duas pernas seria capaz de acompanhá-lo. Roman ficou observando o lobo correr até o limite do pátio e pular por cima da cerca. Os cabelos do braço de Roman eriçaram-se ao ver o lobo pular a cerca, ultrapassando o arame farpado com uma graça brutal e insuperável, seu pelo ondulando como um campo de trigo ao vento, e se suas pernas não tocassem nunca mais o chão, Roman ficaria do mesmo modo feliz ao ver seu amigo voar para sempre.

Então mais depressa do que Roman pôde acompanhar, as coisas deram em merda. Um ganido de dor veio do lobo e ele foi lançado no ar, o corpo se torcendo sobre as pernas e escorregando nos arbustos. Choramingando, levantou-se cambaleante e tentou ir para a floresta, mas suas pernas trêmulas o fizeram cair tonto, batendo no tronco de uma bétula.

– Peter! – Roman gritou e correu para a cerca.

O lobo sacudiu a cabeça e tentou dar mais alguns passos antes de suas pernas desistirem e ele desabar no chão.

– O que é isso! – disse Roman, o pânico em seu peito era tão avassalador que não percebeu que estava falando com um cão.

Uma convulsão sacudiu o lobo e ele ficou imóvel. Roman gritou o nome de Peter, mas o lobo permaneceu ali deitado. Sua língua estava para fora. O subir e descer de suas costelas. Roman agora viu um tubo fino e comprido saindo por entre as costelas. Era aquilo, o que quer que fosse, era aquilo que estava machucando o seu amigo. Roman agarrou a cerca e começou a subir. Havia o arame farpado no topo, mas ele não estava pensando adiante. Apenas via o seu amigo deitado indefeso com uma coisa saindo de seu corpo, e isso bastava.

– Desça daí.

Ouviu um farfalhar entre os arbustos e uma pessoa saiu alguns metros abaixo do outro lado da cerca. Era Chasseur. Ela estava vestida com uma roupa cáqui escura camuflada, manchada de urina de veado para mascarar seu próprio cheiro, e tinha nas mãos um rifle com mira telescópica e um pacote de alguma coisa em volta do ombro, e Roman então percebeu o que é que estava saindo do lobo: um dardo.

– Você não está entendendo – disse ele, ainda pendurado na cerca.

Ela parou, levou o rifle ao ombro e mirou para ele.

– Desça daí – disse ela.

Roman deixou-se cair.

– Ouça-me – disse ele.

– Não olhe para mim – disse ela. – Fique a dez passos de mim, mantenha as mãos onde eu as possa ver. Não tente contato visual.

Roman desviou os olhos.

– Não é ele.

Chasseur colocou o rifle e o pacote no chão ao lado de Peter. Ela não deu sinais de ter ouvido o que ele tinha falado.

– Eu disse que não é ele.

– Como é que você sabe disso? – disse ela. Menos para continuar a conversa do que para mantê-lo distraído enquanto fazia o que tinha de fazer. Estava tentando tranquilizá-lo se fosse preciso, mas não queria chegar a tanto. Para o olhar, um tiro é apenas geometria, extensão e vento, mas para um coração batendo puxar um gatilho para outro corpo vivo e vê-lo sucumbir é algo a ser evitado, não é nada agradável. Isso se você não é um psicopata ou um macho.

– Porque… – disse Roman. – Como é que ele sabia aquilo? – Eu estive com ele da outra vez. A noite toda.

– Você está mentindo – disse ela, e abriu as fivelas do pacote.

– Se você o ferir, você está morta – disse Roman. – Ouviu? Morta – falou com uma veemência patética.

– Ele está bem – disse Chasseur. – E se me ameaçar mais uma vez, vou até aí e quebro-lhe a porra dos seus dentes.

Tirou uma presilha de plástico da bolsa, passou-a pelas pernas traseiras de Peter e apertou-a. Roman amassou os nós de seus dedos contra o próprio rosto castigando-se em desespero.

– Desculpe-me – disse ele. – Mas… estou lhe dizendo, a senhora não sabe o que está fazendo.

Passou outra presilha de plástico pelas pernas dianteiras e tirou do pacote um instrumento cônico de aço e couro.

– Não é Peter – disse Roman. – Viemos atrás dele. É por isso que viemos até aqui. Para farejá-lo.

Ela enfiou a língua de Peter para dentro da boca, fechou suas mandíbulas e colocou o instrumento em volta de seu focinho. Era uma focinheira.

– Quanto do que você pensa que sabe é aquilo que ele lhe contou?

Roman olhou desesperançado para o borrão da noite. Seu pé afundou no chão em uma poça de lama. De repente estalou os dedos e mostrou com ênfase as pegadas frescas.

– O *vargulf* não deixa rastros! – disse ele.

Ela não parou de ajustar as correias da mordaça.

– A senhora não ouviu o que eu falei? – disse ele. – Peter deixa rastros, o assassino não.

– Não foram encontrados rastros – disse ela.

Roman aproximou-se da cerca e ela levou uma mão de advertência à coronha do rifle.

– A culpa será sua – disse ele. – Se houver outro hoje à noite, a culpa será sua.

Ela apertou as correias.

– Roman – disse ela –, aquilo que pode ser feito com poucas suposições é feito em vão com muitas. Isto não é o seu amigo. Isto não é uma pessoa. Sei que para você é duro aceitar e acredito que seja duro também para ele. Acredito que você queria encontrar o monstro, da mesma forma que ele. Porque ele não podia saber disso sobre si mesmo. Você não pode saber disso sobre si mesmo e continuar sendo uma pessoa.

Roman sacudiu a cabeça.

– Isso é conversa fiada – disse ele. – É conversa fiada.

Ela deu uma olhada na imobilidade de Peter e levantou-se.

– Isto é um animal – disse ela. – É só o que é.

Roman olhou para ela suplicante. Ela repetiu as restrições sobre o contato visual e se levantou.

– Se a senhora estiver errada, alguém vai morrer esta noite – disse Roman. – Não vê que estou apenas tentando ajudar? Por que é que não me deixa ajudar?

– Porque você não acredita em Deus – disse ela.

Ela tirou o dardo do corpo de Peter.

– Por favor, vá para o seu carro e vá embora por livre e espontânea vontade. Vou ficar realmente puta da vida se me fizer atirar em você.

Por um instante Roman ficou imóvel exceto pelo movimento das sombras das depressões de suas mandíbulas cerradas. Virou-se de costas para a cerca e foi andando.

– Deus não quer que você seja feliz. Ele deseja que você seja forte – disse ela.

Ela abaixou os olhos e olhou para aquele espécime maravilhoso aos seus pés respirando o que lhe restava de ar puro. Tirando questões de justiça e direitos, o lobo com certeza iria morrer numa jaula. Os de sua espécie não sabiam como viver dentro delas. Ela ajoelhou-se e colocou as palmas das mãos no peito e na barriga dele, sentindo sua respiração, e se permitiu um momento de piedade antes de fazer o que tinha de ser feito. A morte da liberdade era sempre uma coisa para ser lamentada.

*

A van estava estacionada ao longo dos trilhos do trem cerca de 800 metros adiante. Chasseur sentou-se por alguns instantes no para-choque traseiro e respirou fundo, curvando-se para frente e voltando as costas num extenso alongamento. Doía mais do que o normal carregar um peso daqueles de tão longe. Ela não sabia se era ela ou este caso, mas estar no campo sempre a fez se sentir mais jovem. Levantou-se para fechar as portas traseiras mas parou, olhando por instantes para as pegadas na lama. Foi assaltada pela dúvida, mas prevaleceu o método: repetir a observação e medir a amostra. A sanidade da ciência, da necessidade apostólica de lidar com os mistérios, Deus é a mais necessária das hipóteses. Fechou as portas, encerrando o lobo inteligente na caçamba.

– Tome esta espada: seu brilho significa a fé, sua ponta a esperança e sua guarda a caridade – disse ela.

Ela olhou para o rio. Na outra margem as várias luzes da rua pontilhavam a água com seus reflexos, como uma série de pontos de exclamação. Pegou o telefone. Colocou as pontas dos dedos no crucifixo em volta do pescoço sem realmente tocá-lo. Digitou um número.

– Ele está algemado – disse ela. – Preparem a cama.

Desligou e ficou vendo a tela de LCD se apagar lentamente e em seguida foi até o lado do motorista da van e deu de cara com Olivia Godfrey.

– Olá, outra vez – disse Olivia. Ela usava um vestido de noite de cetim, tão branco como um sorriso, e Chasseur não pôde entender como aquela coisa tão incrivelmente absurda surgiu ali defronte dela, mas isso não era uma prioridade.

Chasseur sacou seu 38 e apontou para Olivia. Puxar o gatilho sobre outro corpo tem as suas exceções.

Olivia a olhou com a cabeça erguida.

– O crucifixo que você usa – disse ela – não é de sua ordem.

– Senhora Godfrey – disse Chasseur –, irei lhe dar a oportunidade de colocar devagar suas mãos no veículo, e se der um passo em minha direção, eu a matarei.

Olivia ergueu a cabeça para o outro lado:

– São Judas. Oh, Ratinho, o que é que o faz se sentir tão perdido?

Deu um passo à frente. Seu vestido tremeluziu como a luz da lua cheia na água do rio.

*

E Peter acordou.

Não sabia o que havia ocorrido ou onde estava. Não sabia merda de merda nenhuma. "Aquele não era um jeito de viver", pensou. Concentrou-se. Estava nu dentro de um quarto estranho – mas já estivera aqui antes, na noite anterior – estava no quarto de hóspedes da Mansão Godfrey. Havia alguém, de pé, por cima dele. Roman. Roman estava esperando que acordasse. Estava em sua atitude, em seus olhos. Roman tinha más notícias.

Peter tentou se sentar, mas isso era pretensão demais. Houve um gemido forte, e ele percebeu que partia dele. Tentou localizar a última coisa da qual se pudesse lembrar, mas era como olhar para formas debaixo d'água: nada determinado em algo de concreto, e qualquer coisa pode engolir você.

Meu coração realmente está partido por causa de Peter. Ele não merecia nada disso, e é com grande tristeza que o vejo urinando numa árvore, uma treliça marcada com seus losangos em suas costas devido à rede, ou com o cabelo todo sobre o rosto que nem o Primo Itt da Família Adams, ou caçando um esquilo – muito vagaroso! – pela vala. Acima de tudo o amor de Peter por ser Peter era tão grande que, como um balde de tinta cheio até a borda, transbordava mesmo nos menores momentos de seu dia. Não, Peter não desejava nada disso. Embora pudesse ser dito que a culpa era dele.

– O que foi que aconteceu? – disse Peter. Parecia que havia sacos de areia amarrados às suas palavras.

– Alexa e Alyssa Sworn – disse Roman. – O *vargulf* pegou as filhas do xerife.

Peter olhou para o teto. Ele não sabia o que fazer com essa informação; esse não era um jeito digno de viver. Então se pôs de pé e agarrou o braço de Roman.

– *Lynda* – disse ele.

Deus não deseja que você seja feliz, Ele quer que você seja forte

Ao passar por Kilderry Park Roman viu a coluna de fumaça negra saindo da montanha e seu estômago se contraiu. Apressou-se, mas ao chegar ao lote dos Rumancek não havia mais nada a não ser os restos queimados do trailer. Saiu do carro e ficou durante um tempo o mais perto que o metal enegrecido e o calor permitiam. Sobre o chão havia um tapete de cinzas e escombros e alguma coisa veio voando e bateu em sua jaqueta. Ele a pegou; era um fragmento chamuscado de um quadrinho de uma história do Charlie Brown que ele vira antes na geladeira. Roman o largou e se afastou do trailer. Um espelho quebrado estava largado no chão como uma ostra aberta. Estava rachado e refletia a mancha de fumaça preta contra o branco do céu.

Seu celular tocou. Era Peter. Destiny tivera uma visão em seu terceiro olho e foi apanhar Lynda de noite. Estavam na cidade.

– Como é que ele está?

– Parece com a última torrada que Shelley tentou fazer – disse Roman. – Deve ter sido um coquetel-molotov. Ou uma granada.

Peter ficou calado. Então falou:

– O que foi que aconteceu ontem à noite?

– Não sei – disse Roman. – Da última vez que o vi, você estava caído, Chasseur ia levá-lo e eu não tinha como fazer nada. Então peguei o carro e fiquei para cima e para baixo ao longo do rio, sabe, até que tivesse uma ideia melhor, quando mamãe ligou e disse para eu voltar e vigiá-lo. Fui para casa, e lá estava você. Ela não. Ela já voltou?

– Não – disse Peter.

– Bem, parece que não vai dar nem para levar um par de meias para você trocar. – Ele esfregou o rosto e suas mãos ficaram pretas de fuligem.

– Observei você se transformando de volta – disse ele. – Hoje de manhã.

Fez uma pausa.

– Foi? – disse Peter.

– Foi. Na verdade… é… muito lindo.

– Certo – disse Peter.

– Não sou gay, viu – disse Roman. Desligou e viu um vulto preto refletido no vidro da janela do lado do motorista e virou-se dando de cara com o gato

sentado um pouco mais afastado. Roman olhou para o gato. Ele o olhou solene e insondável como a noite. Roman deu um passo à frente, enlaçou a mão em volta da barriga dele e o pôs no carro.

*

Peter desligou e olhou para si próprio no mesmo espelho em que se tinha olhado na noite anterior, imaginando o que ele iria refletir nesta manhã depois da noite de lua cheia. Foi igualmente inútil; o que viu foi um rosto horrível e cinzento apenas um dia mais velho. Um rosto sem opções. Ele tinha uma opção. De quem ele era filho? Deu uma batida forte com as duas mãos em sua barriga nua e desceu para a cozinha e foi até a geladeira. Na prateleira de baixo havia uma costeleta gorda e vermelha de uns 600 gramas ainda na embalagem. Colocou no fogão uma frigideira de ferro fundido e acendeu o fogo no máximo e tirou a carne da embalagem. Esperou mais um minuto para a frigideira esquentar antes de colocar a carne, que gritou ao se queimar, como se estivesse morrendo ali. Deixou-a assentada ali por alguns segundos antes de pegá-la com os dedos e virá-la do outro lado. Apagou o fogo, tirou a frigideira do fogão e colocou a carne em sua mão. A casca estava marrom, mas um suco vermelho subiu pelas estrias e a beirada de gordura ainda estava cor-de-rosa, e quando deu uma dentada no centro ela estava quase roxa e iridescente. Sim sim sim sim sim sim sim. Ele quase não mastigou e engoliu antes de arrancar outro pedaço, e mais outro. O suco escorria nas suas mãos, no seu queixo e nos pelos de seu peito. Ele a levantou sofregamente com as duas mãos e jogou a cabeça para trás para cortar a cartilagem. Viu Letha parada no corredor de entrada.

Peter parou com o rosto brilhando e as trilhas de gordura escorrendo pelo peito. Nenhum dos dois soube o que dizer. O mistério do que outra pessoa poderia estar pensando em um momento qualquer. Então, por um estímulo indescritível, ele deixou a costeleta cair no chão e eles correram um para o outro e se abraçaram.

– E agora, o que é que iremos fazer? – disse ela por fim.

– Acho que ficaremos de pé aqui, assim como estamos, até que aconteça mais alguma coisa – disse Peter.

Ela apoiou a cabeça no braço dele. Ele estava pegajoso como se tivesse passado uma noite com febre e seu cheiro era pior do que sua aparência, e isso parecia ser um ótimo plano.

A porta da frente abriu-se com um pontapé.

Peter agarrou o braço de Letha e empurrou-a para a porta dos fundos. Sem pensar, sem prestar atenção aos seus instintos mais básicos, sobre os quais todos os outros foram construídos. A floresta, sempre fuja para a floresta. Correram

pelo deque, atravessaram o quintal, mas antes de chegarem à linha das árvores ouviram o barulho da porta dos fundos bater do lado da casa e junto com ele a ordem. NÃO SE MOVAM.

Eles ficaram imóveis. Viraram-se lentamente. Neck estava no portal dos fundos. Estava de jeans e blusa de moletom, mas tinha uma pistola apontada para Peter. Peter sabia da teoria do Big Bang e de o universo todo ser comprimido num pequeno ponto negro, mas aquilo nunca fizera sentido para ele até olhar para o cano na arma apontada para ele. Nose apareceu também à paisana.

– Levantem as mãos – disse Neck.

Eles levantaram as mãos.

– Você – disse Neck apontando para Peter. – Deite-se no chão, seu animal doente de merda.

Neck apontou a arma para ele enquanto Peter deitava-se com a barriga no chão. A grama pinicava sua pele e ocorreu-lhe agora que o dia estava frio, e que ele sentia frio. O tipo de frio que você sente como se nunca fosse esquentar de novo. E que Peter sabia que não. Nose aproximou-se e torceu com violência os braços de Peter para trás.

– Tenha cuidado – falou Letha com a voz fraca.

Nose enfiou o joelho entre as espáduas de Peter e pegou um par de algemas.

– Peter Rumancek – disse ele –, você tem o direito de permanecer fodido, seu pedaço de merda degenerado fodido.

Continuou ali fazendo pressão com o joelho. Peter respirava com dificuldade.

– Você tem o direito de se foder – disse Nose. – Se decidir abrir mão desse direito, irá receber um cara que vai comer seu cu no tribunal.

Deu um chute em Peter. Letha gritou para que ele parasse. Ele a ignorou. Ele apenas cumpria o procedimento usual. Colocou Peter de pé. A dor nos ombros dele o impedia de sentir a dor do metal que lhe mordia os pulsos.

– Você tem o direito – falou Nose quase cantando – de chupar a mangueira cabeluda do brutamontes que espera por você, amigão… maldito!

Letha tentava arrancar as mãos dele de cima de Peter.

– Eu não vou deixar – disse ela.

– Afaste-se – disse Neck.

– Eu não vou deixar. A intervenção dela o havia salvado anteriormente de um bando de rapazes, mas aqueles eram homens armados e em missão, e brigar contra eles era a diferença entre aquilo acabar ali mesmo em frente dos olhos dela ou em algum lugar do rio, debaixo de uma ponte, como uma cobra indefesa. Babacas.

– Afaste-se! – disse Nose empurrando-a. Ela caiu no chão e Nose deu uma gravata em Peter. Peter ficou sem ar.

– Abaixe-se ou eu quebro seu maldito pescoço.

Empurrou Peter para a casa. Letha observava, afogada em sua própria impotência. Condição difícil de ser compreendida por uma pessoa com o sobrenome Godfrey.

Peter encontrou os olhos dela e tentou dizer um monte de coisas importantes com o seu olhar. Quando você não tem mais nada, tenha dignidade, foi o que tentou dizer. Nicolae sempre lhe dissera isso e ele nunca soube como iria colocar isso em prática.

"Diga a Lynda que, quando chegar a hora, eu irei cuspir meu último cuspe nos olhos deles e com meu último suspiro irei amaldiçoá-los para que seus paus caiam", disse ele com seus olhos. "Diga a Lynda que quando ela sentir o vento antes da primeira chuva da primavera, serei eu, serei eu vindo verificar para ter certeza de que ela ainda está tão gorda quanto hoje.

"E Roman. Ajude Roman a se tornar um homem no caminho da luz e do amor. Não em outro. Diga a Roman… tudo o que eu não consegui dizer.

"Você é cheia de luz e de amor como ninguém que eu conheço, disseram seus olhos. Sinto muito não poder ver o bebê agarrado aos seus peitos. Sinto muito nunca mais ver os seus peitos. Eles são lindos e eu sentirei falta deles."

Nose deu um soco nos rins de Peter.

– Este aqui está suando como um negro tentando ler – disse.

Além da dor, isso atingiu Peter como algo estranho – será que ele não percebia como estava frio?

Ouviu-se um rangido e Shelley surgiu no deque. Neck olhou para lá e falou:

– Santo Deus, agora ficou perfeito.

– Volte para dentro – disse Nose.

Shelley não se moveu.

– Entre na maldita casa – disse Nose.

Shelley começou a balançar de um lado para o outro. Fez um barulho como o lamento de um ruminante indócil.

– Maravilha, caralho – disse Neck.

– Volte para dentro da porra da casa! – disse Nose.

– Não precisa gritar com ela – disse Peter. Esperava que se seguisse um golpe e ficou agradecido: o punho do homem desceu no lado de sua cabeça. O lamento tornou-se uma lamúria muda enquanto Shelley cobria o próprio rosto e balançava.

– Você quer parar com essa porra? – disse Nose sacudindo os dedos.

Mas havia um barulho dentro e Neck ficou do lado da porta, fora da vista de quem quisesse se juntar àquela festa.

– Você não precisa fazer isso – disse Letha baixinho, ainda caída no chão. – Você pensa que precisa, mas não precisa.

O rosto de Nose ficou vermelho como o rosto de um bêbado e as veias de seu pescoço saltaram para fora.

– Mais uma palavra e o amigão fica sem os intestinos aqui mesmo, como a porra de um peixe!

Shelley começou a piscar de forma intermitente.

– O que é isso, meu santo Deus? – disse Neck.

Roman surgiu de dentro da casa. Todos, exceto Shelley, estavam em silêncio. Roman observou a cena. Não viu Neck.

– Tenho – disse Neck – uma arma apontada para a sua nuca. Não, repito, *não* se vire.

Roman virou-se

– *Afaste-se* – disse Neck.

Roman olhou dentro dos olhos dele.

– Ponha a arma dentro da boca – disse Roman.

Neck colocou a arma dentro da boca. Nose começou a se aproximar de Roman, mas Roman apontou o dedo para ele sem tirar os olhos de Neck e disse:

– Se ele se mover, puxe o gatilho.

Os olhos de Neck se arregalaram e ele grunhiu rouco e Nose parou. Roman foi até Shelley. Colocou as mãos atrás da cabeça dela e puxou-a fazendo-a abaixar-se de forma que a testa dele tocou a dela, ele respirou com ela até acalmá-la. Ele a acalmava porque ele próprio estava calmo. Cometera erros naquela confusão toda, mas agora que tinha chegado até ali e ouvia o som de sua irmã precisando de sua ajuda, era essa a concentração de que precisava.

Letha estava ao lado de Peter. Ela não entendia o que acabara de ver, mas não precisava entender. Alcançou o rosto de Peter, alisou seus cabelos e tirou-os da frente de seus olhos e os passou para trás de suas orelhas. Tinha de fazer isso.

Roman virou-se para Nose.

– Tire as algemas dele.

Nose hesitou.

Roman olhou para Neck. Seu rosto pingava bagas de suor e ele arquejava pelas narinas.

– Se ele ainda estiver algemado depois que eu contar até três, puxe o gatilho – disse Roman.

– Um – disse Roman.

Nose tirou as algemas. Peter esfregou as marcas vermelhas como pulseiras em volta dos pulsos. Nose voltou seus olhos ferozes e assustados para o chão, o espelho de um adolescente lidando com um policial odiado.

Peter tomou a mão de Letha. Viu Shelley observando essa pequena intimidade e acenou com o dedo mínimo. Ninguém está esquecendo você.

– Você irá para o seu carro – disse Roman para Neck. – Aquele veado irá pegar a 19 até a divisa de Allegheny County.

– Não há motivo para chamá-lo de veado – disse Letha.

– Aquele… imbecil irá pela 79 até a divisa estadual de West Virginia. Lá você poderá tirar a arma da boca. E você – dirigindo-se para o parceiro dele – dê um soco em seu próprio nariz.

*

– Alguém contou a ela – disse a enfermeira Kotar. – Vamos esperar até que o senhor venha decidir como lidar com a… situação. Mas ela sabe.

Godfrey respirou fundo e tentou pensar em motivos para não atravessar a parede de gesso com um soco, mas o único era o hábito. Acabou não fazendo nada.

– Qual é o estado dela?

– Catatonia. Sem chorar, sem falar. Tive de verificar duas vezes para ter certeza de que piscava. E Doutor. O cabelo dela.

Ele foi até o quarto de Christina Wendall. Ela estava na cadeira de balanço e seus pés estavam com as solas encostadas no chão e as mãos no colo. Normalmente ela era tão cheia de energia nervosa que naquele momento ele não podia se lembrar de ter visto nada mais triste do que as mãos dela imóveis. O cabelo dela tornara-se uniformemente branco. Godfrey sentiu um arrepio, a janela estava aberta. Mas os braços dela estavam nus. Ela usava uma camiseta tipo regata e seus braços magros e ombros eram indiferentes ao frio.

– Christina – disse Godfrey. Ela olhou para ele, que não esperava qualquer resposta, e ela não lhe deu nenhuma. De qualquer modo o coração dele não estava ali. O que havia entre ela e ele agora era uma compaixão maior que nem ele podia demonstrar. Tirou o cobertor da cama e colocou-o em volta dos ombros dela. Esse reflexo paternal fez surgir outro que ele provavelmente deveria ter controlado. Mas ele era pai e era humano, e estava cansado. Retirou o cabelo do rosto dela e beijou-a na face.

A porta se abriu e Godfrey se endireitou. A enfermeira Kotar ficou na soleira.

– Por que é que a janela está aberta? – disse Godfrey, consertando sua impropriedade.

– Desculpe, doutor, não sei. Mas sua filha está na linha. Ela disse que é uma emergência.

A sabedoria está onde o cérebro encontra o coração

A capela ficava encostada na linha das árvores sob o céu cinzento, tão perto da sombra que poderia ser confundida com um pouco mais da mata. Naquele santuário a luz do crepúsculo encheu a capela, e teias de aranha se estendiam entre as vigas; o ar do exterior mandou pequenos redemoinhos para dentro do corredor entre os bancos enquanto o Dr. Godfrey fechava as pesadas portas de carvalho. Ele tomou conhecimento da situação e logo depois pegou Roman cruzando o terreno correndo até a instalação principal, Peter ainda precisando de roupas e Godfrey querendo informações que conseguiria com mais facilidade separando os suspeitos. Godfrey passou o braço em volta de seu sobrinho.

– Bom vê-lo caminhando, garoto. Que diabos está acontecendo?

– Às vezes… – disse Roman e parou hesitante.

– Às vezes o quê? – disse Godfrey.

– Às vezes um lobo enlouquece e não come o que mata.

O primeiro impulso de Godfrey foi considerar isso uma resposta evasiva, mas algo mais antigo e profundo o convenceu do contrário.

– Quando você diz lobo, o que é exatamente que está querendo dizer?

– Quero dizer um lobisomem.

Godfrey pensou com cuidado sobre isso. Outro dia qualquer de sua vida adulta e ele teria se desligado e analisado a causa dessa ilusão – que com clareza suficiente não era uma mentira. Mas naquela madrugada azul, olhando para o seu café e vendo as espirais de creme e sabendo perfeitamente que tinha sido testemunha da transmigração de duas almas, sabendo que acontecera outra vez e não havia acontecido a ela, e agradecido que estava por tudo, resolveu emergir do mundo das sombras e chegar a uma explicação racional do que estava acontecendo, e agora, à luz do dia alcançava o esclarecimento necessário e impossível. Não havia tal explicação. Assim, livrando-nos de restrições de coisas irreconciliáveis, aonde é que isso nos leva? Há um lobisomem à solta em Hemlock Grove. Quão contundentemente óbvio. E mais chocante do que a simples credulidade era a percepção de que num canto escuro e hermético de sua mente já sabia com certeza disso.

Fez um gesto para um banco e sentou-se.

– É Peter? – disse ele com um medo interno.

– Não é Peter.

– Peter não é um lobisomem?

– É. Mas não é ele.

Godfrey não sabia o que pensar sobre isso.

– Estive com ele ontem à noite – disse Roman.

Godfrey assentiu.

– E vocês estavam tentando encontrar esse… lobisomem mau?

– Ele na verdade não é mau, ele é apenas doente – disse Roman.

– Mas não o encontraram?

– Eu estava em coma.

Godfrey riu. Ora essa.

– Suponha que – disse Godfrey – vocês fossem juntar tudo o que realmente aprenderam e que possamos usar.

Roman pensou sobre isso. Deu de ombros. Godfrey esperou que alguma coisa se seguisse, mas percebeu que o sacudir de ombros foi a resposta que ele deu.

Deu uma pancadinha no joelho de Roman e apertou-o.

– Acredito – disse e indicou a capela com a cabeça – que eles poderão se distrair tempo suficiente para irmos até a minha sala beber alguma coisa.

Ficaram de pé, e ele continuou.

– Então temos mais um mês para encontrar o lobo mau – disse Godfrey.

– *Vargulf* – disse Roman.

– *Gesundheit* – disse Godfrey. – Enquanto isso, mantenha aquele afastado das tochas e forcados, certo?

Roman assentiu. *Mais ou menos*.

Godfrey dobrou a beirada de uma folha de bétula seca. Então, um objetivo. Ou coisa parecida. E comparado com viver dia a dia com a cabeça dentro da boca de um leão de um impenetrável e saciado nada, o que mais se podia dizer? A sabedoria estava onde o cérebro encontrava o coração e o que ele sentia nessa hora era literalmente a diferença entre a vida e a morte. Sentia algo que nunca tinha sentido desde sua tentativa abortada de se separar de Olivia. Queria beber para estar mais e não menos acordado.

– Onde está sua mãe? – perguntou ele.

Roman olhou para o caminho lá fora.

– Está com Shelley.

*

Estava quase escuro e os dois estavam sozinhos. O Dr. Godfrey retornaria depois que caísse a noite para trazer o que comer e levá-la para casa. Eles estavam no altar, numa pilha de cobertores, Peter estava usando um jaleco e um suéter de

Godfrey, e Letha estava em seus braços. Acima deles o vitral recebia o tamborilar dos pingos da chuva.

– Elas estavam em suas camas – disse Letha. – O xerife estava fora num atendimento. Mas havia um carro de polícia do lado de fora, e não viram nada. O que quer que tenha sido entrou sem ser visto e… fez aquilo. Não foi um animal selvagem. Que tipo de pessoa faz uma coisa como aquela?

O gato pulou no parapeito da janela e sentou-se; seu rabo balançando marcava o tempo. Peter enfiou sua mão por dentro da blusa dela e massageou sua barriga em lentos hemisférios. Ela brincava com o anel de cobra em volta de seu dedo.

– Você acha que o plástico tem uma consciência assim como a pedra e a madeira? – disse ela. – Você acha que ele se lembra de onde veio?

Ela pegou o braço dele e puxou-o aconchegando-se e ficaram ouvindo a chuva por um tempo. Ela pensou sobre a vida que crescia dentro dela e da sombra de todas essas mortes. Que, se uma coisa é definida como contraste de outra, isso é o que a vida é, a sombra da morte. Assim, o mistério da morte não pode ser uma coisa ruim, porque sem ela não existiria a vida. O pior era a vida, a vida que acontece como parte essencial daquilo que é bom como o bem. E o que há para se fazer senão tomá-la como ela se apresenta e esperar, esperar de forma constante e carnal sem tempo a perder?

Ela puxou a mão dele para cima de seu peito.

– Na… igreja? – disse ele.

Em seguida ficaram imóveis, quentes e ofegantes. Ela deitou-se sobre ele, imóvel, de um jeito feminino, despreocupada com o calor que despertava no corpo do homem naquela circunstância, e como naquele dia, mais cedo, ele achou que jamais sentiria outra vez aquele calor, aceitou-o. Subitamente um vulto negro chamou a atenção de Peter, era o gato saindo da janela. Ele olhou a tempo de perceber um movimento do outro lado do vidro, a aparição fugaz de uma mancha vermelha num cabelo branco que desapareceu antes que ele pudesse ver melhor.

*

Shelley ainda estava tremendo quando Roman voltou para casa e por causa disso ele a cobriu e disse que ia preparar o jantar. A embalagem da carne ainda estava na bancada da cozinha, com manchas cor-de-rosa secas sobre a luva branca de pegar panelas e a carne no chão, pisada. Ele limpou tudo e estava enxaguando a esponja com água quente quando Olivia disse:

– O que foi que houve com a porta da frente?

Roman virou-se. Ela usava um cardigã branco com as mangas indo além dos dedos, como uma menina, e o cabelo preso num rabo de cavalo, e nada em sua

atitude sugeria que tivesse perdido uma noite e um dia ou tudo o que havia ocorrido durante esse tempo.

– Onde é que você estava? – disse ele.

– No instituto. Tive uma indisposição. Mas Johann disse que não é nada com que se preocupar.

Entreolharam-se.

– Estou bem melhor agora – disse ela.

Roman torceu a esponja.

*

Na residência dos outros Godfrey, Marie esperava a chegada de seu marido e sua filha. O Dr. Godfrey teve uma reação desagradável ao encontrá-la na sala de estar. Ela sabia que Letha estava com ele e já havia ligado duas vezes para saber quando chegariam em casa. Então, qual era o problema?

– Isso foi o mais cedo que pudemos sair de lá – disse ele, defendendo-se logo.

Ela não respondeu. Adiantou-se, com a tensão dissolvendo-se como neve num punho fechado, e agarrou Letha com firmeza. Sentiu um tremor nos ombros dela. Não estava zangada, precisava apenas agarrar a filha.

Letha subiu para o segundo andar e Godfrey sentou-se na cadeira de balanço da sala e suspirou. Fora um dia longo. Um dia bem longo. Marie sentou-se no braço da cadeira e pousou a mão na nuca dele e a apertou. Não se olharam, ele continuou sentado sentindo aquela pressão gostosa no pescoço.

– Vocês já comeram? – disse Marie.

Godfrey sacudiu a cabeça.

– Fiz uma musse para você – disse Marie com uma voz anasalada imitando a atriz Ruth Gordon. – Uma linda musse de chocolate.

Godfrey sorriu e sacudiu os ombros começando a rir. A explicação de por que aquilo era engraçado para eles remontava há anos.

Godfrey falou que ia tomar um banho e que aquilo estava perfeito.

Godfrey tomou seu banho e analisou com a lucidez descuidada do cansaço a culpa que sentia sobre o horror dos pensamentos que tinha sobre sua esposa, uma mulher cujo crime maior foi ter devotado os melhores anos de sua vida ao casamento com um homem apaixonado por um inimigo que ela sabia que tinha o poder de destruir sua família. Assim chegou à segunda revelação daquele dia, mais veemente, imediata e inconveniente do que aceitar que às vezes os homens viravam lobos. Ficou envergonhado. Ficou envergonhado e Marie também, envergonhada por causa dos anos de cumplicidade por nunca falar sobre isso: ele era casado com uma mulher que não amou desde a primeira vez que viu Olivia.

Ele olhou para baixo e teve a visão de partículas de carne morta se desprendendo de seu torso e escoando pelo ralo. Bem, aquilo estava errado. Aquela era uma maneira errada de viver.

Virou-se e alongou a coluna. Seis meses, decidiu. Seis meses era um tempo razoável para cumprir suas responsabilidades. Depois do nascimento. Vinte anos atrás, seis meses seria uma eternidade. Todos aqueles jantares, o veneno lento de olhares crônicos, dos brindes com as taças e dos telefonemas dela nos dias seguintes; por fim a crise como doutor, marido e irmão aceitando-a ou não como paciente, a mulher com quem ele dava um jeito de arranjar uma oportunidade de pelo menos sentir os dedos dela tocarem seu braço enquanto ela ria. Sabendo, antes mesmo de ver, que a bunda dela era como uma gota d'água pousada sobre a haste de uma flor – há vinte anos, os seis meses que demoraram antes da primeira vez que ele tomou posse daquela bunda notável foram um tormento.

Saindo de um estirão de quarenta horas acidentadas, Godfrey sentiu algo que teve dificuldade de identificar de imediato. Algo que na realidade prática dificilmente poderia ser menos evidente ou intransferível. Sentia-se livre. Imagine só. Depois da passagem e das transformações de todo esse tempo, tempo que sempre acaba voltando sobre si mesmo e ainda assim movendo-se sempre para diante, daqui a seis meses ele iria finalmente chegar ao destino da viagem mais longa e cada vez mais surpreendente. Iria viver direito e teria fé no amor. Ia ser avô e se casaria com Olivia.

Mais tarde na cama, Dr. Godfrey finalmente caiu no sono mais merecido de sua vida.

Então seu telefone tocou para informar que Christina Wendall desaparecera.

O preço

Com um sentimento perturbador de *déjà vu*, Peter foi acordado por uma sacudidela de Roman no correr do segundo dia.

– Encomendei uma ruiva – disse Peter.

Roman não entendeu a piada.

– O que foi? – disse Peter.

Roman foi até o púlpito e se apoiou nas duas mãos. Esperando que a pose lhe conferisse… não sabia bem o quê. Mas não fazia mal, portanto disse o que havia para dizer.

– Mais uma.

– Uma o quê?

– Ontem à noite. Outra garota.

Peter ficou calado por certo tempo.

– Quem? – disse ele.

– Ainda não sabem. Estava sem a cabeça. Mas não era ela. Estive lá antes de vir aqui.

Peter ficou calado. Colocou a ponta do dedo na tábua do piso e escreveu *muito obrigado* em gaélico e depois soprou as palavras.

– A lua era errada – disse Roman. – Isso é impossível, certo?

– Claro – disse Peter satisfeito.

O gato pulou no púlpito e levantou as costas prazerosamente enquanto Roman apertava onde seu rabo encontrava o traseiro.

– E agora?

Peter deitou-se e fechou os olhos.

– Precisamos ir falar com Destiny – disse ele. – Destiny sabe mais do que eu o que deve ser feito. Ela deve ter alguma ideia.

Não acrescentou que ela teria uma ideia melhor do que ele, porque ele próprio não tinha nenhuma.

– Se você for a algum lugar, acabará levando um tiro – disse Roman. – Um tiro, se tiver sorte.

– Vai você. E depressa. Você tem de estar com Letha no fim da tarde. Não descuide à noite. Tome conta dela. Tome conta dela até isso acabar. Esse agora é o seu trabalho.

Roman olhou para Peter. A poeira na luz que caía entre eles ficou por ali.

– Eu sei – disse Roman.

O gato deitou-se de costas e Roman coçou sua barriga. Ele se enrolou na mão dele como um punho de veludo negro e deu-lhe uma mordida.

– Ei, ei, ei – disse Roman –, não gostamos de seus dentes.

Ele cortou caminho por uma trilha que corria pelo terreno entre as montanhas, não muito afastada da capela. A extremidade oposta da trilha dava na 443 e o Dr. Godfrey disse que a usassem para suas idas e vindas. Não soube que essa precaução não conseguiu evitar que Christina Wendall espionasse o sobrinho e o tio reforçando a provisão da capela na tarde anterior. Quão pouco todos sabiam.

Roman foi até o apartamento de Destiny em Shadyside. Enquanto estacionava, viu um corvo na rua bicando uma coisa chata e preta no chão. Roman saltou do carro e viu que o corvo estava comendo os restos de outro corvo. Uma pena preta surgiu no bico do corvo. Aquilo causou certa angústia em Roman.

– Ei! – disse ele num tom de repreensão como um supervisor falando com um desordeiro num acampamento. – Você! Você aí, pare com isso! Não mesmo!

O corvo olhou para ele, mas como ninguém se aproximou, voltou a bicar seu irmão desinteressadamente como se beliscasse por não ter nada mais para fazer e Roman sentiu uma impotência desconfortável por ter repreendido aquele péssimo agouro. Tirou aquilo da cabeça da melhor maneira que pôde, subiu a escada e foi recebido por Lynda, que o agarrou num abraço que provocou uma contração em seu diafragma.

– Como está ele? Como está o meu bebê?

– Ele está a salvo – disse Roman.

– Do que é que ele precisa? – disse Destiny.

Roman a colocou a par dos acontecimentos. Destiny apertou os lábios e assentiu mecanicamente durante certo tempo depois que ele acabou de falar.

– Como é que isso está acontecendo? – disse Roman.

Ela estava desconfortável. Pegou o saleiro da mesa e salpicou um pouco em sua mão e jogou o sal para trás por cima do ombro esquerdo. Acalmou-se.

– As leis da magia são como as leis de qualquer outra coisa – disse ela. – Funcionam porque você as obedece.

– Podem ser quebradas? – disse ele.

– Não sem pagar por isso – disse ela.

– Como é que lutamos contra isso? – disse ele.

Ela olhou para ele.

– Está na hora de você aceitar que essa luta não é sua.

– Como é que Peter pode lutar? – disse ele.

– Como é que geralmente os lobos lutam? – disse ela.

– Peter pode fazer a mesma coisa? Transformar-se mesmo na lua errada?

– Não sem pagar por isso – disse ela.

Lynda, que estava quieta até então, interrompeu.

– E qual é o preço? – disse ela.

– Não sei – disse Destiny. – A única pessoa que tem a resposta para isso é Peter. Eu posso dar a ele o que precisa para saber a resposta, mas devo lhe dizer, Lyn, estou pessimista. Estou pessimista achando que não existe uma resposta que não seja comer o pão que o diabo amassou.

Lynda pensou a respeito.

– O irmão de um homem que Nicolae matou encontrou-nos anos e anos depois – disse ela por fim. – Nicolae teve de se tornar duas vezes assassino em sua vida; esses fogos se espalham, mas os carvões não. Se isso não terminar, vai sempre estar por perto cada dia da vida dele. E se você não deixar um rapaz se tornar homem, não é culpa de ninguém senão só sua, se continuar limpando a bunda dele quando ele já deveria estar lhe dando netos.

Destiny não disse nada. Foi até uma cômoda e começou a vasculhar as gavetas.

Lynda pegou as duas mãos de Roman entre as suas, e quando ele olhou para o rosto dela, soube que o que estava vendo era uma pessoa fazendo a coisa mais difícil de sua vida. Soube que aquele era o rosto para o qual seria obrigado a olhar por toda a eternidade se ele não se saísse bem daquilo tudo.

– Sinto saudade do tempo em que ele era um bebê – disse ela. – Se eu pudesse apertar um botão, viveria num mundo cheio de bebês.

Logo em seguida, Destiny lhe entregou as coisas que Peter iria precisar, mas o impediu de sair imediatamente. Parou defronte dele e o encarou, fixando os olhos acima da cabeça dele e os fechou. Depois de um momento, abriu-os outra vez e disse que estava tudo bem.

– Como?

– Seu *Sahasrara* – disse ela. Levou a mão sobre a sua própria coroa, indicando. – Ele às vezes brilha.

*

Eles acenderam cinco velas de cera de abelha e dentro desse perímetro foi feito um círculo sagrado com giz no corredor, e Roman pegou um saquinho e o esvaziou no meio, fazendo uma pilha de cinzas de casca de salgueiro, bardana e pó de pulgão, o ponto imutável num mundo em movimento.

Deram-se as mãos, e as almofadas das palmas se esquentaram discretamente enquanto a energia passava entre eles, e Peter disse baixinho palavras antigas enquanto eles davam três voltas pelo lado esquerdo do círculo sagrado. Isso

feito, Roman ficou sem saber se deveria perceber alguma mudança no equilíbrio das coisas, mas não era tão sensível quanto Peter.

– Estamos… em sintonia? – disse ele.

Peter não respondeu. Roman não falou, não estava gostando do aspecto que agora o rosto de Peter assumiu e tampouco Peter estava gostando de experimentar isso. Peter foi até um dos bancos e acocorou-se sobre os joelhos. Em seguida, levantou-se, voltando com Fetchit nos braços. Ajoelhou-se no círculo. O tremeluzir da vela espantou o gato, que tentou pular fora, mas Peter o segurou firme enquanto ele lutava com golpes de unhas e uma lamúria perturbadoramente humana.

Mas… eu confiei em você, pensou o gato.

– O que é que você está fazendo? – disse Roman.

– É melhor você se virar de costas – disse Peter.

– O que é que você está fazendo? – disse Roman.

Peter olhou para ele. Roman virou-se e olhou para o coro da igreja e os sons da resistência do gato cessaram com um barulho como o de um ombro sendo deslocado. Foi o pior barulho que ele jamais ouvira.

– Pronto, acabou – disse Peter.

Mas Roman não se virou de volta. Estava agora com ódio da comida em seu estômago. Estava com ódio do seu alívio por não ter sido chamado a participar, de que aquela era realmente uma luta de Peter. Ouviu o ruído de Peter abrindo um canivete.

– Vou lá para fora um minuto – disse Roman.

– Certo – disse Peter. – Tudo bem.

Roman saiu e sentou-se nos degraus da entrada. Nuvens de tempestade cobriam o céu como se alguém estivesse de pé nas montanhas pintando o céu com um rolo de tinta preta. Roman imaginou se haveria alguém em um avião acima das nuvens naquela hora, fechando a janela para bloquear a luz do sol. Roman esperava que dessem um chute na cadeira em que estivesse sentado. Pegou a latinha de balas de hortelã em seu casaco. Abriu-a, pegou uma pastilha de Xanax e mastigou-a ficando com um amargor na língua. Momentos depois a porta se abriu atrás dele e Peter surgiu.

– O que é que está fazendo? – disse Roman. – Você não pode vir aqui fora.

Mas Peter não olhou para ele e Roman viu que os olhos dele eram como os olhos de um lobo, olhos sem interesse de travar uma conversação. Ele andou em direção à linha das árvores e desapareceu. Roman pegou outro Xanax e a nuvem tornou-se uma mancha luminosa quando um raio a riscou sem fazer barulho.

Roman ficou esperando nos degraus.

– Porra, o que foi que aconteceu? – disse Roman, e seus olhos ficaram quentes e cheios d'água. – A porra do gato.

Alguns minutos depois Peter surgiu da linha das árvores e sentou-se nos degraus ao lado de Roman. Não deu uma palavra. Olhava de um jeito como alguém que acabara de comer o pão que o diabo amassou. Roman esperou que ele falasse alguma coisa.

– Bacon – disse Peter finalmente.

Roman esperou que ele falasse um pouco mais do que aquilo.

– Vou precisar de gordura de bacon – disse Peter.

– É assim que você vai lutar contra ele? – disse Roman.

– Sim – disse Peter.

– E terá… de pagar algum preço? – disse Roman.

Peter esfregou o rosto.

– É o meu rosto – disse Peter. – O preço é meu rosto humano.

Roman levantou-se e enfiou as mãos nos bolsos como se fosse tomar um pouco de ar. Mas não foi a lugar nenhum. Ficou ali parado nos degraus junto de Peter, com as mãos nos bolsos.

– Nicolae realmente atravessou o oceano andando com folhas de lírios amarradas nos pés? – disse Roman?

– Não – disse Peter. – Ele roubou um carro da fazenda mais próxima, vendeu-o e comprou uma passagem de avião.

– Ah – disse Roman.

– Vou precisar de gordura de bacon – disse Peter. – Muita.

– Certo – disse Roman.

*

Na Mansão Godfrey, Roman estava de pé, defronte de uma frigideira de ferro onde colocara todo o conteúdo de um pacote de 450 gramas de bacon que chiava e pipocava como uma bruxa da danação quando sentiu um par de mãos massagearem seu pescoço.

– Acredito – disse Olivia – que aí exista colesterol suficiente para levá-lo com conforto direto à senilidade.

Roman deu uma mexida na frigideira com uma espátula.

– Irá terminar esta noite – disse ele. – Hoje à noite iremos matá-lo.

Ela o apertou.

– Ligue o exaustor. Vai feder a porco até no céu.

Quando terminou, Roman despejou a gordura numa vasilha e embrulhou a carne em papel-manteiga e colocou de lado para Shelley. Foi para o seu carro, Olivia acompanhou-o e colocou uma de suas mãos em seu braço. Ele virou-se

para ela, pegou a vergonha que havia sentido por sua fraqueza na capela e aqui a transformou em firmeza. Ele ia ficar junto de Peter. Nada o iria impedir de ficar junto de Peter.

– Se puder dispor de um momento para sua mãe – disse ela.

Ele estudou a expressão dela, mantendo a firmeza de sua própria. Ela segurava uma pasta preta de couro.

– Por favor, Roman – disse ela.

Ele colocou a vasilha no banco do carona e ela tomou a mão dele e o levou para os fundos da casa, onde viu que ela havia levado o espelho do quarto de hóspedes para o pátio. No espelho, via-se o desenho de um lobo feito com esmalte de unhas e em seu peito uma mancha vermelha. Em seu coração. Ela entregou-lhe a pasta e disse que a abrisse. Dentro encontrou uma machadinha de lâmina dupla. Era feita de prata e o cabo era enfeitado com os corpos de duas serpentes enroscadas com as cabeças chegando achatadas até as lâminas. Tinha o brilho de um polimento recente, mas sem dúvida era muito, muito antiga. Ela a levou até o espelho e ficou de pé atrás dele. Colocou suas mãos sobre os ombros dele e pediu-lhe que olhasse para o espelho, e ele olhou. Ela perguntou o que ele viu.

Ele não entendeu.

– Vejo eu e você – disse ele.

– Olhe com mais atenção – disse ela.

Ele encontrou os olhos dela no espelho e suas próprias pálpebras tremeram e dedos vieram das sombras e se fecharam em torno de seu campo de visão e tudo ficou escuro. Mas havia um som. Seus ouvidos se encheram de um som, uma pulsação, que não era a sua. Ele sentia essa pulsação vibrando em todas as suas terminações nervosas e viu outra vez, viu através do manto da escuridão como o sol queimando através de uma nuvem e viu que estava sobre um portal e percebeu que era real: o espelho, e no espelho o coração do lobo pulsava e estava vivo e era isso que sua mãe queria que ele visse.

A Matança era dele.

Roman ergueu a machadinha acima de sua cabeça, sentiu com a nuca o sorriso de sua mãe e arriou a machadinha com toda a força mergulhando-a no coração do lobo.

Ao quebrar, o espelho fez Roman voltar a si e afastar-se arquejando e suando no ar frio do exterior. Olivia puxou a machadinha do suporte lascado do espelho, colocou-a de volta no estojo e entregou-o a Roman.

– Tente não perdê-la – disse Olivia –, ela vem de muito tempo atrás.

Ele ficou sem saber o que dizer. Não teve palavras para expressar sua gratidão. Ela colocou a mão em seu rosto.

– Não precisamos de palavras – disse ela.

Vocês mudaram

O pôr do sol é às 4h55. Você irá querer ter isso em mente.

*

4h12 p.m.

Chasseur acordou ao ver asas de anjos. Elas estavam abertas na parede acima dela, cor de ferrugem e de presságio, subindo ou caindo nos olhos de quem as contemplava. Ela tentou se mover, mas viu que seus pulsos e pés estavam amarrados com suas próprias presilhas de plástico. Virou-se para um dos lados. O piso no qual estava era coberto de pedaços de papel e detritos, e alguns metros adiante havia uma porta aberta no andar principal do prédio da usina onde se via o conversor Bessemer no corrimão da escada. Ela virou-se para o outro lado. Havia outro par de asas no piso perto dela, e outros mais no teto. Ainda que de forma relutante, tinham de ser admirados: eram o espírito artístico na sua mais pura encarnação, e não eram para ser vistos pelos olhos dos vivos. Porém, o mais relevante para o seu reconhecimento: a própria artista estava ausente, deixando para ela sozinha o momento, e havia uma janela voltada para o lado oeste com os vidros partidos como dentes quebrados através dos quais se via o sol que se punha, perfeitamente enquadrado entre o topo da montanha e a barreira de nuvens como o olho de Deus observando atento, tal qual uma visão surpreendente e inédita como todos os crepúsculos de sua vida. Outro presente, os dois elementos cruciais de uma situação de escapada e fuga: tempo e oportunidade.

Ela rolou sobre a barriga e virou-se para a parede. Ocorreu-lhe que não cheirava mais a urina que usara para mascarar o seu próprio cheiro, ou pelo mesmo motivo sua própria fuga, que teria sido a consequência inevitável de ficar inconsciente por um dia ou mais. Tinha sido limpa e suas roupas haviam sido lavadas. Sentia entre as pernas a presença conhecida de um produto higiênico feminino, muito comprido para ela e mal ajustado e que não era de sua marca preferida. Pelo menos dois dias então, se aquele era o tempo de seu ciclo. Não conseguia ligar o último tempo em que estivera acordada com as circunstâncias atuais, mas como chegara aqui não era o mais importante, como sair é que era. Mudou para um balançar de joelhos e alcançou o parapeito da janela e conseguiu se colocar de pé. Dali girou com a ajuda do cotovelo para

aumentar a estabilidade e levou o plástico da presilha até um dos vidros quebrados e moveu as mãos para a frente e para trás num movimento de serrote. Mãos. Aqueles apêndices modestos sem dentes ou garras que deram ao *Homo sapiens* o domínio sobre todos os outros carnívoros. Imaginou as mãos que a tinham limpado, vestido e enfiado um tampão nela, aquelas que ela iria remover de seus pulsos e em uma homenagem protestante perdoável pregá-las na porta da frente. Tome esta espada: seu brilho significa a fé…

A presilha escorregou de repente e seu braço caiu para baixo, o vidro se quebrou e entrou na carne da palma de sua mão enquanto ela caía de costas. Doeu, mas havia tempo suficiente para doer; ela estendeu o braço para avaliar e o sangue escorria impuro pelo vidro quebrado. Ela segurou firme com os dentes o caco de vidro e o arrancou da mão, levando a presilha até ele e cortando-a finalmente. Mas a vitória teve vida curta: ela quase engoliu o vidro com o barulho de um isqueiro sendo aceso acima dela.

Chasseur olhou para Olivia, que a contemplava da porta. Ela usava seus óculos escuros e estava acendendo um cigarro e Chasseur ficou de repente sem saber se ela havia estado ou não ali o tempo todo, se momentos antes ela simplesmente olhou através dela como um arco-íris que se torna visível apenas de certo ângulo.

Olivia não disse nada, observou-a, e apesar dos óculos escuros Chasseur percebeu para onde ela olhava como se isso estivesse desenhado no espaço com uma linha tracejada: ela olhava para o seu ferimento. Como uma militar, Chasseur pensava que sabia como era aquilo, mas a realidade era alguma coisa inteiramente diferente: sendo olhada como… carne. Chasseur meteu a mão sob a blusa disfarçadamente. Desviou o olhar de Olivia e olhou para as asas, desapontada. Não feitas para os olhos dos vivos, mas sim um cenário para a caixa preta de seu teatro. Maldita atriz.

Chasseur se esforçou para respirar, para sentir o ar entrando e saindo. É claro que Chasseur havia imaginado o seu próprio martírio; era uma coisa que havia feito parte de seu treinamento. Mas quando dormia com um amante Chasseur jamais podia ficar face a face com essa pessoa porque a qualquer momento suas inspirações e expirações podiam ficar tão próximas das inspirações e exalações do outro que ela ficava completamente convencida de que iria respirar dióxido de carbono puro. Jamais se imaginara ter um sentimento assim, como se tudo ao redor estivesse errado.

O sangue da mão de Chasseur espalhou-se por sua blusa como uma flor se abrindo. Sentiu os olhos de Olivia pregados nela. Chasseur fechou os olhos.

– Humm – disse Olivia.

Isso trouxe uma lembrança agradável à sua memória.

– Quando eu era menina, havia uma brincadeira que eu fazia com minhas primas, umas pestinhas perversas de primeira classe. A brincadeira se chamava Lobos na Floresta, e *brincar* talvez seja a expressão deturpada, já que implicava meu consentimento como parte do jogo. De qualquer modo, depois que a lua nascia, elas me encorajavam a ir para a floresta, um lugar encantado no sentido total da palavra, cheia de mistérios e perigos inomináveis espreitando no escuro, e lá estávamos fritas se fôssemos pegas. Elas me deitavam numa cama de musgo – posso senti-la até hoje por trás de meu pescoço – e eu ficava de olhos fechados e inteiramente imóvel enquanto elas circulavam entre as árvores nas pontas dos pés, rosnando grosso e me avisavam que havia lobos caçando que apreciavam garotinhas e que, se eu fizesse o menor movimento, minha presença seria denunciada e eu, engolida num piscar de olhos. É claro que eu sentia a vida e a minha integridade física ameaçadas e faria o possível e o impossível para escapar daquele destino monstruoso, mas quanto mais me concentrava para não denunciar a mim mesma, mais impossível ficava não rir. Era fatal! Acabariam gritando – *você se mexeu! você se mexeu!* – e com ganidos e uivos caíam sobre mim e me cobriam de beijos da cabeça aos pés.

Chasseur abriu os olhos.

– Escreva isso na sola de seus sapatos para que o diabo leia – disse ela.

Olivia tirou os óculos escuros e os colocou na bolsa. Olhou para Chasseur. Não havia distinção entre a pupila e a íris de seus olhos, era como se elas tivessem sido cobertas por pétalas de rosa vermelhas e douradas, iluminadas de trás para a frente pela luz do sol. Colocou a bolsa no chão.

– Ai, Ratinho – disse ela. – Você se mexeu.

*

4h39 p.m.

O que restava do sol desapareceu e as montanhas ficaram escuras, pontilhadas de alfinetes iluminados, como se contivessem uma única fonte de luz quando uma van do instituto encostou ao lado da caminhonete de Olivia, como peças opostas do mesmo jogo, tão velho e esotérico como o totem que as contemplava do alto. O Dr. Pryce saltou carregando uma sacola simples de lona. Havia um tambor de alcatrão entre os altos-fornos e o rio com um brilho laranja em sua abertura, e ele foi até lá. Ao lado do tambor estava a bolsa de Olivia e dentro dela o que restava do que tinha sido sua roupa, riscada de vermelho e sendo engolida pelas chamas. Ele olhou para a água. Uma aparição esbranquiçada abriu uma brecha na superfície como se tivesse sido expelida da inconsciência do rio. Olivia, de pé e nua com água até a cintura, olhava para as luzes que pontilhavam a encosta da montanha e alterava levemente a tensão da superfície

com o movimento lento de seus braços. O olhar de Pryce caiu sobre a cicatriz nas costas dela, tudo o que a identificava como um ser terrestre. Ele não disse nada, o quadro vivo era impecável demais para que ela não percebesse que tinha um espectador. Por fim, virou-se e veio voltando e saiu na margem em frente dele. Estava arrepiada e seus mamilos eram pequenos e escuros e a pintura negra de seus olhos escorria pelo rosto. Pryce entregou-lhe a bolsa e segurou-se num pedaço de vergalhão que saía do chão.

– Lá – disse Olivia, indicando o prédio da usina. – Continua quente, para o que quer que você tenha vindo.

– Lod não vai gostar disso – disse Pryce.

– Se eles quiserem a parte de Norman, também terão de saber – disse ela. – Eles sabiam para onde estavam mandando o bicho-papão.

Ela sacudiu a cabeça. Alguém tinha de admirar sua engenhosidade: recrutar mulheres e homossexuais veteranos das forças armadas com um passado de traumas sexuais provavelmente necessitava a validação de uma figura patriarcal externa. Mas, sinceramente, "A Ordem do Dragão" – que conversa fiada.

– Isso foi uma irresponsabilidade – disse Pryce. – E… desnecessária.

Ele esperou que ela reagisse; na história do relacionamento deles ele jamais havia registrado tal indisciplina.

Ela olhou inquisitiva para ele e deu um muxoxo que indicava sua discordância:

– Você *gostou* dela.

Pryce ficou calado; nada na posição de ambivalência utilitária dessa relação o forçava a algo que era tão irritante quanto a maior transgressão dela: saber a qualquer momento o que ele estava realmente sentindo.

Olivia retirou da bolsa uma calça cirúrgica e uma blusa de moletom. Ele observou-a se vestir.

– Por que é que você é a única que não me perguntou o que é que eu estou realmente fazendo? – disse ele.

Ela o olhou como quem diz o-que-é-que-você-acha.

– Porque não estou nem aí para isso – disse ela.

– Você sabe quem é que está matando essas garotas? – disse Pryce.

Ela pegou com as duas mãos seu cabelo molhado e escorreu o excesso de água dele.

– É claro que sei, Johann – disse ela. – Eu sou mãe.

Ela ajoelhou-se e pegou sua bolsa. A bainha de sua blusa levantou-se revelando a brancura de suas costas.

– Você sabe que eu posso dar um jeito em você – disse ele. – Na sua cicatriz.

Ela pegou um espelhinho e olhou para o próprio reflexo, limpando as manchas da pintura dos olhos.

– Quanto menos você continuar com esse tipo de conversa – disse ela –, mais amigos continuaremos a ser.

Então, em algum lugar do vale, ouviu-se o barulho de um tiro de rifle. Ela levantou a cabeça sem demonstrar surpresa – ele percebeu que, por trás do espetáculo de Olivia, ela vinha se preparando para isso: o intervalo. Mais alguns tiros se seguiram e a cada um deles uma hesitação percorreu o seu corpo, sensação essa que ela não tentou esconder, e nem poderia, tal o seu medo.

Em seguida tudo ficou em silêncio outra vez e ela colocou o espelho de volta e passou por Pryce caminhando com delicadeza com os pés descalços.

– Limpe isso tudo – disse ela.

Ele não se virou, ouvindo o barulho da caminhonete arrancar e ir embora. O fogo no tambor queimou até virar cinzas que se misturaram com cinzas antigas de queimas anteriores, deixando apenas uma poeira para as próximas vezes que Olivia decidisse se livrar de um vestido. Ele desceu o rio à procura da cúpula do instituto no topo da serra.

– Um farol guiando um navio solitário através de águas maléficas vírgula se houvesse ponto-final – disse Pryce. – Ele lembrou-se vírgula outra vez vírgula de que qualquer sacrifício de consciência pessoal vírgula até mesmo a humanidade vírgula que no fim das contas era cobrada vírgula tinha poucas consequências em sua penitência ponto e parágrafo. Um corpo vírgula ele estava fazendo um corpo para a sua melhor garota vírgula e aperfeiçoara os procedimentos para o renascimento de Shelley Godfrey em um corpo para fazer que o mundo a amasse tanto quanto ele a amava vírgula e o que era preciso vírgula para que ele conservasse as luzes acesas vírgula era um preço pequeno ponto-final.

Então as luzes da Torre Branca escureceram.

– Mas que diabos! – disse Pryce.

*

4h25 p.m.

O Doutor Godfrey parou na entrada da Mansão Godfrey e a encontrou sem nenhum veículo. Saltou do carro, dirigiu-se à varanda e sentou-se nos degraus. A última coisa que ele tinha agora era um tempo para chamar de seu; sentiu como se o estivesse roubando dos deuses. Havia feito, antes, uma parada no necrotério do hospital para ver o corpo da última garota; se era quem ele pensava que era, esse compromisso era decididamente dele. Mas para sua surpresa o corpo era sexualmente maduro demais para ser o de Christina, e surpreendente porque seu

desejo de que fosse outra pessoa continuava a ser procedente e ele sabia que teria de pagar por isso de uma forma ou de outra. Não teria doído, sabia. Ser consumida por um animal selvagem não poderia causar dor realmente, pois o medo dispararia os opioides naturais que atuariam como analgésicos. Morrer daquela maneira não doeria porque você estaria na perfeita euforia do medo. Então foi informado: uma companheira de quarto preocupada tinha chamado para lhe perguntar sobre uma pequena cicatriz de queimadura na parte interna do braço, e esta última tinha nome. E Godfrey ficou com a necessidade de segurar um corpo de mulher, cheio de vida e desejo indomáveis e todas as loucuras terríveis que aquela fera devorou com um amor feito de maldade. E para esse imperativo carnal súbito, que arquétipo melhor? Mas ela não estava aqui, nem havia tido qualquer contato com ela nos últimos dias. Não que tivesse importância, realmente; ele havia passado tantos anos construindo um império racional de palavras numa guerra contra o seu próprio sangue, mas agora não podia se importar o mínimo que fosse com o que era ou não falado, estava possuído mais uma vez por algo que realmente *queria*. Queria derrotar o monstro e salvar sua família. Sentiu uma leve coceira no pulso e olhou para ver uma aranha que o atravessava. Ergueu o braço ao nível dos olhos e observou-a se mover com uma espécie de espanto como se fosse a primeira vez que via aquela coisa.

– Mesmo que seja a família mais fodida do mundo – disse ele.

Ouviu um barulho e sentiu um movimento nas tábuas da escada em que estava sentado. Deu um safanão no pulso mandando a aranha para longe e apalpou o espaço vazio por baixo. Shelley sentou-se. Ambos olharam para o horizonte além do quintal onde se desenrolava o vale. Breve seria noite, e a luz do poste na extremidade do terreno acendeu. Ele chegou para perto e acariciou-a entre os ombros.

– Já está quase terminado – disse ele.

Disse isso como se fosse um consolo trivial, mas ao mesmo tempo percebeu que era verdade; sabia disso como um corpo adormecido sabe que a qualquer momento o despertador vai tocar, sabia que aquele era o momento decisivo. Felizmente.

– Todos estão a salvo – disse ele. – Letha está em casa. Os rapazes estão na capela. Sua mãe…

Percebeu que não tinha a mínima ideia de onde ela poderia estar, e que não ocorreria mais a qualquer um deles preocupar-se com a segurança dela mais do que com a súbita inversão da gravidade, uma inviabilidade cognitiva.

– Sua mãe e eu somos complicados – disse ele. – Da mesma forma que um colisor de hádrons é complicado. Sinto muito ter mentido para você. Vimos

mentindo sobre isso há tanto tempo que quase esqueci que havia alguém que acreditava nisso. O que não faz que isso seja menos miserável.

Ficou calado e então continuou.

– Você é uma luz – disse. – Você ilumina as pessoas, e das duas uma: ou mostra o que há de melhor ou o que há de pior nelas. E sempre teve o que melhor pude dar porque lá você estava sempre iluminando o caminho. Assim, foi ainda pior quando você teve de descobrir o meu lado desprezível. Mas essa é a sua tragédia, e nada me corta tanto o coração: você será sempre cercada de gente que não a merece.

Shelley virou-se para ele. Havia um brilho tênue em seus olhos, porém não de água: era uma camada sutil de luz. Godfrey desviou o olhar, sentia como se houvesse uma pedra em sua garganta. Nunca em sua busca de toda uma vida ele havia encontrado uma promessa de redenção tão pura quanto aquela, ou se sentiu menos merecedor.

Seu telefone tocou.

– Desculpe – disse ele com a voz embargada. – Eu… eu tenho de atender.

Atendeu. Era o Controle. Ouviu as informações e em seguida falou que chegaria lá o mais breve possível.

– Faça-o aguardar em minha sala – disse ele. – Tente não deixar estourar no terceiro ato.

Desligou.

– Tenho de ir – disse ele. – O xerife está se internando, mas não quer entregar sua arma. A família Fredericks o encontrou sentado na entrada da casa deles com seu rifle no colo, cantando Patsy Cline. Nada de bom jamais aconteceu com alguém armado e cantando Patsy Cline.

Shelley o olhou com ar interrogativo.

– Jennifer Fredericks – disse ele. – Ela foi a última.

Ela o olhou com os olhos arregalados. De repente a luz de seu olhar brilhou como quando se olha diretamente para o sol e ele desviou seu olhar, piscando.

– Você está bem? – disse ele. – Shelley…

Ela levantou-se. Um ruído escapou dela, um gemido bestial de uma desolação cruel: traição, como todas as mágoas pessoais são uma espécie de traição, e descrença por tal coisa realmente ter acontecido; *você* – o você, que surpreendentemente nunca esteve realmente lá – deixou isso acontecer.

– Querida – disse Godfrey, chegando junto dela, mas falando para o vento porque ela havia saltado para fora, ultrapassando a escada, e atingiu a rua numa colisão que fez o chão rachar, e saiu com enorme velocidade, evitando o carro com um salto. Godfrey a olhava sem saber o que fazer enquanto ela cruzava os limites do terreno e a luz do poste se apagava de repente ao mesmo tempo que

ela passava e continuava descendo a montanha; ele ouvia o barulho dos passos dela depois de tê-la perdido de vista e, enquanto esse som diminuía, aumentava o grito dela, transformando-se em algo horrível e furioso, como um espinho na pata dos céus.

Godfrey sentiu-se perdido. Nada na experiência que tinha com sua sobrinha lhe havia dado qualquer indício de que ela pudesse se mover daquela maneira ou que tivesse aquele som dentro de si. Como a primeira vez que ele viu funcionar o conversor de Bessemer quando era criança: uma descarga terrível de chamas e fúria da boca de um dragão, mas aquilo não era tudo – era apenas o potencial latente do aço de cada dia, oculto da vista, até ter um pretexto para não ser assim.

Ele pegou seu telefone, mas ele estava mudo. Foi para o carro, mas o motor não deu partida também. Como suspeitou, seria o destino de qualquer coisa baseada na eletrônica em função daquele despertar de Shelley. Ele saiu do carro e ficou de pé embaixo do poste com a luz apagada com o sentido não de um clímax iminente mas de seu início; o que quer que estivesse acontecendo, estava acontecendo aqui e agora e ele estava fora do jogo. O homem rico, solitário e inútil da casa na montanha, visível e ainda assim esquecido. Viu no chão uma única pena branca, que pegou, colocou na palma da mão e soprou com toda a força que podia. Ela voou num círculo e caiu de novo no chão, vítima de forças que não compreendia e contra as quais não podia fazer nada. Ele olhou para o vale e a noite o envolveu. A lua era um ornamento quebrado sobre a água e a Torre Branca tornou-se visível.

– Meu Deus do céu – disse ele.

Então, lá longe ouviu uma série de tiros seguida por um silêncio de uma força inequívoca. E pronto: tudo havia acabado. O que quer que isso significasse para todos.

– Acabou – disse Godfrey. Sem tristeza, alívio ou qualquer especulação que pudesse estar entre esses sentimentos. Ele estava apenas se acostumando com a ideia.

– Acabou e não vai acontecer mais nada – disse ele.

Então a luz da Torre Branca se apagou.

*

3h32 p.m.

Ao voltar para Hemlock Acres, Roman ouviu no noticiário: “Continua em Hemlock Grove a busca pelo adolescente Peter Rumancek, suspeito de envolvimento numa série de mortes locais previamente atribuídas a algum tipo

de animal. A terceira vítima da carnificina da noite passada foi identificada como Jennifer Fredericks, uma mulher da região…"

Alguma coisa despertou Roman, como aquele tipo de coisa miudinha que se aloja por trás dos dentes e que você não consegue tirar.

"Especula-se agora que o assassino tenha treinado um ou mais lobos para usar nesses crimes horríveis. Francis Pullman, falecido, afirmou ter testemunhado a primeira vítima, Brooke Bluebell, ser atacada pelo que ele chamou de cão do demônio, enquanto ontem à noite houve relatos de várias pessoas que avistaram um lobo branco grande…"

Roman desligou o rádio. Poderia ter havido mais do que um? Um preto, um branco…

Ele deu uma guinada na entrada mais próxima e bateu na caixa de correio com o retrovisor do lado direito, que ficou caído como um membro gravemente seccionado. Deu marcha a ré e fez uma curva de 180 graus e colou o pé no acelerador até o fundo, deixando folhas marrons que se ergueram em alegres cambalhotas em seu rastros.

*

3h43 p.m.

– É engraçado – disse Letha. – Você acredita que eu nunca fui a um chá da tarde? Não dá vontade de referir-se a si própria usando o majestoso plural *nós*? Aqui, passe-nos sua xícara que iremos servi-la.

Do lado de fora se ouviu o barulho de um carro vindo rua abaixo, em alta velocidade. Os pneus cantaram e ele parou em frente. Letha pegou a xícara com cuidado da mão trêmula de sua convidada e foi até a janela separando as cortinas.

– Oh, está bem – disse ela. Ela olhou para a figura branca e curvada em sua cama. – Não fique com medo. Está tudo bem.

Lá de baixo veio o som da porta sendo aberta com violência e passos subindo a escada de dois em dois degraus.

– Está bem – disse Letha. – Está bem, se você quiser, pode ficar aqui, certo?

O som de Roman chamando por ela e os passos que se aproximavam de sua porta.

– Um minuto – disse Letha. – Fique aí esperando – sussurrou ela.

Ela foi e abriu a porta parcialmente.

– Você está bem? – disse Roman.

– Estou ótima – disse ela. – Eu estava para escapulir e encontrar vocês, como você disse. E aí?

– Você está bem? – disse Roman. – Está tudo numa boa?

– Estou ótima. Não se preocupe, estou ótima.

Eles se entreolharam de um modo suspeito. Foi então que ele percebeu por cima do ombro dela o bule de chá em cima da penteadeira. Duas xícaras.

– Quem está aí? – disse ele.

– Tudo bem, não vá ficar zangado.

– Quem está aí?

– Está bem, preciso que você não fique zangado. Preciso que espere bem aqui, está bem?

Ela tentou fechar a porta, mas ele segurou sua mão e impediu-a de um modo gentil, porém determinado, com as pontas de seus dedos e ela não forçou. Ela foi até o closet.

– Ei – disse ela. – Ei, é só o meu primo, e ele irá nos levar para um lugar em que ficaremos seguras, certo? Ninguém irá machucá-la. Não deixaremos que a machuquem, certo? Vou abrir a porta agora.

Letha abriu a porta e Roman parou imóvel onde estava e surgiu Christina Wendall. Ela o olhou e ele a olhou.

Nós nos olhamos.

A corrida negra

Remi esticou seu pescoço brilhante
Como um cisne em uma corrida
A flor do lírio no regato nascida
Como um galho de álamo ao luar
Como um navio lançado ao mar
Até que a última amarra ficou distante.

Não foi senão até ela completar onze anos que a usina veio a assombrar os seus sonhos. Embora ela a atemorizasse naquela época, e mesmo toda vez que depois via isso, era com a informação da maneira pela qual os menores barulhos se tornavam grandes naquelas paredes, ou como era sentir a escuridão do lado de fora e de dentro de sua pele; ela não tinha mais medo dela do que do sótão de seus avós ou das cavernas que havia visitado durante o tempo que passou no acampamento de verão, ou qualquer lugar em que não era preciso dar tratos à imaginação para conjurar todas as coisas que podiam acontecer com meninas lá dentro. Ela não pensou mais na usina exceto quando se arrepiava ao passar por ela.

Até os sonhos, mas os sonhos não começaram senão depois do poema. Ela descobriu o poema pela Debbie, sua babá, uma senhora. As gêmeas zombavam dela por ainda ter uma babá, mas ela não se incomodava, realmente – ela lia os livros de crime de sua avó e sabia o tipo de coisas que aconteciam com as meninas. Debbie estava lendo um poema para a aula de Inglês. Terminou de ler, levantou as sobrancelhas e disse:

– Muito bem, os garotos vão realmente se divertir à custa desse aqui. – Naturalmente Christina tinha de ver.

Ela nem pôde lê-lo todo na primeira vez. Na primeira vez seu coração bateu e suas mãos tremeram, e respirar era como estar engolindo pedras. Debbie perguntou se ela estava bem e ela disse que era apenas uma tontura. Devolveu o livro para Debbie e disse que iria se deitar. Em seu quarto encontrou uma cópia do livro na internet e o leu uma vez, e outra, e outra. Palavras são energias térmicas. Essas energias entraram em seu sistema e se tornaram cinéticas em suas coxas e em seus dedos e por trás de suas pestanas. Mudaram o estado das coisas. Seu coração se tornou um líquido que empoçou sob os seus pés e ela era como um besouro d'água correndo sobre as moléculas.

Ela cortou uma madeixa dourada preciosa,
E uma lágrima mais rara do que uma pérola lhe escorreu
Então sorveu seus frutos redondos belos ou vermelhos:
Mais doces do que o mel da formação rochosa,
Mais fortes do que o vinho que alegra o homem,
Mais claros do que a água que flui do suco que se consome,
Ela jamais provara antes algo assim tão bom de provar,
Por quanto tempo seria isso capaz de saciar?

Ela não sabe o que isso irá querer se não o encarar. Está paralisada. Não sabe se se vira e o encara ou se se mete dentro da toca.

Ela sugou e sugou e sugou o máximo que podia
Daquele pomar desconhecido tirou os frutos que sorvia;
Até ficar com os lábios feridos de tanto sugar;
Então as cascas vazias foram jogadas para o ar
E de todos os caroços guardou uma semente,
Sem saber se era noite ou se era o dia nascente
Quando voltou sozinha para o abrigo de seu lar

Havia coisas sobre ela que ninguém sabia. Você não saberia se ela já havia beijado pela primeira vez, mas ela havia beijado, em segredo. No verão passado, um dia no fim da tarde ela subiu o caminho para a casa de Peter e o encontrou dormindo na rede. Ela gostava mais de Peter do que dos outros rapazes porque era mais fácil encontrá-lo por ali, e não era preciso se preocupar em ser vista como esquisita porque ele era a pessoa mais esquisita que você poderia vir a conhecer. E ele a havia tocado na boca do estômago e dito que era ali onde ela sabia as histórias universais não escritas dos idiotas terríveis e em êxtase, e foi quando ela ficou loucamente apaixonada por ele. Ela falou o seu nome, mas ele não acordou e então ela se curvou perto dele e sentiu que ele cheirava a cerveja de má qualidade. Então ele roncou um daqueles roncos pela metade como um porquinho e lá ficou aquele engraçado valentão adormecido que lhe havia aberto um mundo de possibilidades infinitas, e o que mais ela poderia fazer?

Mas as gêmeas eram menos recatadas. Ambas tinham feito de tudo naquele verão. Alyssa com Ben Novak e Alexa com Mark Smoot. Isso para ela era incrível. Bastava colocar os lábios dela num rapaz porque isso era a coisa certa a fazer no momento, mas pensar nele todo em cima dela e no resto, o enigma final da natureza, o que existia entre as pernas dele e entre as dela.

Cabeça dourada com cabeça dourada,
Como dois pombos no ninho de madrugada
Um nas asas do outro, aconchegados.
Sob o dossel da cama ali deitados:

Como duas flores no mesmo talo unidas
Como dois flocos de uma neve recém-caída,
Como dois cetros de marfim entrelaçados
Revestidos de ouro para reis malvados.

Ela não apenas não acreditava que Alyssa tivesse perdido a virgindade, como também que Alexa não quis ficar pra trás. Não era propriamente o ato em si, abrir as pernas e deixar-se penetrar, querendo aquilo tudo em você. Mas uma incredulidade não diferente de que se elas tivessem colocado um veneno na bebida dela que fosse como milhares de agulhas em seu coração e lhe dessem essa informação com uma timidez divertida da qual esperavam que ela – *ela* – tomasse parte.

Como podiam fazer uma coisa assim com ela?

A lua e as estrelas os contemplavam,
O vento cantava canções que os ninavam
Corujas vagarosas recusam-se a voar,
Nenhum morcego voa para lá e para cá
Em volta de seu ninho sossegado:
Rosto com rosto e peito com peito grudado
Juntos em um ninho apertado.

Idênticas. Você está de brincadeira! Ela poderia distinguir até de olhos fechados.

Ela procurou e descobriu que havia outra maneira de se tornar lobisomem sem ser mordida por um deles. Mas não que uma coisa tivesse a ver com a outra. Não em sua cabeça. Não que ela fosse ser machucada e no dia seguinte saísse por aí parecendo um monstro. A vida não é tão pura quanto tudo aquilo. A vida não é pura. Isso aconteceu semanas depois do fato e ela já havia dado a volta por cima. O coração é um músculo basicamente amortecedor. Por que então uma pessoa se torna lobo? Pelo mesmo motivo que se beija uma pessoa. Peripeteia, mudança súbita. Uma escritora importante de sua época precisa de material. Mas como ela poderia saber? Como poderia saber que isso efetivamente iria funcionar?

Cedo, na manhã depois da lua cheia do equinócio de outono, quando ela sabia que não havia perigo de Peter acordar, procurou no terreno ao redor do trailer até achar o que estava querendo. Pegadas. As pegadas contam a história de quem é esse animal, o que é que ele quer e como isso interage com aquilo que compõe o seu ecossistema. Desde que o animal acredite em si mesmo.

Ela ajoelhou-se, derramou água de uma garrafa na marca mais funda, ficou de quatro e bebeu-a. Mas a água foi rapidamente absorvida e ela terminou bebendo menos água da pegada de um lobisomem do que lambendo a lama. Isso foi o que

o seu temperamento inquisidor a levou a fazer, com as mãos e os joelhos na terra e lama nos lábios. Ela não estava otimista.

No ciclo seguinte ela sonhou outra vez com a usina, embora dessa vez o sonho não tenha terminado como das outras vezes, sem um fim. Dessa vez a coisa estava atrás dela em sua imensidão desconhecida e o espaço à sua frente, e ela fez sua escolha. Não podia dar meia-volta. Não podia encará-la. Assim, sem saber o que fez na noite da lua cheia do equinócio de outono, ela se meteu dentro da toca.

Mais uma vez as lágrimas se derramaram
E seus olhos apertados refrescaram
Caindo como a chuva gotejante
Depois de uma seca sufocante;
Tremendo de medo e de uma dor distinta
Ela beijou e beijou-a com uma boca faminta

O que acontece quando a cabeça de um lobisomem não é retirada depois de sua morte? Ela fica destinada a contar sua história. O uivo eterno.

Christina era uma garota ao mesmo tempo nova e velha para a idade que tinha; nunca perdeu a curiosidade ansiosa de uma criança que constrói seu universo. Por que isso? De onde vem isso? Por que isso é assim e não de outro jeito e qual a sua relação com todas as outras coisas?

Por quê?

Por quê?

Por quê?

Agora ela é o seu próprio coro grego, e está muito, muito, muito triste por tudo o que aconteceu.

Peripeteia, revivida

– Bebê a bordo – disse Letha, repreendendo.

Roman jogou o cigarro pela janela.

– Vamos voltar agora para a clínica – disse Letha. Estava sentada com Christina no banco detrás. – Não se assuste, lá existe outro lugar que é seguro.

A garota disse que não queria voltar para o seu quarto. Disse que seu quarto era frio e cheio de fantasmas. Letha fez Roman prometer não contar nada para o pai dela. Roman prometeu prontamente; não tinha qualquer intenção de envolver Norman nisso. Onde isso ficava exatamente, *vis-à-vis* o juramento de Hipócrates, era espinhoso mas controvertido. Essa era a lei do lobisomem; Peter saberia o que fazer.

Roman realmente esperava que Peter soubesse o que fazer.

– A capela – disse Christina.

Letha disse:

– Sim.

– Ele… vai estar lá?

– Peter? – disse Letha. – Sim, estará. Mas não irá machucá-la, prometo. Você sabe que eu não deixarei ninguém machucá-la, certo?

– Sei – disse Christina.

O esterno de Letha apertava seu coração diante da coragem da garota depois de tudo o que acontecera a ela, às suas amigas… Os olhos de Letha encheram-se de lágrimas, mas ela não iria chorar se a garota também não chorasse. Passou um dos braços em volta de Christina e disse:

– Você sabe que vai ficar tudo bem agora, certo?

Christina aconchegou-se a ela e colocou uma das mãos sobre a barriga de Letha com um olhar de admiração: uma pessoinha morava ali!

– É estranho que *impossível* seja mesmo uma palavra – disse Christina.

As mãos de Roman agarram o volante com força. O céu estava negro e o sol era uma gema de sangue. Roman fez um retorno virando na direção do Wal-Mart.

– O que é que você está fazendo? – disse Letha.

– Peter precisa de algumas coisas – disse Roman.

– Que coisas? – disse Letha.

– Uma corda.

– Para que ele precisa de uma corda?

– Eu não perguntei.

– Por que você não pegou uma lá de casa?

– Esqueci.

– Como foi que se esqueceu? – disse ela, resmungando.

Adiante, no acostamento do lado da estrada em que iam, porém voltando para a direção oposta, havia uma pessoa idosa em uma cadeira de rodas motorizada. Essa pessoa estava curvada para frente vestida com um macacão pesado preso no cotoco dos joelhos que deixava indefinido o seu sexo, grisalho e assexuado, rosto, olhos vagos e indiferentes, assistindo a uma reprise na televisão.

– Alguém deve ter jogado uma casca de banana – disse Roman sem entusiasmo.

– Não seja bobo – disse Christina.

– Às vezes ele é bobo – disse Letha.

Roman ficou imaginando se pudesse ter o cérebro de uma garota apenas por um dia como as coisas fariam mais sentido.

No estacionamento Roman parou em uma vaga e foi indo devagar até a linha branca para encostar de frente, mas de repente uma picape amarela vinda da direção oposta entrou agressivamente na mesma vaga e ambos frearam para evitar uma batida. A picape tocou a buzina e Roman deu marcha a ré.

– Cuidado – disse Letha.

O outro motorista saltou. Era um rapaz magro e ao mesmo tempo pançudo, com uma camiseta do time de hóquei dos Penguins, o cabelo raspado e uma daquelas marcas de nascença que tomavam metade de seu rosto, como se tivessem vomitado tinta cor-de-rosa nele. Olhou maliciosamente para Roman e colocou a mão na braguilha da calça sacudindo-a de um modo obsceno.

Roman virou-se para Letha.

– Você quer vir comigo? – disse ele.

– Vou ficar aqui esperando com ela – disse Letha.

Christina o olhou com uma expressão sonhadora.

– Deixe as chaves para que possamos ouvir o rádio – disse Letha.

Roman entrou e caminhou deliberando se fazia ou não a Seção de Esportes e Lazer lhe vender uma arma enquanto ela ainda era uma garota. Mas achou melhor não, por não ter certeza de que isso fosse algo que Peter iria querer. Mas não. O motivo pelo qual decidiu que não foi que essa tinha de ser uma decisão de Peter.

Passou por um provador de onde saía um garoto de uns dez ou onze anos. O garoto era gordinho e meio retardado e usava apenas uma calcinha de menina com morangos estampados, andando com passinhos delicados e rebolando

exageradamente como se estivesse numa passarela de desfile. Roman tentou não olhá-lo, mas, honestamente. "Não! Não! Não!", disse a mãe do garoto com uma inconfundível inflexão de "de novo não" enquanto se adiantou rapidamente e o trouxe de volta para o provador e olhou para Roman com um olhar sujo, mas honestamente, senhora.

Roman virou-se e quase colidiu com outra pessoa, uma oriental baixinha com a precisão e a beleza de um bibelô de cerâmica. Entreolharam-se com uma espécie de espanto mútuo de se encontrar alguém súbita e intimamente em um contato visual tão íntimo com uma pessoa estranha e Roman sentiu o impulso de pegar sua mão delicada e levá-la ao rosto dele por um momento apenas e dizer, *Ela é apenas uma porra de uma criança, uma criança como as demais, não era assim que deveria ser* – não que esperasse que essa pessoa tivesse alguma resposta satisfatória para isso, ou mesmo que houvesse uma resposta, mas pelo menos por um instante ela poderia tocar o seu rosto com uma compreensão oriental suave e sensual. Mas antes que Roman tivesse a oportunidade de agir segundo seu impulso ou murmurasse uma desculpa, a mulher virou-se abruptamente e apressou o passo pelo corredor e Roman teve uma visão fugaz de seu perfil, vendo que um dos lados de sua cabeça era tomado pela marca de uma queimadura do tamanho da palma de uma mão aberta, sem cabelo em volta, e a pele era como manteiga derretida e congelada outra vez, e no lugar da orelha existia um buraco que se podia olhar dentro, como o de uma fechadura.

"Ok, tudo bem!", disse Roman. Entrou no banheiro dos homens com a intenção de vomitar, mas ambos os boxes estavam ocupados e o ar com forte cheiro de fezes, e ele se inclinou num mictório sendo saudado por uma grossa pústula de sangue no meio de um bolo de urina cor-de-rosa, como se alguém tivesse se inclinado ali e assoado um nariz com hemorragia.

"Ok, tudo bem!", disse Roman, descobrindo que a sua repugnância tinha o efeito perverso de repelir sua náusea. Recompôs-se, ajeitou o casaco e dirigiu-se à seção de ferragens para o seu objetivo principal. Logo na entrada comprou uma corda de 7,5 metros e pagou em dinheiro como precaução para não deixar pistas. Mas como o preço era pouco mais de 22 dólares a caixa deu-lhe um troco redondo de três dólares. Roman empalideceu.

– Não, não – disse ele.

A caixa começou a registrar as compras do cliente seguinte embora Roman não tivesse saído do lugar.

– Eu quero o meu troco – disse ele.

– Como? – disse a caixa.

– O meu troco – disse Roman ao entregar a ela a terceira nota sacudindo os dedos.

A caixa olhou para ele imaginando se ele estava falando sério. Roman controlou seu desespero. Estendeu uma das mãos com a nota de um dólar e o recibo com a outra.

– Quero meu troco exato aqui mesmo – disse Roman.

– Por quê? – disse a caixa, uma jovem cinzenta e esquelética possuída pelo espírito da caridade inversa que toma conta de algumas pessoas quando vêm outras com uma necessidade óbvia.

– Porque não posso ir – suplicou Roman com desatenção. – Preciso que me dê o valor que está aqui no recibo para que eu possa ir.

– Senhor, já estou atendendo outro cliente.

Roman deu a ordem para seus pés se levantarem de onde estavam, mas para isso seria preciso arrancá-los dali com a unha de um martelo. Sentiu-se distante como se tivesse esquecido alguma coisa e voltou a respirar. Mas a questão permanecia, vazia e impiedosa: os números não aumentavam e ele não podia ir enquanto isso não acontecesse, o que o atormentava como o aperto de mão de um deus insignificante.

A velha senhora depois dele olhou-o enquanto pagava.

– Eu não… não sou normal – disse ele como desculpa, e subitamente ergueu-se entre ela e o balcão da caixa e enfiou o braço na caixa registradora que estava aberta e serviu-se de um punhado de moedas e correu para a saída, enquanto se estabelecia uma confusão atrás dele, e ele contava o troco exato atirando o excesso para trás, tirando o peso do mundo de cima dos ombros.

*

Roman estacionou no matagal ao longo da 443, onde começava a trilha.

– Vamos por dentro da floresta? – disse Letha.

– O pôr do sol só será às quatro e cinquenta e cinco – disse Roman.

Letha olhou preocupada para as sombras compridas adiante da linha das árvores. Olhou para Christina.

– Estamos indo para a casa da vovozinha – disse Christina.

Saltaram e Roman pegou as coisas que trouxera. Christina tomou a mão de Letha e entraram no início da trilha.

– Quer que eu leve alguma coisa? – disse Christina.

– Já estou com tudo – disse Roman.

– O que é que tem na pasta? – disse Christina.

– Papéis – disse Roman

– Que papéis? – disse Christina.

– Minha lista de presentes de Natal – disse Roman.

– Não é isso o que tem dentro dela – disse Christina. – Demos uma olhada enquanto você estava lá dentro.

Estavam na trilha. No fim dela era o destino. Roman decidiu que outros detalhes eram irrelevantes.

– Você vai usar aquilo para cortar o coração dele? – disse Christina.

– Muito bem, silêncio – disse Letha com educação.

Continuaram pelo caminho. Folhas secas estalando sob seus passos numa quietude sombria reverente. Passaram por uma retroescavadeira abandonada com a parte de baixo consumida pela ferrugem e a extremidade da caçamba mergulhada na vegetação rasteira. Em frente estava a montanha, dividida em duas partes com uma vala na qual foram jogados fora pneus velhos como se tivessem sido vomitados por uma Terra com dispepsia, e havia um corte íngreme na pedra ao longo do caminho com um entalhe do Dragão feito nela. Christina parou.

– Ei, temos de continuar – disse Roman. Aquele não era o destino deles.

Christina correu a ponta do dedo pela curva das costas do Dragão e ele saiu sujo com pó de giz. Ela olhou para Roman séria e disse:

– Você quer saber um segredo?

Aquele não era o destino deles!

– Vamos continuar andando – disse Roman.

Christina assentiu e tomou a mão de Letha outra vez e Roman colocou-se entre as duas. Sua mão estava fresca e seca como papel crepom.

– Acho que sua irmã é uma boa pessoa – disse Christina.

– É, ela é mesmo – disse Roman.

– Ela o faz se sentir bem – disse Christina.

Ele assentiu sem ver o espinho em um galho baixo que arranhou sua sobrancelha. Ele suspirou e segurou-se para não falar um palavrão em voz alta. Entre todas as circunstâncias, nessa ele conseguiu tomar cuidado com sua língua.

– Ai – disse Christina. Ela parou e tocou o ferimento da sobrancelha dele.

Ele olhou para o rosto dela e ocorreu-lhe que ele mesmo poderia fazê-lo. Aqui e agora. Não teriam de ir aonde estavam indo. Não precisava ser Peter quem iria decidir. Roman poderia dar a lâmina para ela e dizer-lhe para cortar seus próprios pulsos e a parte interna das pernas e seu pescoço e em outros lugares que sangrariam rápido e completamente na terra. Talvez pudesse até dizer a Letha para esquecer. Por tudo o que sabia, ele também podia fazer aquilo. Ele a olhou. Tentou reunir a intenção e o olhar de guerreiro que sentia em si próprio olhando-se recentemente no espelho, mas isso não era imagem, era uma pessoa. Uma porra de uma garota. Roman não se sentia lá muito como um guerreiro.

Continuaram e quando a trilha acabou Roman disse que precisava ir à frente para certificar-se de que tudo estava bem e correu para a capela e entrou com cuidado. Imaginou estar ouvindo a voz artificial de um GPS, *Você chegou ao seu destino*. Peter estava esperando. Roman levou seu dedo aos lábios antes que Peter falasse. Peter não precisava que ele explicasse nada. Estava aqui. Roman o havia trazido enquanto ainda havia sol no céu. Ele olhou para Roman.

– Muito bem – disse ele. – Você fez um bom trabalho.

Roman não disse nada. Entregou a sacola com a corda para Peter.

Dos degraus Letha perguntou se estava tudo bem.

Peter ficou rígido.

– O que é que ela está fazendo aqui? – disse ele.

– É complicado – disse Roman.

Ele disse que estava tudo bem e Letha conduziu Christina para dentro, e os olhos de Christina encontraram os de Peter, e Letha olhou de um para o outro e não soube como, mas sabia que havia cometido um erro; o seu olhar naquele instante era o mesmo que se tem quando se percebe que o carro não está mais obedecendo aos movimentos do volante.

– Desculpe-me por ter dito a todos que você era um lobisomem – disse Christina.

Peter foi até ela. Retirou a corda da embalagem. Ela o olhou com aqueles olhos sonhadores. Ele fez um laço na corda.

Letha perguntou o que é que estava acontecendo.

– Tire-a daqui – disse Peter para Roman.

Roman foi até Letha e colocou uma de suas mãos em seu braço, mas ela ficou pregada onde estava. Apenas observava muda. Roman falou com toda a gentileza para ela: "Venha" – mas ela não se moveu e ele não a forçou, nem saiu dali. Ninguém iria a nenhum lugar agora, como uma mariposa que não voa para longe da luz; se o fizesse, teria quebrado a lei da atração.

– Fique de joelhos – Peter falou para Christina.

Letha sentiu uma onda de náusea e Christina obedeceu. Peter escorregou a corda pela cabeça dela e apertou-a bem em torno do pescoço. Ela ficou ali de joelhos, dócil, enquanto ele amarrou a outra ponta no banco que estava fixado ao chão. Voltou para onde ela estava e parou junto dela.

– Você pode controlar? – disse ele.

Ela olhou para ele sonolenta.

– Ontem à noite foi apenas algo que aconteceu ou foi você quem fez que acontecesse? – disse ele.

Ela não respondeu.

– Você o fez transformar ou o ouviu? Você ouviu seu outro nome? – disse Peter.

Ela não respondeu. Era como se na verdade ela estivesse dormindo com os olhos abertos. Ele pegou a corda e deu um puxão e ela caiu, esparramando-se.

A náusea de Letha aumentou transformando-se numa espécie de vertigem. Roman teve medo de que ela desmaiasse e a levou até um banco e ela deixou que ele a colocasse sentada. Ficar de pé não iria redimi-la do erro que havia cometido.

– Se você não me responder – disse Peter – eu a sufocarei e tirarei sua vida aqui mesmo.

Christina voltou a ficar de joelhos.

– Fui eu quem decidiu – disse ela. – Eu queria.

– Está bem – disse Peter, assentindo, agora estavam chegando a algum lugar, e ele repetiu: – Está bem.

Ele se agachou de modo que ficaram no mesmo nível.

– Se você se transformar outra vez hoje à noite, irá morrer.

– Você irá me matar, Peter?

– Sim – disse ele.

– Você me odeia? – disse ela.

– Não, não a odeio – disse ele.

Ela se iluminou.

– Por que ela? – disse Peter – Por que é que você a pegou?

Christina olhou para Letha. Ontem, vendo Roman e o doutor levando comida e cobertores para a capela, ela percebeu que Peter estava lá. Não era mais uma questão de onde estava o seu coração. Peter a tinha feito, ele agora era parte dela. Não havia como se esconder de si mesma, não agora no fim.

– Porque, quando eu o vi aqui com a sua coisinha feia naquela puta, queria mais do que tudo sentir o medo dela em minha língua e seus ossos quebrando entre meus dentes e seu sangue escorrendo através do pelo do meu pescoço.

Ela olhou para ele esperançosa.

– Podemos comê-la juntos – disse ela. – Eu sempre deixei a maior parte para você.

Letha agora se sentia confusa. Estava ficando claro que a impressão inicial de que havia cometido um erro não era inteiramente correta agora, mas isso não lhe trouxe muito alívio.

A cor desapareceu de Peter, e ele se ajoelhou sobre um dos joelhos para ter apoio. Christina sorriu melancólica.

– Está bem – disse ela. – Você pode me matar desde que não me odeie. Deve fazer isso agora, enquanto ainda me tem do jeito que quer. Já está acontecendo e

você não tem muito tempo. Não posso me transformar mais do que você pode se transformar noite e dia. Faça o que tem de fazer enquanto ainda é dia. Você me fez. Eu sou sua.

Ela colocou as mãos no chão e rastejou para a frente de quatro e colocou seu rosto a centímetros do dele.

– Você é o meu senhor, pode fazer o que quiser comigo.

Peter ajoelhou-se ali com o resto de luz que havia olhando para olhos que agora pareciam quase nada com algo de um mundo terreno.

– Ai, meu Deus – disse ele. – Perdoe-me, por favor.

Ela sorriu outra vez:

– Jamais ouvi meu nome – disse ela, embora a voz que falou não tenha sido a de uma garota, era o som da dobradiça do portão do inferno, o som da coisa mais perigosa de todas que não sabia seu nome.

E então se transformou.

A boca de Letha moldou-se de forma que produziu um som altíssimo que, contudo, não aflorou. Roman agarrou-a pelo braço e puxou-a até ao altar. Peter deu a volta por trás de um banco. Christina estremeceu e uivou, e a coisa dentro dela era muito maior e mais desprezível do que ela e simplesmente explodiu num choque violento. A transformação foi instantânea e definitiva. Agora era uma fera. A assassina. De pé tinha o tamanho de um cavalo faminto com a carne e as roupas penduradas em farrapos molhados junto dos pelos brancos. A pelagem dos assassinos. Olhou para Peter. Já tinha sido feito o bastante daqueles olhos. Pernas finas se dobraram e de repente um salto libertador dominado pela raiva e a fera, embriagada pelo medo reinante na sala, lançou-se para um ataque mortal.

Mas o que aconteceu foi algo que em outras circunstâncias teria um efeito cômico, a corda puxou-a de volta no meio do ar com um ganido cortado, seu corpo todo estalando ao levar uma chicotada e caindo no chão. Rastejou para a frente, agora de pé, puxando a corda até se esticar ao máximo enquanto ela lutava. Da abertura de suas mandíbulas brotava uma espuma, e partículas dela atingiram o rosto de Peter quando ele saiu de trás do banco. Seu semblante era calmo e compreensivo. Compreendendo aquela fera. Seu nome, um nome nada secreto, era Dor.

Roman se manteve na frente de Letha, abriu a pasta, tirou a machadinha de dentro; ela esperou que Peter realmente tivesse alguma carta na manga, pois ao segurá-la agora e confrontado pela fúria daquele animal primitivo que havia acabado de escapar de sua jaula, percebeu que aquela arma não serviria de nada. Mas não era muito reconfortante ver Peter ali parado tranquilo observando o lobo branco rosnar e espumar, que puxava a corda com tanta força que quase se

sufocava, e vendo que ela não ia aguentar por muito mais tempo. E Peter apenas parado ali de pé como se observasse uma tempestade fortíssima ou algum outro fenômeno natural que acontecesse de vez em quando.

– Faça alguma coisa – disse Roman. Ele não tinha uma sugestão melhor.

Peter desviou do lobo branco e Roman viu que ele estava segurando alguma coisa que pegou atrás do banco. Era a vasilha. De propósito, Peter limpou a baba do cão danado de seu rosto. Então abriu a vasilha e mergulhou a mão em seu interior. Aquilo não era o que Roman tinha em mente. O lobo branco recuou e tentou outro ataque em vão, e tombou desengonçado de lado, com o traseiro no chão, e a corda ficou enroscada em uma de suas pernas feridas. Como um ator faz ao aplicar a maquiagem, Peter esfregou a gordura de bacon no rosto. Voltou a encarar o lobo branco. Roman entendeu.

– Peter! Não!

Mas Peter ignorou-o enquanto o lobo branco agarrou a corda com a mandíbula e juntou os dentes com um barulho *SNAP* e levantou-se com a corda cortada em volta do pescoço. Caminhou para a frente e parou diante de Peter. Letha conseguiu gritar, finalmente participando, e agarrou os ombros de Roman na tentativa de lutar para escapar dele, mas ele a manteve sob controle, lembrando que tinha uma missão e que a estava cumprindo. Ficar entre ela e aquilo.

O lobo branco cheirou o rosto de Peter e lambeu-o, experimentando. Peter ficou parado onde estava. Fechou os olhos. Podia bem estar gostando do cheiro ou esperando por um beijo. Mas o que estava fazendo era lembrar-se. Esse era o primeiro lobo que encontrava depois de Nicolae e tinha a lembrança vívida da sensação da língua de Nicolae. Lembrança boa, boa e a última por trás do seu rosto humano.

O lobo branco tentou morder e arrancar o rosto do seu corpo.

Letha continuou gritando, mas Roman não tinha certeza se os gritos vinham dali do lado de seus ouvidos ou se vinham de muito longe. Peter dobrou-se e foi ao chão e o lobo branco abaixou a cabeça e lambeu o resto da gordura. Aquela não era uma boa imagem de se ver, a fera com o focinho lambendo o rosto de seu amigo, e os olhos de Roman vagaram pela nave da capela e para a frase que Jacob Godfrey mandara gravar acima do tímpano de um portal. NOSSO AMOR NÃO DEVE SER UMA COISA DE PALAVRAS E CONVERSA EDUCADA. DEVE SER UMA COISA DE AÇÃO E SINCERIDADE. Roman assentiu. Sua hora havia chegado. A fera não o iria querer, iria querer a ela, e isso não podia acontecer. Viria para ela, e ele iria jogar a si próprio sobre aquela coisa e talvez a matasse ou mais provavelmente ela o mataria, mas de qualquer modo Letha iria se safar. Antes havia visto no espelho o coração batendo, sua Matança, e sabia que o coração era o seu, como foram todos os corações, não havia como se

esconder disso. Mas ela o faria porque, mesmo que ele não fosse tão guerreiro assim, havia uma coisa para a qual tinha se preparado, preparara-se para um ato de amor épico e atrasado.

O lobo branco finalmente terminou e levantou a cabeça, com algo reluzente, e olhou para eles. Roman agarrou o pulso de Letha e disse:

– Quando eu disser "corra", corra para a unidade intensiva e tranque-se o mais fundo que puder. Você pode fazer isso?

Ela não respondeu, e ele viu pelo terror e aflição dela que qualquer coisa que fizesse faria errado. O *vargulf* deu um passo cauteloso por cima de Peter em direção deles.

Roman a olhou nos olhos.

– Aguente isso – disse.

Mas então se ouviu um ganido súbito e o lobo branco inclinou-se para o lado. As mandíbulas do lobo marrom tinham se fechado em volta de sua garganta. O *vargulf* debateu-se com violência puxando o lobo marrom, completamente formado do macabro casulo que momentos antes tinha sido um rapaz chamado Peter. O lobo branco sacudiu-se freneticamente, mas as presas do lobo marrom fecharam-se implacáveis, e assim ele foi forçado a mudar de direção, virando-se de frente e com suas presas trabalhando para abocanhar a carne do inimigo. As presas de um lobisomem, o fim de uma história.

Roman observava as duas feras se rasgando e dilacerando uma à outra com uma ferocidade que repetidas vezes as jogava contra a parede e entre os bancos e ao chão; o lobo branco três vezes maior não intimidava o marrom, apenas o tornava determinado, determinação para agarrar e agarrar além de qualquer medida razoável. Uma determinação que só poderia ser vencida pela morte. E enquanto rolavam e se espalhavam e cravavam suas garras, as orelhas achatadas e os focinhos tensionados, revelando dentes brancos e gengivas pretas e jubas vermelhas, os dois em silêncio o tempo todo – desde que a luta havia começado os lobisomens não emitiram qualquer som –, era evidente que isso estava caminhando para onde exatamente ia dar. Em morte. No silêncio do conflito aquela era a única coisa clara: nenhum dos dois sobreviveria a esta batalha.

O lobo banco arrancou metade da orelha do lobo marrom e suas garras traseiras cravaram-se em sua barriga e a rasgaram, mas toda a sua força selvagem não poderia ferir o lobo marrom o bastante para que ele o soltasse. Era um embate primal. Deus *versus* o Mal, em sua maneira mais crua e elementar. Mas ficar como devedor daquela catarse que parecera tão necessária para Roman agora parecia cansativa. Cansativa porque ele sentia prematuramente o peso de carregar aquela porra estupidamente triste até o fim de seus dias.

Ele percebeu um murmúrio em seu ouvido. Era Letha. Estava rezando. Rezava para o seu anjo. “Sua puta maluca fodida”, pensou Roman. E também começou a rezar.

Naquele instante a luz que escurecia do lado de fora assumiu uma coloração estranhamente azul e, com ela, ouviu-se um trovão distante. Mas a luz não diminuiu como teria acontecido se tivesse sido a queda de um raio. Ao contrário, a luz aumentou. O que quer que fosse, estava se movendo. Chegando mais perto. E Roman sentiu um tremor nas canelas e percebeu que o estrondo não fora de um trovão, mas vinha do próprio chão que estava se movendo. A luta dos cães continuava sem que ele prestasse atenção. Letha ficou em silêncio e Roman ficou imaginando se aquele ridículo aparecimento da força superior estava realmente acontecendo. Tinham sido atendidas as suas preces?

A luz ficava cada vez mais forte, entrando pelas frestas debaixo das portas, fazendo cair a poeira das vigas e sacudindo os alicerces da igreja. Naquele momento, uma conexão que havia falhado antes na mente de Roman de repente ativou-se outra vez: Jennifer Fredericks. Jenny.

– Ah – disse Roman e agarrou Letha jogando seu corpo sobre o dela no momento em que as portas explodiram arrancadas de suas dobradiças e o vitral se despedaçava sobre suas costas e o espaço ficou tomado por uma luz que cegava e era visível para os aviões no céu e debaixo de um gigante com raiva. Seguiram-se os sons de uma vingança sórdida, bestial, curta. O baque de um corpo sendo retirado da luta sem cerimônia, o estalo e o uivo de outra interrupção.

E quase tão subitamente tudo se acabou. Roman piscou limpando as cores de seus olhos como se estivesse cego pela claridade da neve, para ver as consequências. As portas foram arrancadas e atiradas sobre os bancos. O lobo marrom sangrava imóvel encostado na parede. Ajoelhada de perfil, contra o crepúsculo, sua irmã com o peito levantado e carregando nos braços o corpo nu de mais uma garota morta com as costas arqueadas e um fragmento da espinha saliente. Shelley olhava para o irmão. Seus olhos inexpressivos diante da magnitude daquilo. Aquela fora a primeira vez em sua vida que ela teve de decidir machucar outro ser vivo.

Ele parou, limpando cuidadosamente a poeira e os escombros de suas mangas. Foi até ela.

– Coloque-a no chão – disse ele. – Coloque-a no chão, Shelley.

Colocou a mão nas costas dela. Seu rosto despencou encostado no dele. Ele se preparou para suportar o peso daquilo. Disse a ela que estava tudo bem. Disse a ela outra vez que a colocasse no chão. E foi então que viu que ainda não tinha acabado. Foi aí que viu o homem.

O homem estava de pé do lado de fora. Ele tinha vindo de fato para Hemlock Acres com a intenção de internar-se, sabendo que o teor de seus pensamentos não era uma honra para ninguém, menos ainda para todos aqueles desorientados. Mas o homem fora levado para a confusão barulhenta da capela e agora lá estava do lado de fora com o ódio em seu coração e uma escopeta Mossberg 500 nas mãos e não havia outra coisa que quisesse ver senão o assassino de mais uma garota morta.

As mulheres na plateia podem querer fechar os olhos agora.

Os gritos de Roman foram abafados pelo barulho do primeiro tiro do xerife. Shelley foi pega pelo impacto da bala, mas não caiu, e Christina Wendall escorregou de seus braços para o chão. Roman fez um movimento impensado para o xerife, agitando os braços, mas Shelley agarrou-o pela nuca e o empurrou para o lado. Roman caiu para trás fora do perigo enquanto o segundo tiro atingiu-a no peito.

Roman continuou gritando e lutando para se levantar, mas Shelley voltou a se mover. Cambaleante, foi descendo os degraus e demonstrou um pouco de dor enquanto o xerife a atingia pela terceira vez, mas ela chegou ao chão e pulou por cima dele, que se virou e carregou a arma outra vez. Porém enquanto estava ali sentado se ouviram o estrondo e as fagulhas de metal sobre o metal e o rifle caiu de suas mãos e Roman olhou em seus olhos e disse: “Não a machuque. Por favor, não a machuque” – e correu atrás de Shelley, gritando seu nome. Mas ela não iria parar, não podia parar, era como uma locomotiva cuja força do vapor aumentava cada vez mais fazendo que fosse cada vez mais forte para dentro da floresta, por uma trilha única. E Roman seguiu o som dela enquanto ela se lançava rápida e violentamente para o topo da montanha, começando mais uma vez a ficar fluorescente, cada salto acrescentando potência e energia, impulsionando-a para mais longe no ar, com galhos e mesmo árvores inteiras cedendo à passagem daquela força descomunal e inexorável para o único destino, tudo o que havia sobrado, e bem atrás dela Roman alcançou a montanha a tempo de ver sua luz azul; daquela altura parecia um vaga-lume que se aproximava do instituto, o lugar de sua criação, chegando cada vez mais perto antes de, como ele sabia que iria ser no momento culminante, apagar-se como se tivesse sido tragada pela própria terra.

Roman parou para tomar fôlego. A parte da frente de seus jeans estava fria. Aparentemente em certo momento sua bexiga não se aguentou, mas ele nem havia percebido. Ele viu uma tira arrancada da blusa de Shelley presa a um emaranhado de galhos de cicuta e limpou as mãos e puxou-a. Roman tinha uma série de ritos que deveriam manter a ordem e o equilíbrio das coisas no mundo. Tinha uma ligação com a virtude e harmonia do número quatro e seus múltiplos

e era um inimigo dos números primos; os números primos eram emissários do lugar escuro. Ele acertava seu despertador um determinado número de vezes dependendo da hora em que deveria sair, preferia pisar num prego a uma rachadura, não dormia a não ser que tivesse certeza de que todas as gavetas e armários da casa estivessem fechados com segurança, entrava na água sempre com o pé esquerdo, e *sempre* desatava os nós. Mas, com os dedos trêmulos, liberando uma fibra após outra e mais outra, de modo frenético, perdendo os fios individuais e inócuos iluminados pelo instituto, ocorreu-lhe pela primeira vez na vida que o que estava fazendo era uma coisa completamente sem sentido. Que não havia rito que pudesse desfazer as coisas que foram feitas naquela noite em nome do bem e do mal. Largou a tira no chão com seu trabalho inacabado. Jamais cometera uma transgressão como essa. Nem sequer imaginara tal coisa. Sentiu-se vazio. Jamais havia imaginado tal vazio.

Então a luz da Torre Branca escureceu.

*

Letha aproximou-se do lobo. Ele estava deitado de lado, inconsciente e ofegante, e seu pelo era vermelho e pegajoso. Ela deitou-se ao seu lado e puxou seu corpo para junto do dela e olhou-o nos olhos. O lobo olhou-a de volta e eram os olhos de Peter. Ela era a única que sabia do segredo de Peter: que não havia animal, só ele, sempre ele. Mergulhou o rosto em seu pelo e cheirou seu cheiro, de cão, enquanto o lobo inteligente morria. Ficou deitada, abraçada ao corpo dele, e fechou os olhos.

Quando os abriu algum tempo depois, sua bochecha não estava mais encostada em um pelo, mas sim numa pele cor-de-rosa, molhada e quente. Um homem. O braço dela subindo e descendo no peito dele, ao ritmo de sua respiração. Ela se sentou confusa e olhou para Peter. Peter inteiro, cor-de-rosa e molhado. Ela não sabia muito bem o que pensar disso além de certo entendimento oculto de que aquilo pairava acima de qualquer ordem sensata das coisas, que receber mais outro milagre não era uma coisa extremamente comum, mas que muito provavelmente fez dela a pessoa mais egoísta do mundo.

– Eu aceito – disse ela.

Peter grunhiu e se mexeu, mas não acordou. Ela inclinou-se para a frente com os lábios perto do rosto dele. Não entendia muito bem o que havia acontecido e nem queria entender. Como já fora dito: a morte é uma mágica muito foda. E com uma ternura de nenhum outro beijo, ela o lambeu.

Você deve fortalecer o seu coração

O inverno foi frio, mas então era primavera. Já tinham se passado seis meses desde o ocorrido na Capela Godfrey e embora restassem certas questões sobre aquela noite, elas eram retóricas. Pois a matança havia terminado. Como e por que era o mesmo que agarrar um fantasma pelo rabo; a matança havia terminado e a vida em Hemlock Grove seguia adiante. A Torre Branca estava mais clara do que nunca, mas não existia mais o controle acionário de Norman Godfrey. Os acionistas principais agora eram Olivia Godfrey em nome de seu filho, até o seu cada vez mais próximo aniversário de dezoito anos, e Lod LLC. Pela primeira vez, Olivia, Dr. Pryce e um homem com uma circunferência de cintura soberba e um porte militar, e sob um olhar mais atento, com um anel com um selo de uma serpente e uma cruz, podiam ser vistos passeando pela trilha em caracol do lado de fora do instituto, cujo negócio, além de desfrutar da mudança agradável do tempo, era a pergunta de todos. Para o Dr. Godfrey restavam apenas questões pendentes, mas elas eram retóricas. Uma questão é uma porta, e uma porta não aberta é apenas parte da parede e, desde que esteja de pé, está cumprindo o seu papel. A matança havia terminado. Pelo improvável comprovante de pagamento de Lod vindo de uma conta em Luxemburgo, ele passava tudo para a Fundação Godfrey, estipulando para sua mulher que seu nome não devia aparecer no que quer que fosse. Estavam em andamento planos para converter a usina em museu industrial interativo e centro de aprendizagem cuja atração principal seria uma visita ao interior de um conversor Bessemer. (Havia boatos de que era mal-assombrado.) Nas árvores havia cardeais e pintassilgos e lama ávida no chão pronta a sugar um sapato e finalmente, no dia treze de abril, depois do fim do longo período de frio, Peter estava na rede refazendo o tempo perdido quando um calor espalhou-se por seu *Swadisthana*. Ouvia o barulho do vento como se fosse o ruído de uma multidão distante.

– Bem, lá vou eu – disse ele.

Momentos depois o telefone tocou e ele entrou. O gato passou correndo pela porta aberta e entrou no trailer duplo. Ele atendeu e ouviu a mais alegre das notícias. Já era esperada; ela estava para ter a qualquer momento, mas algumas coisas não podem ser esperadas não importa o quanto sejam.

Peter não disse nada; filosofar o tranquilizava. Fetchit pulou para cima da mesa da cozinha e miou. Os gatos pretos tinham um jeito de encontrar a porta

dos Rumancek. Peter prendeu o telefone com o ombro, foi até o armário e pegou uma lata de atum.

– Oi! – disse Letha, do outro lado da linha.

– Desculpe, estou dando comida para o gato – disse Peter.

– Bom saber que você tem sua ordem de prioridades.

– Crianças têm de nascer, e gatos têm de ser alimentados – disse Peter tentando ser razoável.

Fez-se uma pausa do outro lado sugerindo que ele poderia querer reconsiderar a resposta dada.

– Querida – disse Peter –, meu coração não tem palavras. Seu sorriso faz crescerem as flores, e seus peitos poderiam derrubar um rinoceronte. Você tem a bunda mais sensual que existe e adoro tudo o que sai de você. Essa foi a melhor notícia que recebi o dia todo.

– Oh, minha carruagem chegou. Encontro você do outro lado.

Ela desligou. Tinha sido combinado que ele não estaria presente durante o trabalho de parto: ela achava que era importante estar por sua própria conta. Peter não foi contra – ele vira um vídeo de um nascimento uma vez numa aula de Biologia e não tinha estômago para aquilo.

À tardinha Peter encontrou Roman em Kilderry Park. Alguns estudantes estavam brincando com um *frisbee*. Peter e Roman sentaram-se no banco de uma mesa de piquenique perto do pavilhão. Roman usava uns óculos escuros italianos antigos, que eram seu último charme, e apresentou dois charutos. Peter assentiu. Bem lembrado.

– Tio Roman – disse Roman.

– Ave Maria, cheia de graça – disse Peter.

Roman deu um charuto para Peter. Peter perguntou a Roman se ele havia feito algum progresso com a Mulher Gato, e Roman sacudiu a cabeça.

Desde o término abrupto do Projeto Ouroboros em novembro, Roman continuava com esperança de encontrar alguma pista de sua irmã, de quem nenhum sinal fora encontrado. Nenhuma pista. A última era uma médium que Destiny havia lhe indicado que cuidava de um santuário de pumas em West Virginia.

Roman apertou os lábios. A Mulher Gato entrara em um transe numa tentativa de se comunicar com Shelley, mas acabou caindo no chão numa espécie de convulsão, sussurrando incoerentemente sobre linhas do destino e linhas do coração e comunhão profana e as dores de cabeça, as dores de cabeça, e sua cabana foi rodeada por assobios e grunhidos, enquanto a sua agitação se espalhava por sua prole. Roman enfiou uma caneta entre os dentes dela e rolou-a para uma posição em que pudesse se recuperar e esperou que voltasse a si e o

acompanhasse até o seu carro sem ser estripado. Ao se despedirem ela se desculpou por não ter podido ajudá-lo – embora não tenha recusado pagamento –, mas em vez disso ofereceu-lhe as seguintes palavras:

– Fique tranquilo, o que ela está tentando dizer é "fique tranquilo". Roman poderia ter desconsiderado toda a viagem, como um tolo e seu dinheiro, exceto pelo fato de que ultimamente vinha tendo dores de cabeça muito fortes. Uma forte fotossensibilidade em seus olhos que o obrigava a usar óculos escuros de forma mais ou menos contínua, antes do crepúsculo.

– Um beco sem saída – disse Roman.

Peter assentiu. Mas racional e instintivamente achava fútil a busca de Roman. Shelley tinha ido. E para onde tivesse ido, não havia como procurá-la. Mas ele nunca mencionou a Roman o seu pessimismo, nem que esse assunto fosse motivo para tanto. Ele duvidava que o próprio Roman acreditasse que sua busca não era senão quixotesca, e levando em conta tudo isso, era melhor ele ter alguma coisa que o mantivesse ocupado.

Roman olhou distraído para o céu por uma nesga de sol penetrando uma nuvem e ficou calado por alguns momentos.

– Eu a vejo às vezes – disse ele. – Em sonhos.

Peter olhou para ele. Por que é que ele estava mentindo?

– Não em sonhos – admitiu Roman. – É que eu… tenho tentado por mim mesmo.

Peter não tinha entendido, mas entendeu. A coisa sobre a qual não conversaram, porque quando um amigo tem esse poder, não falar sobre algo é muito mais fácil do que falar sobre esse algo; os caminhos que podem conduzir a uma das virtudes do sexo masculino, que é a inigualável falta de curiosidade para ver onde eles vão dar. O poder atrás de seus olhos e o significado de sua força.

– Olho para o espelho e digo a mim mesmo para vê-la – disse Roman. – Eu a sinto a todo instante, mas digo a mim mesmo para vê-la. E as coisas escurecem e me vejo num limiar e não sei o que está do outro lado, onde estão as sombras. Mas há uma luz adiante. Sei que a luz é um anjo, e o anjo é ela. É ela – repetiu, como se isso tivesse sido contestado. – Lá está ela, e eu quero chegar perto, mas não consigo. Tenho medo do que possa acontecer se eu for muito longe. Então ela começa a me chamar, mas ela está tão longe que mal posso ouvi-la. O que ela está dizendo é "Você deve fazer seu coração ser de aço".

Ele sentou-se e olhou para Peter. Peter se remexeu inquieto. Podia sentir quando Roman estava tentando trazer à tona aquela noite na capela, e embora não se importasse em emprestar seus ouvidos, ele próprio relutava em se oferecer para aquilo. Na verdade ele já quase não se lembrava de mais nada do

que havia acontecido e por outro lado nem queria lembrar. A única coisa sobre a volta dos mortos era que sua vida continuou, e ele não queria se preocupar com aquilo. Era a cobrança de uma dívida não paga com a qual ele não tinha a menor vontade de se preocupar.

– Quando fez o que fez – disse Roman – como não teve medo?

Mas aquela não era uma pergunta que Peter estava esperando. De início ficou confuso, em seguida deu uma risadinha e sacudiu a cabeça como num jogo estranho e cômico de palavras mal utilizadas.

Roman ficou atordoado.

– Como? – disse ele.

– Nunca estive tão apavorado com qualquer outra coisa em minha vida. Jamais poderia ter feito aquilo se você não estivesse lá também.

Ficaram calados. Roman olhou para as montanhas, sete matizes de verde sempre vivos e vigorosos. Sacudiu a cabeça.

– Anjos desgraçados – disse ele.

*

Do lado de fora, a lua era como um dente de javali e as corujas davam seus palpites enquanto no quarto havia apenas o ruído do motor do projetor. Na parede um lençol pregado fazia às vezes de tela, e o filme que estava sendo projetado era do tempo do cinema mudo, em preto e branco com matizes esverdeados, como era moda na época para criar um clima de mistério. O cenário era um estúdio de som que não era exatamente um estúdio de som, mas uma representação expressionista disso, onde as sombras projetadas pela luz de arco voltaico, mesmo das linhas mais retas, pareciam um labirinto de espinhos num arbusto. O *fac-símile* da coisa construída dentro da própria coisa, o sonho no ciclo do *feedback* do cérebro. Ou vice-versa. E dentro do estúdio de som uma única pessoa. Uma mulher. Ela usava a maquiagem exagerada nos olhos, que era moda na época, e nada mais. E sozinha dentro de uma catedral de criatividade infinita ela dançava. A dançarina, sofrendo angustiada pelas montanhas cobertas pela névoa de sua terra da qual ela estava tão longe e da qual estava tão longe de voltar, e essa dança deselegantemente interpretada a partir de uma velocidade de dezesseis quadros por segundo, em virtude das limitações tecnológicas da época, causava um aumento simultâneo da velocidade de seus movimentos. Contudo, a falta de elegância dos movimentos contribuía para o lirismo daquilo. Verdades essenciais obtidas pela deficiência da interpretação. A essência da beleza, não perfeição, mas a aspiração amaldiçoada.

Olivia observava deitada na cama saboreando como vinho a compartilhada dor em seus próprios ossos pela idade avançada, como na tela a mulher dançava

a tristeza de sua volta lenta para casa e ao se virar de costas para câmera revelava sua própria imperfeição. Na espinha da dançarina, acima do cóccix uma cicatriz cor-de-rosa clara como o desenho de uma montanha em um mapa – vestígio de uma cirurgia grosseira.

*

Em seu quarto Peter foi acordado por uma pontada tão aguda na virilha que inicialmente achou que se tratava de uma necessidade urgente de urinar, mas ao chegar ao banheiro percebeu que não era a sua bexiga e que o que sentira foi um sinal vindo de um plano completamente diferente. Lá estava ele taciturno com o acessório na mão, aguardando uma enchente ou um meteoro ou o que quer que fosse que pudesse ter causado uma agitação tão profunda em seu *Swadisthana*. Mas então descobriu, e o telefone tocou. Não foi atendê-lo. Ficou ali mesmo sabendo. O telefone continuou a tocar até que Lynda finalmente atendeu. Ele a ouviu responder e depois ficar em silêncio, ouvindo. O fim de sua conversa foi um simples sussurro "Ai, não, ai, não, não, não, ai, não". Vestiu a cueca, agarrou seu rabo de cavalo com uma das mãos, e com a outra abriu o armário e pegou uma tesoura. Abaixou a tampa da privada e sentou-se, largando no chão um punhado de cabelos enquanto os passos se aproximaram da porta e ele esperou pela batida, uma batida suave.

*

Pryce recebeu um chamado informando-o da confusão na Sala de Operações e deu ordem para não obstruírem a passagem. Virou-se e ficou de pé em frente da janela de sua sala e olhou para a noite e as estrelas.

– Onde é que você está? – disse ele.

Colocou os dedos contra a janela, sentindo a temperatura fria do vidro.

– Por que você deixou a todos nós por ela?

Logo depois ouviu um som na porta de sua sala que não era de uma batida, mas de chutes fortes e insistentes. Abriu a porta e no corredor deparou-se com o Dr. Godfrey. Ele trazia nos braços uma trouxa feita com um lençol. Seus olhos estavam tão vermelhos como o lençol em seus braços.

– Vamos, faça – disse Godfrey.

Pryce não disse nada.

– Traga-a de volta, Johann – disse Godfrey.

– Norman, entre e sente-se – disse Pryce.

– Você tem de trazê-la de volta – disse Godfrey. – Faça o que for preciso. Apenas traga-a de volta.

– Norman, o que me diz de se sentar e conversar?

– Ela está ficando fria! Traga-a de volta. Você acha que estou sendo irracional, mas não estou. Darei a você um cheque da quantia que você imaginar. Mas traga-a de volta para mim.

– Norman – disse Pryce. Ele deu um passo para o corredor para tirar a trouxa dos braços do outro. Godfrey afastou-se com um olhar agressivo.

– Norman, dê-me ela – disse Pryce.

– Você irá fazer?

– Norman, dê-me ela – disse Pryce.

Godfrey relutou, mas acabou cedendo.

– Traga-a agora – disse Godfrey.

Pryce esperou até ter certeza de que ela estava bem segura antes de responder.

– Não – disse ele.

Godfrey ficou calado. A inspiração louca que o enviou nessa missão extinguiu-se súbita e totalmente. Outros incêndios também se apagaram na mesma hora. Ele se encostou à parede e foi deslizando até o chão.

– Ela é muito velha, Norman – disse Pryce. – E o bebê? Talvez eu tenha alguma chance com o bebê.

Godfrey falou para os joelhos. Os quadrados fluorescentes refletidos no piso do corredor eram como uma longa fileira de molares.

– Foda-se o bebê – disse ele.

Pryce levou a trouxa para dentro da sala e a colocou no chão. Abriu-a afastando as abas do lençol e olhou para o rosto que se contraíra numa máscara de escárnio da feiura da morte. Ligou para Hemlock Acres e lhes disse que mandassem um carro e foi para o corredor, fechando a porta atrás de si, e sentou-se no chão ao lado de Godfrey. Inspirou o odor de desinfetante. Ele nunca entendera por que é que as pessoas não gostavam daquilo, do cheiro dos hospitais. Nunca havia entendido como aquilo podia ser tão desagradável.

– Sinto muito, Norman – disse Pryce. – Não sou Deus.

*

Olivia insistiu em dirigir embora Roman estivesse com aquilo que se chama de depressão. Sabia que não era apenas impressão, mas sim algo perigoso. Ela sabia bem o que depressão significava. Ele pelo menos dormira – ela havia batizado a vodca dele com muitos comprimidos de Ambien – e a colocara na mesinha de cabeceira dele como fizera havia meses durante aquela horrível transação com a pequena lésbica morta. Quando ele acordou, perguntou aonde ele gostaria de ir e ficou aliviada quando lhe disse simplesmente “Peter”. Pryce havia ligado para ela na noite anterior e ela já sabia de tudo; ainda não estava preparada para Norman. Tinha prioridades.

Enquanto iam em silêncio, Olivia pensava se o avisava ou não, mas decidiu que não. Ele só poderia odiar a mensageira sem levar em conta o quanto a mensageira o amava mais do que qualquer pessoa jamais conseguira. Não havia nada que pudesse tornar as coisas mais fáceis para ele, não importava quanto a angustiava ser agora apenas a motorista que o levava para um destino em que ele nem sequer suspeitava o que iria ou não encontrar. Ele estava sentado junto dela, deprimido. Ela tocou o seu rosto. Ele esquivou-se; a única coisa que no íntimo não queria agora era ser tocado, mas ela não retirou a mão. Uma mãe tem certos direitos, e quando uma pessoa não pode ser consolada, às vezes a irritação bastará para lembrá-la de que você está ali, está bem do lado dela. Passaram pelo parque e viraram para a estrada.

Como Olivia havia previsto, ao chegarem ao trailer dos Rumancek, o carro não estava lá e a porta do trailer ficara aberta; nem se preocuparam em fechar a porta atrás deles. Saltaram, e Roman pareceu um tanto perplexo como se procurasse uma peça de um quebra-cabeça que não estava na caixa. Então seus olhos encheram-se de uma súbita e horrível consciência. Do óbvio para o qual ela não podia prepará-lo: que um cigano, era um cigano,s era um cigano. Eles roubariam um anel de seu dedo ou o amor de seu coração e não deixariam nada para ser visto, a não ser um rastro de fumaça na noite. Mas ela não disse nada enquanto todo o peso daquilo era sentido, permitindo-se uma pequena satisfação por estar, naturalmente, certa. Mas muito pequena. Quão derrotado por esse inimigo o rapaz estava se sentindo! – a morte era uma coisa, completamente involuntária na maioria das vezes. Mas o abandono. Não havia um destruidor de mundos comparável. Ela tocou a parte baixa de suas costas por dentro da blusa e apalpou levemente a saliência de sua cicatriz.

Há muitos anos Olivia tinha sido uma menina jovem, na terra além das florestas, e a mais feia de duas irmãs. Não era uma pessoa em quem a falta de beleza sugeria a promessa de algo não realizado, mas era uma androginia pouco atraente que, quando colocada ao lado da doçura da irmã, soava como uma piada perversa, cujo fim, na base de sua espinha, se materializava com uma extensão do tamanho de quase um polegar: seu rabo. Mas ainda assim ela sempre fora uma criança feliz, um espírito afável que poderia perder tardes inteiras perambulando através dos vales de girassóis cantando para si mesma, sempre protegida por seu pai e pela irmã mais velha que acreditavam que o coração do mundo não poderia conceder sua misericórdia para uma criança tão simples e rústica como aquela.

Mas o grande amor deles não podia evitar seu receio pelo que viria a acontecer, e no seu décimo terceiro aniversário Olivia teve o gosto do primeiro sofrimento que a marcou por muito tempo. O nome dele era Dimitri e ele era

escravo. Era costume, no tempo da aristocracia, e nenhum nome era mais antigo e pomposo do que o de seu pai, que possuía muitos escravos ciganos, coisa a que ela jamais deu maior importância do que aos cavalos e porcos que possuíam. Porque jamais ocorreu a um espírito tão gentil e sensível ter uma opinião sobre o pensamento de possuir pessoas como cavalos ou porcos, pois isso teria lhe exigido concluir que ciganos eram de fato pessoas – noção essa que nem uma criança podia levar a sério. Então, Dimitri. O que não significa dizer que a aquisição desse escravo subitamente esclareceu o problema da taxonomia, ao contrário, complicou-o ao infinito. Nem tanto que ela achasse que Dimitri não era um homem diferente de seu pai ou de seus amigos, mas que ele era uma criatura diferente de qualquer outro homem ou cigano que havia conhecido.

O pai comprou Dimitri pela soma inimaginável de dois touros, pela qual podiam ser compradas famílias inteiras. Mas ele era sem dúvida um espécime incomparável: não que seus ombros ou coxas fossem tão musculosos quanto os dos ruminantes pelos quais fora trocado, ou qualquer aspecto de sua mente ou beleza; foi um talento inato, famoso por todas as montanhas, que estabeleceu aquele preço por ele. Por ser um membro de uma raça de dança e de canções, Dimitri tinha um jeito com o violino que fazia até o diabo sapatear.

Esta é uma história mais velha do que muitas histórias. Na primeira vez que a garotinha que adorava canções testemunhou o cigano dar uma demonstração de seu talento com o instrumento, seu rabo se mexeu. Olivia, que, assim como a irmã, possuía as melhores coisas do que qualquer garota na terra, nunca havia sentido a dor do ciúme em sua alma por querer uma coisa que fosse só sua até ver através de seus olhos molhados os dedos naquele pescoço de cisne de madeira. Mas Dimitri não era um presente para ela, nem uma extravagância pela estética como justificativa, em favor de seu pai. Dimitri era parte do dote de sua irmã.

O coração de Olivia ficou como uma toalha de mão torcida por um brutamontes. Ela era dedicada à família e jamais teria colocado sua própria felicidade como mais importante, mas com Dimitri não era uma questão de felicidade, e sim de uma espécie única de sofrimento que é o primeiro amor, do qual ela não podia abdicar voluntariamente mais do que forçar seu coração a parar com aquilo. E assim a garota cujo espírito gentil sempre fora tão sem brilho quanto o seu rosto fez algo inédito. Desafiou a lei da terra e seu sangue e o roubou.

Dimitri, que era um gênio do coração das jovens, do mesmo modo que são os músicos mais tolos, não precisava de explicações quando a filha de seu novo senhor abriu seu alojamento e o conduziu silenciosamente por uma velha catacumba que saía na encosta da montanha com dois cavalos que deixara

esperando. Cavalgaram durante todo o dia e toda a noite sem descanso até chegarem a um rio, longe o bastante para não correrem perigo de serem alcançados por quem os estaria procurando. Dimitri tomou nos braços sua inacreditável libertadora e acariciou os cabelos dela no leito do rio. Até então não tinham trocado mais do que duas palavras, senão as necessárias para a combinação de toda a fuga, mas ele disse a ela que teriam de dormir; ainda tinham muito chão pela frente. Mas dormir era algo impensável! Agora que estavam aqui, é claro, deveria ter início o processo, deveria começar por ele conhecer cada pequeno detalhe dela; não havia tempo a perder numa empreitada tão urgente e abrangente como essa. Contudo, o tributo das últimas duas noites a apanhou, e as mãos mágicas do cigano acariciaram seus cabelos e a induziram à realização pacífica de que o tempo de fato se estendia à frente deles como uma campina infinita coberta de girassóis agora que o tinha todo só para si.

Ao acordar com a luz do dia e o trinado dos passarinhos, Dimitri, os dois cavalos e os anéis de seus dedos tinham sumido.

Olivia foi até o leito do rio e encontrou um pedaço de ardósia com uma concha em uma das arestas. Levantou a saia. Olhou para cima e abriu a boca para se juntar aos passarinhos cantando sua canção favorita, mas que se dane isso, que se danem as canções e de onde elas tenham vindo.

No dia seguinte, quando a equipe de busca a encontrou, ela ficou imóvel olhando para a frente. Sua saia levantada até a cintura estava tão cheia de sangue que vista de longe parecia coberta de pétalas de rosa. Uma de suas mãos estava estendida e em seus dedos havia algo que poderia ser um pepino em conserva desbotado.

O tempo passou. E algo aconteceu àquela garota – desapareceu de seus olhos a luz da inocência enquanto a face da feiura sem esperança que a rondava dava lugar a uma beleza desagradável. Essa transformação levou nove meses para se completar, e ao término ela olhava para a menina recém-nascida nos braços de seu pai através de uma máscara de cruel perfeição.

– Diremos que ela é sua irmã – disse ele. Ela já estava casada, e aquilo não seria uma desonra para ninguém.

– O sangue de um escravo faz um escravo – disse Olivia. – Entregue-a ao criador de porcos.

Assim, a criança foi levada para o criador de porcos, o velho Rumancek, cujo nome inferior de sua linhagem de sangue manchada carregaria para sempre, e Olivia informou ao pai que iria para a academia na cidade para aprender arte dramática.

Agora estava ali enquanto Roman caminhava trêmulo para a porta da frente e entrava. Ela esperou. Ouviu um zumbido não muito longe de seus ouvidos. Seu

braço virou ligeiro e ela pegou uma lenta abelha e a esmagou na palma da mão jogando-a no chão em seguida. Olhou para o pequeno vergão cor-de-rosa que ela deixara e enfiou a unha retirando o ferrão. Esperou. Então veio: de dentro do trailer o grito do abandonado. Ela ficou onde estava enquanto o grito aumentava de volume na proporção de sua imensidão e grandeza de sua enorme desolação; esperou enquanto o uivo patético do rapaz continuava e seu coração uivou junto.

Ela estava ali, estava bem ali ao lado.

*

A,

Durante uma semana ele quase não saiu do quarto. Irei ouvir para sempre o eco do silêncio no corredor. Que peso para um coração tão massacrado! Pode alguma coisa ser tão egoísta quanto o amor de uma mãe? Mas como podem eles ser fortes se nós não somos? Uma resposta satisfatória ilude…

Ele estava apático em relação à liberação de Norman de nossa tutela, ou pelo menos à carapaça que atende vagamente pelo nome de Norman. Uma pena. Eu amei aquele homem, não há engano quanto a isso. Aquela puta ironia sublime que na conquista de um dos herdeiros da dinastia dos Godfrey eu iria me apaixonar pelo outro. Impensável! Assim, finalmente dividi o teto com pai e filho. Pelo menos com o que sobrou do pai. Talvez com o tempo ele se recupere; ele não é feito de açúcar. Mas de qualquer modo minhas noites serão menos frias. Pensar que, depois de tantas preocupações durante anos, a sua deserção não causou mais do que um muu *de sua vaca velha (a última derrota dela foi para mim um prêmio de consolação nada insignificante; tive o privilégio único de estar por perto tempo suficiente para ver todas as minhas rivais se arruinarem ou engordarem, mas não posso mencionar um único momento de mais satisfação do que esse). E quase nenhuma reação maior de nosso filho do que se eu tivesse adquirido uma nova planta para a decoração da casa.*

Eu não interferi; solidarizei-me com sua dor com brutal compaixão, mas com controle do objetivo. Nós viemos de uma terra natal que jamais conquistou outra, ou repeliu um invasor de qualquer direção, e ainda assim aqui estamos. Fazemos o que é necessário. E isso foi apenas uma semana antes do aniversário dele. Depois de todo esse tempo, seria fácil. Um tanto arbitrário, eu suponho, esperar até a data exata, mas as coisas devem ter um senso próprio de proporção; não tenho um desprezo maior do que por aquelas mães que deixam que lhes roubem os presentes das meias na véspera do Natal. E, por fim, a noite propriamente dita! – eu tinha tanta ansiedade de que não me surpreenderia em descobrir meus pés levantados do chão, mas como papai estava certo, nós aprendemos, a pressa é do demônio, e obedientemente coloquei Norman no extaz *por medo de que o programa da noite pudesse matá-lo fisicamente. (quão velhos éramos até dominarmos o* extaz*? E Roman já era um adepto aos dezessete? Meus cabelos se arrepiam.) Então bati na porta do quarto de Roman e pedi que se juntasse a mim no sótão minutos depois.*

Imagine a mise-en-scène*! Ele nem havia percebido a mudança: o quarto agora sem mobília depois de intocado durante todos esses meses, o brilho de 99 velas pretas em círculo em volta da pedra do altar, e sobre a pedra: o berço de vime. A perplexidade nos olhos do rapaz, a velha – será que somos assim tão velhos? – sabedoria de sua mãe.*

Ele ficou de pé num monólogo sem palavras. Segurei seu rosto em minhas mãos e seus olhos com os meus e o libertei, pelo extaz *libertei-o do desconhecido que tinha sido necessário para*

segurá-lo até esse momento. Todos aqueles segredos, murmúrios de um sonho, agora revelados. Finalmente! – sem mais segredos: chegou o tempo de voltar a sermos o que éramos outra vez e eu lhe dei tudo de uma vez só. Quão horrenda havia sido a minha provação – quantos anos e lágrimas, quantas esperanças e frustrações por um ventre, esforços desperdiçados jogados fora com uma sacudida desconsolada – até que finalmente ele veio! Meu milagre, envolto por aquele luminoso revestimento vermelho da membrana que eu retirei sozinha de sua pele enrugada e engoli de uma vez só com a gratidão mais humilde. Qual não foi a minha sorte quando Shelley também nasceu com a mesma membrana, mas intoxicada por minha ventura, misturada com vinho e cogumelos selvagens – somente para que a criança pagasse o preço de minha licenciosidade. Como durante tempos Roman me achou cruel, e me dei conta da puta velha cansativa que eu estava representando, e isso era apenas, sempre havia sido por amor de uma mãe pelo seu tesouro mais precioso (bem, talvez na ocasião por causa do merdinha que ele poderia vir a ser). Como ele não era nem nunca havia sido um "anjo" – um fantástico subproduto de uma imaginação terminal de uma cabeça de titica, e também, com respeito a isso, ele nunca havia tido primos – o Godfrey que lhe dava nome não era o mesmo que lhe dera seu sangue, e que há nove meses Letha Godfrey havia sido visitada pelo próprio irmão, incapaz de lidar com as ondas de escuridão dentro dele. (Rapazes serão sempre rapazes!) E aqui o produto dessa união impetuosa, longe de ser um natimorto, dormia a menos de dez passos.

Continuei olhando-o dentro dos olhos, sorrindo com a esperança de que ele soubesse que não importava quão amargo o remédio, que sua mãe estaria ali com uma colher de açúcar pronta para lhe dar em seguida. Mas receio que tivesse a fisionomia de um coiote em um desenho animado que acaba de perceber que caiu num precipício. Em silêncio ele virou de costas para mim e se sentou no topo da escada, que rangeu, sem energia, permitindo que seu peso caísse sobre mim e descansando o rosto na minha coxa.

Então o bebê acordou e começou a chorar com um tremor que percorreu o corpo de Roman. Você e eu sabemos como é duro, assim como ele soube no calor de seu corpo o que aconteceu em seguida. Ele enlaçou minhas pernas com seus braços e juntou-se a mim, tremendo todo e, segure seu coração, ele lutou. Ele era como um punhado de limalhas de ferro sendo atraídas por um ímã. Sentiu o tranco, mas lutou contra ele. Esse foi o ponto culminante, não houve um momento sequer em sua vida que não tenha sido um passo no caminho até aqui. Todo o tempo eu o estava trazendo até aqui. Ele agarrou a borda de meu vestido e começou a sussurrar para si mesmo. As mesmas palavras de sempre, mas eu não conseguia escutar quais eram. Esperei que a dor dele fluísse através de mim, mas sabia que essa era uma passagem necessária e que ele poderia logo ultrapassar, como todos nós.

De repente ele ficou de pé e cambaleou até a janela. Um menino pequeno desalentado, devo confessar: tinha pensado que iria haver mais luta. Como o subestimei! Ele se preparou com ambas as mãos e, olhando em seus próprios olhos, reuniu o que tinha de mais duro em si, repetindo agora mais alto o que vinha dizendo a si mesmo: você deve fortalecer o seu coração. Percebi: ele estava tentando usar o extaz *em si próprio! Meu prodígio! Inflamei-me orgulhosa mesmo diante do fracasso precoce dessa estratégia definida pelo seu comportamento e por fim ele se virou para mim. Perguntou por que eu estava fazendo isso.*

Mas ele sabia. A bússola do coração encontra o seu norte verdadeiro. O sangue é a vida.

"Tudo o que eu quero no mundo é o melhor para o meu bebê", eu disse.

Ele me olhou e raspou o fundo de sua deliberação.

"Você não venceu", disse ele.

Pegou uma latinha em seu bolso da camisa. Abriu-a e tirou dela uma pequena lâmina de barbear. Pressionou a lâmina na veia de um dos antebraços e deu um corte do pulso ao cotovelo e repetiu isso no outro braço. Ele caiu contra a parede e olhou para si mesmo enquanto a vida

pulsava fora dele. O sangue não encontrou seu caminho para o chão, em vez disso subiu pela parede ao redor dele para formar as mais primorosas asas incandescentes.

Meu bebê está voando!

Finalmente sua cabeça pendeu e eu fui até ele. Puxei-o para o meu colo e fechei seus olhos e segurei com meus dedos seu pescoço sem vida. Cantei para ele da mesma maneira que cantava para nossos girassóis para fazê-los florescer. E aí aconteceu: a vida explodiu em meus dedos e aqueles olhos se abriram outra vez e meu girassol precioso floresceu novamente. Ele me olhou. Toda ambivalência e aversão agora ausente de seus olhos. Ele sabia. Eu estendi a mão e ele levantou-se. De mãos dadas paramos defronte do berço. A criança agora calma, enquanto olhava para seu pai. Sangue do sangue. Larguei a mão de Roman e afastei-me enquanto crescia a carne de meus braços. Eu podia ouvir isso em minhas veias. Estava acontecendo. Ali fiquei, testemunha do milagre mais delicado da criação. Nunca em minha vida tive um grito tão merecido. Então gritei e ele se tornou, forjado, como é indispensável para os de nossa espécie, na fornalha da perda incomunicável, por fim, por fim, por fim, as presas virgens descendo – e que presas! Tão brancas e perfeitas como as de um anjo! E ele abaixou a cabeça no berço para admirar.

Para pensar! – como aqueles balidos que se referem a nós em um epíteto: o absurdo trágico de poder estar numa condição mais perfeita e mais feliz com Deus não vivo do que não morto!

Logo,

O.

*

Tranquilizar. Você deve tranquilizar o seu coração.

O garoto que fazia xixi de fitas

Eles ainda estavam na estrada. Ela disse que iriam continuar até ele dizer chega, e ele ainda não havia dito chega. Pensativa, ela corre os dedos pelos cabelos dele, esquecendo-se de que agora não existem mais, e faz uma massagem em seu couro cabeludo áspero, redondo e vermelho raspado a navalha, branco de dar pena, comparado com o resto. Pergunta se ele está com fome e ele diz que talvez um pouco mais tarde. Aquela era a coisa mais difícil de aceitar. Em seus próprios dias de estudante, magra como um salgueiro, ela aprendera que era a luz que alimentava as folhas e a grama e desde então tinha a firme convicção de que quem fugisse do mundo dos alimentos estava fugindo do mundo da luz. Mas mesmo nas regiões mais remotas da noite, a madrugada chegaria e mais tarde ele iria ter fome.

Aproximaram-se da cabine do pedágio. Havia um banco de areia e capim como canudos de refresco à esquerda, e pela janela de Lynda entra um ar salgado. A cabeça de um *pitbull* está para fora da janela da picape à frente deles com a língua balançando para fora de seus dentes como uma fita vermelha desenrolada. Nicolae disse a ela, quando estava grávida, que tivera uma visão na qual segurava um bebê que urinava nele e que a urina saía como uma fita vermelha depois de outra, e que foi assim que soube que Peter iria ter uma grande sensibilidade em seu *Swadisthana*.

– Eu sabia que a vida desse pequeno mijão iria ser longa e cheia de grandes aventuras – disse ele. – E senti uma dor de tristeza dentro de meus ossos. Porque numa vida que é longa e bem vivida há tristezas e baixo-astral que não podem ser entendidos por aqueles que vivem o dia a dia como se pudesse haver alguma outra. E sei que o caroço dentro daquela barriga grande irá crescer um dia e transformar-se num homem maravilhoso, com ombros maravilhosos e um grande coração, e precisará de ambos em suas aventuras, que o levarão muitas vezes aos Rios da Angústia e Lamentação. Mas mesmo que esses ossos estivessem tristes por ele, havia o riso de O Beng em meu rosto porque esse garoto que fazia xixi de uma fita vermelha ainda era um Rumancek e aqui é a América, e quem sabe, quem sabe!

Em algum lugar perto dali há uma sirena. O cão à frente deles levanta o focinho no ar e fecha os olhos. Peter também fecha os olhos, não abre a boca, mas a mensagem é clara,

– Sim – diz Peter.
A mensagem é clara.
– Sim, digo eu, e você também. – Sim.
– AUUUUUUUUUUUUUUUUUUUU – diz o cão.
– AUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUU…

Agradecimentos

A Sean McDonald e Emily Bell, pela alquimia.
Lydia Wills, por ser uma campeã.
Lee Shipman e Philipp Meyer, bons remédios.
Michael Connolly, por descer aquela montanha.
À memória de Patrick McGreevy, pela fala de Dorothy Parker (entre outras).
E por sua generosidade a: Jim Magnuson, Michael Adams e a turma do Michener Center for Writers; ao reverendo George Hickok e Avalanche; a Kate Bolick; Adrian N. Roe e Gilbert Vasile; Smaranda Luna; Carolyn Hughes, Dr. Robert Hudak, Dr. Roy Chengappa e ao Centro Médico da Universidade de Pittsburg; ao Hospital Estadual de Austin; a Maja D'Aoust; Ron Baraff e Rivers of Steel National Heritage Area; ao Santuário de Lobos da Pensilvânia; à Igreja Presbiteriana Waverly; e Lei-lei.
E também a Deus.

Índice

CAPA
Ficha Técnica
PRIMEIRA PARTE ADUMBRAÇÃO
- Aconteceu alguma coisa
- Não há nada de estranho nisso
- Curiosidade mórbida
- Você não é o único
- O anjo
- Um padrão
- Peripeteia

SEGUNDA PARTE NUMINOSO
- A Ordem do Dragão
- Um jovem muito hirsuto
- Alguns outros adjetivos
- O sabor do medo
- De mau gosto
- Centímetro por centímetro
- Olá, bonitona
- Agentes racionais
- Essas criaturas inferiores
- Sem limite superior
- Uma grande coisa ruim
- Você não gostaria de pensar assim?
- A maior diversão que uma garota pode ter sem tirar a roupa
- O caldeirão
- Convidamos a subir aqueles que são capazes
- Uma medida de desordem
- Você não está em terra firme
- Catábase
- A hierarquia de Peter das merdas sem as quais ele não podia viver

TERCEIRA PARTE O UIVO ETERNO
- A cerca
- Deus não deseja que você seja feliz, Ele quer que você seja forte
- A sabedoria está onde o cérebro encontra o coração
- O preço

Vocês mudaram
A corrida negra
Peripeteia, revivida
Você deve fortalecer o seu coração
O garoto que fazia xixi de fitas
Agradecimentos